

ELENA SALVATORI

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

**ESTILO DE VIDA E SOCIABILIDADE
NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO URBANO
DE PRESTÍGIO EM PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação de Mestrado em ANTROPOLOGIA SOCIAL do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da profa. Dra. CORNÉLIA ECKERT.

**PORTO ALEGRE
1996**

Este estudo é dedicado a todos os professores do curso de Pós-Graduação em Antropologia Social do IFCH/UFRGS que, desprendidamente, iniciaram-me nos caminhos da Antropologia e cujos nomes, olhares e dizeres estão gravados em cada uma de suas entrelinhas.

É dedicado, ainda, a todos aqueles que me abriram suas casas, vidas e almas, fornecendo, generosamente, a matéria-prima dos sentimentos e sonhos que acabaram por lhe a forma final.

E, de todo o coração, à minha orientadora, Profa. Cornélia Eckert, que, com paciência e confiança, permitiu que eu me encontrasse no caminho do fazer antropológico, a ele reconduzindo-me sempre que necessário.

RESUMO

O presente estudo trata do estilo de vida e sociabilidade de moradores de um espaço urbano de prestígio, o bairro Bela Vista, em Porto Alegre. As campanhas mercadológicas, as promoções da mídia, as realizações arquitetônicas e urbanísticas, distinguem este espaço como um espaço elitizado. A ação social observável, através das condutas e rituais que caracterizam as práticas sociais públicas, representa ativamente esta distinção. O próprio espaço do bairro parece estar organizado para a representação de um estilo de vida moderno, ativo e jovem, calcado em signos de consumo de molde internacionalizado, que procuram confirmar o poderio econômico e o capital cultural de uma classe social emergente. A aparente homogeneidade encobre interações sociais complexas, num jogo de distinções que desdobra-se nos espaços interiores.

ABSTRACT

This study deals with the lifestyle and sociability of the inhabitants of a prestigious urban space, the Bela Vista district, in Porto Alegre city. The market advertising, the media promotions, the design and urbanistics makings, distinguish this place as a high class area. The observable social conduct performs this distinction, through behavior and rituals that characterize the public social practices. The neighborhood itself seems to be organized for a modern lifestyle performance, active and young, based on consumer signs of internationalized patterns that claim to confirm the economic power and cultural capital of an emerging social class. The apparent homogeneity covers complex social interactions, in a game of distinctions which extends to interior spaces.

ÍNDICE

RESUMO	5
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I. UNIVERSO E MÉTODO.....	13
1. Inserção no Campo	13
1.1. Quadro-resumo de moradores e grupos pesquisados	19
2. O Universo	21
2.1. O grupo doméstico	23
2.2. Escolaridade e perfil profissional	32
2.3. Trabalho, renda e consumo.....	38
2.4. Questões de gênero.....	43
3. O Bairro.....	49
3.1. Situação e configuração.....	50
CAPÍTULO II. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	57
1. Antropologia na Cidade.....	57
2. Grupos Sociais de Prestígio.....	58
3. Processos de Socialização e Individualidade.....	61
4. Sociabilidade	64
5. Sociabilidade, Espaços e Fronteiras	67
CAPÍTULO III. BIOGRAFIAS INDIVIDUAIS E TRAJETÓRIAS DE VIDA	73
1. Trajetórias de ascensão e de reprodução	74
2. Trajetórias de autonomia moral.....	92
3. Portar um nome de família.....	105
CAPÍTULO IV. ESFERAS DE SIGNIFICADO E SOCIABILIDADES	113
1. Vida doméstica	113
1.1. Relações familiares: a tensão entre a autonomia e a dependência.....	113
1.2. Sociabilidade e ciclo familiar: domesticação do tempo e do espaço	120
1.3. Processos de socialização	128
2. Vida Quotidiana	137
2.1. Relações no Condomínio: o distanciamento calculado	137
2.2. Da vizinhança à classe: novas formas de integração social.....	148
2.3. Nos espaços públicos do bairro, um estilo de vida moderno e modelar.....	159
3. Vida Pública: interface social, ética do trabalho e individualismo.....	169
CAPÍTULO V. A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO	179
1. Unidade e fragmentação	179
2. Ambientes urbanos e estilos de vida	185
3. Moradores: antiguidade e percepção	205
4. Localização geográfica: lugar social cristalizado no espaço	212
5. Territórios & Territórios.....	223
5.1. Disputas simbólicas em praça pública.....	223
5.2. Território e universo acessível.....	239
6. O Espaço Doméstico	246
6.1. A necessária propriedade.....	246
6.2. Casa & Apartamento: individualismo e coletivização.....	254
6.3. Os espaços especializados: geração, gênero e privatização.....	264
6.4. Espaços de representação: interação social sob ótica privada	273
6.4.1. Abundância & Suficiência: acumulação e ciclo de vida	277
6.4.1.1. A suficiência do Bom Gosto.....	280
6.4.2. O espaço do Indivíduo, o espaço dos Outros	284
6.4.3. Modernidade & Tradição	286
CONCLUSÃO	295
BIBLIOGRAFIA.....	303
ANEXO: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BAIROS DE PORTO ALEGRE.....	315

INTRODUÇÃO

Este é um estudo em Antropologia Urbana, ramo da Antropologia que utiliza suas teorias e métodos com o objetivo de estudar populações pertencentes a sociedades complexas, urbano-industriais. Esse tipo de pesquisa pode vir a esclarecer de que modo fenômenos sociais são produzidos, reproduzidos, vivenciados e reinterpretados na vida cotidiana, ou seja, desde o modo de vida do homem comum, não contemplado pela história oficial. De maneira geral existiu uma precedência de estudos antropológicos sobre populações marginais e minorias sociais, como uma das maneiras de desvendar os “bastidores” das versões ideologicamente dominantes, e assim resgatando-se a Antropologia da visão etnocentrista e evolucionista a que esteve associada nos seus primórdios. O interesse em abranger os demais segmentos sociais vem crescendo, porém, uma vez que aumenta o entendimento de que a cidade é uma construção social complexa que, além de irreduzível a explicações de natureza unívoca, expressa a dinâmica das relações de produção e das trocas simbólicas para as quais colaboram todos os indivíduos pertencentes a dada sociedade.

O objetivo deste estudo é conhecer o estilo de vida de certos segmentos médios da população de uma metrópole brasileira, área que tem como principal precursor o antropólogo Gilberto Velho, no Brasil¹. Estes segmentos médios, dos quais os elementos imediata-

¹ Ver bibliografia.

mente emblemáticos podem estar relacionados à posse de bens de prestígio, como moradias em lugares socialmente valorizados e modernos automóveis particulares, podem ser representadas de modo homogêneo e denominadas confusamente de “elites”, como “classes altas”, “classes dominantes” ou simplesmente de “ricos” ou “burgueses”, por parte de observadores inadvertidos. A maioria das expressões utilizadas pressupõem posições estabelecidas e dadas, embora relacionais, e situações socialmente homogêneas, que nem sempre se configuram. Ao mesmo tempo, são classificações globalizantes, operacionais em determinados contextos, mas que encobrem relações sociais de natureza complexa, impossíveis de serem reduzidas a um eixo de análise meramente econômico. Mesmo utilizando, eventualmente, algumas destas expressões simplificadoras, o presente estudo procura deconstruir um grupo assim definido desde o exterior, constituído de indivíduos cuja atuação é decisiva em conquistar, afirmar e manter esta distinção definida socialmente.

O universo foi delimitado a partir dos moradores de condomínios verticais localizados em uma área habitacional agregadora de prestígio, localizada na cidade de Porto Alegre/RS - o bairro Bela Vista - cuja população heterogênea se vale de elementos expressivos, ou valores-signos, pelos quais todos passam a ser identificados como partícipes de um mesmo processo social e dotados da historicidade de um ser-conjunto ideal, que é forjado coletivamente. Essa cultura signífica difunde um estilo de vida “elitizado”, estruturado em torno de valores próprios da sociedade de consumo, como a modernidade, a vida fisicamente ativa, a juventude, a informalidade, a disposição hedonística, possíveis pela posse e capacidade de capital econômico e acesso a capital cultural. Ao mesmo tempo, a reinterpretação de modelos mundializados à luz das sociabilidades matriciais formula versões locais destes mesmos modelos, fenômeno considerado peculiar à pós-modernidade. Estes foram, justamente, os indícios pelos quais construí o presente objeto, procurando desvendar as representações associadas a este estilo de vida.

O eixo temático toma o sistema de localidade como a primeira definição dos sujeitos perante a cidade. Ou seja, o primeiro indício material de sua condição social é propiciado pela localização territorial que, no caso das sociedades ocidentais capitalistas, sublinha o

pertencimento aos segmentos populacionais mais, ou menos, incluídos no sistema de produção e usufruto dos benefícios sociais e urbanos. A identificação com a base territorial aparece, assim, como reveladora das representações dos sujeitos sobre sua própria condição.

Em grande parte dos casos estudados, os esforços em cumprir o projeto familiar ou de classe acabam por consumir grande parte dos esforços e investimentos dos sujeitos, tanto financeiros quanto de tempo efetivo, e compromete todo o grupo doméstico num peculiar ritmo produtivo, durante a maior parte de suas vidas e desde muito cedo. O título desta dissertação, ou “Nem tudo que reluz é ouro”, procura expressar a dicotomia existente entre essa realidade e as representações associadas às exterioridades deste grupo. Ou seja, entre um cotidiano que pode ser fonte de tensões e rupturas várias e uma imagem que realiza determinados ideais, “brilhando” perante outros segmentos sociais, formulando sistemas de significados que passam a assujeitar² outros indivíduos em outras condições.

O presente texto está assim organizado:

Capítulo 1: este capítulo está dedicado às questões metodológicas, destacando os processos de inserção no campo e os métodos de abordagem, a descrição do universo em suas principais características e a apresentação do contexto espacial em sua situação e configuração urbanas.

Capítulo 2: considerando biografias pessoais, é possível obter uma aproximação ao universo desde diferentes tipos de trajetórias empreendidas individualmente a partir das situações de origem. Estas trajetórias identificam posições sociais que podem não coincidir em indivíduos adscritos ao mesmo grupo de *status*, mas são definidoras de projetos de vida que acabam por reuni-los, em determinadas etapas.

Capítulo 3: neste capítulo são discutidos alguns conceitos teóricos que nortearam o estudo, e que dele emergiram, principalmente em relação às questões de sociabilidade, as que expressam a cultura do grupo e seus processos identitários, e a relação destas com o espaço objetivamente traçado e simbolicamente usufruído.

Capítulo 4: neste capítulo são analisadas as diferentes formas de interação social dentro do universo, considerando os domínios da vida doméstica, quotidiana e pública, esferas de representação que conformam sociabilidades e negociam identidades.

Capítulo 5: traça-se, aqui, um pouco da história cronológica do bairro e as representações dos moradores sobre a construção deste espaço urbano, representações essas que acabam por reorganizar o espaço simbolicamente, tendo por apoio delimitações distintivas. Neste capítulo, ainda, são levantadas questões referentes à organização, uso e arranjo da moradia, o espaço doméstico propriamente dito.

No presente estudo, os trechos de entrevistas são indicados pela fonte itálica, dentro de aspas ou em parágrafos recuados, e expressões êmicas de uso corrente ou palavras estrangeiras, por itálico sem aspas. Os trechos de citações e entrevistas suprimidos estão indicados por três pontos entre parênteses. A letra P, presente em alguns trechos transcritos, assinalam as falas e perguntas da pesquisadora. Reprodução literal de citações de outros autores e publicações aparece, de acordo com a norma, entre aspas, quando dentro do texto, ou em parágrafos recuados.

O presente texto sofreu pequenas modificações e recebeu algumas complementações, principalmente em notas de rodapé, decorrentes de proveitosas observações feitas pela banca examinadora - que não poderiam deixar de ser mencionadas.

² Segundo Maingueneau (1993), “assujeitamento” designa a identificação de um sujeito a uma formação discursiva, que ele acaba por incorporar.

Capítulo I. UNIVERSO E MÉTODO

1. Inserção no Campo

A opção de estudo definiu um grupo a partir de um espaço de moradia reconhecidamente de prestígio: o bairro Bela Vista, em Porto Alegre. O primeiro contato com este bairro ocorreu por ocasião da realização do curso de mestrado, quando foi necessária minha instalação temporária nesta cidade a partir de março de 1993. Se o critério de localização da moradia parecia³ procurar contemplar objetivamente as necessidades dos integrantes de minha família, passei a me deparar com interjeições de admiração e, às vezes, inveja, quando dava a conhecer meu endereço (fui, diversas vezes, rotulada de “rica”, com todas as conseqüências...). A surpresa inicial cedeu lugar ao interesse: o bairro crescera aceleradamente na última década em comparação ao restante da cidade. Sua imagem era de um bairro “*granfino*”, “*nobre*”, imagem reforçada pela mídia e pelo mercado imobiliário, que pareciam depositar, naquela área, grande parte de seus investimentos. E os moradores pareciam utilizar seus espaços urbanos e públicos intensamente, quase de uma forma “doméstica”, o que me parecia uma novidade em se tratando destes segmentos populacionais.

Trabalhar com segmentos médios me era atraente, ainda, por diversos motivos. O principal deles era poder participar de um esforço na construção do conhecimento acerca

destas camadas populacionais, que vem crescendo de importância nas análises da academia brasileira. Outro ponto importante era tentar desconstruir, sob a luz do trabalho empírico, minha formação de arquiteta pertencente a uma genérica camada populacional média - que consiste, também, na mais freqüente clientela dos arquitetos. Apesar desta afiliação, no exercício profissional deparei-me com dificuldades e dúvidas oriundas de uma dicotomia histórica para a Arquitetura, seja cumprir os requisitos das técnicas e das teorias ao risco de afastar-se das necessidades subjetivas da clientela, ou, na procura de satisfazer estas necessidades, não conseguir ultrapassar o arrazoado do senso comum e interesses mercadológicos. Trabalhar com segmentos médios nestas circunstâncias também foi repensar, finalmente e inevitavelmente, a minha própria trajetória, e a de minha família de origem.

Vivendo no bairro por cerca de três anos, não constituí, porém, um grupo no sentido clássico da palavra, contentando-me, inicialmente, em observar e vivenciar as relações de vizinhança. À observação e vivência dos espaços urbanos e eventos públicos, realizando as atividades quotidianas necessárias, somou-se a realização de entrevistas mais e menos formais com moradores de bairro, bem como a participação em eventos mais privados dentro do círculo de minhas amizades pessoais e de meus pesquisados, e o levantamento de informações específicas, estatísticas e da história cronológica do bairro.

A inserção no universo estudado deu-se em cinco campos diferentes, primeiramente ocorrendo através da rede de relações formada no cotidiano de mera moradora, que me permitiu realizar uma observação “de dentro”, de caráter mais generalizado. Redes de amizades e conhecimentos anteriores ao trabalho de campo, que me introduziram no universo de camadas prestigiadas socialmente de Porto Alegre, propiciaram contatos e forneceram indicações sobre alguns dos eixos analíticos. Alguns moradores, por outro lado, eram antigos conhecidos, alguns colegas, e se dispuseram a colaborar com o trabalho baseados nestes laços anteriores. Houve, ainda, a indicação de moradores, ou melhor, minha indicação a moradores através de amigos comuns. Em um caso, houve a indicação de outros moradores

³ Digo “parecia”, pois não estava consciente das disposições internalizadas que orientavam minha escolha, na (continua na próxima página)...

por um já pesquisado. Os diversos pontos de partida oportunizaram uma amostra diversificada, de indivíduos com diferentes inserções sociais e distintas trajetórias sociológicas. As entrevistas formais foram realizadas entre junho de 1994 e março de 1995.

Uma expectativa inicial era de que a partir de alguns pesquisados se abrisse uma rede que permitisse mapeá-los em seu grupo maior. Isto não aconteceu. Eventualmente as pessoas pertenciam a uma mesma rede, podendo ser vizinhas, aparentadas ou amigas, mas alguns desses laços descobri por acaso, ou relacionando outros dados e informações. Na verdade, só um dos pesquisados me indicou moradores que poderiam ser procurados por mim, em seu nome. E somente três dos novos conhecidos que realizaram entrevistas formais tiveram a generosidade de me proporcionar outras vivências além da entrevista isolada. A minha sensação era o de estar estudando indivíduos atomizados, de cuja vida social e familiar eu recebia apenas notícias, até que percebi que, na verdade, o elemento estranho ao seu mundo privado era eu, apesar das recomendações que pudessem cercar minha presença.

Por outro lado, a experiência nos lugares públicos, organizados para a representação do consumo mais do que o próprio consumo, arrebatava-me da posição de espectadora e, nestes instantes pelo menos, eu podia ser confundida com o ser-coletivo morador do bairro, usufruindo do mesmo modo de seus espaços de negociação de identidades, jogando com eles o mesmo jogo.

Como moradora acompanhei a dinâmica particular que acompanha a alteração de usos e a remodelação edilícia e urbana ocorridas nos últimos anos no bairro Bela Vista. Participei, periféricamente por ser inquilina, das decisões acerca das obras de renovação de meu prédio, que se tornou, segundo ouvi de um jovem morador, “*uma ‘gaiola’ padrão Bela Vista*”, o que não adiantaria nada, segundo outra jovem moradora, pois estávamos morando no “*Baixo Bela Vista*”, em meio a vizinhos de baixo padrão.

Se a qualidade de moradora não me garantiu ingresso automático em nenhuma das redes tangenciadas, fui quase sempre bem recebida: a curiosidade a respeito do meu traba-

lho e, na maior parte das vezes, a consideração por quem havia me apresentado foram os elementos-chave. Com exceção, talvez, dos já conhecidos, estes contatos para realização de entrevistas formais obedeceram a rígidos protocolos que evidenciaram a interferência do universo sobre o estudo.

As primeiras aproximações foram feitas por telefone, que aparece como parte indissociável do protocolo que rege as interações sociais no universo. Estas aproximações, de maneira geral, foram mediadas antecipadamente por conhecidos comuns. Uma provável informante, que não havia sido advertida por quem a havia indicado, chegou a assustar-se com o fato de um desconhecido saber seu nome e telefone. Os informantes, por outro lado, mantiveram total controle espaço-temporal sobre os contatos realizados, na maioria encontrados pontuais sem desdobramentos posteriores. Alguns demandaram esclarecimentos sobre a questão do anonimato, um deles quis a cópia das entrevistas transcritas, para certificar-se de que não havia possibilidade de identificação. Submeti a apreciação deste, e de outros entrevistados, trechos de suas entrevistas que foram inseridos no trabalho. Esta experiência não foi muito confortável, mas serviu para redobrar minha atenção com relação aos demais trechos aproveitados, na certeza de garantir o anonimato dos pesquisados.

A Antropologia, por outro lado, era campo de conhecimento familiar a muitos entrevistados, e muitas vezes tive de prestar esclarecimentos sobre os objetivos de minha pesquisa de um modo bem menos sucinto do que teria imaginado. Muitos dos pesquisados estavam se aperfeiçoando profissionalmente, ou já haviam enfrentado uma formação de mestrado, ou alguém da família ou de suas relações estava passando ou havia passado por este processo. Alguns chegaram a falar de suas motivações para atender-me: já haviam empreendido algum tipo de pesquisa qualitativa e sabiam como era difícil obter cooperação. Atender-me significava, para dois deles, a procura de mudar da sua atitude individualista para uma mais cooperativa, desprovida de interesses imediatos.

O método de trabalho previa inicialmente a realização de entrevistas semi-diretivas, com perguntas gerais cobrindo os campos de interesse do projeto inicial, que, depois, tornaram-se entrevistas desestruturadas. Talvez como forma de tranquilizar os informantes, e

tratar as primeiras entrevistas como exploratórias, inicialmente propus temas gerais a respeito da mobilidade residencial, das lembranças da época da mudança, da sua inserção no bairro, das qualidades e problemas relativos ao local. Logo descobri que os entrevistados falavam de tudo que eu queria saber, numa ordem muito livre, e que introduziam outros temas que acabaram por sugerir as linhas finais de análise, modificando alguns pressupostos do projeto original.

Se, de certa forma, já estivesse preparada para os questionamentos sobre a natureza do trabalho que pudessem surgir, já que tratava com camadas sociais altamente intelectualizadas, um outro fenômeno foi surpreendente para mim: a prolixidade e a densidade das entrevistas obtidas, a facilidade com que meus interlocutores falavam de si, de suas vidas, as quase confidências que ouvi. Existem entrevistas gravadas de uma hora ou mais, provocadas por uma pergunta do tipo “há quanto tempo mora no bairro?”, nas quais minhas seguintes intervenções são algumas interjeições abafadas de fundo. Mais de um entrevistado chegou a referir-se à entrevista como “*uma sessão de análise!*” Isto contrastava com certa retração *a posteriori*: mesmo com todos os cuidados preliminares, em muito poucos casos pude obter uma segunda ou terceira entrevista, uma vez satisfeitas as curiosidades e cumpridas as obrigações. (É preciso dizer, porém, que algumas das entrevistas seguintes não foram realizadas por minhas próprias dificuldades, pressionada que estava pelos prazos acadêmicos. Isto parece ter produzido certa frustração aos pesquisados que me aguardavam, de acordo com algumas manifestações que recebi). Imaginei que o retraimento fosse devido ao próprio método, que parecia propiciar desnudamentos - que, por sua vez, poderiam ter gerado arrependimentos. Em outros casos, que os obstáculos criados para um segundo contato poderiam ser funcionais no sentido de proteger as auto-imagens produzidas inicialmente.

A questão do método adotado para as entrevistas, é preciso que se diga, favoreceu meu próprio anonimato, pois os entrevistados acabavam por não perguntar sobre mim, por falta de espaço ou porque se entusiasmavam com o próprio discurso. Mas nem sempre os indicadores claramente sinalizados, como a introdução por alguém do mesmo meio social, meu nível de instrução e local de moradia puderam satisfazer a curiosidade dos entrevista-

dos a respeito de minha situação social, e algumas poucas vezes tive de responder perguntas sobre minha vida particular, felizmente já no final das entrevistas, quase como uma cobrança de reciprocidade. Mas, certamente, a situação mais constrangedora aconteceu quando o entrevistado perguntou diretamente qual teria sido minha primeira impressão sobre ele. A única coisa que me ocorreu dizer foi que o método não permitia seguir primeiras impressões, era por isto que eu o estava entrevistando - o que não o satisfez e não impediu que ele construísse todo um discurso sobre “primeiras impressões” que, em linguagem própria, resume algumas teorias interacionistas, e que, finalmente, foi muito esclarecedor.

No decorrer da análise, um outro fator imprevisto ocorreu: a exigência das condições éticas que garantem a condição de anonimato para os pesquisados e informantes, não previ que, neste caso, haveria dificuldades extras. No início do trabalho imaginei em resolver esta questão denominando ficticiamente ao local da pesquisa, o que logo se revelou inadequado, pois a construção do espaço não pode ser descolada do contexto histórico. Se local é conhecido publicamente, por outro lado alguns pesquisados são meus conhecidos e amigos, outros foram apresentados por conhecidos comuns, e existem, ainda, redes de relações compartilhadas. A simples troca de nomes não seria suficiente para proteger a condição dos sujeitos, uma vez que muitas das situações relatadas poderiam vir a ser identificadas. Neste caso, cada pesquisado recebeu mais de um nome, de acordo com a situação exposta, para evitar que trechos de entrevista pudessem ser relacionados entre si. Fatores como idade, profissão, número e sexo dos filhos foram geralmente omitidos ou trocados no texto; os trechos autobiográficos foram modificados em tudo o que pudesse contribuir para ocultar os sujeitos, sem alterar os elementos analíticos. A profusão de personagens citados e a conseqüente falta de consistência por parte de alguns deles nem sempre puderam ser evitadas. Uma listagem básica foi preparada, no quadro resumo que vem a seguir, como um instrumento auxiliar ao leitor.

**NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: ESTILO DE VIDA E SOCIABILIDADE
NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO URBANO DE PRESTÍGIO EM PORTO ALEGRE/RS
1993/1994**

1.1. Quadro-resumo de moradores e grupos pesquisados

Nome fictício	Situação	Idade	Atividade	Filhos	Famílias de origem	Vive no BV há	Casa de lazer
1. ALBA	viúva	76 anos	professora até casar marido foi advogado de renome	dois filhos casados, três netos menores de 10 anos, um neto de 16	família de advogados, o marido de grandes proprietários rurais	3 anos	na praia
2. ÁLVARO e CRISTINA	casados há 25 anos, 1ª união	ele, 52 anos, ela, 45	ambos médicos	sem filhos	dela, pai alto funcionário e mãe médica dele, peq. funcionário e professora	5 anos	não, fazenda de amigos
3. CÁRIN	casada há 15 anos, 1ª união	ela +- 35 anos ele, +- 43	enfermeira médico	três filhos, 13, 10 e 8 anos	dela, pequenos comerciantes dele agricultores do interior	6 anos	na praia, da família dela
4. CÁSSIA	vive maritalmente há 30 anos segunda união dele	ambos +- 65 a	trabalham em órgãos de comunicações	sem filhos, ele 3 filhos casados e 5 netos	dela, classe média alta, ele, família do interior, veio a PA para estudar	6 anos, acha que é BV	na serra
5. CLÉO	casada há 12 anos, 1ª união de ambos	ela, 34 anos ele, +- 35	psicóloga engenheiro	dois filhos, 7 e 9 anos	ambos famílias de prósperos comerciantes	4 anos	na serra
6. COSTA	vive maritalmente há 20 anos, 1ª união de ambos	ambos +- 45 a	engenheiro publicitária	dois filhos, 13 e 17 anos	dela, comerciantes e artistas, imigrantes que prosperaram	10 anos	não
7. DORA	vive maritalmente há 7 anos, 2ª união de ambos	ela, 41 anos ele, +- 45	sociólogo, artista, ambos professor 3º g	ele, um filho de 16 anos ambos 1 filho de 5 anos	dela, pai pequeno comerciante que prosperou com investe imobiliários	5 anos	na praia, da família dela
8. DULCE	casados há 13 anos, 1ª união	ela +- 35anos ele, 40	cirurgião, psicóloga e funcionária pública	dois filhos, 8 e 11 anos	dela, prósperos negociantes dele, pequenos comerciantes e artesãos	3 anos	na praia
9. EDU e LUA	vivem juntos há 14 anos, 2ª união de ambos	ele, 40 anos ela +- 32 anos	sócios em revenda	dois filhos das 1ªs uniões, de 15 e 12 anos, dois filhos juntos, de 9 e 2 anos	dela, empresários e profissionais liberais locais ela, nascida no interior	5 anos, acha que é BV	não sei
10. ELISA	casada	ela, 35 anos ele, 40	médico publicitária	dois filhos, +- 6 e 10 anos	não sei	moradia transitória	não sei
11. FRANCISCA	vive maritalmente há 4 anos	ela, 32 anos ele, 43	bancária, ele em informática, autônomo	sem filhos	ambos, pais altos executivos de empresas nacionais, com 3º grau	2 anos	só barco
12. GORETE	vive junto há 3 anos, casamento religioso há dois, 2ª união dele	ela, 32 anos ele, 40	empresária, ele em informática, autônomo	ele, um filho primeira união, ambos um filho de 1 ano e meio	ela, pai professor, mãe artista	3 anos	em praia de Sta. Catarina
13. HUGO e GESSI	casados há 36 anos, 1ª união	ambos 56 anos	func. público aposentado, ela dona de casa	um filho de 19 anos	dela, não sei, dela, pai alto funcionário de empresa de navegação fluvial	19 anos	na praia
14. INÊS	casada há 27 anos, 1ª união	ela, 45 anos ele, +- 47	economista dona de casa	três filhos 21, 19 e 7 anos	dela, de políticos e empresários dela, industriais renomados do interior	27 anos	na praia, família dela
15. ISABEL	ambos viúvos, estão casados há 13 anos	ambos entre 60/65 anos	comerciante dona de casa	ele tem um filho casado, dois netos	não sei, imigrantes judeus	3 anos	não sei
16. ISRAEL	casado há 25 anos, 1ª união	ambos 45 anos	arquiteto engenheira	dois filhos, de 15 e 20 anos	ambos, de funcionários de carreira do interior que vieram para PA	10 anos	não
17. ALBERTO	casado há +- 20 anos, 1ª união	ambos 45 anos	ambos médicos	três filhos, 2, 11 e 16 anos	dela, pequenos comerciantes	10 anos, é	fazenda do

					dela, classe média alta	nascido aí	pai dele
18. LALÁ	vive maritalmente há um ano, ele viúvo, ela 3ª união	ela 38 anos ele +- 40	comerciante professora de línguas	ela dois filhos de 7 e 11 anos, ele dois filhos, de 7 e 11 anos	dele, pequenos comerciantes, dela, pai alto dirigente de empresa	6 anos	na praia
19. LENA	casada há 6 anos, 1ª união	ambos +- 32 a	diretor indústria engenheira	um filho de três anos	dele, prósperos agricultores, ela com pai funcionário público de carreira	6 anos	sítio em Gravataí
20. LÚCIA	casada há 6 anos, ela tem uma união informal anterior	ela, 34anos ele, +- 35	engenheiro arquiteta	dois filhos, gêmeos, 4 anos	dela, pai profissional liberal dele, empresário de construção	12 anos	não sei
21. MARTA	casada há 8/9 anos	ela, 32 anos	médico empresária	dois filhos, 3 e 7 anos	dela, profissionais liberais e empresários dele, profissionais liberais	6 anos	não sei
22. NEY	separado	49 anos	empresário, artesão	um filho 14 anos	dele, pequenos comerciante do interior	17 anos	não sei
23. RENATA e OSMAR	casados há 21 anos	ela, 43 anos ele, 46	engenheiro advogada	dois filhos, 11 e 14 anos	dele, pai técnico estrangeiro dela, pai profissional liberal	12 anos	sítio em PA
24. ROSA	viúva, depois separada, hoje "namora"	49 anos	psicóloga	dois filhos da 1ª união, de 23 e 25 anos, um casado	pai alto funcionário federal, tendo vivido no exterior quando criança 1º marido estancieiro, 2º alto executivo	mais de 10	na fazenda e na praia
25. ULISSES e ÚRSULA	vivem juntos há 13 anos, 2ª união de ambos	ele, 46anos ela, +- 40 anos	engenheiro,funcionário público, ela psicóloga	dois filhos de ambos, 4 e 7 anos	dele, pais pequenos comerciantes dela, alta classe média	9 anos	na serra
26. VERENA	casada há 12 anos, 1ª união	ela, 39 anos	advogado enfermeira	um filho de 9 anos	dela, pais pequenos comerciantes	12 anos	na praia
27. ADEMIR e VERA	casados há uns 15 anos, 1ª união	ela +- 35 anos ele, +- 40	comerciante arquiteta	dois filhos 8 e 12 anos	dele, pais comerciantes no interior, dela, pequenos comerciantes e artesãos	3 anos	não sei
28. BÓRIS	casado há 22 anos, 1ª união	ele +- 45 anos	ambos médicos	dois filhos, 18 e 20 anos	dele, pai representante comercial estrangeiro, mãe imigrante rural, depois tiveram pequeno comércio dela, pai representante comercial	20 anos, acha que é Bela Vista	sítio

Obs.: estes entrevistados poderão aparecer no texto desta dissertação ainda sob outras denominações.

2. O Universo

O universo da pesquisa circunscreveu uma população característica, representada pelos moradores dos condomínios verticais de alto padrão existentes no bairro Bela Vista. Estes condomínios verticais, ou prédios de apartamentos, dividem algumas características comuns. Estas podem ser as linhas que acentuam sua verticalidade, valorizada pelos recuos de jardim e a utilização de elementos racionais, como formas geométricas e composição modulada, na qual é importante o jogo dos cheios e vazios, das saliências e reentrâncias. Ou, ainda, o emprego de materiais da mais alta tecnologia, como aço, vidros temperados, revestimentos cozidos e esmaltados, em estruturas de concreto armado que permitem grandes janelas, ou superfícies envidraçadas. A “nobreza” do acabamento pode ser identificada com o emprego de pedras polidas, como mármore ou granito, ou madeiras-de-lei. Os apartamentos consistem nos espaços privativos de cada um dos condôminos, que dividem, de forma virtual, as áreas comuns ou coletivas (corredores e circulações, salões de festa e outros) que são gerenciadas em conjunto. Para isto, obrigatoriamente é montada uma estrutura que prevê um órgão com poder deliberativo e decisório, que é a assembléia dos condôminos, e um setor executivo composto por um síndico (que é um condômino morador eleito pela assembléia), responsável pelo cumprimento das decisões e pela coordenação de pessoal e serviços do prédio (como porteiros, guardas, zelador, faxineiros, jardineiros, ou, ainda, o abastecimento de gás e outros), e uma administradora imobiliária, que vai calcular os gastos, ratear as despesas, e fazer a contabilidade.

Este tipo construtivo generalizou-se, no bairro, a partir de meados da década de 80 e concorreu para sua rápida densificação populacional, que foi possibilitada pelo lançamento de áreas estocadas anteriormente pela especulação imobiliária. Por outro lado, a concentração de investimentos em padrões construtivos sofisticados, acentuou sua distinção relativa

aos demais espaços urbanos, inscrevendo seus moradores em classes socialmente privilegiadas quase que automaticamente. Parte deste prestígio deve-se a alguns moradores, antigos e novos, conhecidos publicamente por sua fortuna e seus poderes, atributos que parecem se “difundir” pelo território adjacente e que, conseqüentemente, são associados aos demais. Se o bairro já existia como uma zona residencial “pura” e “nobre”, isto é, destinada exclusivamente à habitação, e habitação para as classes altas pela valorização dos terrenos próximos a outros bairros “nobres”, a possibilidade de adensamento representada pela liberação da construção de prédios verticais de apartamentos captou certa demanda identificada com o apelo mercadológico, que acentuava a exclusividade e o privilégio de morar no local.

De acordo com Sahlins (1979), a “vendabilidade” de um produto está na direta razão de sua sinapse simbólica, ou seja, deve corresponder a um produto-símbolo para se tornar um sucesso de vendas. Desta forma, centrando-se o foco da análise sobre esta nova população, sensível aos valores distintivos associados ao local, procurou-se identificar os elementos que concorreram no momento mesmo da construção de uma identidade de classe, fundada na posse de bens de prestígio e no desenvolvimento de estilos de vida superiores.

Foram entrevistados trinta e nove indivíduos no total, pertencentes a vinte e oito grupos domésticos⁴, o que resultou em trinta e oito entrevistas formais (algumas feitas com o casal e/ou filhos). Trinta e cinco destas entrevistas foram gravadas e, depois, transcritas para análises posteriores. Além disso, pôde-se manter certa continuidade na relação com três dos grupos (afora os já conhecidos), que procuraram proporcionar minha participação em eventos de sua vida doméstica que pudessem contribuir com a pesquisa. Estes vinte e oito grupos domésticos são formados por vinte e cinco casais, uma mulher viúva e dois indivíduos separados que têm filhos, num universo considerado de cinquenta e três adultos, cinquenta e um filhos e onze netos⁵.

⁴ Sempre que a expressão “grupo doméstico” for utilizada neste trabalho, estará expressando o grupo residente em uma mesma unidade domiciliar, ou moradia permanente.

⁵ Neste total não estão computadas as entrevistas formais e informais feitas com outros agentes, como construtores, usuários de espaços públicos, trabalhadores domésticos e outros.

Pôde-se identificar, assim, um conjunto de moradores “típicos” que apresentam diversas outras características comuns além de serem moradores de condomínios verticais; principalmente o fato de consistirem casais jovens, de bom poder aquisitivo e alta escolaridade, numa fase do ciclo familiar dedicada à criação de filhos.

2.1. O grupo doméstico

De maneira geral, os casais que foram entrevistados são formados por adultos que estão na faixa de trinta e dois aos quarenta e cinco anos de idade. Cerca de metade destes vinte e cinco casais são constituídos de primeiros casamentos formalizados, que duram entre dez e vinte e cinco anos. Dois terços da metade restante simplesmente vivem juntos, sendo destes uma maioria de segundas uniões (um ou ambos divorciados ou separados), e metade de todas estas uniões livres já duram mais de dez anos. Em só um caso um dos cônjuges havia tido duas uniões anteriores⁶.

Não se enquadram na generalização três casais de idade mais avançada, ambos os cônjuges tendo entre cinqüenta e três e sessenta e cinco anos. Destes, um casal que vive junto há trinta anos, sem filhos (ele era separado e tem três filhos adultos do primeiro casamento e cinco netos), um casal de viúvos, casados há treze anos (ele com um filho casado nas imediações e dois netos) e um casal casado há trinta e seis anos (com uma filha de dezenove anos)⁷.

⁶ Segundo os dados do IBGE relativos ao Censo Demográfico de 1991, ocorre presença de cônjuge em 70,27% dos domicílios do bairro Bela Vista, a mais alta taxa de conjugalidade encontrada num estudo comparativo com os bairros Moinhos de Vento (62,53%), Bom Fim (45,49%) Glória (65,56%) e Mont'Serrat (62,43%). Quase a mesma proporção, porém, é encontrada no bairro Jardim das Bandeiras (69,26%), que tem 1/3 das moradias em situação de subabitação. Maiores informações sobre as características sociológicas destes bairros podem ser encontradas no Anexo.

⁷ O Bela Vista tem 82% da sua população (7.616 habitantes em 1991) distribuída quase que regularmente até os 49 anos de idade. Apenas 3,00% do total tem mais de 70 anos, taxa que sobe para 4,70% no Mont'Serrat, 8,50% no bairro Bom Fim, 9,72% no Moinhos de Vento, baixa para 7% no Glória e 4,7% no Jardim das Bandeiras (fonte IBGE, Censo Demográfico de 1991).

Dos vinte e cinco casais, vinte tinham filhos em casa, entre um ano e meio de idade e vinte anos⁸. Metade deles tinha dois filhos, um quarto tinha um só filho (em dois casos já havia um filho de um casamento anterior do cônjuge homem). Dos três casais que tinham três filhos, em dois o terceiro fora concebido com uma grande distância temporal dos demais, talvez involuntariamente, ou em épocas de crise conjugal, conforme estudo de Nicolaci-da-Costa (1985). O maior número de filhos, quatro (em dois casos), era obtido pela "soma" de filhos dos casamentos anteriores de ambos. Dois dos casais sem filhos (o terceiro era o que vive junto há trinta anos) lamentam não os terem tido. Num deles, ambos os cônjuges submeteram-se a tratamentos longos e caros, sem resultados. Em outro, um casal mais jovem, houvera a ocorrência de dois abortos seguidos, e eles estavam esperando um período para tentar a gravidez novamente.

As exceções ao grande número de casais entrevistados são três. Em primeiro lugar, uma mulher viúva de setenta e seis anos, com filhos adultos (ambos casados, com dois filhos cada um). Depois, uma mulher de quarenta e nove anos que, viúva jovem, fez uma nova união e separou-se depois de oito anos, e que hoje "namora" (ou seja, que vem mantendo, há oito anos, ligações de duração variável, que podem implicar em coabitação eventual), com dois filhos (um deles ainda cursando a faculdade e morando com ela, um filho casado). O terceiro, um homem separado de quarenta e nove anos, tem um filho de um casamento anterior (que divide a moradia por temporadas entre a casa dos pais) e mantém companheiros em ligações de média duração.

Dentre todos os casos, em três ocorreu ou ocorre a moradia conjunta com um parente. Um é o desta mulher viúva que abriga o neto de dezesseis anos, que, por sua vez, recém-casada morava na casa dos sogros, até nascerem os filhos. Outro, de um casal sem filhos, cujo pai da mulher, já viúvo, morou dois anos com eles. Mas o marido destaca que isto, decididamente, não teria acontecido, por exemplo, se o cônjuge remanescente fosse sua sogra,

⁸ Pelo estudo comparativo entre bairros, Bela Vista tem um número grande de filhos por domicílio, cerca de 1,22, o maior índice dentre os bairros de classe média e alta. Moinhos de Vento tem 0,96, Bom Fim tem 0,67 e (continua na próxima página)...

que “*tinha um gênio difícil*”. O outro caso é de um casal de mais idade, vindo do interior, cuja sogra viúva foi morar com eles, logo após o casamento. Diz o marido: “*eu casei com a filha e com a sogra, há trinta e seis anos*”⁹.

Inicialmente, em função da estratégia de abordagem adotada, imaginei que o fato de estar entrevistando tantos casais jovens (considerando a presença de filhos pequenos e adolescentes) representasse um *bias* situacional. Um estudo realizado com dados demográficos demonstrou que não. O quadro geral mostra a presença generalizada de parcerias conjugais estáveis, jovens e centradas na criação de filhos, de configuração com tendência à nuclearização, encabeçadas por homens de excelente escolaridade e alta renda, cujos integrantes podem manter uma boa expectativa de vida¹⁰. Este quadro estatisticamente homogêneo deve ser relativizado a partir dos elementos etnográficos que mostram diferenças internas consideráveis, ao mesmo tempo em que mostram, também, a adesão dos indivíduos a certos elementos paradigmáticos e valores capazes de identificá-los como um *stand*, ou grupo de *status*.

Os relatos de vida obtidos espontaneamente demonstraram que a maioria dos casais se conheceu porque seus pais pertenciam ao mesmo grupo sócio-profissional, podendo, inclusive, ter freqüentado a mesma escola ou clube desde crianças. A segunda alternativa mais freqüente é terem se conhecido na Universidade. Alguns poucos se conheceram porque eram vizinhos. Ocorreram seis uniões entre pessoas de diferentes situações econômicas, uma das famílias sendo melhor posicionada que a outra, mas quatro deles entre indivíduos de

Mont'Serrat, 1,07 filho por domicílio. Glória e Jardim das Bandeiras têm, respectivamente, 1,24 e 1,59 filhos por domicílio (fonte IBGE, Censo Demográfico de 1991).

⁹ O bairro Bela Vista apresenta, entre os bairros estudados, a menor proporção de parentes e agregados ao grupo doméstico, 4,84% e 0,48%, respectivamente, contra 5,0% e 0,78% no Moinhos de Vento, 6,19% e 0,65% no Mont'Serrat e 9,07% e 0,9% no Bom Fim. A medida que diminui a renda familiar, a proporção de parentes e agregados aumenta, sendo 11,98% e 1,24% no Glória e 13,85% e 1,47% no Jardim das Bandeiras.(fonte IBGE, Censo Demográfico de 1991).

¹⁰ A população do bairro está estruturada por famílias nucleares em fase de procriação. Isto é, tem uma alta proporção de conjugalidade e filhos por domicílio, com baixa proporção de parentes e agregados ao grupo doméstico. Por outro lado, a estrutura de faixas etárias do bairro mostra que a maior parte da população está distribuída regularmente até os 49 anos de idade. Isto é, são poucos os velhos, provavelmente por ter áreas urbanizadas recentemente, e a regularidade da distribuição populacional demonstra que a expectativa de vida é bastante alta. Dentro de 20 anos, a população de idade mais avançada será equivalente a de outros bairros mais antigos. Apro- (continua na próxima página)...

famílias cujas trajetórias sociológicas eram semelhantes e que mantinham relações sociais anteriores ao casamento. Nos outros dois casamentos havia uma diferença sensível na trajetória, as mulheres provindo de famílias cujos pais eram profissionais liberais de certo sucesso, e os homens, de famílias de pequenos comerciantes. Num dos casos a relação iniciou ainda na Faculdade e, na outra, após a primeira separação de ambos, numa rede relacional de profissionais liberais e altos funcionários. Os casamentos, então, ocorrem preferencialmente entre indivíduos dos mesmos estratos sociais, cujas famílias têm trajetórias assemelhadas¹¹, podendo fazer parte das mesmas redes de sociabilidade. As mulheres parecem admitir mais a realização de uniões com indivíduos provenientes de estratos menos favorecidos, desde que haja um nivelamento através da escolarização ao nível do 3º grau. Os resultados preliminares desta análise concordam com algumas conclusões de Bourdieu, para quem as estratégias matrimoniais fazem parte de um conjunto de estratégias de reprodução biológica, cultural e social, que todo grupo aciona para poder transmitir à seguinte geração os poderes e privilégios herdados, mantidos ou aumentados. De nenhuma forma, porém, isto se dá calculadamente, mas através de disposições inculcadas pelas próprias condições de existência - *“sorte d’instinct socialement constitué qui porte à vivre comme nécessité inéluctable du devoir ou comme appel irrésistible du sentiment les exigences objectivement calculables d’une forme particulière d’économie”* (1980:270).

Com relação à origem dos entrevistados pode-se dizer que a grande maioria deles é filho ou neto de imigrantes, o que não surpreende dado a recente origem de grande parte da população do Estado. O principal diferencial é dado pela constatação de que apenas 20% dos adultos são nascidos no interior e que, destes, a grande maioria proveio de meios urbanos. Poucos teriam origem diretamente rural. Geralmente foram os avós que se dedicaram ao cultivo da terra, sendo que os pais já atuavam no comércio e pequenas manufaturas e

ximadamente 71% dos chefes de família completaram o 3º grau e a sua renda média mensal é de 18,35 salários mínimos. Para maiores informações, ver o Anexo (fonte IBGE, Censo Demográfico de 1991).

¹¹ Para análise da situação e posição social dos entrevistados e geração anterior, foram considerados dados como escolaridade, profissão e situação financeiro-patrimonial, bem como o projeto familiar, individual ou de classe. Para maiores detalhes, ver capítulo 3.

serviços, ou eram funcionários públicos. Duas das mães foram resgatadas do trabalho no campo através de casamentos hipergâmicos, realizados dentro da mesma etnia.

Se a mobilidade territorial foi explicitamente traçada, pois as entrevistas centravam-se em torno dos locais de moradia, a localização étnica deu-se, na maioria dos casos, indiretamente, por indícios tais como o nome da família, escola freqüentada pelos filhos ou referências sobre redes sociais. Dentre os entrevistados, há certa predominância de judeus, cujas origens podem ser a Rússia ou Europa Oriental e, mesmo, o Oriente Médio, para o caso de avós imigrantes, e Polônia ou Alemanha, para o caso de pais estrangeiros, o que parece coincidir com a época dos conflitos que provocaram sua imigração. Em segundo lugar, para os descendentes de italianos, com origens na colônia ou cidades do interior do Estado e, em terceiro, igualmente distribuídos entre descendentes de portugueses urbanos e alemães, estrangeiros ou das zonas de colonização do Estado. Alguns poucos remetem a ascendentes poloneses e espanhóis e, muito poucos, ainda, a orientais. Não foram entrevistados moradores negros, que parecem ser muito poucos - talvez inexistentes - nestes novos condomínios, e que aparecem como moradores nos prédios e locais mais antigos do bairro.

Alguns entrevistados referiram-se à “mistura”, ou os casamentos interétnicos de seus ascendentes, e, em muitos casos, esta foi uma referência ligeira. Ou seja, nem sempre parecia haver um acento positivo e cultivado sobre o fato. Uma das entrevistadas, descendente de uma mãe de origem austríaca-polaca-russa e de um pai de origem italiana (neste caso a identidade italiana parecia predominar), atualmente casada com um judeu de origem alemã, foi a única entrevistada a referir-se de maneira clara sobre conflitos étnicos, ou os “preconceitos”, como chamou, como algo a ser combatido para um melhor entendimento entre os seres humanos. Poucos se referiram à própria etnia como um fator principal e/ou positivo de identidade, com mais freqüência os descendentes de italianos (referindo-se às habilidades manuais e artísticas herdadas, a sensibilidade para a música, bem como o “tino” para o comércio e para ganhar dinheiro). Uma entrevistada judia salientou os laços de solidariedade e ajuda mútua da família, outra, a solidariedade e ajuda mútua da vizinhança do antigo bairro, onde moravam uma maioria de famílias judias.

Embora outros aspectos parecessem prevalecer nos relatos, tais como as dicotomias entre as diferentes sociabilidades vividas, por exemplo, nas diferentes localidades residenciais (cidade pequena e cidade grande, de bairro de classe média e bairro de classe média alta, prédio de apartamentos pequenos e de apartamentos grandes), que vão corresponder a etapas diferentes de vida e de progressão na escala ascensional, fica claro que as redes sociais, principalmente dos descendentes de judeus e alemães recentes, desenvolvem-se preferencialmente com os de mesma origem. Deve-se considerar, porém, a antigüidade da permanência que, no universo considerado, parece tender a realizar mais casamentos mistos e ampliar a rede social à medida que esta permanência for maior, ou seja, a aumentar a efetiva integração geração após geração, diluindo-se o aspecto étnico e destacando a inserção em determinados segmentos sociais como o fator determinante. Neste estudo, portanto, a etnicidade perde sua importância analítica, face aos valores de classes que se sobressaem.

Com poucas exceções - uma mulher que morara sozinha um ano (ainda solteira), um homem que saiu de casa assim que arrumou seu primeiro emprego (e logo depois casou), e de dois homens que deixaram as famílias no interior do Estado para vir estudar em Porto Alegre ainda meninos - todos os demais pesquisados moraram na casa dos pais até o casamento. O casamento destes casais cujos integrantes têm até 45 anos de idade, invariavelmente, supõe o estabelecimento de um domicílio próprio para a nova sociedade conjugal, para o quê as famílias de origem, na grande maioria dos casos, contribui substancialmente. Somente casamentos mais antigos toleraram uma etapa de habitação conjunta com a família de um dos cônjuges, o que parece ter sido mais comum em épocas anteriores.

Em alguns casos, a compra da moradia aparece como fruto da economia de ambos os parceiros, acumulação iniciada anteriormente ao casamento, numa etapa em que já existia uma intenção matrimonial declarada, o chamado “noivado”. Mesmo nesse caso, pode haver uma contribuição mais, ou menos, substancial, das famílias de origem. Em outros poucos casos, a primeira moradia própria aparece como fruto da economia do casal, feita após o casamento, geralmente relacionada a programas de financiamento bancário.

Os relatos dão por “difícil” o início da vida do casal, e este “difícil” diz respeito, principalmente, à alteração do padrão de vida da casa de origem (que permanece como um patamar a alcançar, ou superar), e ao manejo da nova situação de administração de uma moradia. A mulher, não raro, fez todo o serviço doméstico por um ou dois anos, com auxílio de uma faxineira semanal ou quinzenal, até poder contar com os serviços de uma empregada diarista.

O nascimento de filhos vem alterar a estrutura do grupo doméstico, que, com frequência, passa a incluir uma empregada doméstica especializada, a babá, ou uma empregada residente¹². Este cargo parece incluir o ideal de alguém “*de toda a confiança*”, que venha a “*se tornar parte da família*”. Muitas destas babás, na realidade, podem vir a tomar conta de mais de uma geração de bebês de uma família, ou manter ligações com as famílias muito tempo depois de saírem dos seus empregos. Estas empregadas podem, a título de prêmio de gratidão, receber presentes vultosos das famílias, mais freqüentemente relacionados com ajudas para a compra ou construção da moradia. Mais tarde, em uma parcela menor de casos (mais ou menos 10%, no presente estudo), pode ser admitido um motorista.

O recurso a empregados domésticos é limitado, inicialmente, pela capacidade financeira do grupo, mas não deixará de incluir algum tipo de empregado que venha a facilitar as tarefas domésticas, principalmente para a mulher, sobre quem parece recair a parcela maior de responsabilidade pelos assuntos domésticos, como os cuidados com a casa e com os filhos, o abastecimento para o consumo básico diário, e a organização dos serviços e atividades do cotidiano. Assim sendo, os empregados domésticos aparecem como uma extensão

¹² O número de empregados domésticos que mora na residência dos patrões (ou seja, os que não tem outro domicílio) é um dos mais altos no Bela Vista, comparativo à outros bairros. São 3 empregados residentes a cada vinte domicílios, enquanto que Moinhos de Vento, indicado como de padrão assemelhado, tem 3,5 e Bom Fim tem 1. Glória tem 1 empregado residente para cada 50 domicílios e Mont'Serrat, bairro limítrofe, 1 para cada 100 domicílios. No Jardim das Bandeiras existem só 2 empregados domésticos residentes em todo o bairro (fonte IBGE, Censo Demográfico de 1991). Pode-se imaginar que outros, ainda, residem na casa dos patrões, mas ali não são domiciliados. A possibilidade do empregado doméstico morar pode dizer respeito à época de construção do bairro, ou seja, a construção de apartamentos com quartos de serviço como regra, em épocas passadas, como parece ser o caso do bairro Bom Fim. Também pode dizer respeito à clientela do bairro, definida como “classe alta” para o bairro Moinhos de Vento, de apartamentos espaçosos. Mont'Serrat sofre hoje um processo de renovação bastante acentuado, tendo intensificado a construção de prédios de apartamentos pequenos, sem quarto de empregada.

das atribuições femininas, auxiliares que propiciam o bom cumprimento das suas obrigações como esposa e mãe, medido pela capacidade em compatibilizar os recursos disponíveis com as necessidades emergentes do grupo doméstico, e com as necessidades de sua própria profissionalização, fenômeno generalizado no universo pesquisado.

O recurso a empregados domésticos também é limitado pelas condições objetivas do mercado de trabalho específico, que coloca empregadores e empregados em categorias sociais bastante diferentes e distantes sociologicamente, ocorrendo, muitas vezes, desacertos provenientes dos diferentes sistemas de significação pelos quais transitam. Neste caso, é bastante difícil encontrar alguém que preencha todos os requisitos requeridos pelos empregadores, alguém que, além de “ser de toda a confiança”, integre-se no ritmo produtivo do grupo, que exige uma articulação em alto grau entre todos os seus membros. Uma das mulheres pesquisadas relata a necessidade de “*administrar*” as brigas entre os cinco empregados que teve durante seu segundo casamento, para poder gerir o estilo de vida necessário às atividades profissionais do marido, que incluía recepções periódicas e jantares formais. Outra fala sobre a falta de compromisso de suas empregadas em relação aos horários do seu consultório. A empregada mais antiga, “*de toda a confiança*”, que foi a babá de seus filhos, sai às quatro horas da tarde, pois precisa atender a um filho deficiente. A outra empregada, a residente, deve receber seus filhos que chegam com o transporte escolar às cinco e meia da tarde, pois esse é o “*horário nobre*” do consultório da mulher: ela nunca chega a casa antes das oito horas da noite. Mas a empregada foi embora sem avisar, de repente: um dia, os filhos ficaram esperando com zelador do prédio onde moram. Agora ela está recorrendo temporariamente à sua mãe, que mora mais ou menos perto, para receber os filhos, enquanto não arruma outra empregada, e, eventualmente, ao zelador. Perguntado se tinha dificuldade de encontrar empregada, ela responde: “*Sim. Uma, porque elas acham que a gente morando aqui, acham que paga qualquer salário, já é um problema. Outra é a falta de qualificação das pessoas que dizem que sabem fazer de tudo, mas não sabem fazer nada mesmo. Independente de querer saber, é a própria irresponsabilidade. Esta moça foi embora, nunca*

mais apareceu, a outra começou a roubar, a outra não-sei-o-quê. Este ano foi um troca-troca”.

O estilo de vida projetado pode definir um divisor dentro do grupo maior no caso da inclusão de empregados domésticos especializados, como é o caso da babá e do motorista (para quem mora em casa, este divisor parece ser o guarda particular). Em dois casos, as mães “*dividiam*” o carro com o motorista, que aparece, assim como a babá (e os demais empregados domésticos), como um auxiliar das suas tarefas maternas, buscando e levando os filhos em segurança e pontualmente para suas inúmeras atividades socializadoras quotidianas. O motorista, em ambos os casos, vinha completar uma equipe de empregados que incluía uma empregada e uma babá (uma das duas residente), faxineira e, para um, um jardineiro para cuidar dos jardins de seu apartamento de cobertura. Nesses casos, as mães se ocupavam de trabalhos bastante bem remunerados, uma com consultório estabelecido e a outra, sócia de uma promissora empresa construtora. Um terceiro grupo, havia tido um *staff* de cinco empregados, que incluía guarda e motorista. Em parte decorrente da alteração do padrão de vida por sua separação (esse *staff* era proporcionado pelo marido, alto executivo), em parte pela mulher ter adotado uma postura que propugnava por certa “simplicidade administrativa” em sua vida, indo morar em um apartamento, e em parte por terem crescido os filhos, a estrutura de empregados foi redimensionada para uma só empregada doméstica. Já para um dos maridos, a questão envolvida na decisão de contratar ou não um motorista parecia ser muito mais relacionada a questões subjetivas de classe. O que a mulher, filha de uma família bem mais abastada que a dele justificava como opção consciente de não contratar para permitir uma maior convivência e tempo efetivo partilhado no cuidado com os filhos, ele percebia como uma manifestação declarada de *status*, que o deixava muito pouco à vontade: “*Eu não consigo aceitar muito bem isso de contratar motorista, sabe? Eu não me sinto classe A. (...) Essa coisa é uma ostentação, realmente é para outra classe, não essa*”.

Mas, em pelo menos dois casos, ter uma empregada doméstica residente parecia recriar um ambiente doméstico que reportava ao da família de origem, nas quais os hoje adul-

tos foram isentados das responsabilidades sobre os serviços domésticos. O ideal, aqui, parece ser de *“alguém que tome conta de tudo”*. Num deles, um casal sem filhos, o marido explica que aumentou muito o nível do conforto doméstico com uma empregada residente, propiciando que o casal passasse a dedicar o tempo doméstico exclusivamente ao lazer ou estudo. No outro, a empregada residente, uma senhora já idosa, havia sido babá da mulher, e, segundo ela, *“a Rosinha está e a gente depende em tudo: ‘Faz pra mim?’ , e ela faz. Ela é a babá de todo o mundo. (...) Ela faz a comida e o resto que quiser. (...) Eu saí da cozinha porque ela entrou. (...) A Rosinha é quem determina tudo”*.

Por outro lado, a presença de empregados domésticos pode repercutir na socialização das crianças, naturalizando estas relações de trabalho que se confundem com a vida familiar e tornam possível uma peculiar dinâmica doméstica. Desde cedo os filhos aprendem que lhes está destinado um lugar de classe social, independente da hierarquia de idade, que lhe torna patrão por nascimento. Mas, com muita frequência são relatados os laços afetivos que se formam, relações, segundo algumas mães, de caráter ambíguo pela fragilidade dos laços objetivos. Parece ser desejável uma empregada que goste dos filhos, mas à qual eles não se apeguem tanto a ponto de sofrer com as rupturas consideradas inevitáveis.

2.2. Escolaridade e perfil profissional

Neste trabalho, foi possível verificar a escolaridade de quarenta e seis dos adultos que fazem parte dos grupos domésticos estudados. Destes, trinta e oito cursaram o 3º grau (82,6%) e trinta e sete exercem atividades nas áreas para as quais receberam formação específica¹³. Dentre os que informaram a escolaridade, apenas dois casais têm marido forma-

¹³ Pelos dados estatísticos do Censo Demográfico do IBGE de 1991, aproximadamente 71% dos chefes de domicílio do bairro Bela Vista completaram o 3º grau, contra 67% do Moinhos de Vento, 60% do Bom Fim e 63% do Mont'Serrat. Ou seja, é o mais alto índice de escolaridade comparativamente aos demais bairros de classe média e alta. No Jardim das Bandeiras, 77% não completou, sequer, o Primeiro Grau.

do e mulher não. Num deles, que dura 36 anos, o homem completou seus estudos depois de adulto. No outro, de 27 anos, o marido trabalha como dirigente de indústria. Ambas as mulheres foram sempre donas-de-casa. Não há nenhum caso em que só a mulher tenha curso superior.

Entre os cursos realizados destacam-se as áreas da Engenharia e Medicina, nas diversas especialidades, podendo-se estimar uma proporção de 20% do total das ocupações para cada uma delas. Em segundo lugar estão as áreas da Psicologia, Psicanálise, Arquitetura e Comunicações, na proporção de 10%, cada uma. Logo em seguida encontramos Administração e Direito, na proporção de 6%, cada uma. Por último, Enfermagem, Economia, Artes e Sociologia, em proporções inexpressivas.

Entre os adultos dos grupos estudados, cinqüenta e um ao todo, encontramos quatro donas-de-casa, nenhuma delas com curso superior. Três delas são mulheres com perto de 60 anos de idade. Todos os demais adultos trabalham em atividades que proporcionam ganhos financeiros, embora dois deles de modo diletante (sendo uma mulher casada e um homem herdeiro). Com relação aos pesquisados que trabalham, encontramos posições relativas à situação principal de emprego e/ou atividades rendosas conforme abaixo relatado.

Quase metade, vinte e três, é constituída de profissionais autônomos. Destes, um terço são médicos de diversas especialidades, outro terço pertencendo a áreas da Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. O terço restante divide-se entre engenheiros, advogados e alguns poucos comerciantes. A divisão por gênero é equilibrada: doze mulheres e onze homens trabalham como profissionais liberais. Uma das mulheres conjuga sua atividade com comércio e representações.

Os empregadores são minoria, um pouco mais de 10% dos adultos pesquisados, com atividades nas áreas da construção civil, comércio tradicional e de equipamentos e insumos de informática, sendo quatro homens e duas mulheres. Um destes homens conjuga sua atividade com a industrialização de insumos para a construção. As duas mulheres são as únicas pesquisadas que trabalham com dedicação exclusiva ao trabalho, sem a flexibilidade de horário das demais.

O restante dos adultos ocupados, um pouco menos da metade dos entrevistados, são profissionais que podem ser classificados como pertencentes ao topo do mundo dos *white-collars*, seguindo a classificação de Mills, altos funcionários e empregados qualificados ocupados com as “*principais ações rotineiras da sociedade do século XX*” (1985:120). Destes, um pouco menos de 20% dos pesquisados são funcionários públicos, três mulheres e seis homens. Metade dos homens está em cargos de chefia administrativa, um está aposentado. Duas das mulheres trabalham no emprego público em meio turno, uma conjugando com atividade de pequeno artesanato de luxo. Um terço dos empregados públicos é professor universitário, um destes conjugando com profissão liberal. Mais ou menos a mesma proporção de 20% encontramos ao considerar a situação de oito empregados em empresas privadas, quatro homens e quatro mulheres. Três dos homens ocupam altos cargos diretivos em indústrias alimentícias da Grande Porto Alegre, duas das mulheres trabalham em meio turno.

Dentre aqueles que não completaram ou não cursaram o 3o. grau, encontramos cinco mulheres e três homens. Estas mulheres, com exceção de uma autônoma, são as donas-de-casa do universo. Dois homens são empregadores e um é autônomo.

Além das atividades principais, é bastante freqüente a realização de atividades de caráter secundário ou complementar, que mostram a natureza das preocupações dos diversos segmentos profissionais. Para aqueles que exercem profissões liberais, autônomas, fica evidente uma maior preocupação com a formação e aperfeiçoamento profissional como modo de aumentar sua competitividade no mercado profissional. Em torno de um terço destes pesquisados estão em processo de formação continuada, especialmente os médicos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas. Em segundo lugar estão as atividades que buscam renda alternativa através do comércio e representações comerciais. Para os empregados, a procura maior é por atividades expressivas, através de instrumentos como a escrita, o artesanato, artes visuais, música. Para os empregados que são funcionários públicos, também foram realizados aperfeiçoamentos profissionais, principalmente no início da carreira, objetivando melhores posições salariais. Neste segmento, as atividades secundárias atuais são, principalmente,

atividades expressivas, como as artes de modo geral, mas existe um maior direcionamento para atividades diretamente políticas ou classistas.

O perfil profissional do universo estudado se enquadraria no das chamadas “novas classes médias” conforme descritas por Featherstone (1995:69). Estas, surgidas após a Segunda Grande Guerra, foram provocadas pelo aumento da população e incremento da urbanização, que ocasionou, por outro lado, a ampliação das ocupações no setor de serviços, tanto diretamente urbanos - como infraestrutura de transportes, comunicação, rede viária, habitações, abastecimento, quanto destinada a suprir necessidades ampliadas de serviços como médicos, engenheiros, arquitetos e diversas outras ocupações. Estas novas classes incluem empregadores, gerentes, cientistas e técnicos, e, principalmente, os “novos intermediários culturais”, conforme denominação de Bourdieu (1984), dedicados aos cuidados pessoais dos indivíduos, e, ainda, à disseminação de bens e serviços simbólicos - como psicólogos, publicitários, professores, decoradores, editores, costureiros, entre outros - que difundem e popularizam o conhecimento e o gosto culto e erudito. Estas novas classes, a dos “novos intelectuais” - cujo principal vetor de ascensão é a aquisição de capital cultural possível pelo crescimento do poder aquisitivo, e vice-versa - seriam, ainda, fascinados com a identidade, a apresentação, a aparência, o estilo de vida e novas experiências. A busca de um estilo de vida, de uma vida estilizada e expressiva é uma busca de distinção, de um lugar para si na estrutura social, por parte de um público sensibilizado pelas Artes e pelo modo de vida artístico e intelectual, o público, por excelência, produtor e consumidor dos novos bens e serviços simbólicos. No universo estudado, por exemplo, se uma parcela importante dos entrevistados profissionalmente dedica-se a auxiliar o desenvolvimento das subjetividades, isto é, das individualidades, mais importante é a parcela que, de algum modo e em algum momento, usufruiu de serviços semelhantes, submetendo-se a si a aos filhos a terapias, psicanálise

ou psicoterapias integrativas. O próprio linguajar cotidiano recorre a termos gerados por estas áreas de conhecimento¹⁴.

Além da evidente estilização da vida quotidiana, expressiva de valores relacionados com valores típicos de uma vida “moderna”, existe uma grande valorização do profissional autônomo, empreendedor, autodeterminado, segundo Featherstone (1995) na mesma linha ideológica que inaugurou o capitalismo monopolista - que parece ter ressonâncias residuais dentro do universo estudado. Renata, cujo marido era alto executivo de uma empresa multinacional despedido por medida de economia (“*Reengenharia!*” comentou ironicamente), exprime bem estes valores, ao declarar que nada substitui o patrimônio representado por uma clientela própria:

Renata - Quando a pessoa tem até quarenta anos de idade, as empresas olham o currículo e só contratam, contratam! (...) De repente, tu estás numa outra faixa etária, e as empresas acham que um profissional mais moço é mais barato... (...) Ele devia ter investido em si próprio, há muito tempo. Não como uma peça da estrutura, de ficar entre aspas com aquela “proteção”. E desenvolvido mais esta parte de cliente, que é aquele patrimônio que tu tens depois. E aquilo só aumenta, tu nunca ficas no “Ministério do Ar”.

Mas, como disse Álvaro: “*Como profissional liberal, trabalhando eu ganho. Não trabalhando, eu não ganho absolutamente nada (...) À medida que completarmos esta meta de comprar o consultório para minha mulher o ano que vem, eu vou começar a me organizar no sentido de reservar algum dinheiro (...) prever alguma coisa em termos de aposentadoria*”. Isto lembra a outra face do trabalho sem vínculo empregatício e justifica o motivo porque se encontra, com certa frequência, a composição na qual um dos cônjuges, pelo menos, procura manter um trabalho com remuneração assegurada e periódica.

¹⁴ Um campo de produção simbólica tradicionalmente importante para a Antropologia, a religião, não foi objeto específico deste estudo. Algumas referências, quando apareceram, foram negativas, contestando o desejo de poder e controle por parte das Igrejas. Mas, se o individualismo aparece como valor substituto à religião, ou seja, a crença em si mesmo substituindo a crença em um outro ser exterior e superior, este não é um assunto (continua na próxima página)...

resolvido em definitivo para o universo considerado. Em alguns casos foi possível perceber a presença de um certo misticismo ou espiritualismo que extrapolou o trato prático e objetivo das questões do cotidiano.

2.3. Trabalho, renda e consumo

Nenhum dos entrevistados do bairro Bela Vista falou, espontaneamente ou diretamente, sobre seus rendimentos, embora tenham fornecido importantes indícios sobre a forma como lidam com esta questão, ou com o trabalho produtivo.

Entre os casais, a composição mais freqüente é aquela onde um dos cônjuges procurará proporcionar um rendimento periódico e seguro, através de um emprego, e o outro procurará por melhores rendimentos arriscando-se no mercado de competição profissional. Esta composição não acentua grandes diferenças entre homens e mulheres, podendo um ou outro assumir este ou aquele papel, podendo haver alternância em períodos diferentes na trajetória familiar. Mas quando as mulheres assumem a profissão liberal (e, mesmo, um emprego de meio turno), esta lhes serve mais para proporcionar uma flexibilidade de horários que melhores rendimentos, para que possam se dedicar a casa e aos filhos.

É recorrente a referência ao volume ou intensidade de trabalho, que pode ser verificado pela quantidade de pessoas que mantêm uma segunda atividade, ou estão comprometidos, às vezes, em três turnos de trabalho. O trabalho aparece como a justificativa para que o ambiente da moradia seja o mais confortável possível, proporcionando oportunidade de relaxamento e recomposição física. Ou para períodos de férias e viagens que devem ser os mais freqüentes possíveis, num ciclo que se retroalimenta: maiores necessidades, maior trabalho - mais trabalho, mais necessidade de tempo de lazer. Ou melhor, a expectativa é de que o lazer seja mais qualificado também. É Dulce quem diz: *“A posição financeira que nós pudemos adquirir, aos poucos, foi porque nós somos pessoas que trabalhamos muito, (...) com ritmo intenso. (...) Talvez por isso a gente tenha criado o ritmo de sair (viajar) a cada três ou quatro meses”*.

Álvaro, oncologista, também acha que trabalha demais, mais do que isto, seu trabalho é especialmente desgastante. Por isto, ele e a mulher querem, a partir deste ano, sair pelo menos durante 15 dias no meio do ano também, ter dois períodos de férias por ano: *“Principalmente por causa da minha especialidade, uma área altamente ‘poluída’, esta pausa para mim é fundamental. (...) Nós dissemos assim: no momento que a nossa situação econômica estivesse razoavelmente confortável, se tentaria fazer também uma parada em julho”*. No quê mais gastam dinheiro? Ele continua: *“Em primeiro lugar, com o apartamento (faltam dez anos para quitar o financiamento). Em segundo, com o imposto de renda. (...) Em terceiro lugar, eu acho, é muito em lazer, discos, livros, teatro, cinema. (...) Às vezes, a gente passa um fim de semana fora”*. Ele e a esposa fizeram investimentos calculados durante toda a vida: desde namorados, ainda estudantes, toda a renda destinava-se às compras de equipamentos (e obras de arte) para a futura casa. Assim que conseguiu seu primeiro emprego (ela ainda estudava), casaram, e foram viver em um apartamento alugado. O primeiro bem adquirido foi o telefone, depois um carro, depois, o seu consultório, mais recentemente, a compra do apartamento, cujo pagamento de entrada foi fruto de anos de economia. Eles também fazem um fundo especial para as viagens periódicas. Álvaro parece ter muito orgulho de sua autonomia aquisitiva: *“Tudo o que a gente tem em casa, fora alguns presentes, foi comprado por nós. (...) O plano que a gente fez para chegar a casar era ir comprando aos poucos, juntando dinheiro”*.

Para alguns, principalmente os que vieram de famílias de pequenos comerciantes e que não contaram com ajuda das famílias, e/ou são assalariados, o tempo passado pode aparecer como um tempo de mais “folga” no orçamento doméstico, que permitia certas “extravagâncias”. Este é um fato difícil de precisar, uma vez que a um período de autonomia e progresso financeiro que correspondia à profissionalização ainda quando solteiros ou recém-casados, sucedeu outro, que marcou uma franca ascensão, mas na qual as exigências orçamentárias aumentaram muito - a mudança para o bairro, moradias mais expensivas, despesas com filhos. Ulisses e Álvaro são unânimes em afirmar que *“se vivia melhor, proporcionalmente”*. Mas, de maneira geral, os entrevistados mostram-se otimistas em relação

ao futuro financeiro e econômico, e auto confiantes na própria capacidade de ganhar dinheiro.

Mais que auto confiança, alguns podem deixar vazar auto imagens diretamente relacionadas com o valor trabalho, que concretizaria um importante diferenciador social:

Dulce - Nós somos pessoas que trabalhamos muito (...). Eu trabalhei no (bairro de população pobre) desde que me formei. É rotina. Isso é uma coisa meio conflitante, mas que tu aprende a conviver. Tem situações que tu tira (dinheiro do bolso) e dá a passagem para o teu paciente. Tem coisas que a gente não pode fazer, não adianta uma atitude paternalista. Eu não vou resolver o mundo. Mas tem coisas que estão ao alcance da gente, como baixar num hospital. (...) É uma coisa pequena que tem um retorno grande. (...) As minhas pacientes não trabalham, porque os maridos acham que mulher trabalhar fora é feio. Ou, então, se deixar a casa sozinha, é assaltada. É uma realidade isso. Eles (os maridos) são camelôs no centro, mas chegam as nove (horas), saem às cinco... Então, também tem a ver com uma índole. Não estou negando toda a parte de falta de oportunidade para estudar, de fazer, (por) que nós próprios colaboramos para que a realidade seja essa, hoje. Mas também existe um comodismo grande. Assim, lá no Posto (de Saúde), tem paciente que a gente sabe que não ajuda mais, que é uma pessoa comprometida.

Ao diferenciador trabalho pode se somar o nível cultural, obtido através da escolarização. Os pobres podem aparecer, ainda, como irresponsáveis, necessitando de uma orientação firme por parte de uma elite esclarecida, como expresso por Alba, a respeito dos inúmeros “meninos-de-rua” pedintes:

Alba - Um absurdo que não haja obrigação de ir à escola e um tipo de polícia que percorra as casas. A criança não está na escola: multar os pais, punir os pais, porque enquanto não houver escola... E estas poucas que existem em recuperação de menores que põem os meninos para trabalhar e tudo... Estes dias eu ainda vi um programa na televisão, uma escola dessas, de artes e ofícios, recolhia meninos delinqüentes. Os meninos entrevistados deram muito boa impressão - “porque aqui eu estou mais contente, tenho tudo que eu preciso, também tenho um ofício, vou ser alguma coisa”. “Mas o quê você quer ser?” Um queria ser... Outro... Sabe? Tinham as-

pirações! (...) Eu acho que eles devem ter uma vida apertada, cheia de disciplina, com horas, naturalmente, de lazer, mas que produzam, que eles aprendam a trabalhar com um toque de rigor, se não, não vai! Pobre se multiplica, não tem condições de criar, de educar, de dar condições de saúde, nada. Só se tirar do ambiente... Porque minha mãe dizia que o pai dela tinha muita visão. Morreu em 1908. Ele dizia que o Brasil não seria nada sem a instrução obrigatória. Já vai fazer cem anos que o vovô morreu!

Para camadas sociais financeiramente melhor aquinhoadas, a habilidade para empregar recursos financeiros e gerenciamento de bens patrimoniais pode ser uma das preocupações da socialização primária. Os filhos podem vir a receber, desde muito cedo, quantias de dinheiro proporcionais à sua idade e pequenas necessidades, com o objetivo de treinamento para as decisões de consumo e investimento que, certamente, aparecerão ao longo de sua vida. O fato de dispor de dinheiro próprio permite às crianças, ainda, exercitar sua individualidade, simulando situações de autonomia.

Durante o trabalho de campo ocorreu a inauguração de um pequeno centro comercial, em frente à pracinha, o Bella Vista Plaza, chamado, mais tarde de shoppingzinho pelos moradores do bairro. Este estabelecimento veio completar a configuração dos espaços públicos centralizadores, estruturados em torno do binômio consumo versus lazer. A respeito deste shoppingzinho se manifestaram vários entrevistados, mas Cleo deixa entrever essa preocupação socializante, ao mesmo tempo em que revela o maior comprometimento das mulheres com o consumo conspícuo.

Cleo - O Plaza Bella Vista (sic) tá ótimo! Tu vai ter que entrevistar todas as mulheres do Plaza Bella Vista! Tá tão bom aquilo, e elas estão adorando! No feriado que teve, depois que tu saiu daqui, eu peguei a bicicleta do (filho) e fui encontrar com eles na praça. Aí fomos visitar o Plaza Bella Vista. Todos os meus vizinhos de rua, do edifício, eu encontrei lá visitando. Teve uma, a dona da loja disto aqui (mostra o objeto importado) começou a nos vender antes da inauguração. Que loja bem boa aquela! (...) Eu entrei na loja e disse: “apresento a família consumidora do bairro!”.

Nós somos bem consumidores. E os guris separaram coisas, mais tarde eles me deram dinheiro e eu voltei lá para buscar as coisas.

Pode existir uma auto definição em termos de consumo. Assim como Cleo, que festeja a possibilidade franca de consumir como uma forma expressiva da própria individualidade, e socializa seus filhos para lidarem com o dinheiro desde pouca idade, há outros que se dizem ligados a motivações mais elevadas, como Dora: *“Eu não tenho tempo para comprar. Eu agora posso ter um pouquinho mais, mas eu não tinha tempo nem vontade de comprar, porque meu interesse vai em outras coisas. Eu gosto de ter o meu ateliê, eu gosto de pintar. Eu não gosto muito de estar girando em loja”.*

Mas a possibilidade de consumir é, ainda, um dos principais vetores de ampliação do universo acessível, o que se pode deduzir da fala de Dulce - com relação a uma recente viagem que fez com as filhas aos Estados Unidos:

Dulce - Foi uma experiência muito bonita, muito rica. E que também está vinculada a um poder econômico, poder alcançar isso, poder propiciar. É uma viagem que, no papel, não parece cara, mas depois se torna muito cara. Os Estados Unidos são um apelo ao consumo constante. Mesmo que tu não for hiperconsumista, tu come, tu prova. (...) E tu diz: “não tem que comprar um, tem que comprar três!”. (Rimos). A gente foi absolutamente comedido, comprou o que estava precisando comprar, aquilo que compensava comprar. Nada foi em exagero. Até é uma característica minha - “Olha, a gente compra o que precisa!”. Mas, aí, entram as camisetas do Hard Rock Café... É um apelo de consumo, sem dúvida, mas acho que vale. Acho que foi muito bom, uma experiência bonita. Como família. Muito intensa de sentimentos. Foi muito gostoso, a gente aproveitou bastante. (...) A gente estava até pensando em sair com as gurias de novo, mas o (marido) fez uma cirurgia, não vai poder ir. Mas, também, porque a experiência foi tão boa que já dá vontade de (repetir)...

Com relação ao consumo pode ser feito, ainda, um cálculo que evidencia a afiliação racionalista do universo, considerando a relação custo versus benefício para as decisões dos investimentos e direcionamento de custos - relação esta que é particularmente crucial para aqueles que não tem recursos financeiros tão fartos, ou empreenderam trajetórias de ascen-

são social. Este raciocínio pode nortear, ainda, outras decisões. As mulheres, na grande maioria, estão engajadas profissionalmente, mas seu trabalho pode aparecer como o elemento mais flexível, adaptando-se às necessidades do grupo familiar. Ou seja, a relação custo versus benefício pode nortear a decisão do maior ou menor envolvimento da mulher com o esquema produtivo do grupo.

2.4. Questões de gênero

É o homem responsável pela parte maior ou principal dos encargos financeiros para o sustento do grupo doméstico. A contrapartida feminina será mais responsabilidade na educação dos filhos e na administração da casa, e maior disponibilidade de horários para isto. A mulher, ainda, é quem geralmente se dedicou a procurar o apartamento onde moram e elegeu o bairro para moradia. Raras vezes seus rendimentos se equiparam ao do homem, mas muitas delas estão, atualmente, em processo de aperfeiçoamento profissional, ou investindo em novas áreas profissionais, procurando maiores ganhos.

Só uma mulher declarou, decisivamente, que o marido era responsável pelo maior ingresso financeiro na família - *“porque ele sempre esteve mais livre para se dedicar”*. Justifica seu diletantismo profissional pela opção em função da criação das filhas e administração da casa - *“a administração da casa recai sempre nos ombros da mulher”*. Por outro lado, ficou claro que, se a mulher pode ter uma parcela importante de participação nas despesas domésticas (um dos maridos, que é médico, disse que nas férias do seu consultório era o salário da mulher que dava conta das despesas fixas), com mais frequência encontramos mulheres que organizam suas atividades profissionais para ter certa disponibilidade, pelo menos num dos períodos do dia. Uma delas trabalha exclusivamente em casa, estando ligada com seu escritório através de *fax-modem*.

Chama a atenção o alto grau de profissionalização feminina no universo estudado. Só três das mulheres casadas eram donas-de-casa. Uma delas, que havia tido uma carreira profissional pouco usual para a época, abandonou-a quando casou, por exigência do marido proveniente de uma família abastada de pecuaristas.

Num outro extremo, encontramos só três das mães com comprometimento de trabalho em tempo integral, sem flexibilidade, ou com uma rigidez auto imposta. Em dois casos, as mulheres são empresárias de diferentes sortes. Uma delas que parece estar fazendo um esforço bastante grande para atingir um padrão de vida similar ao da casa paterna. Seu filho permanece todo o dia na creche, e ela pretende colocá-lo em regime de semi-internato quando maior. Em função do nascimento próximo de seu segundo filho, a faxineira que vem três vezes por semana, passará a vir todos os dias, mas o resto do esquema permanecerá o mesmo. Ela acredita que há mais profissionalismo no trato das crianças numa creche do que com uma empregada de nível social diferente. Outra empregadora, filha de uma família bastante conhecida de empresários locais, organizou um excelente suporte de empregados domésticos, incluindo babá e motorista, o que lhe permite dedicar-se à sua promissora empresa sem maiores preocupações. No terceiro caso, a mulher ingressou na carreira pública depois que os filhos cresceram, invertendo a situação com o marido, que era funcionário público e tornou-se profissional liberal. Ela viaja com frequência a trabalho, sendo uma exceção, já que, nestes grupos, é o homem que assume compromissos de trabalho que demandam deslocamentos geográficos eventuais ou regulares.

Os ingressos financeiros nos grupos domésticos podem ser organizados, portanto, de diferentes maneiras, e pode-se perceber, em diversos casos, certa complementaridade na forma de engajamento no mercado de trabalho entre marido e mulher. Por exemplo, para um marido que está *“incomunicável o dia todo, (...) um escravo do consultório (...), nós dois não podemos ser assim o tempo todo”*. Por isto, a mulher mantém um emprego público pelas manhãs, e mantém uma pequena empresa à tarde, da qual pode se ausentar se for preciso.

Esta complementaridade entre os cônjuges dota de certa unidade ao grupo doméstico perante o resto da sociedade, tornando-o ao mesmo tempo flexível para enfrentar as contingências da vida quotidiana: cuidados com os filhos, administração da casa. Pode haver, também, um cálculo bastante específico relativo às vantagens de comprometer, ou não, o trabalho feminino fora do âmbito doméstico. É assim que, de oito casos de obras de construção ou ampliação das moradias, em cinco deles a mulher deixou seu trabalho ou deixou de empregar-se, ou utilizou este tempo teoricamente livre, para administrar esta obra. Saliente-se que só duas tinham familiaridade com o tema, sendo uma engenheira e uma arquiteta. Neste caso, o trabalho feminino aparece como um *plus* na qualidade de vida do grupo todo, como salientado por um dos entrevistados, que de certa maneira reconhece a excepcionalidade da situação neste universo, classificando-o como privilégio e requinte de poucos: *“Foi maravilhoso fazer isso aqui (a casa). A (esposa) não estava trabalhando, então, a partir do terceiro ou quarto mês ela trouxe a prancheta para dentro da obra, botou uma extensão do nosso telefone aqui, entende? Ela passava um turno aqui. (...) É um barato! Um arquiteto dentro da obra, assim, uma coisa de italiano, né? Isso tem é na Itália, na Espanha!”*

Uma outra questão que parece estar envolvida no trabalho feminino é a necessidade da mulher afirmar uma identidade diferenciada, de caráter individualizante, que se acentua nos casos em que seu trabalho não aparece como essencial às finanças do grupo doméstico. Lena é enfática ao afirmar: *“Meu marido tem uma renda estável, pode realizar os sonhos dele e os meus. (...) Eu sempre fui de ter o meu dinheiro, ter as minhas coisas. Eu sempre odiei a situação de ter que pedir dinheiro para marido, pedir dinheiro para o meu pai”*. Ela justificava o fato de ter abandonado uma carreira como empresária, que não lhe dava a necessária estabilidade, por uma carreira como distribuidora da Amway¹⁵, incentivada pelo marido. Seu projeto inclui o estabelecimento de um patamar de comissões de vendas que lhe

¹⁵ A Amway é uma rede internacional de vendas de produtos de limpeza, cosmética, alimentos e artefatos em geral feitas a domicílio, baseada na formação de redes de *marketing* que confunde-se com as redes sociais de seus vendedores. Cada um de seus vendedores é transformado em promotor de sua própria rede, na qual ele assume uma posição hierárquica que garante ganhos sobre as vendas, e o consumo de produtos, de outros participantes que foram incluídos sob sua indicação.

permita *“concretizar todos os seus sonhos”* (soube depois que este é um jargão que faz parte da estratégia de convencimento próprio da Amway), trabalhando só à noite, podendo dedicar-se aos cuidados com a filha (*“as babás é que acabavam ficando com os melhores momentos de minha filha”*) e com a casa: estão construindo uma casa num sítio de lazer, a meio caminho entre Porto Alegre e o trabalho do marido (*“assim ele vai poder sair mais tarde, almoçar em casa, ter um contato maior com a nossa filha”*).

As composições de fontes de renda de natureza diversa e as formas de inserção no mercado profissional evidenciam o recurso a fórmulas “seguras”, ou que possam contrabalançar as oscilações de mercado. Por outro lado, a generalização da profissionalização feminina e afirmações do tipo *“meu trabalho não é hobby!”*, faz supor que, no caso do universo recortado, o diploma não é utilizado apenas para conferir mais prestígio a pais e maridos, conforme descrito por Salém (1980) para grupos com projetos de ascensão social. Superados os patamares de pura necessidade e escassez enquanto classe social, há aqui uma adesão decisiva da mulher ao projeto de acumulação do casal, que se organiza estrategicamente para tanto. Este engajamento da mulher parece ser essencial, também em outras camadas sociais, à concretização dos projetos ascensionais do grupo, conforme descrito por Woortmann (1984), em estudo sobre classes trabalhadoras. Muitas mulheres dos grupos estudados almejam, através de aperfeiçoamentos profissionais, obterem posições profissionais financeiramente mais vantajosas. Atualmente, só duas das esposas parecem ter rendimentos iguais ou ligeiramente superiores aos do marido.

Os homens assumem, na sua maioria, papéis de provedores principais e, com isto, um maior comprometimento com o trabalho em espaços exteriores. Como conseqüência, há uma maior ausência masculina nos espaços domésticos e na criação dos filhos, e um comprometimento inverso por parte das mulheres. As ingerências masculinas na execução das rotinas diárias ocorrem em poucos casos, embora os homens tracem as grandes estratégias da vida em comum, estruturada em função de suas atividades profissionais. Todos os grandes deslocamentos do grupo doméstico, para outros Estados ou outros países, por exemplo, deu-se em função da atividade profissional do marido, embora a proximidade do local de

trabalho da mulher seja mais determinante para a localização da moradia, pois a execução das rotinas quotidianas fica a seu encargo.

No universo estudado, somente uma mulher classificou seu marido de “*participativo*”, característica que ela relacionava com um papel masculino “*moderno*”. Mas é evidente que há pais que mantêm uma ligação afetiva exteriorizada e psicologicamente elaborada com os filhos, um deles chegou a emocionar-se ao falar da proteção devida à filha menor. Outros se ocuparam dos filhos enquanto a mãe era entrevistada para este estudo, e encontrei, ainda, pais acompanhando os filhos pequenos e adolescentes na *pracinha da Encol*, em finais de semana. Isto aponta para um desempenho da paternidade que, necessariamente, não coincide com as atividades normais ou rotineiras. Seus contatos cotidianos com a dinâmica doméstica, e com os filhos, são menores que as mulheres, pois mantêm uma vida produtiva totalmente comprometida em espaços externos. O dia típico do homem começa antes que os filhos pequenos acordem; na hora do almoço muitos só “passarão” pela casa, pois os horários das aulas dos filhos são cedo da tarde, enquanto que ele chega mais tarde para almoçar. Muitos só almoçam em casa, mesmo, por exigência da mulher, que aparece como a principal fomentadora de uma configuração tradicional de família e da ritualização de alguns eventos cotidianos, como o almoço conjunto.

Apesar dos esforços de ambas as partes, parece que um núcleo mais conservador permanece. Ou, pelo menos, que há aspectos conflitantes e contraditórios em jogo. Esta foi minha impressão ao visitar uma das famílias pesquisadas, num sábado de manhã. A esposa tem rendimentos superiores ao rendimento médio das demais mulheres, e montou uma estrutura doméstica que lhe permite maior autonomia para a concretização de seu projeto de ascensão profissional, no que foi ajudada economicamente pelo marido. Quando cheguei, ela estava de pé, servindo a família, num café da manhã que pareceu ser mais ritualizado e demorado, já que as refeições durante a semana são sempre muito rápidas, algumas, inclusive, sem a presença do marido. Depois, durante a entrevista, por algum tempo, ela apontou os lápis do filho mais novo, preparando seu material de estudo para a semana seguinte. Ela me disse que, se pudesse, trabalharia só à tarde, para atender melhor a casa e aos filhos, mas

que tem de ceder às pressões do mercado de trabalho. Assim sendo, ela trabalha, ainda, em duas manhãs, dias em que os filhos também estão na escola além do período normal - eles estudam à tarde. Às sextas-feiras, ela encerra o turno de trabalho mais cedo em função de preparar o final de semana, mas, ainda, porque é o dia que vai ao colégio para falar com as professoras dos filhos, inteirar-se de seu desenvolvimento. Em outra ocasião ela revelou os rígidos parâmetros comportamentais da sua família de origem, dizendo ter escolhido um marido mais liberal, que respeita sua autonomia moral: *“Eu acho que, até em função da minha criação, eu escolhi marido que não se meta nas minhas roupas. Quem escolhe sou eu, quem veste sou eu. De vez em quando ele diz: ‘Ah, isto aí está transparente!’. E eu: ‘Está aparecendo o quê?’. ‘Ah, o soutien’. ‘Ah, mas é um soutien rendado, porque eu já comprei que é para aparecer mesmo!’. Ele até tenta dar palpite, mas não ‘cola’. (...) O meu pai era rigoroso. Uma coisa que eu tento é não ser rigorosa com os meus filhos. O (filho) cortou os cabelos: ‘Ah! Quero botar gel!’. Daí, comprei. O (marido) disse assim - ‘Ah, esse menino vai botar gel?’. E eu disse - ‘Qual é o problema? Deixa o ‘guri’ botar gel nos cabelos! Não é ‘bicha’ que usa gel, homem também’. Aquelas coisas que homem usava antigamente... Gumex! Aí, o (marido) não falou nada”*.

A pesquisada não só é uma mulher que trabalha e estuda, de forma “moderna”, como se responsabiliza integralmente pela organização doméstica e educação dos filhos, preservando uma diferença estatutária tradicional entre os integrantes do grupo doméstico. Aos fins-de-semana, ela obtém maior ajuda do marido, principalmente quando realiza cursos de aperfeiçoamento. Mas, de modo geral, estes são dias de lazer para todos, passados na casa de campo. A passagem de uma ordem mais tradicional com as configurações do que seria uma família moderna, exigida por uma ordem mais individualizante, manifestada mais concretamente no engajamento feminino no mercado de trabalho, e, principalmente, na sua capacidade de renda efetiva, pode vir a desestabilizar o desempenho dos papéis masculino e feminino no seio da família e estabelecer certa competição pela liderança em torno das estratégias de vida do grupo. No universo estudado, para obter certo equilíbrio apela-se para a manutenção de uma desigualdade hierárquica que dá preeminência ao papel tradicional do

homem como provedor principal, desigualdade esta aparentemente decorrente da etapa do ciclo familiar dedicado à criação de filhos, mas que está presente mesmo naqueles casais sem filhos. Em nome da harmonia familiar as áreas de competência de gênero são delimitadas de uma forma tradicional, mas algumas negociações entram em curso. Poderá ocorrer uma maior participação masculina, principalmente nos cuidados com os filhos pequenos, necessária desde que a capacidade produtiva feminina parece ser essencial aos projetos ascensionais do grupo.

3. O Bairro

Ao decidir iniciar este estudo pelos moradores do bairro Bela Vista, o fiz motivada pela imagem que assumiu, muito rapidamente, perante a cidade de Porto Alegre, como um bairro de elite, diferenciado pelo conforto e modernidade das edificações, onde tudo aparecia em superlativo, e cujos moradores pareciam investidos de grande prestígio social. Na construção desta imagem colaboraram as campanhas mercadológicas, as realizações da mídia, os pronunciamentos públicos de vozes autorizadas, as realizações arquitetônicas e urbanísticas; a ação social observável através das condutas e rituais que cercam as práticas sociais públicas de moradores e frequentadores; a organização do espaço, configurado dentro de uma cosmologia que inclui as imagens centro-alto-superior, como símbolos de classe, e, como verificado mais tarde, a cosmologia casa-cidade como a dualidade bairro domesticado, bonito, ordenado e harmonioso *versus* cidade caótica, feia, perigosa, heterogênea.

Um breve estudo comparativo realizado com dados do Censo Demográfico do IBGE, considerando outros bairros de Porto Alegre, indicou, efetivamente, o Bela Vista com dados diferenciados. Ele manteve uma das maiores taxas de crescimento de população relativa à década de 1980-1991, quase quatro vezes o crescimento médio da cidade toda no mesmo período. E existem outros diferenciais sociológicos, de visualização imediata: a boa expecta-

tiva de vida de seus habitantes, a alta escolaridade dos adultos, os altos rendimentos médios dos chefes de domicílio, bem como um alto índice de moradias próprias e empregados domésticos em tempo integral.¹⁶

3.1. Situação e configuração

O bairro Bela Vista pode ser situado como uma porção de terra compreendida entre os seguintes logradouros públicos: ruas Vicente da Fontoura/Cel. Bordini ao oeste, Av. Nilópolis e Av. Nilo Peçanha, ao sul e sudeste, Av. Carlos Gomes ao leste e a linha divisória de águas que faz limite com o bairro Mont'Serrat, correndo por uma linha quebrada formada por diversas ruas ao norte. Apresenta a configuração de uma vertente de morro, cuja parte mais baixa encontra-se ao sul. Em planta-baixa, o bairro assemelha-se à metade de um go-mo de laranja, cujo dorso é representado pelas Avenidas Nilópolis e Nilo Peçanha que formam o limite sul, na parte mais baixa. Exatamente na confluência destas avenidas está a praça Carlos Simão Arnt, mais conhecida como “*pracinha da Encol*”, nome da construtora que a reurbanizou. Para localização destes elementos e de outros que são nomeados no texto, ver figuras nº 1, 2 e 3, no final do capítulo, à página 55.

Esta porção de terra consiste em um “bolsão”¹⁷ que remanesceu desocupado, por muito tempo, no interior de um grande retângulo formado por ruas que foram, a seu tempo, vetores de ocupação urbana por seu papel de ligação inter-bairros. A Av. Nilo Peçanha liga o bairro diretamente ao Shopping Iguatemi, sendo uma avenida ampla, com porções alternadamente ocupadas por grandes equipamentos - posto de serviços, colégio, clube, terrenos vagos, centros comerciais térreos, casas unifamiliares de alto padrão e prédios residenciais.

¹⁶ Para maiores detalhes, ver o Anexo, onde é feito um estudo estatístico comparativo entre bairros de Porto Alegre.

¹⁷ “Bolsão”, na linguagem técnica do Urbanismo, pode denominar uma porção de terra remanescente e/ou protegida de ocupação urbana.

A Av. Protásio Alves é importante radial, bastante longa, que possui diversos segmentos, cada qual com uma característica, que vai mudando à medida que se passa da periferia para os bairros mais centrais. Ao longo dessa via localizam-se equipamentos e serviços urbanos e centros de comércio especializado, e suas porções mais afastadas foram recentemente duplicadas. A Av. Carlos Gomes recebeu uma ocupação característica de palacetes vistosos, geralmente localizados em terrenos amplos, com belos jardins. Aos poucos foram se substituindo algumas dessas residências por prédios de apartamentos e outros comerciais, luxuosos, e grande parte dos palacetes existentes ainda hoje abrigam bancos e casas de negócios e comércio sofisticado, e restaurantes. A rua Cel. Lucas de Oliveira é uma ligação direta entre bairros cujas demais ligações são tortuosas, devido ao relevo acentuado da região. Apresenta uma ocupação diversificada e uma área mais “elegante”, em suas porções mais altas, mas não recebe linhas de ônibus por apresentar grande inclinação na porção entre a rua Passo da Pátria e Casemiro de Abreu.

A parte mais interna ao bairro Bela Vista consistiu em grande parte de terrenos da empresa Schilling-Kuss, grande proprietária de terras urbanas em Porto Alegre até 1981, quando foi liquidada e comprada pela empresa Condor S. A. ¹⁸. Os primeiros terrenos começaram a ser vendidos há aproximadamente trinta anos e a maior parte das construções localizava-se nas “bordas” do bairro. Ou seja, em áreas contíguas à ocupação urbana. O terreno do “miolo” do bairro permaneceu vazio, aguardando por sua valorização no mercado, sendo utilizado por atividades que lhe emprestavam um caráter rural, como criação de vacas de leite. Durante os anos 70, esta área foi loteada e seus terrenos lançados no mercado imobiliário. Nesta fase a ocupação ocorreu lentamente por cerca de dez anos, mais ou menos, acelerando-se na década de 80. Hoje existem muito poucos terrenos desocupados; o ritmo de substituição de construções antigas por novas também diminuiu consideravelmente.

¹⁸ A empresa Condor Empreendimentos Imobiliários S. A., que faz parte de um conglomerado que atua na indústria de aço, de ferro, de maquinaria agrícola e projetos florestais, agrícolas e de pecuária, tornou-se, assim, o (continua na próxima página)...

Geograficamente, o bairro está localizado quase equidistante de todos os extremos da ocupação urbana da cidade, tornando os deslocamentos em qualquer direção equivalentes, o que foi citado por vários pesquisados como uma das suas grandes vantagens. Um deles me chamou a atenção para o fato de que até o Aeroporto, que em qualquer grande cidade é de demorado acesso, fica cerca de 15 minutos com o trânsito normal. Outro equipamento urbano cuja lembrança está sempre presente é o Shopping Center Iguatemi, ligado ao bairro por um trajeto de alguns minutos por automóvel.

A fórmula de uma boa inserção do indivíduo no microcosmo urbano, segundo Leroi-Gourhan (1965), seria a disposição que colocasse o refúgio autônomo de cada grupo doméstico no centro de um território pessoal, localizado espaço-temporalmente próximo dos locais produtivos, ou de abastecimento. Os sistemas de circulação, transporte e comunicação formam as redes que vão configurar o universo acessível. Em nosso sistema produtivo, uma disposição tão ideal está ao alcance de poucos privilegiados, como podem se sentir privilegiados os moradores do bairro Bela Vista. Os espaços de consumo, concentrados em áreas bem definidas, do tipo supermercado e centros comerciais com áreas de estacionamento anexas, lhe fornecem uma feição de autonomia, conveniente ao estilo de vida próprio de uma camada populacional intensamente integrado em um molde produtivo que não lhe permite “perda de tempo” ao realizar suas necessidades de consumo. Por outro lado, se esta é uma modalidade de consumo diretamente ligada aos estilos de vida modernos, a alusão à localização do aeroporto estabelece uma metáfora acerca da orientação de um estilo de vida que se define em relação a espaços e estilos de vida internacionalizados, como será visto no decorrer deste estudo.

Se a localização relativa ao restante da cidade, e porque não dizer, relativa ao Mundo, é assim privilegiada, o acesso local não é tão simples. As avenidas Nilo Peçanha e Nilópolis ainda não foram totalmente construídas conforme o plano original, portanto a ligação Leste-Oeste não foi plenamente concretizada. A única ligação direta e sem barreiras é, de

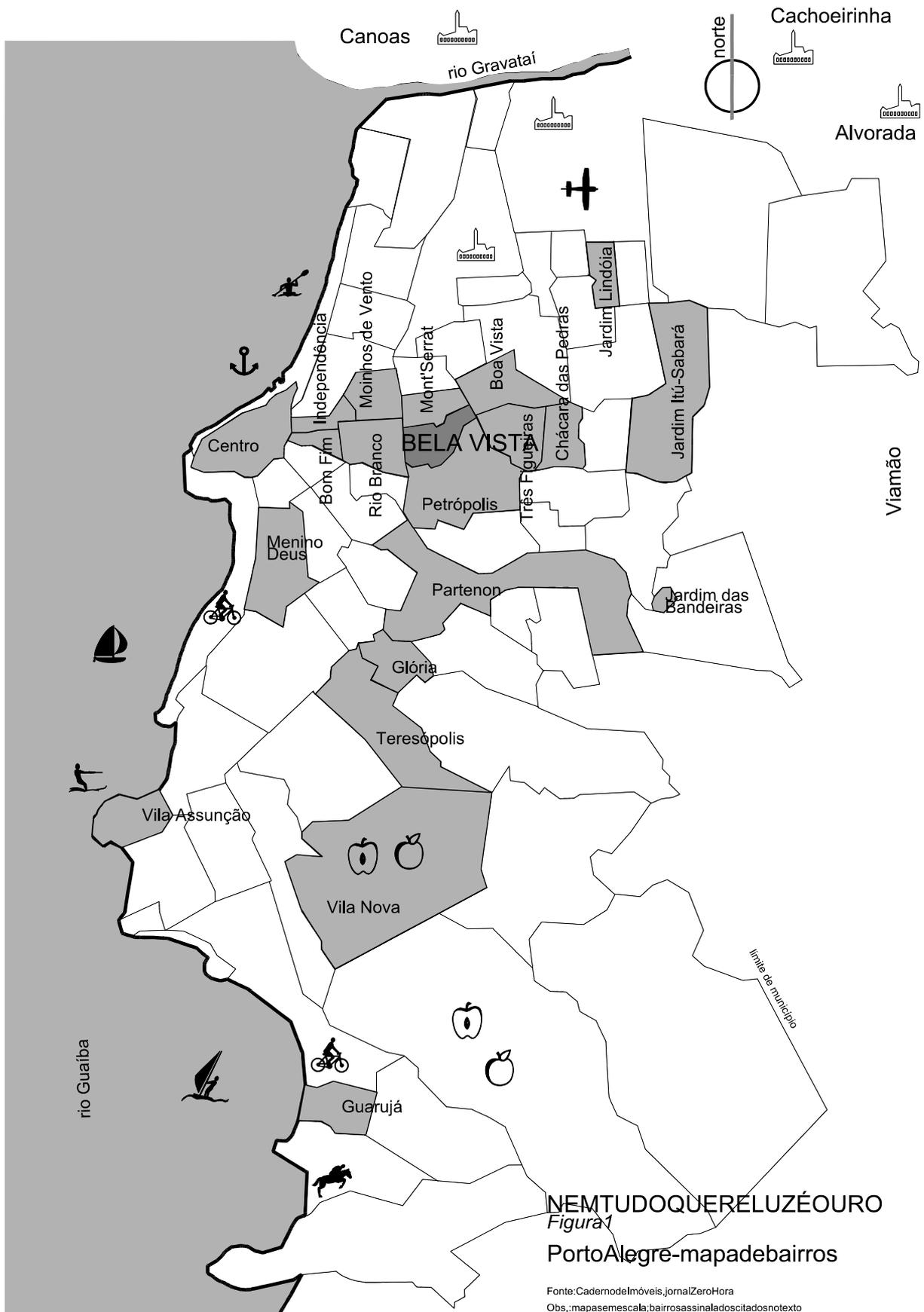
maior proprietário de terras urbanas, em Porto Alegre, onde 0,69% dos proprietários de terras (os 100 maiores) (continua na próxima página)...

fato, com o Shopping Center Iguatemi. A ligação Norte-Sul, feita pelas ruas Carlos Trein e Carazinho, é interrompida junto às avenidas 24 de Outubro e Protásio Alves, estruturais ao sistema de circulação viária da cidade de Porto Alegre. O fato de estar localizado numa região em aclive, faz com que o traçado de maioria das vias seja sinuoso, acompanhando a modelagem do terreno. Por um lado, isto torna o desnível mais facilmente superável, por outro, é necessário familiaridade com o local para um deslocamento melhor orientado. Existem ruas mais movimentadas onde o relevo é mais suave, cujo traçado favorece o fluxo desimpedido de veículos. Há outras, com trânsito exclusivamente local, transversais de ruas principais ou secundárias. Este último efeito é tido como altamente desejável por muitos entrevistados, porque não gera movimento/barulho, tornando a rua mais exclusiva. Ou seja, uma rua com ambiente mais controlável aparece como mediadora entre espaço privado e espaço público. Várias dessas ruas foram apropriadas por seus moradores como privadas de fato: praticamente todo o bairro está coberto por um sistema privado de segurança (como muitos outros locais da cidade), que reúne duas ou três quadras cada, às vezes com instalação de guaritas em pontos estratégicos.

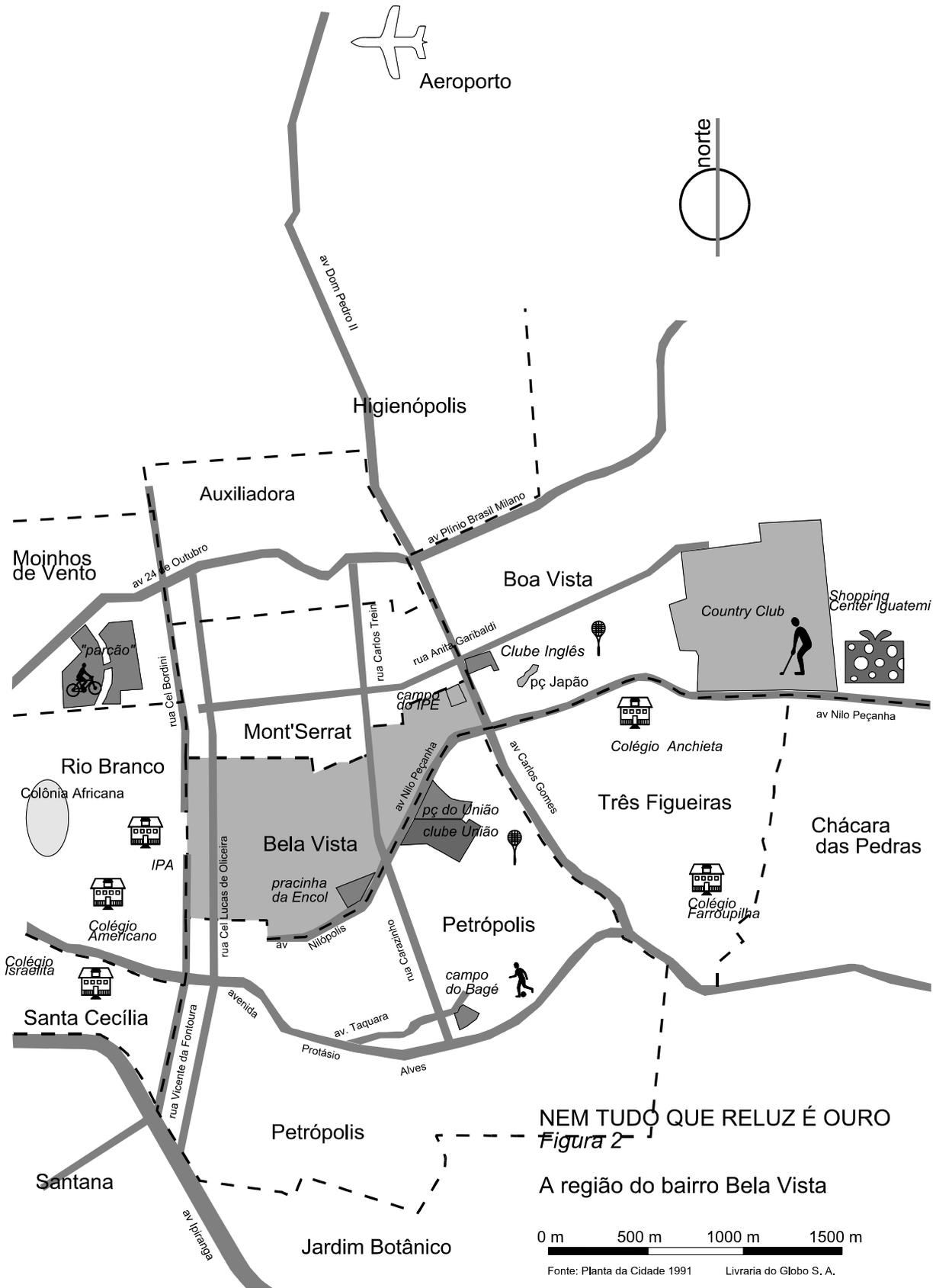
Há, também, percursos que são absolutamente necessárias para o acesso do bairro, que percorrem ruas sem estrutura e sem desenho para suportar volume de trânsito, tornando o ir e vir, às vezes, penoso e demorado. Por isto um jovem empresário com negócios em quatro municípios da Grande Porto Alegre, que lhe exigem constantes deslocamentos de carro, revelou que desistiu há oito ou dez anos atrás de ir morar ali. Recentemente foi implantada uma rótula no cruzamento das ruas Carazinho/Carlos Trein Filho e avenidas Nilo Peçanha/Nilópolis, para tentar dar conta do grande movimento em determinados horários, e evitar os constantes acidentes no local.

De maneira geral, portanto, a natureza das ligações viárias dota o bairro de características de espaço interno, de fruição local, que favorecem a apropriação de alguns locais públicos como privados de fato. Também a estrutura de abastecimento e transporte variam

bastante, favorecendo diversamente as diferentes porções deste território, de acordo com o relevo e distância às vias principais. Pode-se considerar que as moradias localizadas próximas à avenida Nilópolis são as mais bem atendidas, nestes termos.



lido.

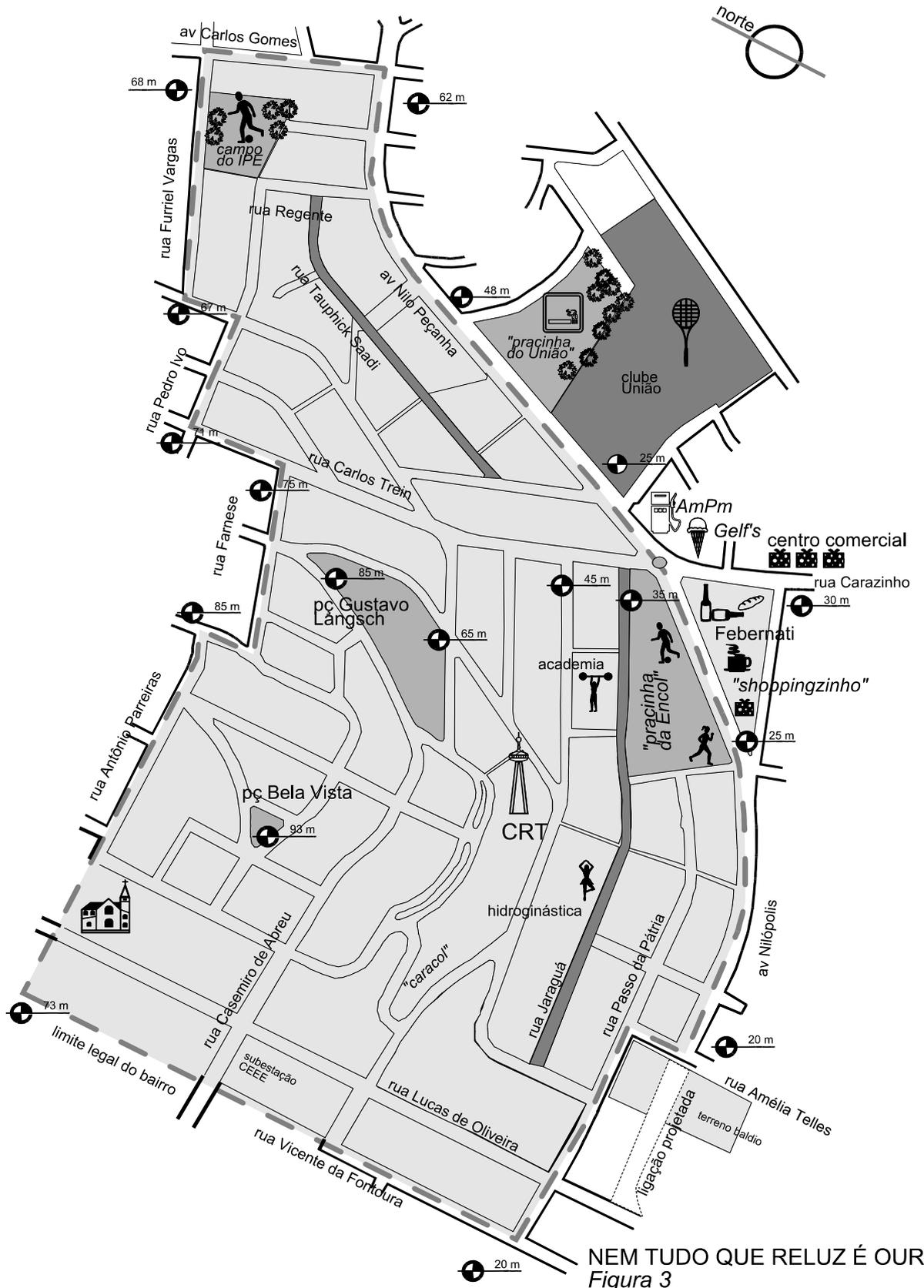


NEM TUDO QUE RELUZ É OURO
Figura 2

A região do bairro Bela Vista

0 m 500 m 1000 m 1500 m

Fonte: Planta da Cidade 1991 Livraria do Globo S. A.



NEM TUDO QUE RELUZ É OURO
Figura 3

Planta do bairro Bela Vista

0 m 100 m 200 m
Fonte: mapa cadastral da cidade de
Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Capítulo II. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1. Antropologia na Cidade

No estudo das chamadas “sociedades complexas”, a opção pela Antropologia *na* cidade reconhece a fragmentação social e os processos dinâmicos que se desenvolvem no espaço urbano, sem comprometer-se, de maneira imediata, com a construção de modelos globalizantes. Isto não quer dizer que os processos mais gerais em curso, supra e infra-estruturais, não venham a ser considerados, mas sim, que estes processos são experimentados em múltiplas esferas de significação e de práticas ao nível da vida quotidiana. Este reconhecimento tem conseqüências teóricas importantes, das quais destaco duas.

A primeira diz respeito ao conceito de Cultura, que vai expressar os modos cotidianos de viver de determinada comunidade ou grupo, modos de reproduzir-se e relacionar-se uns com os outros, sem, no entanto, desconsiderar que estes modos podem ser mais, ou menos, referidos a paradigmas. Ou seja, que pode reportar-se a uma Alta Cultura ou a estilos, bens e produtos culturais legitimados socialmente. A cultura quotidiana pode ser vivida de modo menos consciente ou mais contingencial, mas considerando a existência de paradigmas podem ocorrer interpenetrações e englobamentos, até a estilização total e consciente

dos ritmos, práticas e ações apenas necessárias - tanto maior quanto melhor a posição no grupo hierárquico de prestígio social.

A segunda diz respeito aos modos de construir o objeto. Os estudos de Antropologia realizados em contexto urbano podem dedicar-se aos estudos de comunidades ou grupos auto referenciados. Considerando, porém, que as principais diferenças internas de uma sociedade qualquer dizem respeito às trajetórias e experiências específicas dos indivíduos, o objeto pode ser constituído a partir destas descontinuidades e não mais de redes sociais contínuas e contíguas. Ou seja, pode haver maior ingerência *etic* na realização de recortes específicos de segmentos sociais.

2. Grupos Sociais de Prestígio

O modo de produção capitalista, característico da sociedade ocidental, reorganizou sociedades no que se convencionou chamar de “sociedades de classes”, enquanto o modo de produção capitalista de molde moderno, processo supra-estrutural caracterizado pela expansão da produção de mercadorias e pela internacionalização dos mercados, pela expansão tecnológica de transportes e comunicação, produziu a chamada cultura de consumo. Num primeiro momento, as teorias da cultura de consumo consideravam a possibilidade de uma homogeneização cultural a nível global, que eliminaria peculiaridades locais, moldando todas as sociedades segundo a mesma estrutura produtiva¹⁹. O comportamento revelado pelas pesquisas empíricas, porém, aponta em outras direções: as expressões “sociedade de classes” e “classe social” devem ser relativizadas à luz dos processos que Giddens (1975) chamou de infra-estruturais. Ou seja, países diferentes, de diferentes inserções no sistema

¹⁹ Featherstone (1995) recupera as principais correntes teóricas que procuram estabelecer perspectivas de análise social, a partir do modo de produção capitalista moderno.

econômico e produtivo mundial, estruturam-se socialmente de modos, também, diferentes. Se considerarmos, além disso, contextos nacionais de acentuada desigualdade, multiplicamos as dificuldades encontradas em tentar fixar um modelo estrutural de classes sociais perfeitamente delineadas e denominadas. Chombart de Lauwe diz, por outro lado, que as novas sociedades urbanas são constituídas de “conjuntos de homens, de grandes dimensões, cujos limites e estruturas são mal determinados” e que “as *categorias sócio-profissionais* e as *faixas do nível de vida* estão à base do aparecimento de ‘estratos sociais’ e de classes sociais” (1967:127, destaques dele), definidas por escalas de prestígio.

No caso brasileiro, ocorre a integração desigual de porções do território nacional aos ritmos produtivos mundiais e, mesmo nas porções mais integradas, ocorrem diferentes graus de inserção de parcelas populacionais. Este fator é apontado por Miceli (1972) como responsável pela presença de populações que vivem simultaneamente diferentes realidades produtivas e, também, para um quadro de extrema mobilidade populacional e social, característica dos países de capitalismo tardio. Esta mobilidade populacional provocou no país, a partir dos anos 60, uma urbanização acelerada e, entre os anos 60 e 80, um aumento dos setores médios da população, dedicada ao setor de serviços - pessoais, técnicos, de comunicação, de lazer, de transportes - então ampliado pelos investimentos estratégicos de modernização e pelo próprio crescimento da população e do mercado urbano. Para Sahlins (1979), o contexto de abundância confere maiores possibilidades simbólicas - ou seja, a estrita satisfação das necessidades dá lugar à escolha e ao investimento de recursos consideráveis em supérfluos que concentram significados a respeito do poderio e da condição social daquele que o possui ou porta. Segundo Bourdieu (1979a), estes novos estratos populacionais seriam os mais suscetíveis ao estilo de vida das classes altas e da burguesia internacional, e de seus mercados materiais e simbólicos com que mantêm contato quase inevitável - cujos elementos são imitados ou consumidos como símbolos da situação social alcançada. Por isto, e ao mesmo tempo, o surgimento de sentimentos de classe pode ficar diluído entre a recusa da situação anterior e a atração por modos de vida julgados superiores.

Um complicador extra para a definição de classe social seria justamente este quadro de grande mobilidade, capaz de localizar indivíduos de diferentes trajetórias em situações aparentemente homogêneas. Para evitar estas dificuldades e evitar privilegiar um eixo de análise puramente econômico, que definiria classe social a partir das condições objetivas de existência, retomam-se as proposições de Bourdieu (1974) de melhor caracterizar uma classe social por suas relações simbólicas com as demais. Estas relações simbólicas transmudam as diferenças de posição (diacrônicas) e situação (sincrônicas) em distinções significativas. Neste sentido, podem-se apontar grupos de *status*, ou os conjuntos de indivíduos definidos por certa situação na hierarquia de prestígio, como porções populacionais socialmente significativas.

A situação de mercado, ou renda, fornece opções de expansão individual e estilos de vida aos indivíduos e grupos, não sendo, porém, o elemento determinante destas opções. Estes grupos podem ser mapeados na cartografia simbólica de uma determinada sociedade, ao mesmo tempo em que se podem apreender os processos estruturais maiores em curso. As diferenças internas de um grupo sincronicamente na mesma situação, identificados desde o “exterior” como uma classe social, podem ser mais bem traçadas pelos projetos de vida que acompanham cada trajetória. Ou seja, um critério útil a introduzir seria a noção diacrônica de “fração de classe social”, um conceito emitido por Giddens (1975), considerada pelo estabelecimento de “famílias de trajetórias”, conforme sugestão de G. Velho (1975). Para as classes sociais emergentes, a preocupação e investimentos na aquisição, conservação e manutenção de capital cultural e simbólico, segundo Bourdieu (1979a), seriam os principais aferidores da diferenciação entre estas frações, capazes de informar sobre as rupturas mais significativas.

3. Processos de Socialização e Individualidade

Socialização pode ser definida como todas as ações e práticas que tenham por objetivo a integração de um indivíduo em uma organização social, e, sendo assim, como o processo mesmo de constituição do social, segundo Berthelot (1985). Este processo se dá em vários níveis e supõe a dualidade fictícia entre o indivíduo biológico e o organismo supra-social, que pode ser recolocada em termos de natureza *versus* cultura, não social *versus* social, privado *versus* coletivo, personalidade *versus* cultura. Isto é, supõe processos dinâmicos que recolocam, geração após geração, cada indivíduo em sua sociedade, recriando-o como pessoa, como ser coletivo, inscrevendo-o em laços, em redes de significado, em práticas que asseguram a continuidade social. Segundo Leroi-Gourhan (1985), desde o nascimento, o indivíduo é integrado, progressivamente, a um universo acessível por vetores como os ritmos cotidianos, a partição abstrata do tempo, a habilitação motora e intelectual, baseados em códigos culturais que o fazem compartilhar ritmos e significados. Sua inserção será tanto maior, ou seja, seu universo acessível expande-se e o torna tanto mais socializado à medida que este código integrativo amplia-se, fazendo possível com que ele possa compartilhar das mesmas experiências, sincronicamente, com outros indivíduos distantes social e espacialmente.

Pode-se dizer que no quadro urbano brasileiro estão presentes ordens simbólicas diferentes, relacionadas à passagem de uma ordem tradicional para uma mais individualizante. A ordem tradicional estaria mais ligada à socialização primária, ou doméstica, levada a efeito no âmbito da família e das relações pessoais e informais, na qual as sociabilidades fundam-se em laços de reciprocidade e obrigações mútuas, isto é, estabelecem laços morais entre indivíduos, e em necessárias operações sociais. A ordem individualizante estaria mais

ligada aos processos da socialização secundária, realizada em espaços “exteriores”, em relações impessoais e de caráter generalizante e igualitário, abrindo perspectivas de adesão individual a outros sistemas de significado, nas quais as sociabilidades sofrem uma progressiva liberação das operações sociais, via moderno sistema de transporte e comunicações²⁰.

Estes fenômenos foram amplamente analisados por G. Velho (1981 e outros), Nicolaci-da-Costa (1985), Berger *et* Luckmann (1973), Lins-de-Barros (1987), entre outros. Mas a transição entre estas duas ordens não se realiza em definitivo: holismo e individualismo aparecem como ordens simbólicas alternativas, complementares ou contraditórias. Na trajetória individual, ou do indivíduo-coletivo da família, o movimento é pendular. O movimento ascensional é marcado por rupturas individualizantes e, com bastante frequência, por sucessivos restabelecimentos de laços, que concilia indivíduos sujeitos-morais em diferentes estágios²¹. Na sociedade complexa contemporânea, o mapa social estaria sendo constantemente redesenhado de acordo com as negociações em curso.

A ascensão, nos termos deste estudo, é definida como a ampliação do universo acessível de um indivíduo desde os termos de sua socialização primária, universo a que ele tem acesso por um processo de sucessivas integrações. Através dos processos de socialização, o indivíduo internaliza disposições, ou sistemas de significados que serão seu guia no mundo que o cerca. Como bem lembra Nicolaci-da-Costa (1985), a socialização primária não só o insere no seu presente social, mas cria representações sobre sua futura inserção, dentro das alternativas existentes. Ou seja, através da socialização primária são internalizados projetos de vida, que são os projetos familiares ou de classe social.

À medida que o sujeito empírico experiencia sua própria vida, vai assumindo e desempenhando os papéis que lhe estão disponíveis, desde os de cunho mais pessoal, até os

²⁰ Como bem me assinalou a Profa Ana Luiza Rocha, e que não deixa de ser revelado no decorrer desta dissertação, este modelo dicotômico raramente é encontrado na prática. A própria família prepara o desempenho futuro do indivíduo, ou seja, nem só de paradigmas hierarquizantes é constituída a socialização primária, nem só de paradigmas individualizantes é constituída a socialização secundária. As estratégias individuais já estão embutidas no projeto de ascensão familiar.

²¹ O indivíduo sujeito-moral seria “socialmente responsável por suas atitudes e comportamentos”, conforme Coutinho (1985:65). A autora recapitula, aí, as diversas noções de subjetividade na concepção de “sujeito”.

mais públicos, correspondentes ao exercício de uma função na estrutura social mais geral. Os vetores de ascensão podem ser, portanto, mais “inerciais”, correspondendo a prescrições culturais que, internalizadas pelo indivíduo, o fazem percorrer um caminho já conhecido. Ou seja, como diz ainda a autora, percorrer trajetórias sociais intrínsecas à situação em que foi socializado. Neste sentido, ocorre uma ascensão ou deslocamento estatutário dentro do grupo social original, as rupturas se dando na passagem de um papel para outro dentro de uma ordem hierárquica, segundo as expectativas do projeto coletivo, que é, porém, realizado individualmente.

Outros vetores introduzem rupturas maiores, que são rupturas culturais na medida em que o universo acessível se amplia para fora do grupo social de origem, através de processos de socialização secundária. Ocorre a integração do indivíduo em outros setores sociais, ampliando sua margem de opção e, às vezes, obrigando-o a uma escolha entre sistemas simbólicos conflitantes. Ou seja, o indivíduo pode vir a ser socializado por sistemas de significados conflitantes, gerando o que Nicolaci-da-Costa chamou de “descontinuidades socializatórias” entre sistemas internalizados em diferentes momentos da vida. Mas isto não quer dizer que o conflito resultante seja superado pelo englobamento de uma ordem pela outra: G. Velho (1985) postula pela coexistência de códigos, que podem ser acionados seletivamente, à medida que o indivíduo passa de um domínio para o outro.

O estabelecimento de uma trajetória individual, porém, nem sempre significa descontinuidade dos projetos familiares e de classe social. O deslocamento significa, quase sempre, descolamento de bases sociais específicas, fato que tensiona as relações instituídas através das redes originais. Mas estas tensões, que podem evoluir até o conflito aberto, podem ser constitucionais: disposições internalizadas podem atuar justamente no impulso para o rompimento das ordens tradicionais, como sublinha Salém (1980). Projetos de ascensão social, que rompem sociabilidades e grupos sociais, muitas vezes portam esta ambigüidade. Os vetores principais das rupturas dizem respeito, principalmente, aos deslocamentos geográficos, a aquisições culturais e intelectuais, ao crescimento e acumulação dos ganhos financeiros.

Se para Schutz (1981) o projeto seria uma escolha consciente, através das opções objetivamente disponíveis, para Firth (1974) ele constitui no que atribui forma à sociedade: “para que qualquer sociedade funcione (...) seus membros devem ter alguma idéia do que esperar. Sem um padrão qualquer de expectativas e um esquema de idéias sobre o que pensam que os outros deveriam fazer, os membros de uma sociedade não poderiam organizar suas vidas” (: 47-48). Ou seja, os projetos individuais estão ligados aos projetos dos contemporâneos. Mas, ainda segundo Firth, não se pode pensar que o comportamento dos indivíduos “é apenas um reflexo de modelos que são socialmente determinados” (: 48). Na realização de projetos existem escolhas conscientes e inconscientes, que irão introduzir o conceito de mudança social. Seria importante determinar os padrões pelos quais os indivíduos pontuam suas trajetórias, ou os elementos de continuidade social - os “guias seguros” de que fala o autor, fornecidos pela estrutura social, “através de seu sistema familiar e de parentesco, das relações de classe, da distribuição ocupacional” (: 56). Mas seria igualmente importante considerar a participação destes na geração de mudanças que, por sua vez, podem alterar elementos sistemáticos das relações sociais, já no campo da organização social.

4. Sociabilidade

Sociabilidade ou sociação, segundo Simmel (1939), pode ser entendida como o conjunto de todos os processos de interação social na vida quotidiana, tudo o que origina ação recíproca ou formas de cooperação. Ou seja, o conjunto de todos os processos de relação que asseguram, mantêm e atualizam os termos da socialização. Esta interação se dá de vários modos, de acordo com o afastamento entre os sujeitos, desde situações de intersubjetividade até situações de interação mais “remotas”, conforme demonstrado por Berger *et* Luckmann (1985) e Goffman (1985). Por outro lado, os códigos integrativos, ou os sistemas

de significados assimilados durante os processos de socialização, fornecem todo um sistema de referências que, além de possibilitar as relações de identificação individual, instrumentalizam para o manejo de cada situação, podendo obedecer a esquemas mais, ou menos, tipificadores, a medida deste afastamento entre os sujeitos. Ou seja, a sociabilidade assume diferentes formas, de acordo com a distância social e de acordo com os diferentes sistemas simbólicos dos indivíduos e grupos. Para Geertz (1989), estes códigos integrativos, ou seja, simbólicos, constituem no que se pode conceituar mais adequadamente de Cultura.

A adesão mais, ou menos, consciente dos indivíduos a um determinado sistema de significados, ou um padrão de senso comum, vai determinar os modos estandardizados pelos quais serão vividas as realidades quotidianas, definindo grupos que irão se expressar em estilos de vida diferentes. Este sistema estandardizado culturalmente ligado aos afetos, instintos e emoções dos indivíduos é o chamado *ethos*, e está intimamente ligado à padronização dos aspectos cognitivos/lógicos da personalidade dos indivíduos, ou o *eidos*, ambos internalizados através processos de socialização. Segundo G. Velho (1975), sistemas de significados ou classificação implicam em mapas de orientação através dos quais indivíduos e pessoas se situam no mundo, estabelecem suas estratégias, traçam seus objetivos e se organizam em geral, de uma maneira lógica e afetiva.

A cultura do grupo pode ser depreendida através de todos os hábitos e ações quotidianas necessárias à sua reprodução física, à sua integração no sistema produtivo e organização social, à sua identidade enquanto indivíduos pertencentes a uma determinada camada populacional ou fração de classe. Fatos fundamentais da vida, como morar, o lidar com o corpo, o alimentar-se, o reproduzir-se, ou as ações especificamente relacionais como deslocar-se espacialmente, trabalhar, comunicar-se, divertir-se ou descansar, enfim, as maneiras de referir-se a si mesmo, relacionar-se com outras pessoas e com o *habitat*, podem sofrer uma penetração estilística profunda à medida que o indivíduo sobe na escala de honra e prestígio social. Ou seja, estes aspectos até certo ponto rotineiros podem adquirir uma maior carga simbólica no momento que a simples necessidade vital desaparece sob o signo da a-

bundância e da possibilidade de opção. O estilo de vida demarca diferenças com relação a outros grupos, mas, principalmente, cria laços com os iguais, assegura a coesão do grupo, estabelece elementos simbólicos de integração pelos quais os iguais podem se reconhecer - e serem reconhecidos pelos outros - e é um elemento essencial à sociabilidade.

Pertencer a uma camada populacional que empreende um movimento ascendente parece multiplicar a necessidade de emitir sinais diacríticos suficientes para ser posicionado socialmente de forma imediata, identificando-se com a situação desejada ou alcançada, conforme enfatizado por Bourdieu (1979a). Considerando contextos de capitalismo tardio, como o nosso, nos quais ocorre a preeminência cada vez maior da cultura de consumo, o sistema de referências interindividuais comporta signos-mercadorias manipulados ativamente, o que torna complexo o problema da leitura do *status* e da posição do portador - o que, segundo Sennet (1988), já acontecia em contextos de população urbana ampliada por migrações externas, como a Paris ou Londres do século VIII. Naquele momento, os estatutos convencionados sobre as vestimentas adequadas a cada categoria social podiam, perfeitamente, prestar-se à mistificação na rua, domínio de uma população anônima.

Parece, portanto, não bastar o porte de mercadorias e possuir bens, ou ampliar o conjunto total dos bens consumidos, para inscrever-se de fato em uma classe considerada superior. Além da constituição de novas redes relacionais e a adoção de hábitos de sociabilidade característicos ao grupo, o próprio consumo sofre os ajustes necessários. O consumo dá-se de formas socialmente estruturadas, ou segundo uma determinada “lógica de consumo” (v. Featherstone, 1995), que supõe a aquisição de competências e habilidades para julgar o quê consumir e de que modo consumir. O chamado *savoir-vivre* e, ainda, a cultura erudita, definem os códigos superiores pelos quais são traçadas as novas orientações. São, portanto, os investimentos realizados na aquisição de informação e capital cultural que vão definir as principais diferenças, expressas nos padrões de gosto e consumo. E este parece ser o principal argumento de algumas frações de classe que reivindicam a antigüidade ou a legitimidade da situação: de que estas populações emergentes, chamadas pejorativamente de

“novos-ricos”, podem ter condições materiais de acesso aos bens de prestígio, mas não têm “cultura” ou *savoir-vivre* para usufruí-los de modo adequado. Isto desperta duas reações possíveis daqueles que se julgam detentores desta cultura “legítima”, seja emanada por uma elite social ou intelectual: por um lado popularizam-se os agentes de intermediação cultural, objetivando a socialização destes novos membros; por outro, controla-se a informação, de maneira a preservar as diferenças “naturais”. Qualquer uma das formas tende a reproduzir as relações objetivas de classe, transmutando-as em diferenças simbólicas e assegurando, assim, a ascendência de umas sobre as outras.

Por parte destes “novos-ricos” também são possíveis duas reações. Uma, a atitude que Bourdieu (1979a) diz ser característica da pequena burguesia em ascensão, que chamaria de “boa vontade cultural”, disposta a aprender e a guiar-se pelos cânones, o que preserva as relações de classe vigentes. Estas “novas classes médias” já foram chamadas, também, de “intermediárias culturais”, pela preocupação em disseminar massivamente a Alta Cultura e os padrões do gosto legítimo. Por outro lado, podem ocorrer processos de reconstituição da hierarquia simbólica a favor desses “novos-ricos”, que desenvolvem estilos de vida próprios, entrando na disputa pelo controle dos signos, assim como outros grupos sociais em outras situações integrativas. Segundo vários autores (ver Featherstone, 1995), este parece ser um processo generalizado em curso no meio ocidental, decorrente da democratização da informação, via expansão dos meios de comunicação, que apontam para uma tendência à desmonopolização do conhecimento e ao desenvolvimento de múltiplos centros de gosto cultural.

5. Sociabilidade, Espaços e Fronteiras

O espaço modificado, ou humanizado, suporte, objeto e fruto da ação humana, pode ser entendido como um produto global, não podendo ser reduzido a uma ação específica. As práticas econômicas, políticas ou cultural-ideológicas lhe atribuem valor de troca e uso, poder através das regras que legitimam a propriedade, significados através das práticas culturais que modelam as formas espaciais, conforme demonstrado por Barrios (1979). Esta autora enfatiza, ainda, que não se podem considerar somente os interesses dos grupos dominantes na construção deste espaço: todos os demais grupos tratam de intervir, na medida de suas possibilidades, de modo que o espaço modificado surge como produto intencional e não intencional de uma ordem estabelecida, e reproduz, materialmente, dada organização social. O espaço modificado pode ser cartografado segundo as diretrizes fundamentais que regem a dinâmica social, ou suas condições objetivas, que consideram as relações sociais intermediadas por coisas materiais. O nexó aí residiria na adequação das transformações espaciais tendo em vista os interesses da produção (ou seja, dos grupos dominantes) e dos recursos tecnológicos empregados, e seriam consideradas em razão de sua funcionalidade. Mas todas as sociedades se organizam, também, em torno de repertórios subjetivos comuns, de conjuntos simbólicos de representações, valores, modelos, interesses, aspirações, crenças e/ou mitos. A cartografia espacial poderá, então, ser traçada segundo uma outra matriz, a dos significados simbólicos atribuídos, num processo que denega as condições de produção objetivas.

Ao falar sobre espaço, segundo a mesma autora, não se pode deixar de considerar um outro aspecto que lhe está profundamente ligado: a questão da propriedade, que define a legitimidade das ações empreendidas pelo Estado, por grupos sociais ou indivíduos. A legitimidade é dada, por um lado, pelo regime de propriedade conforme ordenado juridicamente, que define competências e as formas de apropriação, privadas, públicas ou coletivas. Por outro, a legitimidade é alcançada pelas demais práticas culturais e ideológicas, formuladas explicitamente ou não, capazes de se inserir no conjunto simbólico compartilhado.

No mundo ocidental, a separação dos espaços urbanos é uma construção histórica, assim como a especialização dos espaços domésticos e, dentro deste, a especificidade dos papéis familiares, conforme demonstrado por Ariès *et* Duby (1992). Esta separação revelaria uma tendência de base racionalista, decorrente da expansão industrial que, a partir do século passado, cada vez mais promove um modelo de Modernidade organizado em função da Eficácia. Este conceito, profundamente arraigado no sistema produtivo moderno, reúne dois significados simultâneos - a eficiência, ligada à rapidez dos processos, e a efetividade, ou seja, a realização dos objetivos - e supõe o planejamento para ser atingida. Os principais processos sociais em curso desde então estão ligados à socialização do trabalho e das funções tradicionais da família, e à ascensão de novas camadas populacionais urbanas, o que vai deixar marcas na morfologia urbana, na organização do espaço doméstico, nas formas de sociabilidade e socialização.

A definição social de espaço público e privado, para alguns autores, decorre de uma primeira diferenciação efetiva entre espaço interior e espaço exterior surgida em tempos imemoriais - o interior entendido como abrigo a um meio ambiente eventualmente hostil - conforme a recuperação conceitual efetuada por Coelho Netto (1979). Desde então, estes espaços vêm sendo associados a diferentes significados, gerando pares associativos de termos complementares entre si, e têm diferentes imbricações, de acordo com o contexto natural, social, cultural e político. Espaço público e privado podem ser associados de maneira mais imediata ao regime de propriedade, introduzindo o sentido da propriedade coletiva ou o espaço comum, o quê, por sua vez, remete a uma outra oposição: a dos sentimentos associados à singularidade do Eu (o *Self*) e à identificação com o Outro (o *On*)²². Espaço privado seria o *locus* privilegiado do individualismo, da auto regulamentação, das relações seletivas e informais, isto é, o espaço controlável pelo indivíduo. O espaço público recoloca o indivíduo no organismo supra-social, dos papéis e poderes preestabelecidos, das relações sociais compulsórias e formais, em seus espaços institucionalizados, e sob o controle (ou o des-

controle) do Estado. Entre o público e o privado é preciso considerar um espaço de transição, o do cotidiano, que, definido desde uma ótica privada e sem ser totalmente público, regula as relações sociais inevitáveis e/ou imprevisíveis através de códigos de senso comum, e que já comporta certa representação, uma imagem pública apresentável do indivíduo. Este espaço transicional é sublinhado por Prost (1992) como a articulação necessária que dá nexos e confere a noção de totalidade aos espaços experienciados quotidianamente. Ainda segundo Coelho Netto, as diferenciações entre espaços públicos e privados podem ser enriquecidas pela constatação de diferentes atributos espaciais e relacionais a eles associados. Os espaços serão experienciados de diversas maneiras caso sejam, por exemplo, abertos ou fechados, construídos ou não, de morfologia geométrica ou orgânica e, ainda, das relações propriamente funcionais, de organizações espaciais de tipo sócio-centrípetas ou sócio-fugantes, sob o controle de uma instituição reconhecível ou como espaços anônimos.

Em síntese, o espaço adequado será aquele que proporcionar uma base física compatível com a funcionalidade requerida, utilize a tecnologia disponível, permita as sociabilidades possíveis e corresponda ao código simbólico cultural. Mas estas não pretendem ser regras de projeto que garantam o resultado final: não se pode esquecer que o espaço está aqui definido como um produto global, sendo modelado continuamente pelos interesses, pelos poderes, pelas lutas entre grupos divergentes.

A existência de espaços diferenciados não está dissociada das sociabilidades específicas a eles relacionados. É possível afirmar que tanto a necessidade relacional provoca a criação de espaços diferenciados, como espaços diferentes provocam diferentes formas de interação social. Pode-se imaginar um *continuum* entre o totalmente privado (correspondente ao indivíduo não socializado) e um completamente público (correspondente ao indivíduo totalmente socializado), mas isto só ocorre de modo ideal, pois “público” e “privado”, ou “individual” e “coletivo”, são conceitos remissíveis um ao outro, isto é, englobam-se alternadamente. Por outro lado, há interpenetrações que não podem ser negadas, na medida em

²² Maingueneau (1993) demonstra como são manipulados estes elementos para dar legitimidade a um discurso.

que o sujeito indivíduo-moral não se despe de todas as suas particularidades ao ser investido de diferentes identidades sociais, quando interage com outros indivíduos pertencentes aos demais espaços sociais, fenômeno que foi analisado por G. Velho (1981). Mesmo espaços institucionalizados e de convívio cotidiano podem comportar espaços de sociabilidade privada, onde os momentos de intersubjetividade vão prevalecer aos papéis sociais. Ainda de acordo com Prost, esta seria uma reação contra um universo impessoal, mesmo que esta não seja considerada vida privada de fato. Ou podem ser o *locus* das relações sociais individuais e privadas de indivíduos que estão em movimento de autonomia em relação ao grupo doméstico de origem, como adolescentes e jovens. Da mesma maneira, não existe alguma situação em que o indivíduo dispa-se, completamente, das estruturas de significação, ou conjunto de símbolos culturalmente significantes internalizados através da socialização. A experiência da vida privada abre espaço para a individualização, mas ao mesmo tempo socializa, define papéis e regula comportamentos. Sendo assim, a composição espaço público/privado/de transição quotidiana pode ser recolocado em relação ao espaço privado, assim como em relação ao espaço público e cotidiano.

A totalidade espacial deve ser entendida por seu nexos relacional e fluido, *locus* de negociação de identidades e das lutas travadas pela vitória de um padrão de senso comum. As fronteiras entre as diferentes porções espaciais, entre os espaços abertos e fechados, públicos e privados podem ser dadas por espaços transicionais, mas, também, por sociabilidades que definam o grau de interação entre os sujeitos, que os venham investir de imagens mais, ou menos, convencionais e os integre em diferentes redes. Ou seja, espaços de base física não estão dissociados de espaços de base social, podendo constituir territórios onde se exercem identidades individuais e sociais. A noção de território, revista por Perlongher (1989), implica na inscrição do indivíduo em redes sociais, na definição de seu universo acessível. Se considerarmos território em sua denotação de base espacial concreta ou física, os aspectos mais relacionados ao exercício de um código de domínio mais geral e à apropriação simbólica de determinados espaços de significação afetiva deverão ser considerados.

Os espaços ou territórios de base social - ou, mais propriamente, a rede, no sentido atribuído por Both (1976) - implicam na noção de pertencimento e inclusão social, e coincidem com códigos particulares do grupo.

Isto confere uma outra compreensão dos espaços de transição, que podem ser decorrentes dos movimentos de relocação social, ou ascensão, mesmo que venham a atender necessidades de deslocamento de ordem pragmática. MacKenzie (1984:223) considera que as causas gerais da mobilidade populacional têm aspectos sociais e psicológicos que podem ser agrupados em quatro itens: *“le désir de reconnaissance ou de statut; le désir de pouvoir; le désir de sécurité; le désir d’expériences nouvelles”*, citando Thomas & Znaniecki em *The polish peasant in Europe and America*, publicado em 1918. Neste sentido, espaços físicos podem servir de mediadores na definição de identidades sociais mais gerais, e na expressão de códigos integrativos que localizem socialmente os indivíduos, independente das redes em que possam estar inseridos. Esta demanda, que ocorre em sociedades onde a classe média está em expansão, como a nossa, é captada pelo mercado imobiliário, provocando uma peculiar dinâmica de ocupação urbana - na qual áreas são abandonadas e desvalorizam-se em prol do surgimento de outras, que acabam por polarizar interesses e investimentos dos segmentos interessados em estilos de vida mais prestigiados ou mais reconhecidos socialmente. Pelo menos por algum tempo, até estas áreas se popularizarem, deixando de conferir a distinção desejada, até surgirem outras, que venham a satisfazer novas demandas e novas exigências.

Capítulo III. BIOGRAFIAS INDIVIDUAIS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Um *ethos* particular pôde ser traçado, dentro do universo estudado, através de elementos reincidentes que aparecem como parte da cultura específica deste grupo social. A partir de biografias individuais, porém, é possível redesenhar trajetórias, reconhecendo as posições relativas na linha ascensional. Para efeitos desta análise, foram considerados aspectos como origem, ocupação, escolaridade, situação patrimonial e natureza do consumo, em relação aos adultos dos grupos domésticos estudados e seus pais. Em segundo lugar, as situações de rupturas relatadas que informam sobre a natureza do projeto de vida. Este pode ser um projeto de classe ou familiar, isto é, ser um projeto forjado social ou coletivamente, ou de molde individualizante, considerando a família conjugal como um indivíduo-coletivo, ou, ainda, propriamente individual, considerando como indivíduo o sujeito empírico. Consideraram-se, ainda, os valores e aspirações expressos pelos pesquisados.

A mobilidade social, nas várias modalidades, forma o quadro de fundo no universo estudado. Comparando trajetórias individuais, pôde-se identificar, na maioria dos casos e por sugestão de Velho (1975/1881), “famílias” de trajetórias que não reúnem só coincidências históricas, sendo indispensáveis para a revelação de um certo “senso comum” - guia embutido na realização de projetos de vida. Desmarais *et* Grell (1986) salientam a importância metodológica da utilização de narrativas biográficas como estratégia de conhecimento, instrumento analítico e interpretativo.

Perto de trinta e cinco por cento dos casos são de indivíduos e famílias conjugais que empreendem ou empreenderam trajetórias claramente identificadas com projetos de ascensão social. Outros quarenta por cento, trajetórias guiadas por razões subjetivas e ideológicas, de sujeitos que se auto definem principalmente em termos de autonomia moral. Em torno de vinte e cinco por cento são os indivíduos que empreenderam trajetórias de ascensão de base econômica, ou de reprodução e continuidade, pelas quais reafirmam dada inserção social. Um pouco mais da metade dos integrantes deste último grupo são dos que portam nomes de famílias conhecidas publicamente, cujas trajetórias não são percebidas em termos de grandes rupturas. Esta classificação não quer dizer que outros tipos de motivações e rupturas não foram relatados, mas, sim, que houve um eixo percebido como principal. Em alguns poucos casos, as informações obtidas não permitiram esboçar a trajetória do informante que, então, deixaram de ser consideradas nesta análise.

1. Trajetórias de ascensão e de reprodução

As trajetórias de perfil ascendente, sejam as que ultrapassam os limites da classe social de origem - as de ascensão - ou as que conquistam posições mais valorizadas dentro de uma mesma classe social a partir de um ponto inicial mais ou menos padrão - as de reprodução - são, a primeira vista, de difícil distinção: ambas parecem obedecer a certas “receitas” que são seguidas, igualmente, por umas e outras. De modo geral, esses indivíduos expressam uma representação linear e finalística da vida: o indivíduo “começa a vida” com a profissionalização, mas, principalmente, com o casamento, ao sair da casa dos pais; “progredir” com as aquisições culturais e patrimoniais, estabelecendo objetivo após objetivo, chegando a um patamar a partir do qual se pode permitir um lazer compensatório cada vez mais qualificado e em maior quantidade, ou “aproveitar mais a vida”. Enfim, “chegou lá”.

A distinção básica está no fato de que a posição inicial patrimonial é bastante diferente, bem como as oportunidades de aquisição de capital cultural. Para os que ascendem socialmente a obtenção de capital cultural dá-se, principalmente, através da escolarização formal, ou seja, por aquisições de base intelectual. A maioria dos integrantes deste grupo são provenientes de famílias de pequenos comerciantes do interior ou da capital, prósperos ou não, de funcionários públicos de carreira oriundos do interior do Estado, técnicos de segundo grau, agricultores e artesãos. A melhor condição econômico-financeira, obtida por profissões socialmente mais valorizadas, propicia a socialização progressiva, e um alargamento da base cultural. A base patrimonial é iniciada “do zero”, ou seja, poucos obtiveram ajudas substanciais das famílias de origem, inicialmente. Para os que reproduzem a trajetória familiar, de classe, o universo acessível é mais amplo desde a infância, como provenientes de famílias onde pelo menos um dos pais é profissional liberal ou alto funcionário público ou de empresa privado ou ainda, empresário. Ou seja, o nível de instrução dos pais é mais alto, exercendo já atividades profissionais mais rendosas e valorizadas. Existiram maiores oportunidades de aquisição cultural e socialização, através de viagens, participação em clubes recreativos e esportivos tradicionais, e a freqüência de colégios de elite, desde a infância. Estas famílias de origem puderam proporcionar, em sua maioria, uma base patrimonial básica aos filhos, que atingem, mais rapidamente, padrões de vida semelhante ao dos pais.

Um fato, inicialmente, chama a atenção nestes grupos que empreendem trajetórias de perfil ascendente: a maioria dos indivíduos são casados legalmente e este é o primeiro casamento de ambos os cônjuges, com poucas exceções. Outra recorrência é a de casamentos hipogâmicos, que são mais freqüentes neste grupo²³. Em metade destes casos, o homem pertencia ao mesmo grupo social, porém era de família de menor poder aquisitivo. Além disso, todos os indivíduos fizeram cursos regulares de 3º grau, com exceção de um casal proveniente do interior, onde ele estudou Administração com mais de quarenta anos e ela sempre foi dona-de-casa.

Todos os indivíduos, homens e mulheres (com a exceção desta dona-de-casa) são profissionalizados. Os relatos de vida feitos espontaneamente, de maneira geral, referem-se às conquistas patrimoniais e outras aquisições como marcos pelos quais os indivíduos aferem seu progresso relativo à condição original. Em função do projeto, os entrevistados passam, ou passaram, por etapas de esforço, poupança e investimentos. De maneira geral, o consumo é comedido e os investimentos e aquisições são cuidadosos, o que é relatado mesmo se o efeito geral, por exemplo, do arranjo da moradia, reporte a uma evidente situação de abundância de recursos. Os casais mais jovens viajam pouco e as viagens para o exterior foram feitas em função de bolsas de aprimoramento profissional. Os de mais idade, ou que tiveram uma ascensão mais acelerada, passam a viajar com certa regularidade, proporcionalmente aos ganhos, parecendo ser esta uma das metas de vida do grupo. De maneira geral, praticam muito pouco aos esportes, mas os de melhor poder aquisitivo passam a jogar esportes seletivos, como *paddle* ou tênis, mesmo se nunca o fizeram, ou abandonam esportes coletivos, como o futebol.

Álvaro é casado com Cristina há um pouco mais de vinte e cinco anos. Seu pai era um pequeno funcionário, a mãe, professora municipal. O pai de Cristina era um alto funcionário federal e sua mãe estudou medicina quando os filhos cresceram, chegando a exercer a profissão por uns vinte anos. Iniciaram o namoro quando se conheceram, na Faculdade, e casaram quando ele arrumou seu primeiro emprego, ela estudava ainda. Ambos moraram no bairro Bom Fim por quase trinta anos e estão no apartamento atual há quatro anos. Não mencionaram ajudas materiais recebidas da família, ao contrário, salientam que tudo o que têm é fruto de seu trabalho. As etapas da vida se confundem com as moradias que tiveram, que marcam seus progressos profissionais, mas a etapa de investimentos não terminou: eles planejam, cuidadosamente seus próximos passos.

²³ A hipogamia é definida por Abreu Filho (1982), como o casamento em desigualdade de *status*, em que o marido é de *status* inferior ao da mulher. A hipergamia seria a situação contrária.

Álvaro - *Nesse apartamento, na Felipe Camarão, morei alguns meses, ainda solteiro. Bom, esta primeira mudança foi marcada, porque foi o ano que saí de casa e, depois, nós casamos. Iniciando a vida profissional - eu tinha recém terminado a residência. (...) E esta mudança foi importante. A segunda também, acho que marcou o nosso progresso. No começo a gente morou num apartamento pequeno, não porque quisesse, era porque a gente não tinha... Exatamente um ano depois a gente estava mudando para um apartamento melhor, foi um marco em função do nosso progresso, as condições econômicas eram muito melhores... Tínhamos podido comprar um carro. (...)*

Cristina - *Neste meio tempo, a gente estava juntando... (...) Enquanto a gente estava morando lá, tu compraste o consultório.*

Álvaro - *Na época, também, tinha o teu tratamento em Curitiba... (Cristina submeteu-se a diversos tratamentos de saúde).*

Cristina - *Ah, é!*

Álvaro - *A nossa preocupação era investir mais em nós mesmos do que em coisas materiais. A única preocupação de investimento foi o telefone, pra se comunicar, o carro, que para ela é indispensável. E o consultório, que era o local de trabalho. E investindo em saúde. Eu me analisava, e a gente muito tempo teve de ir com frequência para Curitiba, dois anos. Isso representava um gasto considerável mensalmente. (...) O nosso poder aquisitivo era muito bom. Hoje, seria mais complicado. (...) O mais pesado, agora, é o apartamento. (...)*

P - *O Álvaro me falou que a próxima aquisição é um consultório para ti.*

Cristina - *É, o meu consultório aumentou, daqui a alguns anos as coisas podem (melhorar)...*

Ambos se preparam para prolongar, ao máximo, o período produtivo de suas vidas: Álvaro está em processo de constante aperfeiçoamento profissional, desde sua formatura, Cristina vai iniciar o doutorado. A mudança para o bairro significou um pesado encargo financeiro por quinze anos, cinco dos quais já passaram. O nível todo de vida melhorou, mas Álvaro se preocupa com o futuro, em estabelecer uma espécie de fundo para aposentadoria, pois como profissional liberal ele não se sente seguro de contar com uma aposentadoria confiável, pelo sistema de previdência estatal. É bem provável, também, que esta não seja a moradia definitiva, pois ambos desejariam maiores instalações para a recepção de amigos, mas, certamente, será neste mesmo bairro. Seu projeto está vertebrado por aquisições que

consideram importantes, projeto que vão elaborando, sucessivamente, a medida da realização de objetivos. Mas aparece, também, a preocupação em contrabalançar o trabalho intenso com atividades de lazer regulares, embora sobre muito pouco tempo, durante a semana, para praticar tênis. Eles têm como meta aumentar os períodos de lazer, viajando mais seguidamente, fazendo férias duas vezes por ano, plano que começou a ser cumprido no ano desta pesquisa.

O grande esforço que pode ser consumido na concretização dos projetos de ascensão pode ser exemplificado na trajetória de Verena, que nasceu e viveu até casar no bairro Rio Branco. Ela define a mudança para o apartamento onde está há doze anos como um “peitaco” dela e do marido. A história das aquisições patrimoniais revela algumas audácias e estratégias necessários para superação das limitações orçamentárias do casal.

Verena - Eu morava aqui, na Amélia Telles, tinha um ano de casada. Eu passava todos os dias aqui pela frente, acompanhando a obra. Quando voltava pra casa eu dizia pro meu marido: “Tem um prédio que estão construindo ali, que é tão lindo!” Ele dizia para mim: “Mas tu nem é louca! Não é pro nosso bico!”. Porque tu sabe como é, Nilo Peçanha, Bela Vista, sempre foi um bairro assim... classe média alta e tal. E a gente começando a vida, o dinheiro apertadinho, procurando uma coisa maior. Eu morava num apartamento de um quarto. E ele: “Não adianta que não vai dar!”. E eu, um dia, não resisti e entrei. Estava em obra, ainda, pedi as condições de pagamento, e achei que dava! E demos um “peitaco”! E devia ter comprado um maior, que tinha de três quartos, mas eu tenho um filho só, quer dizer que dá. (...) Eu cheguei a pensar em sair daqui, o ano passado. Sabe, aqueles “ataques” que dá de vez em quando: “Quero me mudar, eu quero uma casa!”. (...) Aí, acabou nisso de “então, vamos construir na praia”. Estamos construindo na praia, a casa está quase pronta. E ando eu, com a planta na mão, com o projeto, comprando fechadura, e escolhendo cor... (...) Não é assim tão difícil. (...) Tantos anos que eu perdi pensando que não dava para construir na praia, sem nem pesquisar! Eu tinha três terrenos lá. Achando que não ia conseguir, que não ia dar. E deu! Tá aí a casa quase pronta! (...) Esse apartamento, eu ainda estou pagando, mas é baixa a prestação. É a época que o BNH era bom de fazer. Foi difícil conseguir, foi uma luta, porque eu já tinha o outro financiado. (Um conhecido da família conseguiu liberar os dois financiamentos simultâneos. Hoje o marido

mantém lá seu escritório). *Por enquanto eu estou achando ótimo, acho que vou ficar aqui para sempre, mas, de repente, mudo de idéia... (...) De repente, um apartamento um pouquinho maior, uma cobertura, coisa assim, que eu possa ter um pouco mais de área de lazer. Minha, só minha. Não área de lazer em condomínio. Isso eu acho complicado. (...)*

Um dos motivos (para uma casa na praia) era ter uma coisa mais ampla, maior, fazer churrasco, convidar amigos. Esse tipo de coisa. Isso tudo tem no prédio, mas a privacidade fica prejudicada. (...) Nós já passamos dessa fase de ir para a piscina num bando de gente. (...) Acho que é uma questão de época, a gente passa por isso. Aquela coisa de todo o mundo junto não gosto mais tanto. (...) A turma minha, que eu fiz, são quatro ou cinco casais. Tem um só que mudou aqui para perto, então a gente continua convivendo. Tem mais um que vai para (outra cidade) no final do ano, o outro também está procurando casa. Tá começando a dividir. A turma, na verdade, é a mesma, e já não é a mesma. (...) Nós fazíamos muita festa no salão de festas, parecia que ia cair o prédio! (...) Passou, agora eu quero sossego. (...) Agora estou numa outra fase, eu quero fazer as festas, mas na minha casa, entendeu?

Verena exemplifica movimentos próprios de trajetórias ascensionais, ou seja, a socialização em épocas de menor poder aquisitivo e uma progressiva dissociação, ou individualização, à medida que a situação social vai melhorando. O território social descolado da base física, por outro lado, é sentido por outros entrevistados como vantagem em relação aos deslocamentos propriamente geográficos. Ou seja, se a sociabilidade quotidiana fica prejudicada por movimentos individualizantes, a rede de relações pode ser mantida. Como diz Álvaro, um pouco descontente com o que classificou de “frieza” dos novos vizinhos: *“eu não dependo, eu levo meus amigos para onde eu estiver”*.

A moradia aparece como um dos símbolos do progresso material do casal, e sua localização, tamanho, nível de conforto e decoração cristaliza a posição alcançada. Para Dulce, a atual moradia aparece como fruto de muito trabalho - dela e do marido - a partir de um patamar bastante confortável que a família dela pôde propiciar inicialmente. O apartamento tem cerca de mil metros quadrados, é um apartamento de cobertura, com a parte superior toda voltada para o lazer. A família de Dulce especula no mercado imobiliário, tradicional-

mente, coisa que ela continua a fazer. Há alguns anos, o casal adquiriu o terreno. Mais tarde, formou um grupo de condôminos e construiu o prédio. Dulce fechou seu escritório, à tarde, para poder administrar a obra, mantendo o seu emprego público no turno da manhã.

Dulce - Este apartamento é bem maior, acho que umas quatro vezes o apartamento que a gente tinha. Foi uma mudança bastante grande, também porque a gente não tinha família quando comprou o outro. Era um apartamento de recém-casados. (...) No outro apartamento eu tinha alguns empecilhos, apesar de ter uma sala com três ambientes. (...) Era um momento de vida diferente, eu tinha filhas pequenas. (...) Certamente, aqui, eu recebo muito mais, bastante em função da casa, mas bastante em função do momento da vida. Os dois têm de ser pesados. (...) Até porque, quando tu te muda para um apartamento maior, do nível que este apartamento é, tem muita curiosidade das pessoas de querer vir te visitar, de ver. (...) A casa dos meus pais é uma casa que está sempre cheia de gente. (...) O meu pai é um grande cozinheiro, e isso congrega as pessoas. O (marido) aprendeu a cozinhar com o meu pai. (...) e coincidentemente tem amigos que cozinham muito bem. Seguidamente eles vêm cozinhar aqui. É um pretexto para se encontrar. (...) Outro motivo de reunião, é que a gente gosta muito de música, seguidamente a gente se encontra para fazer uma roda de samba. (...) Desde que a gente mudou para cá, a nossa vida passou a ser mais repleta de lazer, a gente passou a ter a opção da piscina, e a opção do churrasco. (...) Nós passamos a jogar tênis, os dois. O (marido) era adepto do futebol, hoje nós dois jogamos tênis. E outro hábito que nós temos é viajar. Nós viajamos em média três vezes por ano. (...) Isto está ligado ao momento de poder já deixar as crianças, de elas ficarem bem. (...) E, em função de uma posição profissional do (marido) (...) porque viajar custa caro. (...) A casa (está) dentro das condições financeiras que nós podemos adquirir aos poucos, (...) (porque) nós somos pessoas que trabalhamos muito, com ritmo intenso. (...) Mas eu estou num momento que acho que estou aproveitando pouco, de novo, e que eu poderia aproveitar mais o lazer, ter mais tempo livre.

Para ela, a ascensão é o fruto lógico do trabalho e do talento para negócios, e pode-se perceber que sua trajetória obedece às expectativas familiares, estabelecendo uma continuidade ascensional mais do que simples reprodução. A nova situação trouxe novas perspectivas de sociabilidade, muito em função do que eles podem proporcionar, mas alguns rompi-

mentos inevitáveis. A possibilidade de construir em condomínio trazia a expectativa da construção paralela de um grupo socialmente mais entrosado, expectativa que não se cumpriu. Segundo Dulce, existe certa *“inveja”* por parte dos outros condôminos, pois eles são os proprietários do melhor apartamento. O único casal da idade deles é muito *“deslumbrado, adoram falar de quanto gastaram com isto ou com aquilo (...) e nós já não somos assim. Tudo dentro de casa foi uma escolha pessoal minha, e não porque custou isso ou aquilo”*. Depois, todos os outros maridos mantêm distanciamento das esferas domésticas, o dela é muito participativo, eles são um *“casal moderno”*. Tudo isto acabou contribuindo para o esfriamento das relações no condomínio. Existiria, ainda, certa expectativa em relação ao comportamento e apresentação pessoal de Dulce, que é discreta, embora seus trajes sejam de muito boa qualidade: *“As pessoas não entendem nada! Eu deveria agir e me vestir de outro modo, segundo a idéia delas”*. Mas quem não a trata com a devida consideração muda de atitude, quando vê o seu carro ou sabe onde ela mora. Outra grande desvantagem: *“Tudo custa mais caro para quem mora num prédio deste padrão”*, até o técnico que conserta seus eletrodomésticos quis passar a cobrar mais caro por seus serviços. *“Agora eu trato tudo antes, acerto o preço por telefone”*. O movimento em direção a uma maior individualidade e seletividade pode ser provocado por manobras defensivas, como deixar de se ocupar com esportes coletivos, expondo-se menos às *“cobranças”* sociais.

O movimento ascensional pode, por outro lado, produzir uma solidão compulsória, como relatado por Hugo e Gema. Ambos têm cinquenta e cinco anos, nasceram no interior do Estado e estão casados há trinta e seis. Ele, depois de aposentar-se, estudou Administração e prestou consultorias por alguns anos. A mulher sempre foi dona-de-casa - segundo ele, *“cuidando do marido!”*, *“cuidando da retaguarda, isso é importante!”*. Quando casou, a sogra viúva foi morar com o casal. Hugo aceitou uma vida itinerante, para construir uma sólida carreira como funcionário público federal, trabalhando por alguns anos em pequenas cidades do interior, até ser mandado para Brasília, há vinte e cinco anos atrás. *“Eu me dediquei muito ao trabalho, como ela muitas vezes se queixou: em primeiro lugar, o trabalho, em segundo, era ela e o lar”*. A nomeação para Porto Alegre deu-se há quinze anos e ele

resolveu fixar-se na cidade. Logo em seguida, após dezessete anos de casamento, tiveram uma filha: *“Olha, filho é necessário para um casal, entende? Hoje, só, se não tivesse filho, (estaria) com a vida meio vazia. (...) Eu acho que a família é o sustentáculo da sociedade!”*. Eles moram em um apartamento da Nilo Peçanha, e estão construindo outro maior, em condomínio, perto dali. Este grupo de condomínio foi formado entre ex-colegas e amigos, dois que eram proprietários do terreno e preferiram fazer um grupo a permutar a área com uma construtora: *“é bastante interessante a opção deles - ‘Nós queremos ganhar menos dinheiro, mas ter uma vizinhança exclusiva. No condomínio não vai ter problema de relacionamento’. Mas eu acho que, talvez, com o tempo, as coisas se modifiquem”*. O prédio está sendo construído devagar, segundo as possibilidades financeiras de cada um: *“O pacto moral que nós temos é o seguinte: vamos fazer o prédio com economia. Se, no momento, algum do grupo não tiver condições, nós paramos a obra. Ninguém vai ter que se apertar pela construção. Agora, a obra está parada por falta de dinheiro”* (ri). Eles falam a respeito das propriedades do casal, e vão esclarecendo a respeito do projeto de vida:

Gema - *Nós tivemos o apartamento em Santa Maria, depois a casa. Depois compramos um apartamento em Brasília. Aí, quando viemos para cá, vendemos aquele para comprar esse. Mais tarde nos desfizemos da casa, também. No interior não dá com filha moça, né?*

Hugo - *Depois, aqui, tem a possibilidade de escolher uma faculdade e lá tem duas ou três, não tem muita escolha.*

P - *Mas vocês chegaram a pensar em voltar para Santa Maria?*

Gema - *O Hugo falou que queria voltar...*

Hugo - *É que a minha casa, a nossa casa em Santa Maria era tão boa! Eu mesmo construí. Uma casa, em termos de Santa Maria, de alto padrão.*

(...)

Hugo - *Outra coisa: é que no interior a gente tem uma vida mais sadia, não é? E com muito mais entrosamento na sociedade, mais amizade...*

Gema - *Morando no interior, a gente participa mais da sociedade, vai mais a clubes.*

Hugo - *Baile nós íamos, aqui a gente não vai.*

Gema - *Não vai a baile...*

Hugo - *Jogo de bolão, eu jogava bolão no clube...*

(...)

P - *E vocês vão de vez em quando à Santa Maria?*

Hugo - *Não, depois que eu perdi meu pai, minha mãe e meu irmão - estão enterrados lá - nossos vínculos apenas se restringem ao cemitério. O pai dela e os irmãos também estão enterrados lá. (...) Inclusive me causa tristeza quando eu vou lá... (...) O nosso futuro de aposentadoria, eu acho, é morar em Imbé. (...) Agora adiei um pouco, por causa da filha que vai estudar e vou ter de encaminhar ela na vida profissional. Eu vou ter que ficar mais alguns aninhos aí. Não sei se eu vou durar para construir uma nova casa... Olha aqui! Eu estou querendo construir uma casa nova em Imbé!*

Gema - *Nós temos uma casa e na frente nós temos um terreno. (...) Nós tínhamos um apartamento lá que era muito pequenininho. Então, quando chegava uma visita, a gente não tinha onde “botar” ela (a filha) para dormir. Aí, a gente resolveu comprar uma casa. (...)*

P - *Estou vendo que, de projetos, aqui nunca se acaba a coisa!*

Gema - *Mas eu acho que é normal, isso, de ter sempre uma ambição, né? Eu acho que, quando acaba a ambição, acaba a vida...*

Hugo - *Veja bem, a nossa ambição não é... não é uma ambição muito ambiciosa! (Ri). A gente tem que ir lento, né? Outra coisa: não é acumular bens, fortuna. É fazer (um raciocínio): “Bem, se eu fizer aquele apartamento ali, quando concluir, este aqui provavelmente eu irei vender. Vou comprar um apartamento menorzinho, uns dois. Ou um escritório e um apartamento, inclusive para encaminhar a filha”. (...) É para mais conforto. E para aproveitar enquanto estivermos vivendo, pra aproveitar tudo o que a gente conseguiu na vida. Porque, deixar fortuna pra filho... Deixar o básico, é necessário. Fortuna, não sei se é bom... Eu acho que tem é que deixar cultura, insistir para que se preparem...*

Os deslocamentos geográficos e as mortes em família romperam redes de sociabilidade, que foram mais fáceis de reconstruir quando o casal itinerava pelas cidades do interior e, mesmo, na nascente Brasília. Os cinco anos que estiveram na capital federal são relatados como uma experiência marcante, em termos de sociabilidade, em função das necessárias redes de solidariedade e reciprocidade que se criaram, no meio artificialmente homogêneo das superquadras. O progresso profissional, consubstanciado no patrimônio formado e

na fixação territorial em um meio mais individualizado, não lhe proporcionou uma inserção social satisfatória. A concentração dos esforços na construção de uma família, na educação da filha em ambiente com mais recursos educacionais e oportunidades de casamento, agora, conforma o projeto do casal.

Todos os integrantes adultos deste primeiro grupo de trajetórias realizaram estudos de 3º grau e se profissionalizaram. A exceção refere-se a Hugo e Gema, por circunstâncias já vistas. A grande maioria dos homens e mulheres do grupo trabalha na profissão em que se formaram, podendo exercer atividades complementares. Estas atividades complementares são mais freqüentes entre as mulheres, são realizadas para melhorar seus rendimentos e, ainda, quando não exigem comprometimento de horário. Uma concilia seu trabalho como médica com representações comerciais, negócio que herdou de seu pai. Outra, que é professora universitária, também tem um atelier particular que presta serviços de artesanato de luxo, em decoração. Uma terceira no turno da manhã é funcionária pública, e, à tarde, produz objetos de decoração que ela classifica de “*produto diferenciado*”, em sociedade com o irmão. Outra combina seu trabalho de assessora em comunicação em uma grande empresa, com a publicação regular de livros técnicos da sua área de especialidade. Dois homens e duas mulheres mantêm projetos de formação profissional continuada, realizando cursos sucessivos, investindo em capital intelectual.

Dois integrantes do grupo, porém, abandonaram a profissão por atividades comerciais mais rendosas. Ou seja, o investimento em aquisição de capital cultural não satisfaz às suas expectativas de ascensão econômico-financeira, e a opção foi trocar os campos de atuação. Um dos maridos, nascido no interior numa família de pequenos comerciantes, não chegou a exercer sua profissão, acabando por associar-se ao irmão em uma loja de tecidos. Mas uma das mulheres, Lena, relutou muito em abraçar, totalmente, o negócio de “marketing de rede” da Amway.

Ao formar-se, Lena trabalhou em uma empresa e depois abriu o seu próprio negócio, na mesma área. Ela não estava satisfeita com a irregularidade dos ganhos, e pensava em novas alternativas, quando um amigo a introduziu na Amway. Ela diz que tinha “preconcei-

to” em mudar de área, também considerando os investimentos de quatorze anos de formação e exercício profissional, por isto, experimentou levar os dois negócios, paralelamente. Aproximadamente um ano depois, após comparar os resultados, ela fechou a empresa e começou a dedicar-se totalmente a construir a sua rede, dentro da Amway: *“A minha vida ficou muito mais tranqüila, agora. De manhã eu levo a minha filha no colégio, meio dia eu busco, a gente almoça juntas, passo toda a tarde com ela, levo ela na pracinha, levo ela no Parcão²⁴, faço algum pagamento, compro alguma coisa. E de noite é que eu trabalho com este novo negócio, oferecendo, mostrando essa oportunidade”*.

A construção da casa *“foi uma coisa mais do meu marido do que minha, mas com o tempo a gente começou a curtir o projeto, começamos a alimentar esse sonho dele, e passou a ser meu esse sonho, que a gente está realizando”²⁵*. Isto faria parte de uma nova filosofia de vida, segundo ela aprendida com a Amway. *“Buscar o que se quer, não o que se pode”*, eis o que ela conseguiu inculcar no marido, que estava receoso de empreender a construção da casa, supondo estar fora do poder aquisitivo deles. Na época da entrevista, e antes das expectativas, a casa estava ficando pronta e a decisão era da mudança definitiva para lá no final do ano. Para ela, vai haver um grande salto na qualidade de vida da família: vão poder ter uma horta e árvores frutíferas, a filha vai poder ter animais domésticos, o marido passa a almoçar sempre em casa, pois a nova localização fica mais próxima de seu trabalho. Neste sentido, ela sente uma grande diferença em relação à geração dos pais: a maior ambição, o maior impulso para superar os limites da própria condição.

Lena - *Até os dez anos, eu morei em Petrópolis. (...) Daí, meu pai construiu uma casa na Chácara das Pedras²⁶. Ali eu morei até casar. (...) Era esquisito morar ali, eu estava acostumada com todas as minhas amigas. E ali, era superdeserto, só*

²⁴ Parcão é a denominação popular para o Parque Moinhos de Vento, no bairro de mesmo nome, em Porto Alegre.

²⁵ Faz parte do jargão de convencimento próprio da Amway o “sonho”, ou as ambições alimentadas que vão fazer as pessoas vencerem seus “preconceitos” em se tornarem vendedores, em busca de “melhor qualidade de vida”.

²⁶ Petrópolis e Chácara das Pedras são bairros limítrofes ao Bela Vista, surgidos em terras do mesmo proprietário, através de loteamentos lançados há, aproximadamente, 30 e 20 anos respectivamente.

tinha uma vizinha. Quando a gente brigava, eu não tinha com quem brincar. (...) Eu achava um horror, mas depois, o pai fez piscina, era outra história. (...) Mas eu tinha muito medo de ladrão, entraram várias vezes lá, levaram tudo. (...)

A minha vizinhança, lá (de Petrópolis), era de interior, de todo o mundo conhecer todo o mundo. De fazer doce, de fazer um prato a mais para deixar na casa do vizinho, o vizinho fazer a mesma coisa. A minha mãe saía e me deixava na casa do vizinho. (...) Agora, quando a gente mudou para a casa, os nossos vizinhos eram vizinhos que já nasceram aqui, não curtiam este tipo de coisa. Eu acho, até, que existia um pouquinho de iniciativa da minha mãe, de chamar para aniversário, para chazinho... oferecer a casa, né? Mas eu sentia que era uma coisa mais formal. (...)

(Hoje) a gente não convive tanto com os vizinhos. A gente frequenta aniversário de criança, eventualmente sai para jantar, agora, não é uma coisa como eu tinha no apartamento que eu morava quando eu era criança. Este tipo de coisa não tem mais. (...) Eu acho que é muita (reserva), tem de partir de alguém de fazer isso, se abrir... (...) A (filha) vai lá, eles brincam, ele vem aqui, eles tem a mesma idade. (...) O que faz a gente conversar mais é justamente os filhos, mas o contato entre os pais é muito ir na casa um do outro para buscar o filho. É muita correria! Eu acho que é uma vida muito mais agitada, que não permite este tipo de contato entre as pessoas. Eu, hoje, já poderia ir na casa (da vizinha) de tarde, mas eles trabalham o dia todo. Eles estão em casa de noite - de noite, eu trabalho. Eu acho que as pessoas se fecham, as pessoas são muito fechadas. Eu não sei até se tu não encontras dificuldade em achar pessoas que se abram para a tua pesquisa.

Lena acentua a distância do projeto dela e da família de origem, mas, sem se dar conta, repete os mesmos passos na trajetória de ascensão, com as mesmas conseqüências na socialização da filha. A grande diferença é que ela, ao contrário da mãe, profissionalizou-se e sente-se pessoalmente responsável pelo sucesso dos planos do casal. Por outro lado, o relato sobre as rupturas de antigas sociabilidades, estabelecidas em fases de menor poder aquisitivo, é mais ou menos padrão. Muitos entrevistados comparam as relações de vizinhança que têm hoje com a que tiveram na família de origem, ou nas etapas iniciais do casamento, classificando as de hoje como “distantes” ou “frias”. Este pode ser um indicador de ascensão social, uma vez que se refere a realidades quotidianas de ajuda mútua e solidariedade em

camadas sociais de menores recursos individuais *versus* o cotidiano de camadas de maior poder aquisitivo, com tendência à autonomia na resolução dos problemas cotidianos.

Os casamentos hipogâmicos encontram-se, em maior número, no grupo dos que empreendem trajetórias de ascensão. Nesses casos, sempre foi a mulher proveniente de uma família de melhor condição social e econômico-financeira, onde um dos pais tem curso superior, ou são altos funcionários. Ou seja, nenhum homem da amostra casou fora de seu estrato social. O padrão de vida da família da mulher pode ser utilizado como modelo, e, por isto, ocorrer conflitos. Por exemplo, Ulisses sente-se satisfeito com a sua situação: ele é alto funcionário de uma empresa estatal, com certa atuação classista e sindical, e comprou recentemente, junto com a mulher, um apartamento (na verdade, são dois apartamentos integrados) que imagina poder arranjar de modo a torná-lo adequado para as necessidades da família. Além disso, têm uma casa no campo, para onde vão quase todos os fins de semana, onde contratou um casal de caseiros. Com a chegada dos filhos, ele rejeitou a possibilidade de contratar um motorista para auxiliar as tarefas da mulher, confessando sentir-se muito pouco confortável na posição de proprietário e patrão. Agora, eles estão em um processo que Úrsula chamou de “*negociação*”, mas que ele reconhece ser uma batalha que provavelmente irá perder: ela quer ir morar em uma casa, em condomínio horizontal. O marido já aceita seus argumentos, em função das necessidades do desenvolvimento dos filhos, que teriam mais liberdade em segurança. E propôs alternativas economicamente mais viáveis para ele, por exemplo, um condomínio em Viamão, ou no Jardim Planalto. Úrsula é categórica: ela morou toda a vida na rua Vinte Quatro de Outubro, no bairro Moinhos de Vento, bairro identificado com classes altas, e “*não queria morar fora da cidade, queria ficar perto do (shopping) Iguatemi, ou em Petrópolis. (...) As propostas que têm são todas muito... Sei lá! Zona Sul, Cavallhada. Morro da Televisão, mas do lado de lá!*”²⁷ (ri, jocosamente).

²⁷ A Zona Sul, em Porto Alegre, reúne bairros antigos que fazem limite com a zona rural do município e áreas de vegetação nativa preservada, cuja principal característica é a proximidade com o rio Guaíba. O bairro Cavallhada é uma extensa área suburbana, também antiga e limítrofe com a área rural, mas que, ao contrário da zona Sul, não apresenta centros urbanos característicos, desenvolvendo-se ao longo de uma antiga estrada, hoje asfaltada. O Morro Santa Teresa, no bairro Menino Deus (próximo ao centro da cidade), que suporta a maior parte das (continua na próxima página)...

Como foi possível verificar, existe um caminho traçado subjetivamente, pelo qual um indivíduo “começa” a vida, necessita realizar esforços e investimentos durante algum tempo, e esses reverterão em situações de maior estabilidade econômico-financeira, e de progressivo lazer. Mas podem ocorrer alguns acidentes de percurso, como descrito por Renata, casada com Inácio há vinte e um anos. Ela é filha de um médico já falecido, o marido é filho de um técnico alemão que imigrou para o Brasil. Eles vivem no bairro, no mesmo apartamento há doze anos, e tem um sítio recebido por herança do pai dela, aonde chegaram a pensar em ir morar, há uns cinco anos atrás, quando os filhos eram pequenos. Renata não desenvolveu uma carreira regular, em função de acompanhar o marido em temporadas profissionais fora do Estado e no exterior, mas trabalhou por épocas, assessorando empresas e com clientes eventuais. O casal contabiliza um saldo negativo, numa trajetória na qual eles sentem ter feito tudo de acordo com a “receita” de classe, mas que não foi capaz de evitar o descenso.

Renata - Dois anos depois de casados, nós fomos para o Espírito Santo, os meninos nasceram lá, nós morávamos em uma agroindústria, perto de Vitória. E lá ficamos seis anos, em função do trabalho do meu esposo. (...) A agroindústria funcionava vinte e quatro horas por dia e o Inácio era a pessoa que resolvia todos os problemas. A televisão pegava supermal, eu lia até bula de remédio! (...) E nesse período nós tivemos o maior confronto de vida porque, ao mesmo tempo que estávamos nesse mato, onde num temporal o telefone deixava de funcionar - a gente ficava ilhado, sem saber o que acontecia no resto do mundo - a gente teve um confronto que foi este período dessa bolsa (de estudo) para a Europa, que o Inácio pleiteou e obteve.

Este período inicial de privações e sacrifícios foi recompensado pela brilhante carreira seguida pelo marido, tendo atingido uma boa posição como alto executivo de uma empresa multinacional. Com a reestruturação administrativa sofrida pela empresa, que incluía

antenas retransmissoras de televisão, em Porto Alegre, apresenta algumas de suas vertentes, principalmente a “do lado de lá”, ocupadas por subabitações.

a necessidade de economizar altos salários, ele havia sido demitido há dois anos e teve dificuldade de conseguir um novo emprego, em função de sua idade. A opção foi iniciar um negócio próprio que apenas agora está se sustentando. Renata continua:

...nosso padrão de vida se ressentiu muito. (...) Nós nos ressentimos financeiramente porque nós tínhamos montado um estrutura de acordo com a receita. (...) Nós tivemos de cortar muita vida social, troca de carro, cortamos empregados. (...) No sítio, fim-de-semana, tínhamos a casa cheia, era de chegar famílias inteiras, nós tínhamos dois empregados lá. (...) A casa já deixou de ser tão cheia! (Ri). (...) Tudo isso aconteceu e a nossa redução veio a ser em festas, cursos que os meninos faziam (...). Aqui em casa, além da empregada que morava, eu tinha faxineira. Cortei a faxineira. Agora a empregada foi embora, eu retomei a faxina uma vez por semana.

Renata diz que, sendo filha de profissional liberal “*nos bons tempos*”, não estava preparada para chegar aos quarenta anos e levar uma “*invertida*”: “*Eu tinha certeza que nesta fase da vida estaria tudo solucionado. (...) Ia chegar, até, uma época de ficar mais assistindo as coisas*”. Contrariando seu projeto, nesta fase aconteceu “*que mais teve de arregaçar as mangas e ir à luta!*”. Seu projeto para os filhos inclui a expectativa que desenvolvam carreiras liberais, sem precisar contar com a segurança enganadora de um emprego ou, então, que possam assegurar carreiras públicas através de concursos. A experiência a fez refletir sobre os valores individualistas identificados com objetivos modernos, como a eficácia, e que deixam para trás vivências afetivas importantes no dia-a-dia:

“Eles” querem automatizar muito as coisas, querem despersonalizar e depois se quebram, porque não querem se envolver emocionalmente. (...) Aquela pregação de prazer imediato, da liberação, de levar vantagem em tudo, de não se apegar, de não querer se envolver... houve uma época disso. (...) Não deu certo num relacionamento, tem que partir para outro e blá-blá-blá. E agora o pessoal está se dando conta que não é bem assim. Tem que ter bom senso, tem que ter equilíbrio, essa história de pregar muito o individualismo, tanto na família, quanto na empresa (não é bem assim). (...) E, aí, eu volto à afetividade, de novo. Quer di-

zer, a minha satisfação em ver uma volta a estes valores, porque por uns tempos estava moderno as pessoas não se envolverem, cultivarem o seu individualismo e não se envolverem. (...) Não adianta tu querer pregar a falta de envolvimento porque isso não é humano, e o envolvimento aconteceu, tanto lá no Espírito Santo, quanto na Europa. Isso aí é a riqueza da gente, isso aí tu levás, são emoções que te acompanham. O resto tu precisas para ter uma vida confortável, para ter segurança. Ninguém pode acabar a velhice dependendo de uma aposentadoria dessas que o Brasil dá. Então, a luta da gente aqui em casa é para transpor essa barreira, que se a gente não se aligeirar, isso aí pode nos pegar, né? (Ri).

Outro pesquisado solucionou de modo diferente a frustração das ambições originais. Israel é nascido no interior do Estado. Seu pai era funcionário de carreira do Banco do Brasil e foi transferido para Porto Alegre quando Israel era menino. Ele é casado com Malva, também nascida no interior do Estado, cuja família seguiu mais ou menos a mesma trajetória. Eles se conheceram na Faculdade, e estão casados há vinte e cinco anos. Ambos têm em torno de quarenta e cinco anos de idade, um filho de vinte anos, e uma filha de quinze. Um dos filhos foi pequeno com o casal, para a França, onde ele fez um curso de especialização. Ele, durante quinze anos, foi funcionário público, enquanto Malva desenvolvia atividades como profissional autônoma, procurando compatibilizar os cuidados da casa, dos filhos e o acompanhamento aos deslocamentos profissionais do marido, afastado de Porto Alegre por um período de cinco anos. Israel enfatiza sua decepção com os projetos coletivos que endossou, e seu trabalho no governo federal, em Brasília: *“Aquilo lá é uma sacanagem do tamanho de um bonde! (...) Basicamente, quem está lá, está para arranjar alguma coisa, isto é, o seu!”*. Ele avalia, também, seus progressos materiais que não considera satisfatórios, e, hoje, tenta retomar o “bonde da história”, deixando de lado valores idealistas, que hoje ele classifica de superados, além de pueris.

Israel - Eu voltei satisfeito por ter voltado, foi uma decisão consciente. Nós chegamos a pensar em ir para outro lugar, eu cheguei a sondar a possibilidade de ir para Londres, Washington. Mas envolvia muito trabalho político, eu resolvi não fazer. (...) Mas outra coisa pesou muito: para qualquer lugar que a gente fosse,

nós teríamos de começar do zero! E eu estava tentando sair do setor público, queria fazer uma coisa particular. E eu não sou do tipo que desbrava sertões. No Rio Grande do Sul eu já tenho nome, eu já fiz coisas. Tinha uma trajetória, eu tinha amigos, sabe como é? Relações grandes... (...)

Eu estou com umas idéias, de abrir mais um negócio (...). Fazer coisas... Eu estou acreditando muito que o Brasil vai dar um salto aí, nesta década! Eu perdi o milagre da década de 70 porque eu estava me formando e logo que eu me formei - “O quê é que eu faço?” - e apareceu um emprego público. Eu perdi a primeira oportunidade de ganhar dinheiro. Depois veio aquele horror da década de 80. E agora eu acredito que (a oportunidade) vem de novo, sabe? Eu, agora, realmente, estou me preparando para ser a minha vez.

Nós fazemos parte de uma geração que a gente pensava mais nos outros que na gente mesmo. (...) Foi aquela formação de esquerda, mas tinha aquela coisa cristã, também. Tu era de esquerda porque tu queria o bem coletivo. Eu chegava a abrir mão de coisas para mim, para que os outros se dessem bem. Já dei minha contribuição, (...) eu fui um bom funcionário público. (...) Na verdade, eu agora estou mais preocupado em tratar da minha vida.

Analisando comparativamente as posturas de Israel e Renata, podemos identificar um ponto em comum: o fracasso dos projetos originais. Renata avaliza sua trajetória com o olhar de hoje: uma trajetória de ascensão de molde individualizante não garantiu seus resultados e a resolução do conflito pode ser dada pela adoção de novos valores, em direção a um novo humanismo que considere o conteúdo afetivo, mais que padrões de eficácia - forma de minimizar a sensação de fracasso. Para Israel, a resolução do conflito dá-se na direção inversa: na impossibilidade de concretizar seus projetos através de disposições altruístas e de molde socializantes, ele adota, decididamente, uma postura individualista. Não se pode reduzir esta análise, porém, a elementos tão simples e dicotômicos: esta postura individualista estaria mais de acordo com as disposições de classe, dependendo do restabelecimento dos laços com as suas “grandes relações” - ou seja, pelo seu englobamento ou sujeição a uma ordem social corporativista - enquanto que a afiliação ideológica com o Socialismo o fez empreender uma trajetória puramente individual. Podemos incluir, aqui, uma reflexão sobre a mudança radical também empreendida por Lena, que procurou redefinir seus valores

de classe, seus pruridos ou “preconceitos” em dedicar-se ao comércio - que é atividade menos expressiva no universo estudado - em função da maior lucratividade. Ou seja, neste grupo, a valorização do capital intelectual está identificada com o projeto ascensional de classe, o progresso material aparecendo como o principal aferidor de sucesso, pelo qual as estratégias individuais ou do grupo podem ser alteradas.

2. Trajetórias de autonomia moral

Este segundo grupo, tão numeroso quanto o primeiro, diz respeito a indivíduos e grupos que empreenderam trajetórias cujo motivo condutor foi a necessidade de estabelecer autonomia moral em relação às famílias de origem. Ou seja, trajetórias expressas, principalmente, em termos de rupturas ideológicas, mesmo que estas não sejam suficientemente fortes para impedir, de fato, uma reprodução de valores mais conservadores na maioria dos casos.

Os indivíduos deste grupo são provenientes de famílias de pequenos comerciantes que prosperaram, altos funcionários públicos e executivos de empresas, um professor, uma artista, um médico. Existe mais heterogeneidade na origem, mas o elemento em comum é que houve uma ascensão ainda na geração dos pais desses indivíduos. Um só é nascido em família cuja ascensão deu na geração dos avós, uma família de nome conhecido em Porto Alegre, ele já tendo idade para ser avô, também. Neste grupo estão os dois pesquisados solteiros, que não declararam atual coabitação, tendo sido casados anteriormente.

Uma das marcantes características deste grupo é relativa à conjugalidade: apenas um dos casais fez uma união legal. Neste caso e só em mais um, nenhum dos cônjuges foi casado anteriormente. Em todos os demais, um ou ambos tiveram um casamento anterior. Uma das mulheres fez um terceiro casamento com um homem viúvo. Uma mulher solteira casou, só no religioso, com um homem divorciado. Apesar das aparências, com exceção dos dois

solteiros que empreendem trajetórias individuais, todos os demais parecem concentrados nos esforços de recriar uma família de configuração convencional, embora com a atualização de alguns aspectos concretos, como a profissionalização feminina e a participação masculina no trato com os filhos.

Cerca de um terço dos indivíduos deste grupo não fez ou não completou cursos de 3º grau. Dentre os que fizeram cursos superiores, em torno de metade compatibiliza esta profissão com atividades artísticas e culturais e, um só, com o comércio de importação. Dois outros indivíduos exercem outras especializações que não as originais. Um terceiro dedica-se ao comércio da família. Dentre os que não fizeram cursos de 3º grau, um indivíduo dedica-se ao ensino de línguas e traduções, outro é empresário de serviços pessoais e artesanato de luxo, e um casal dedica-se ao comércio.

Quase todos deste grupo viajaram para o exterior, ou lá passaram temporadas de curta e média duração, e procuram proporcionar esta oportunidade para seus filhos. Metade deles o fez por motivo profissional, ou para realizar cursos de aperfeiçoamento; a outra metade, que continua viajando com regularidade, para fins culturais e de lazer.

A necessidade de independência relativa à família de origem levou Gorete a sair, ainda solteira, da casa dos pais, para morar sozinha. E acha que saiu muito tarde de casa, mas para ela era importante chegar a manter uma vida autônoma de qualidade equivalente a da casa paterna. A mudança mais importante foi em termos de autonomia moral: nenhum dos pais tem o direito de opinar sobre a sua vida, agora. Parece ser importante para ela e o marido a aquisição de bens materiais, fazer móveis sob medida, o equipamento doméstico de boa qualidade e durabilidade. À época da pesquisa ela nunca tinha feito uma viagem para o exterior, afora Uruguai e Argentina que para os moradores do Estado, são de acesso relativamente fácil: “*nunca deu!*”, nem o tempo, nem o dinheiro. Gorete, às vezes, se sente um pouco sobrecarregada e solitária, o filho fica todo o dia na creche, pois ela não pretende ter babá, e mantém uma faxineira uma vez por semana. O nascimento do filho a fez refletir que, apesar de tudo, a diferença entre ela e os pais não é tão grande assim. Se ela se queixa de ter sido criada dentro de um extremo rigor, de modo a não poder expressar opiniões pró-

prias enquanto morou com os pais, no fundo acredita que estabelecer certos limites ao filho é fundamental:

Gorete - É claro, os tempos mudaram, agora tem algumas coisas que pra mim são bem claras, que o (filho de um ano e meio) vai ter que aprender: enquanto ele morar comigo e depender de mim, as coisas são como eu quero. Pra mim, isto sempre serviu... Um dia, eu entendi que meu pai estava certo nessa coisa, que eu não podia fazer o que eu quisesse e ele estar me sustentando, eu depender dele. Então, no momento que eu saí de casa ele entendeu que nunca mais ia poder dizer nada da minha vida. Esse limite eu acho fundamental nas coisas. A gente muda, mas, do jeito que está essa juventude toda, tem certas coisas que eu não toleraria.

Apesar do ambiente junto à família de origem não ter sido muito propício a demonstrações de individualidade, o alto padrão de exigência internalizado não permitiu que ela aceitasse a quase inevitável queda no padrão de vida que sucede à saída da casa dos pais:

Cada vez que eu ia olhar um apartamento eu imaginava a cara que meu pai ia fazer, que ele ia dizer “O quê? Tu vai sair de casa para morar nisso aqui?”. Então, eu tinha que mostrar para ele que eu não estava indo para uma coisa pior. Então, eu custei muito para fazer as coisas, eu achava que tinha que morar bem, ter um conforto mínimo, essas coisas. (...) Não é nem questão de estudo, de ser mais esclarecido, eu sou daquelas que, para tu ter filho, tu tem que ter dinheiro, tem que avaliar se pode, se não pode, os riscos... (...) Eu demorei mais por causa disso, pra encontrar um lugar bom, um lugar que eu pudesse sustentar, que eu podia pagar. Eu comecei a comprar as coisas (...). Não tinha televisão, não tinha som, não tinha coisa nenhuma. Eu adquiri todas essas coisas e fui montar meu apartamento. O apartamento era bom, numa zona ótima.

P - Tu já tinhas te formado?

Gorete - Já, há duzentos anos! (Ri).

P - Mas a convivência foi sem conflitos até esta época?

Gorete - Naquilo que ele (o pai) ficava sabendo, sim! (Ri). Porque eu acho que esta é uma fórmula de respeito, também. Enquanto eu não fizer nada que prejudique a eles, né? Estas coisas ninguém fez lá em casa. Meu irmão, quando

saiu, com a namorada grávida, não trouxe a namorada para dentro de casa, né? Eu nunca fiz nada na minha vida que eu não pudesse arcar com as conseqüências. Esta era a medida, não podia sair disso aí. (...) Quando eu saí de casa, também não teve conversa: “Olha, vou sair, meu apartamento está alugado” e fim. Não teve conversa.

Pode-se considerar que, neste caso, estabeleceu-se uma situação ambígua em movimentos simultâneos de expulsão e retenção dos filhos, por parte dos pais. Esta ambigüidade acabou por provocar situações de polivalência moral por parte de Gorete, que, tendo introjetado o projeto familiar, não se sentia em condições para uma real ruptura. Mas não foi introjetado somente o projeto de ascensão: na contingência de ter de educar um filho, ela acaba por optar por um sistema de valores muito próximo ao da casa paterna. Esta trajetória parece corresponder mais à situação em que foi socializada do que a uma ruptura de base ideológica declarada, servindo, esta última, como deflagradora do processo de dissociação. Valores fundamentais, como a família, não são questionados, somente os meios e os modos de constituí-la. Este fenômeno é revelado por Salém (1985b), para jovens casais cujos projetos de autonomia são abalados por ocasião do nascimento de filhos.

O mesmo parece ter acontecido com Cleo, que se considera diferente “*em tudo*” dos pais: no trato da corporalidade e das questões sexuais, na educação e relação com os filhos, na sua profissionalização, nos hábitos de consumo e na disposição para o lazer. Bem, em quase tudo: “*Igual, mesmo, só a mania de limpeza. Mais nada*”. Ela está casada há mais de 12 anos, e parece existir, mesmo, um esforço bastante grande de construção de uma família de molde mais tradicional, recordada na pintura que retrata a ela, o marido e os filhos feita por um conhecido pintor de Porto Alegre, na tapeçaria com o sobrenome do marido na parede do vestibulo, e em vários objetos que guardam memórias e tradições recém-nascidas. Nesse aspecto, cabe reportar à Nicolaci-da-Costa, que verifica que muitos aspectos do sistema simbólico internalizado durante a socialização primária não são questionados, embora a socialização secundária traga representações conflitantes. Um novo conjunto de representações pode ser desenvolvido, que retém alguns aspectos mais abstratos, por exemplo, o ideal

de casamento monogâmico, e substitui algumas formas concretas, que possibilitam “a atuação destes aspectos mais abstratos (por exemplo, segregação de papéis conjugais, pouca ou nenhuma profissionalização da mulher), por outras formas concretas mais modernas...” (1985:163). Para ela, esta é uma situação de conflito potencial, que pode ser resolvido pelo retorno aos moldes tradicionais, pela adoção de ideologias de “vanguarda”, ou a procura de equilíbrio e coerência através de terapias. Isto é, o indivíduo faz suas opções para evitar os malefícios do desmapeamento, o que pode redundar em polivalência de papéis, situação analisada por Velho (1985), experimentada como a fragmentação da experiência quotidiana.

A trajetória de Dora é bastante esclarecedora em relação aos esforços reparadores que podem estar subjacentes a processos de dissociação, na busca de equilíbrio e coerência. Ela é de família judia de avós que migraram para o Brasil, fugindo da Primeira Guerra, e seu primeiro casamento foi com um rapaz de família rica. Ao eclodir as crises que culminaram com sua separação, ela passou a fazer psicanálise, paga pelo pai. Seu pai financiou, depois, o primeiro ano de uma longa viagem para a Europa, onde ela realizou cursos de especialização na sua área. O início da vida da família de origem foi modesto, mas, na década de 70, seu pai progrediu muito com negócios imobiliários e revenda de material de construção. Mudaram-se, então, para um apartamento bastante confortável, onde até hoje moram seus pais. Para Dora esta mudança foi difícil de aceitar, em parte porque já havia uma considerável distância cultural entre ela e os pais. Mas ela logo percebeu que uma dissociação radical não era viável, nem desejável:

Dora - Eu não aceitava a mudança. Eu demorei muito para me adaptar àquela casa. (...) Minha idéia de apartamento era diferente, e aquele era um apartamento supermoderno, eu pensava em ter alguma coisa, não mais tradicional, mas que tivesse alguma coisa antiga. (...) Acho que eu demorei também a me adaptar à mudança da condição social do meu pai. Me acostumei com aquela coisa, sabia que não podia, e quando ele passou a dar, eu tinha dificuldade de aceitar. E o apartamento era a materialização desta dificuldade. (...) Eu morei naquele

apartamento, no máximo, quatro anos. E depois, casei, fui morar na (rua) Barão de Santo Ângelo. E quando eu me separei, voltei a morar com eles um ano. Para me organizar, para fazer... digamos que eu tinha de me reconciliar com eles, também. Eu voltei para acertar coisas que eu não tinha acertado antes, desde a adolescência.

A crise foi resolvida via psicanálise, e uma grande viagem foi empreendida quando ela estava “pronta” isto é, quando recebeu alta de seu tratamento psicanalítico. Ela compara a resolução dos conflitos com um renascimento, no qual foram criados referenciais capazes de reconciliá-la com a família de origem, ou seja, recolocar sua individualidade dentro de uma realidade maior e independente, recompondo a experiência fragmentada.

Aí, quando eu estava “pronta”, seis meses depois eu estava na Europa. (...) O raciocínio (do pai) foi - “Entre o que eu gasto na análise dela, eu mando ela pra Europa!” (ri). Ele já pagava meu tratamento, quatro vezes por semana, desde que eu casei. Porque, eu casei em dezembro, comecei a análise em março. (...) Então foi ótimo, porque eu estava “pronta”. Eu tinha nascido de novo. Eu consegui me colar toda, e nasci de novo. Tanto que eu acho que fiquei em Roma, porque eu queria ir para um lugar onde eu tivesse de aprender tudo. (...) Foi uma descoberta, como se eu tivesse saído de um grande útero, o útero era o passado, e o mundo, era Roma. (...)

Meu pai é do interior, minha mãe é daqui. Meus avós paternos eram da Hungria, e os maternos, um era da Bulgária, e outro da Armênia. Aquela jarra foi da minha avó, que veio da Armênia. Eu conheci os quatro avós. O primeiro morreu, eu tinha vinte e um anos. Deu para conhecer bem eles. Tanto que meus primos, se eles têm alguma dúvida - quem é tio de quem - todo o mundo vem perguntar para mim, porque eu sei. Sou uma pessoa diferente na família porque eu me lembro. A geração atual não sabe quem era a mãe, a avó, eu lembro de tudo.

Dora chamou a si a tarefa de reconstruir não só a própria trajetória, mas a trajetória marcada por grandes rupturas de toda a família, dando sentido, ou seja, elaborando uma continuidade à experiência fragmentada. Podem-se considerar as descontinuidades socializatórias e o desmapeamento potencial que afetou mais de uma geração, através da imigra-

ção e casamentos interculturais, embora certa continuidade possa ter sido proporcionada pela identidade étnica. Outro fator de conflito deu-se pelas diferenças entre o capital cultural e intelectual de pais e filha, consubstancializado na diferença de gosto e conceitos relativos à moradia da família.

Em razão de serem provenientes de famílias que já ascenderam a níveis de vida bastante confortáveis, pode ocorrer, como foi expresso por outros entrevistados, que o grau de exigência aumente muito, inclusive para aqueles indivíduos que não têm, ainda, condições de recriar o padrão de vida que usufruíam na família de origem. Isto pode ter o efeito de fazer intensificar os esforços na busca do progresso material mínimo, compatível com o padrão internalizado. Ou, então, pode repercutir em certa desvalorização, ou reserva, em relação ao patamar efetivamente atingido. Estes mesmos efeitos podem ser observados nas trajetórias de ascensão econômica. Mas o padrão de vida da casa de origem pode parecer quase inatingível, como no caso seguinte, em que o projeto de autonomia foi aprovado e apoiado pelos pais.

Lúcia é arquiteta, e saiu de casa para viver com o namorado. A aprovação parental sugere que a autonomia moral dos filhos pode ser uma das expectativas familiares, parte constituinte do ciclo reprodutivo familiar. O pai, que é um médico bastante conhecido, lhe deu um carro, e, algum tempo depois de ter saído de casa, o apartamento em que ela vive hoje - dentro da meta de proporcionar este patamar mínimo para cada um dos filhos. Lúcia fez um novo casamento, e tem filhos gêmeos, de quatro anos de idade, com o segundo marido. Hoje, o apartamento não corresponde às suas necessidades, mas, na verdade, Lúcia desenvolveu aspirações que não pode atender. Por outro lado, ela não aceita bem a possibilidade de abrir mão de aspectos mais individuais para adquirir um apartamento num prédio melhor.

Lúcia - A gente já andou pensando em sair daqui, mas seria para ir para um apartamento, (o que não lhe agrada). Este aqui é de dois quartos, mas tem toda a área do terraço. Para ir para um apartamento de três quartos, compacto...

(Faz expressão de dúvida). *Eu estou acostumada com o terraço que tem um espaço supergrande, um espaço aberto, com churrasqueira. (...) Eu teria a vantagem de ter garagem, porteiro, mais segurança, mais conforto. Mas, por outro lado, eu ia ficar dependendo mais das áreas de condomínio. Aqui, é tudo nosso. (...) Chegamos a avaliar este aqui para ver o que dava para fazer. Pelo preço que foi avaliado, a gente ia ter que pôr alguma coisa em cima (mais dinheiro). Talvez para um usado desse pra ir. Ainda tenho dúvida se vale a pena ou não. Mas como o (marido) constrói, o nosso plano é quando ele construir um edifício assim, a gente ficar com área (construída), em troca de trabalho, alguma coisa assim. Porque a gente economiza toda a administração, o trabalho do engenheiro. Vale mais a pena do que comprar. Vai fazendo aos poucos, de repente a gente consegue um apartamento melhor. Aqui, a localização é boa, o apartamento é superbom. Tem isso de não ter elevador e não ter garagem. São os problemas do apartamento. Elevador não atrapalha tanto. Antigamente, quando eu não tinha empregada, o problema era chegar com as compras do supermercado, subir com garrafas. (...) E a época que eles eram pequenos, tinha a função do carrinho. Ah! Era uma mão-de-obra, carrinho pra cima, carrinho pra baixo. (...)*

Uma das possibilidades que ela examinou é adquirir - “*um dia!*” - a casa da mãe, que continua morando sozinha na casa de quatrocentos metros quadrados: “*Eu até pensei (em comprar um apartamento para a mãe morar), eu pagaria as despesas dela, o condomínio, mas, depois, achei que ia ser complicado com os irmãos*”. O novo casamento do pai interrompeu, precocemente, o fluxo de dotações: “*depois que ele se separou da minha mãe, já deu um apartamento pequenininho pra minha irmã e já não deu nada para o meu irmão!*”. Lúcia evidencia o contraste entre o padrão de vida do pai e o seu próprio e dos irmãos, enumerando os bens que ele usufruiu e que teria colocado no nome da atual mulher, falando com certa amargura:

Eu não conto com nada, do outro lado... A nossa família é a minha mãe. Ele (o pai) já é da família dela. A minha mãe pega no pé: “Ai! Vocês têm de falar, vocês têm de exigir o quê é de vocês!”. Mas não é nosso, é dele, né? Eu não me sinto nesse direito, ele já me deu esse apartamento, o carro. Depois, ainda trocou o carro. Se vier alguma coisa a mais, vai ser lucro. (...) A gente tem muito pouco

contato, às vezes ele vem, pega as crianças, leva para passear (...). Depois, fica um mês sem dar notícias. As crianças adoram sair com ele. Tem barco, tem um carro legal, um Temptra. Eles adoram sair com ele. (...) O que ele dá tá bom, porque eu não cobro. Não vale a pena me desgastar, não tem sentido.

Os pais, como se constatou neste estudo, mantêm sua posição na hierarquia familiar prolongando seu papel provedor, e parecem considerar parte de suas atribuições proporcionar um capital básico para os filhos. No relato de Lúcia, fica bem evidente que pode existir, também, uma expectativa por parte dos filhos com relação às diversas ajudas que a família pode prestar, proporcional à condição sócio-econômica dos pais.

Dentro deste grupo, destaca-se outro, que coloca ênfase na sua autonomia moral, mas que compreende que esta autonomia só tornou-se viável com a independência material. Todos estes pesquisados empreenderam trajetórias propriamente individuais, com rupturas acentuadas com os grupos sociais de origem. Por exemplo, uma das mulheres foi protagonista de um pequeno escândalo, ao abandonar a casa dos pais para trabalhar, morar sozinha e poder relacionar-se com o atual companheiro, casado na época. Hoje, ela leva uma vida profissional bastante ativa, sua principal esfera de identificação. Socialmente ela é bastante preocupada com formalismos, em tomar as atitudes mais adequadas a cada situação. Apesar da ruptura inicial, o nome de família lhe assegurou uma identidade social e foi determinante, inclusive, para a definição de algumas de suas atividades profissionais. Outro pesquisado foi praticamente expulso de sua pequena cidade do interior do Estado, cerca de vinte e cinco anos atrás, incapaz de manejar acusações que iam de homossexual à deflorador de virgens. Hoje ele mantém uma pequena empresa que presta serviços pessoais, e está sempre envolvido em atividades nas quais ele pode expressar seu lado artístico e de habilidades manuais. Outro informante, por outro lado, manteve seu estilo de vida “alternativo” por razões ideológicas, mesmo depois que os anos setenta findaram e a influência dos *hippies* deixou de produzir modas. Formado em Administração de Empresas, ele passou por atividades economicamente marginais, sem querer continuar a trabalhar na empresa familiar, até associar-se com uma empresa paulista e passar a ser seu representante exclusivo nesta cidade. E, a-

inda, uma quarta pesquisada jamais aceitou as ingerências do ex-marido e dos sogros na sua vida e na educação de suas filhas. Terminou seus estudos depois de separada e tem muito orgulho, hoje, de ser uma mulher que não precisa submeter-se a ninguém e ter construído uma vida independente.

Entre histórias de motivações tão diferentes, existem, pelo menos, três pontos em comum. O primeiro diz respeito à reaproximação com a família de origem e parentes e/ou crescimento do respeito social à medida que os empreendimentos individuais são bem sucedidos, o que vem reafirmar as identidades. Este efeito foi verificado por Velho (1978), em *A Utopia Urbana*, para camadas médias em trajetórias de ascensão.

O seguinte é o movimento em direção à maior separação de esferas públicas e privadas, para efeitos de máxima proteção à sua própria diferença. Essas atitudes podem assumir diversas configurações, considerando que pode haver separação de espaços e/ou sociabilidades específicas. Assim sendo, a moradia pode aparecer como um refúgio privado, onde não se recebe mais ninguém, a não ser os muito íntimos, ou aqueles que compartilham das mesmas concepções morais. A dicotomia público/privado pode, assim, ficar corporificada no espaço, como para os que consideram que tudo o que acontece dentro da sua moradia é assunto privado, não deve ser dado a conhecer a mais ninguém. Mas a moradia pode aparecer como um espaço de extensão das esferas de representação, na qual as identidades sociais e públicas continuam a ser exercidas, principalmente quando se recebe muito. Nesse caso, a dicotomia público/privado fica evidente apenas em na esfera comportamental, condicionada pelas concepções do que é apropriado em relação às demais pessoas presentes. Ambas são formas de manejar as imagens que os outros tem de si, por um lado defendendo-se das expectativas sociais, por outro, levando a representação até as últimas conseqüências.

Para Clóvis, manejar a imagem que os outros formam dele não é assim tão simples. Ele sempre procurou viver coerentemente com suas idéias, e credita o sucesso profissional à sua capacidade de trabalho e senso de oportunidade. O seu padrão de vida, comparativamente, é excelente, e seu grupo doméstico, por exemplo, é o único da amostra em que todos os integrantes fazem dois períodos de férias, todo o ano, totalizando cerca de três meses. Ele

se surpreende ao verificar que seu progresso patrimonial e financeiro vem acompanhado de expectativas, por parte de outras pessoas, que ele não consegue, ainda, controlar. Talvez em não controlando estas reações ele, ao contrário, obtenha o máximo efeito distintivo. Este efeito ficou muito claro em nossa entrevista.

Clóvis me recebeu em seu local de trabalho, localizado num luxuoso prédio comercial da avenida Carlos Gomes. Sua apresentação pessoal é simples, veste *shorts*, camiseta e chinelos de dedo de borracha - o dia está muito quente. A barba, de uma semana, dá um certo ar de desleixo. Toma chimarrão, sem parar, enquanto recebe os clientes. No meio da entrevista ele me sonda sobre a minha primeira impressão sobre ele, consciente que o fato de ter sido indicado por um indivíduo (antigo proprietário do apartamento onde vai morar) que se apresenta e trabalha em um ambiente “*de alto nível*” poderia ter suscitado certas expectativas de minha parte.

Clóvis - Tu faz imagem antes de conversar com as pessoas? Assim: “o Clóvis é relacionado com Fulano, comprou um apartamento dele, pelo empreendimento é ‘cara’ de uma certa posição social”. Tu joga para uma posição social! Tu não visualiza? Porque eu, apesar de ser assim, visualizo. Tu corta o elemento surpresa? O elemento surpresa eu digo assim: “Eu imaginava ele de terno de linho!”.

“*Apesar de ser assim*”, ele compreende a importância comunicativa das aparências, esclarecendo que, para determinados ramos, a credibilidade é estabelecida por todo um aparato que procura transmitir a segurança e solidez dos empreendimentos. Nestes casos, as instalações da empresa e apresentação pessoal dos seus diretores seriam fatores fundamentais para a conquista dos clientes. Assim como um profissional liberal teria de lançar mão de mecanismos que tornassem explícito seu sucesso profissional: “*tem de ter aquela ascensão social escancarada, né? Jornal... Sei lá! Divulgação para o meio em que vive. Se não, (vai parecer) mais um médico medíocre!*”. O seu caso é diferente, pois a clientela foi formada durante um longo período, no qual ele cresceu desde posições mais humildes até o que é hoje, prescindindo deste aparato por ter sempre agido eticamente: “*Minha credibilidade já*

está totalmente estabelecida!”. E Clóvis segue me esclarecendo que, atrás desta sua opção, estão razões de ideologia puramente individualista.

Tem pessoas que, além de viver bem, a preocupação é aparecer, não como vive, mas quem é. Aparecer como personalidade. Eu não tenho esta preocupação natural de espírito, mas, de repente, no meio em que eu vivo, me dá uma ‘recaída’ e chego a pensar nisso - “Será que seria bom eu ser qualificado?”, nesse sentido. Aí, de repente - “Não, claro que não! Isto custa!”. Isto custa não financeiramente, custa espiritualmente, porque tu te afasta de ti para chegar mais para os outros. Teu parâmetro passa a ser pensar no outro. Tu começa a ver o que o outro pode achar, o outro ou o teu meio ambiente. E, aí, começam as castrações: “Não posso fazer isso...”, “Eu tenho que andar assim, ou ‘assado’, porque se eu for no banco de short e tênis podem achar que eu não tenho outra roupa, ou que ando mal financeiramente”, pô! É assim que eu ando, as pessoas enlouquecem. É impressionante como as pessoas não sabem viver. (...) Se isto é uma rebeldia? Sim, sem querer atingir ninguém! Nada a ver! Mas, tem um ditado aqui no Sul: “Eu confio no meu taco!”. Eu tenho isso, né? As pessoas: “Como tu faz isso?”, “Mas como que tu consegue?”.

Viver dentro de parâmetros mais individualizados, portanto, tem seu preço, e um dos seus efeitos mais desagradáveis, segundo o pesquisado, é a possibilidade de chocar as pessoas.

E as pessoas se chocam com isso, com o carro, com o prédio, o primeiro de Porto Alegre a ter piscina térmica, um jardim enorme, (...) churrasqueira no apartamento, sacada, três quartos, duas garagens, sala de quarenta metros quadrados. Eu digo que vou morar na (rua), quase esquina com a (rua), não digo o nome do edifício. Não sei, não gosto disso, não é para esconder, parece até que eu... Nesse apartamento... só pode morar aí pessoas com muita ‘grana’, se não, não teria condições. São seiscentos metros quadrados. (...) Se eu posso (por que não?)...

Por outro lado, seu sucesso face ao fracasso dos projetos, inclusive, de amigos seus, algumas vezes o constrangeram. Por isto, ele tem repensado sua maneira de agir: neste novo

apartamento *“eu não vou dar tanta intimidade com o meu lado profissional, pras pessoas não se chocarem”*.

Poucas pessoas da amostra referiram-se a esta cobrança social, justamente duas que reivindicam o direito de ser diferentes e, por outro lado, naturalizam sua trajetória e ascensão, representada como conseqüência natural do trabalho e/ou do talento. Nos dois casos a apresentação pessoal é a expressão dissonante, porém, esta diferenciação só adquire seu máximo efeito em contraste com os bens que o indivíduo pode associar a si (ver o depoimento de Dulce, à página 81). Uma das conclusões possíveis é que, para todos os outros casos, de modo geral, existe uma identificação com o papel social, compreendido no sentido da expectativa de desempenho considerada própria a alguém que ocupe um lugar determinado na hierarquia simbólica de determinada sociedade. Segundo Berger & Luckman (1985), os papéis sociais, além de serem efetivamente desempenhados, representam uma dada ordem social. As tipificações seriam simplificações expressivas, e mantêm uma função comunicativa na interação quotidiana. Agir em desacordo com esta tipificação pode introduzir algumas mudanças no código geral. Ou seja, estes últimos indivíduos poderiam, ao invés de simplesmente sublinhar sua inscrição social, estar disputando o controle dos signos, por uma nova disposição da hierarquia simbólica, fenômeno acusado por Featherstone (1995).

O terceiro ponto em comum, entre os indivíduos que traçaram trajetórias ruptura acentuada, é que nenhum deles fala em parar de trabalhar, pelo contrário, parecem ter no trabalho uma fonte importante de identificação, sugerindo, até, uma identidade compensatória aos papéis sociais não assumidos. Não foi expressa essa concepção de que um dia colherão o fruto do trabalho, e poderão, então, “aproveitar a vida”. O trabalho aparece como o principal valor, o que viabiliza a vida e, de fato, foi através da independência econômico-financeira que eles puderam concretizar seus projetos de vida.

3. Portar um nome de família...

Um pequeno grupo se destacou: os que não percebiam nem revelavam rupturas significativas em suas trajetórias. Se nos grupos anteriores podemos encontrar alguns nomes de família conhecidos publicamente, neste todos portam nomes de família de reputação pública, cujos pais ou tios e, até, avós, destacaram-se como empresários, como intelectuais, como comerciantes e industriais, como administradores e políticos. De maneira geral, as trajetórias parecem manter uma certa continuidade com a trajetória familiar, as rupturas relatadas dizendo respeito, principalmente, a perdas individuais e mortes em família. Para estes pesquisados, os laços sociais parecem se regenerar constantemente dentro do mesmo grupo social, que lhe fornece a solidariedade necessária frente a essas perdas, ou à incapacidade de ascender economicamente. As discordâncias ideológicas que aparecem não são suficientes para justificar grandes rupturas e são neutralizadas pela dependência desses laços.

No caso relatado a seguir, não havia nem mesmo autonomia econômico-financeira que viabilizasse uma trajetória individual. Para este casal, em que Maria da Graça é funcionária pública e seu companheiro trabalhava diletantemente, as ajudas familiares foram vulgatas e responsáveis pela manutenção de um nível de vida superior, impensável para os seus rendimentos efetivos. Quando ela fala de sua vida, relata as perdas, principalmente, que começaram com a morte prematura do pai, o segundo casamento da mãe, que foi morar com o novo marido em outro Estado, deixando as duas filhas adolescentes com a avó. Graças à herança recebida pelo falecimento do marido pôde assegurar, mesmo de longe, um nível de vida bastante bom para Maria da Graça e a irmã, que cresceram freqüentando boas escolas e clubes elitizados, e morando em bairros socialmente valorizados. Mais tarde, com o casamento da irmã e o falecimento da avó, ela ficou sozinha por algum tempo.

Maria da Graça - *Por que tu acha que eu me trato há dez anos? (Ela se refere à psicanálise). É perda que não acaba mais... Naquele apartamento eu morei até 90. (...). Lá foi uma época meio complicada. Minha avó teve câncer durante uns 20 anos, sempre viveu muito bem, trabalhando, normal, nunca esteve mal, até que...*

(...) Eu fiquei morando sozinha um ano e meio depois que a vó morreu e... aí, comprei a minha casa. Com certeza, baixou total de padrão quando eu comprei a minha casa! (Ri). Tanto é que foi um horror! Claro, a vida toda eu morei em casa grande e herdei todos os móveis, tudo da casa. Quando eu fui morar no sobradinho, na Vila Assunção, imagina sair de um apartamento grande e ir para aquela casa minúscula! Eu tive de dar tudo, tu não imagina o que eu dei. Uma 'judiaria!' (...) Quando eu comprei o sobradinho, minha mãe vendeu o apartamento, ela ajudou a comprar. (...) Tava na época que eu queria comprar alguma coisa, ela tinha ajudado a comprar o primeiro dela (da irmã) quando ela casou, então, não era porque eu não ia casar que ela não ia me ajudar. Chegou a hora, eu já estava morado sozinha há um ano e meio, (e a mãe disse) - "Não faz mal, eu ajudo agora, pode 'tocar'?"

Neste momento, a pesquisada sentiu ter ingressado em outra etapa de vida, na qual a autonomia ficava, pela primeira vez, bem delineada. Ter alguma coisa só sua compensava a necessária queda no padrão de vida que levava amparada pela mãe.

Foi a época mais feliz da minha vida quando eu mudei para o sobradinho. Como era bom sentir que era meu! (...) E ele era pequeno, não oferecia coisa nenhuma para eu ser tão loucamente apaixonada. Eu gostava porque era meu, só isso. (...) (Quando estava procurando um imóvel para comprar) ...como eu olhei, meu Deus do céu! Eu olhava umas coisas horrorosas, ou não tinha financiamento. Minha mãe ia me dar um valor "X", era mais ou menos 50% do valor de um apartamento de dois quartos. Mas as coisas que eu olhava... Sabe, aquela época que tudo é deprimente? (...) E quando eu conheci o sobrado, eu achei uma paixão! (...) Achei o astral legal, não era uma coisa "bagaceira" como eu andava olhando. Achei muito bom. Porque eu não tinha dinheiro, mas exigente eu era...

Ao intensificar a relação com o atual companheiro, porém, os planos de autonomia individual foram abandonados, em função do projeto de constituir uma família. Neste momento, a família de origem dele assume um papel polarizador, amparando o casal em diversas circunstâncias.

Aí, nos mudamos, porque o (marido) estava meio assim, aquelas coisa de homem, a casa da mulher, não tava achando muito bom. (Segundo Maria da Graça, ele “meio-que-estava” morando com ela). Aí viemos aqui pra praça (para o apartamento em frente à pracinha da Encol, doação da família dele). (...)

Foi uma loucura! Nós viemos em julho. Que frio! Não tinha cortina, não tinha tapete, nem nada. (...) Mas este apartamento era muito gelado, essa sala é muito gelada. Passou mais um inverno e nós não resolvemos o problema da lareira. (Fala de outros detalhes da casa que falta ajeitar). Nós temos muito pouco armários aqui. E a outra meta familiar é construir lá atrás (sobre o pátio do apartamento). Eu já tenho até o projeto. (...) Quando tiver dinheiro a gente faz. A gente tinha feito um orçamento, na época que nós fizemos o projeto, e a filha do (primo), que é arquiteta, tinha dado um orçamento em torno de seis mil dólares. E nós desistimos de fazer! (Ri). Não dá! De onde nós vamos tirar seis mil dólares? Nem a “pau”...

A informante relata sua trajetória marcando as perdas familiares, consubstancializada na queda de padrão de vida (via para a real autonomia) e na impossibilidade de ter filhos (já havia enfrentado duas gestações frustradas, quando eu a conheci). E expressa uma dificuldade que aparece, também, no grupo de trajetórias anterior, relativa ao alto nível de exigência internalizado. Por ter sido socializada em um padrão de vida superior ao que pode ter hoje, a aferição do próprio progresso é negativa, podendo ser lida na escala inversa à das reais aquisições, ou seja, do que não conseguiu ainda. Pode-se criar um vínculo com as famílias de origem baseado no fluxo regular de bens e dotações financeiras, que vão subordinar o projeto de vida.

O capital inicial básico propiciado pelos pais, em vários casos, pode ser muito maior do que o patamar final de um grupo em trajetória de ascensão. Como para Alice, nascida de

família de industriais no interior do Estado, que casou com rapaz de família de empresários e políticos de Porto Alegre. Ela é a única dona-de-casa jovem dentre os casais estudados (as outras duas são mulheres de idade), o marido é diretor de uma indústria da Grande Porto Alegre. A casa onde eles moram, com os três filhos, é a mesma desde que casaram, há vinte e sete anos atrás. Esta casa sofreu uma ampliação, com a construção de uma churrasqueira e ala de hóspedes, pois ela recebe, regularmente, seus pais. Agora com os filhos adolescentes, a casa ficou pequena para receber os amigos dos filhos, sem alterar a rotina doméstica. A garagem também ficou pequena, pois os dois maiores estão na Universidade, e ganharam automóveis para facilitar seus deslocamentos, o que pode funcionar como amostra de poder econômico em certos segmentos sociais. Uma solução será providenciar a permuta do terreno da casa atual por área construída²⁸, o que lhes proporcionaria um apartamento de alto padrão. Mas, apesar de tudo isto, a decoração da casa é muito simples, com móveis robustos e baratos, e, até, um certo desleixo (a toalha da mesa da sala onde me recebu estava com a bainha desfeita), sugerindo um certo esforço na manutenção do padrão de vida inicial. A compra de carros particulares para os filhos, antes mesmo de providenciar maiores confortos para a casa, sugere um certo comprometimento com relação às evidências de uma certa condição social e econômica, que pode ser uma exigência de suas redes de relações. Pode-se estabelecer um certo paralelismo com a trajetória de Maria da Graça, que estaria, apenas, numa etapa mais inicial.

De maneira geral, estes indivíduos mantêm sociabilidades altamente seletivas, embora as configurações dessa sociabilidade possam variar. Para dois destes grupos domésticos, os de Alice e Maria da Graça, as principais interações podem se dar via clubes tradicionais, justamente os dois grupos que apresentam menos sinais de franca prosperidade nas instalações da moradia. A atividade social da família de Alice se concentra em torno de um pequeno e elitizado clube, que mantém uma programação tradicional e constante de lazer. Com

²⁸ A permuta de terreno por área construída é uma forma de negociação imobiliária, pela qual a construtora paga o terreno com parte do imóvel que irá construir no local, em proporção que pode ir até a 20% da área total construída, nos bairros mais valorizados, em Porto Alegre.

exceção das relações mais informais dos filhos adolescentes que se possam dar em casa, todas as demais interações dão-se em espaços exteriores, justificando o descuido com as peças de recepção da moradia. Mas Maria da Graça recebe pequenos grupos em sua casa, suas irmãs e sobrinhas, e alguns poucos amigos íntimos, sempre informalmente, e sente a necessidade de ter uma casa mais confortável. Chega a ser queixosa em relação aos projetos de decoração da casa, que não consegue terminar, por falta de dinheiro. Ela, evidentemente, pressiona o companheiro para que ele defina sua situação profissional.

Para outros dois, a sociabilidade se restringe a círculos familiares e de alguns poucos amigos, selecionados entre pessoas das mesmas condições sociais. Parece existir uma grande preocupação com a privacidade, não mais no sentido de marcar uma diferença, como no caso de freqüentar clubes de elite, ou privados, mas no sentido de auto proteção, como para Gisela e Adélia.

Gisela é filha de uma família de grande destaque por suas atividades empresariais, de grande poder político e econômico. Ela preferiu me receber no seu consultório, e não manifestou preocupação com a gravação da entrevista. Nem mesmo pareceu achar relevante a condição de anonimato, que eu me apressei em esclarecer, atitude que eu entendi como a despreocupação de alguém que mantém o controle da situação. Durante a entrevista, minha impressão se confirmou: ela mesma manejava o gravador e, no final, desligou-o e o entregou a mim. No curso da entrevista, que foi a mais curta que realizei, em torno de vinte minutos, respondeu, estritamente, ao que foi perguntado, e procurou deixar claro que ela não era uma pessoa de recursos financeiros ilimitados, que era uma pessoa que trabalhava muito. A privacidade, ou a circulação em ambientes sociais mais restritos, pode, nesse caso, ter um sentido de evitar a tipificação compulsória a que os integrantes desta família estão sujeitos, ao serem reconhecidos publicamente. Mas a privacidade manifesta no segredo ou omissão de informações também cumpriu seu desejo de controlar o nível da interação social.

Também ciosa de sua privacidade, Adélia, de família de intelectuais conhecidos, casada com um famoso administrador público, recebe os filhos e netos para almoçar, todos os domingos, grupo que pode aumentar com seus irmãos ainda vivos, em ocasiões como o Na-

tal. Ela mantém um grupo de amigas que se reúne para atividades beneficentes, semanalmente, na confecção de enxovais para crianças pobres. Além disso, cultivava relações sociais mais formais, fazendo as “visitas-de-obrigação”, por ocasião de nascimentos, aniversários, óbitos. Na época das entrevistas, ela estava tendo aulas particulares de Inglês, duas vezes por semana, “recordando”, com uma professora particular, pois se preparava para ir passar uma temporada com um dos filhos casados, que está no Canadá. Ela, inicialmente, ficou muito pouco confortável com o gravador: *“Eu gostaria que isso (a entrevista) não implicasse em nomes. Eu preferia o anonimato”*. Precisei garantir que os nomes seriam trocados, e qualquer detalhe que pudesse identificar os personagens seriam mascarados.

Adélia - A minha família é de São Paulo. Papai veio para o Estado para fazer concurso, e fazer sua carreira aqui. (O pai dela tinha 3º grau e foi alto funcionário público federal). Ele teve um tropeço, era um rapaz muito rico, e no fim da Universidade, o meu avô perdeu toda a fortuna e ele teve dificuldade de se encaminhar em São Paulo. A convite de um tio vieram para o Rio Grande do Sul. Ele fez concurso, aqui morou e morreu muito moço.

A prematura morte do pai desestabilizou os projetos da família. As filhas mais velhas, que já possuíam o curso Complementar - equivalente, na época, ao curso de nível médio que forma professores para o ensino fundamental - precisaram trabalhar, para poder garantir o estudo dos irmãos homens, menores, que conquistaram, todos, títulos universitários. Para isto a família, que itinerava pelo interior do Estado como exigência da carreira do pai, voltou a Porto Alegre, enfrentando um período difícil: *“Mamãe comprou uma casa muito simpática, na Azenha. (...) Era boa a casa, mas era de manutenção cara, mamãe passou por muito aperto financeiro. Ela era uma pessoa muito inteligente, muito determinada, ela dizia: ‘Bom, o importante é que os meninos estudem, para serem gente, as outras coisas podem ficar para trás’. E a casa estava precisando de conserto, então mamãe vendeu”*.

As relações sociais entabuladas dentro do segmento dos altos funcionários de carreira, como o pai, e a ajuda dos parentes melhor posicionados, forneceram, porém, o necessá-

rio suporte para a família, providenciando trabalho e empregos, bolsas de estudo, cursos fora do Estado e no Exterior e, ainda, chances matrimoniais. Se o percurso da família envolveu algumas privações durante certo tempo, as altas posições profissionais conquistadas pelos irmãos e os bons casamentos realizados por ela e pelas irmãs, restituíram as posições sociais originais, destacando a família perante a sociedade portalegrense.

Aí, fui morar na Padre Chagas ²⁹, no casarão dos meus sogros, que já tinham composto a parte de cima, mais ou menos, para o filho quando casasse. Só que a parte de cima não tinha cozinha, então, nós tínhamos sempre esta dependência (ri). Morei ali, cinco anos, com os meus sogros, mas depois vieram as crianças, a nossa parte ficou apertada.

Daí, os colegas do meu marido fizeram uma incorporação para construir este prédio. (...) Era um apartamento espaçoso, tinha gabinete, tinha living, sala de jantar, uma copa grande. (...) Eu me lembro perfeitamente, as senhoras do edifício deram palpites sobre a planta. (...) Quando estava pronto o projeto, todo o mundo se encantou!

Mas, à medida que o tempo passou, muita coisa mudou, a começar pelas condições sociais gerais, que reorganizaram o espaço urbano. Por outro lado, os filhos casaram e saíram de casa. Suas exigências de conforto também aumentaram bastante. Sendo assim, a pesquisada enfrentou uma nova mudança, mantendo, porém, alguns elementos da decoração que podem localizá-la socialmente.

Como eu te dizia, no centro a vida é muito desagradável hoje em dia, ali a Praça do Palácio do Governo é local de manifestações. Eu morava ali, a uma quadra. (...) Muito desagradável a praça, greves de professores, os professores acampados com família, colonos acampados. Lá o apartamento era muito mais espaçoso (...). Bem, eu comecei a achar tudo aquilo muito grande e queria morar perto da filha. (...) O meu edifício era de pessoas que se conheciam, mas, por “qües-

²⁹ No bairro Moinhos de Vento, identificado com classes altas.

tões” de temperamento, intimidade não tinha com quase ninguém, mas deixei amizades lá. (...)

Olha, este armário veio da Fazenda VB, que é em Jaguarão, dos antepassados da minha sogra. (...) E este, é da fazenda do C, O Barão de C é do outro lado da família, do lado do meu sogro. O Barão de C era tio-avô dele. E veio lá da fazenda do C, como estes outros móveis. Devem ter mais de cento e cinquenta anos. (...) E para me desfazer, sabe, nem vem da minha família nem nada, mas eu estou tão habituada, eu não tenho coragem.

Na narrativa biográfica da Adélia, encontram-se rupturas provocadas por descenso financeiro, primeiro do avô, depois provocada pela morte do pai. Mas a narrativa sugere que o corporativismo de classe foi um elemento forte no restabelecimento da condição social, que ela, evidentemente, consolidou pelo casamento. Privacidade, neste caso, parecia garantir a discrição sobre os detalhes corriqueiros do dia-a-dia, e sobre os detalhes menos “nobres” da trajetória familiar, dados que pudessem desmistificar a imagem pública da família, mantendo, assim, a diferença estatutária.

Capítulo IV. ESFERAS DE SIGNIFICADO E SOCIABILIDADES

As sociabilidades quotidianas obedecem a ritmos e eventos de diferentes naturezas. Estes estão inicialmente referidos à esfera doméstica, à etapa específica da família, e aos indivíduos que a compõe. São estruturadoras, também, as formas e concepções individuais de conexão com o mundo exterior ao grupo doméstico, com o universo acessível, dentro das possibilidades reais de cada localidade e as exigências de cada situação. Os ritmos sociais e supra-sociais, por outro lado, são matrizes para a inscrição de um indivíduo, ou grupos, em uma dada sociedade, e para a elaboração de identidades sociais referenciadas mais diretamente a uma esfera pública.

1. Vida doméstica

1.1. Relações familiares: a tensão entre a autonomia e a dependência

No tema-meio desta pesquisa, evocativo à moldura da vida familiar - o espaço doméstico e a vida quotidiana - os eventos da vida aparecem na função precípua de marcar o tempo. São as referências aos casamentos, à vida conjunta do casal e ao nascimento de filhos

e, ainda, mortes na família, as situações vividas mais utilizados pelos pesquisados para organizar temporalmente a trajetória individual e do grupo, em suas rupturas e continuidades. Mas, na maior parte das vezes, o grupo doméstico e o casal são auto referenciados, e a vida nas famílias de origem aparece como contrastiva ao estilo de vida vivido pelo grupo hoje, mesmo que não haja clareza sobre as diferenças encontradas. As que aparecem são ligadas, principalmente, aos padrões de comportamento, objetivos de vida e relações com os filhos. Os padrões de comportamento revelam uma maior informalização das atitudes e modos de vestir relativo à geração anterior. As diferenças com relação aos objetivos de vida podem ser referenciadas como uma maior “ambição” dos mais jovens, uma reação contra o que classificam de “acomodamento” parental ou, então, a adoção de objetivos mais pragmáticos e mais hedonísticos. As relações com os filhos são classificadas de “mais abertas”, pois hoje “a cabeça é outra”. O casamento aparece como um atestado emancipatório aos indivíduos que formam o casal, cuja independência moral parece ser tanto maior quanto sua efetiva autonomia material. Cleo resume, assim como outros pesquisados, este sentimento:

Cleo - Meu pai era super-rigoroso, meu convento era em casa. Eu tinha que usar saia comprida: ia até o colégio enrolando a saia, para não parecer uma “jeca”! Dos meus biquínis ele fala até hoje. “Eu tou casada, com dois filhos, então deu pra ti, né?”. Ele fica olhando... (e ela responde:) “Tudo o que não deixaste, eu tenho que fazer agora.” Eu acho que, até em função da minha criação, eu escolhi marido que não se mete nas minhas roupas.

Para a maioria dos entrevistados, o casamento representou uma grande mudança. A outra grande mudança é o nascimento dos filhos. Aliás, no universo estudado, dizer “ter família” significa dizer “ter filhos”. Os relatos, freqüentemente, dão por “difícil” o início da vida do casal, mesmo que na grande maioria dos casos a família tenha contribuído substancialmente. É bastante provável que um, ou ambos, já possuam automóvel, um dos primeiros grandes presentes feitos pela família de origem aos seus filhos que atingem a maioridade civil. Uma das outras ajudas que a família que tem posses pode prestar é por ocasião da con-

clusão do curso de 3º grau, do seu filho solteiro ou casado, com a montagem das instalações físicas adequadas para iniciar sua vida profissional. Não se pode esquecer uma pequena parcela que se integra imediatamente aos negócios da família. Por ocasião do casamento, o auxílio inicial ao casal prestado por ambas as famílias de origem, ou pela família mais abastada, é principalmente na compra e montagem da primeira moradia do casal, contribuindo assim, com uma parte básica do capital inicial. Esta ajuda inicial pode incluir mesadas, pagamento de estudos, tratamentos médicos e outras despesas, no período em que os rendimentos próprios do casal são pequenos.

Um belo apartamento no bairro Moinhos de Vento foi o presente que Selma ganhou de seu pai, quando casou pela primeira vez, segundo ela bem superior ao que vive hoje (teve de dividir o primeiro apartamento com o marido, na separação). Toda a família ajudou a montar a casa, uma tia deu o fogão, outra a geladeira, os avós, a máquina de lavar roupa, faqueiros, louça, enfim, tudo o que a moradia necessitava para seu conforto. E, depois de sua separação, a família repôs tudo o que ela deixou na divisão de bens. Ela tenta explicar o que ela classifica de “obsessão” de seu pai e de sua família em proporcionar a moradia aos filhos:

Selma - Eu fui ver onde estava a origem desta preocupação (...) e eu cheguei à conclusão de que os imigrantes, quando vieram para o Brasil (...) muitos não podiam (dar uma casa) e os filhos ficavam morando com os pais (da noiva). (...) E isso não era uma coisa nem temporária nem um favor, era uma obrigação dos pais (...) de ter de ajudar a outra geração a se formar. (...) E acho que passado uma geração depois, a vida do imigrante melhorou e “dar a casa” passou a ser a coisa mais importante. (...) Isto é muito particular da minha família, acho que não é só porque eu sou judia.

Selma aponta para uma motivação bastante forte dos pais: a preocupação em fornecer os elementos que consideram básicos, ou o que podemos chamar de capital inicial do filho ou do casal, de modo que a reprodução familiar seja beneficiada com o produto da acumulação de bens e capital realizada pelo grupo ao longo dos anos e das gerações, pro-

movendo um sentido de continuidade e progresso nas linhas de descendências. Por outro lado, o estabelecimento da sucessão geracional encerraria um ciclo da vida familiar baseado no provimento material por parte dos pais, dotando aos filhos de instrumentos (capital básico, instrução, profissão, meio de renda) suficientes para traçar uma trajetória própria.

Apesar de existirem ligações estreitas, com contatos freqüentes e regulares na maioria dos casos, em muito poucos parece ser admitido que haja uma participação sistemática e necessária das famílias de origem nos cuidados com os filhos. São mencionadas ajudas de tipo eventual ou configurando rotinas que expressam menos necessidade que a intenção de manter laços familiares, como uma refeição semanal das crianças na casa da avó, o almoço do sábado ou domingo com toda a família, o passeio de sábado com o avô, e também, temporadas na praia, enquanto os pais realizam uma viagem sozinhos. Acaba por parecer que só eventualmente as crianças podem ficar com os avós, ou uma cunhada ou irmã, no caso da empregada faltar, ou qualquer outro imprevisto. Parece fazer parte do *ethos* do casal certo sentido de autonomia que não pretende contar com a ajuda necessária de familiares, ou, mesmo, amigos e grupos domésticos na mesma situação, a não ser em último caso, nem incluir parentes e agregados ao grupo doméstico básico.

Em só um caso encontrei associações à família nuclear, composta por pais e filhos. Nesta situação, o grupo (um dos casais de mais idade) constituiu-se no interior do Estado há trinta e seis anos atrás e estão em Porto Alegre há vinte (foi o casal com maior tempo de união que entrevistei). A mãe da mulher, hoje com 86 anos, morou com o casal desde o seu casamento, o que foi justificado por já ser viúva na época, e ter esta única filha mulher. E, em um só dos três grupos que não eram constituídos por casais ocorria a agregação de parentes: uma avó viúva abriga o neto mais velho (de 16 anos), fruto do primeiro casamento de seu filho, que mora em outro Estado com a nova família.

A necessidade de independência em relação à família de origem e dos demais é assim expressa por Evaldo: *“Se a gente precisa de algum suporte, em alguma ocasião, a gente pede. É bom a gente ter estas pessoas (a sogra e a irmã) por perto até para ajudar. (...) A gente tenta, digamos, uma auto suficiência, para não ficar perturbando (os amigos). Claro, even-*

tualmente acontece alguma coisa assim: eu sei que o (filho de 9 anos) está lá (ensaiando) no coral (da escola), então eu ligo para o pai do amiguinho, e digo - Vais buscar teu filho no coral? Então traz o (filho)...”. Mas ele fala, também, de um sentimento que pode ser comum a outros casais, a constituição da sua autonomia perante as famílias de origem como crucial para a própria identidade do grupo:

Evaldo - Antes, tinha muito de bater ponto na casa da minha mãe, aquelas histórias de fim-de-semana. Mas não dá para negar aos avós de verem os netos. Isto termina criando rotinas que incomodam. (...) Eu acho que os avós acabam tendo um certo comodismo, então são sempre os filhos que levam os netos na casa dos avós. (...) É sempre este o movimento. (...) Então, quando surgiu esta casa na serra e a gente começou a passar os fins-de-semana lá, (...) nós quebramos esta rotina e terminamos, até, nos aproximando mais, como família. Isto foi muito bom. (...) Começamos a incentivar que as nossas famílias fossem para lá. Tem, é claro, de inverter as coisas!

As relações com as famílias de origem sugerem claras esferas de competência: a família pode “ser perturbada”, pode “até” ajudar, e é a ela que o casal irá acorrer em último caso, mas a responsabilidade de organização das rotinas domésticas é do par conjugal, de modo a preservar sua autonomia, ou seja, sua identidade como unidade dissociada das famílias de origem. Por outro lado, parece estar embutido nesta necessidade um sentido de ciclo familiar de base geracional, pelo qual a força centrípeta ou englobante das famílias de origem é deslocada à medida que seus provimentos diminuem ou são esvaziados pela ascensão de um novo grupo capaz de prover a si e aos seus. Um dos sintomas é a polarização da vida familiar por um casal mais moço que vai repercutir nos ritmos dos eventos da família mais extensa e, com frequência, redundante na mudança da moradia dos grupos de origem para mais perto “dos netos”, ou da família dos filhos. Restaria aos avós uma espécie de ascendência moral, preservada culturalmente em formas mais simbólicas - se não fossem, de fato, responsáveis pela manutenção do valor-família, conforme demonstrado por Lins-de-Barros, 1989 - e, ainda pelas diversas ajudas efetivamente prestadas pelas famílias de origem ao

longo do ciclo doméstico. Estas ajudas, na realidade, são muito mais importantes do que quiseram fazer crer grande parte dos relatos. Alguns relatos dão conta, inclusive, de certo ressentimento por parte de mulheres que não se sentem devidamente contempladas com a prestação desses serviços por parte de suas próprias mães. “*Minha mãe não é muito avó...*” explica Vera, ao mesmo tempo em que deixa perceber que a mãe, na verdade, é relativamente moça e mantém uma vida produtiva, com comércio estabelecido e responsabilidades que não a tornam muito disponível. Os resultados obtidos coincidem com Lins-de-Barros (1987), que sugere que a necessidade de afirmar a família nuclear de maneiras tão enfáticas por parte do casal, na verdade, demonstra uma dependência negada ou ideologicamente oculta.

É importante anotar indícios que apontam para a existência de um sistema de compadrio que, se não é generalizado, ocorre em parcela significativa dentro do universo estudado, parecendo ser independente da origem religiosa ou étnica dos entrevistados³⁰. Um dos motivos que fez uma das esposas escolher o bairro Bela Vista foi que sua “*comadre*” morava ali. Por casualidade, cheguei a esta comadre, por indicação de uma outra entrevistada. Ela é judia e fez um casamento misto com um descendentes de colonos italianos, católico, e com ele tem dois filhos, que estudam no Colégio Israelita. Ela me fala de sua “*grande amiga*”. A relação entre os casais não envolve parentesco biológico, mas o primeiro casal deixa bem claro a sua opção por aprofundar as redes de amizade quase ao grau de parentesco, em função de não terem tido filhos.

Em outros dois grupos, os padrinhos foram escolhidos dentro da rede de parentesco. A primeira escolheu pessoas sem vínculo entre si, e a segunda, sua cunhada e o marido desta. Escolher padrinhos para os filhos envolve a preocupação com o amparo da criança, caso venham a faltar os pais, por isto, geralmente, são escolhidas pessoas jovens e de boa situação. O estabelecimento do compadrio parece envolver, também, a aceitação do encargo por

³⁰ Arantes (1982) faz algumas conjeturas a respeito da criação deste parentesco ritual. E Fonseca & Brites (1990), mostram a complexidade simbólica envolvida no compadrio e sua relação com estratégias de reprodução e ascensão social.

parte das pessoas escolhidas, que é um compromisso de “palavra”, ou seja, não existem dispositivos legais que garantam a sua execução, sendo uma situação ausente na legislação. O compadrio tradicionalmente é estabelecido por ocasião de rituais religiosos do batizado da criança. Quanto às outras formas rituais que pode assumir, caso os pais não sejam religiosos, se é que tal situação existe, não foram objeto de investigação neste estudo. Estas alianças que podem ser feitas para reforçar laços de parentesco ou criar novos laços, parentescos por afinidade, remete, novamente, à ambigüidade do projeto de autonomia conjugal e à sua efetiva inscrição em uma rede de reciprocidade mais extensa.

Se existe o movimento de individualizar a família conjugal, dotar-lhe de uma identidade distinta em relação às famílias de origem, dentro dela podem ocorrer outros movimentos dissociativos. O casal pode realizar, conscientemente, atividades independentemente aos filhos, o que parece ser importante do ponto de vista da sua identificação como unidade, criando outra dualidade, pais *versus* filhos. A primeira viagem sozinhos, depois do nascimento do primeiro filho, é recebida com alívio e relatada como um marco, quase um despertar do casal após um período de intensa concentração nuclear. Esta viagem geralmente é oportunizada pelo auxílio de alguém da família, normalmente os avós, que se responsabilizam pelos cuidados com o filho quando os pais viajam. Por outro lado, o reconhecimento das individualidades pode redundar no reconhecimento de espaços físicos e sociais próprios, principalmente com relação aos filhos.

Freqüentemente a mudança de moradia é provocada pelo reconhecimento de necessidades espaciais consideradas apropriadas para o desenvolvimento físico e psicológico dos filhos, como ter um espaço para as brincadeiras e para receber seus amigos, ou ter seu próprio quarto. E é unânime a visão de que a família conseguirá manter certa sincronia de atividades até a adolescência dos filhos, que passarão manter um universo de relações sociais próprio, de ritmo independente da família de origem, que vai crescendo, gradativamente, a partir da escolarização.

1.2. Sociabilidade e ciclo familiar: domesticação do tempo e do espaço³¹

O casamento aparece como um importante marco nas formas de sociabilidade desenvolvidas pelos indivíduos que vão constituir o novo grupo doméstico. Aparecem relatos que identificam diferentes etapas, que vão transformando, gradativamente, a sociabilidade levada a efeito em espaços “externos”, ao mesmo tempo em que cresce a polarização do ambiente doméstico, ou as sociabilidades vividas nos espaços “internos”, processo que é mais rápido quanto mais cedo nascerem os filhos do casal. As vivências nos espaços externos anteriores ao casamento, e mesmo na etapa inicial do mesmo, são vistas como bastante intensas, e incluem as relações sociais ligadas à esfera produtiva, mas, também, as eletivas, na medida que o círculo de relações afetivas individuais expande-se além dos círculos e espaços domésticos de origem a partir da adolescência. Ulisses relembra esses tempos:

Ulisses - Eram outros tempos. Quando a gente se conheceu era assim: jantar fora todos os dias. É incrível, a gente fazia isso todos os dias! Ou tinha um teatro para ir, ou era um cinema, jantar fora com um casal de amigos... Essas coisas.

P - Mesmo morando juntos, depois, tinha este esquema?

Ulisses - Aos poucos a gente começou a ir perdendo isso. Selecionando mais, digamos assim, as saídas. Não todos os dias, mas enquanto não houve filho, foram muitas saídas. O (filho) é que é um marco da mudança da gente ser. Ficar em casa, dar de mamar, e aquelas histórias todas... Sem dúvida, mudou muito. Bah! Eu me lembro: a gente foi viajar sozinhos (só) quando ele completou dois anos! (...)

P - E os amigos, se mantiveram?

Ulisses - Ah, houve muita mudança. (...) De repente, a gente se aproximou mais de (outros casais com filhos pequenos).

Com o casamento e a constituição do novo domicílio, instala-se um espaço onde as relações seletivas encontram um ambiente físico interno controlado para se desenvolverem,

³¹ Este título foi inspirado na atenta crítica realizada pela Profa Ana Luiza Rocha à esta dissertação, que me (continua na próxima página)...

e no qual o casal passa a ser a nova unidade social referenciada. Pelo menos parece existir esta expectativa, que pode estar ligada ao estabelecimento da identidade dos sujeitos enquanto “casal”, ao mesmo tempo em que são abandonadas sociabilidades que podem ameaçar a unidade. São referidos os jantares para “casais”, as viagens com outros “casais”, a prática de esportes entre “casais”, que tendem a excluir, em grande parte, outros indivíduos que se encontram em diferentes etapas e trajetórias. É Mariana que se dá conta de que as práticas sociais do casal (que está casado há 25 anos) foram sempre tão seletivas que, hoje, não lhe restam amizades pessoais com as quais possa contar:

Mariana - Sábado, fiquei totalmente sozinha em casa. Fiz o jantar sozinha, jantei sozinha, pois minha filha foi ao cinema com o namorado.

Imagina! Liguei para uns e outros, disse: “Olha, apareçam, o (marido) está viajando, eu vou estar em casa!”. Ninguém me deu bola, ninguém ligou, parece que eu não existo. Fiquei tão deprimida que fui dormir às nove horas! A (filha) nem entendeu quando chegou em casa com o namorado, eu dormindo àquela hora! Daí eu me dei conta que eu não tenho um amigo, uma amiga que seja só minha.

Podem ocorrer, portanto, alguns rearranjos no universo afetivo. Tânia, casada no religioso com um homem divorciado, há pouco tempo, assim resume a transformação das estruturas e formas de sociabilidade que ocorreram em função de seu casamento:

Tânia - A gente teve uma triagem de amizades quando casou. (...) Casamentos são coisas assim: uma das cerimônias que tu deves mais obrigações, eu acho. (...) Se tu és convidado para o casamento de um amigo e tu não vais, é porque surgiu uma coisa importante e tu vais te manifestar, porque (casamento) não é uma coisa que acontece todos os dias. Vai acontecer uma vez na vida daquela pessoa, pressupõe que é uma coisa importante para ela. (...) Eu nem vou mentir: algumas a gente até convidou por obrigação, porque a obrigação é recíproca. Tu não convidas uma pessoa para o teu casamento, também tu estás querendo dizer

alguma coisa. Então, nessa hora, a gente separou. Tipo: “Pra esse que eu convidei e não veio e não se manifestou, eu não devo mais obrigação nenhuma”. (...) Acho que foi uma coisa boa para nós, porque nós éramos muito preocupados com as coisas assim. E uma outra coisa: (...) nós recebíamos em casa e lá pelas tantas parou e pensou, (...) viu que ninguém mais convidava, (...) só a gente é que estava fazendo isso. Então, a gente deu mais uma separada. (...) E algumas pessoas realmente caíram fora, do círculo de amizades e, eu diria, até do nosso círculo de consideração, né?

Neste e em outros casos, o casamento parece portar uma expectativa acentuada sobre as novas alternativas de sociabilidade, bastante ligadas à identidade da unidade conjugal. Por um lado estas expectativas podem estar ligadas à posição estatutária do novo grupo doméstico na rede maior de relações e na rede familiar extensa, relações estas que poderíamos chamar de históricas - referentes à história das relações do e com o grupo maior - que Tânia chama de “*círculo de consideração*”, que exige reciprocidade formal, espaço social onde também são estabelecidas as relações de compadrio. Por outro, ligadas ao rearranjo das trajetórias, que fazem o casal tentar conciliar seus novos projetos com a preservação de laços individuais anteriores, o “*círculo das amizades*”, tarefa que nem sempre é bem sucedida. O mais comum é que as relações se mantenham quando as trajetórias e projetos são assemelhados, ocorrendo modificações e rearranjos sempre que acontecer uma divergência.

As relações sociais com os amigos e demais grupos obedecem a certos protocolos, dos quais a utilização do telefone parece ser preeminente. Ninguém visita ninguém sem que o encontro seja combinado com antecedência, pelo telefone. Aliás, telefonemas regulares podem vir a substituir a própria visitação. Neste caso, deixam de ser instrumentos que favorecem o distanciamento entre os sujeitos, para, de fato, serem os agentes mediadores das relações. A visitação pode ser acompanhada de um presente, um vinho ou uma guloseima - se for entre amigos que têm intimidade, principalmente se o convite envolver compartilhamento de uma refeição. Mas, caso não se tenha intimidade, é melhor não fazê-lo, pois poderia ofender aos donos da casa. Ou, então, ao receber o convite, perguntar se deve levar alguma coisa. O grau de ajuda que pode ser prestada, nessas ocasiões, sendo no distribuir co-

pos e bebidas ou recolher cinzeiros também será proporcional à intimidade que se tenha e, evidentemente, à sua real necessidade. De maneira geral, porém, percebendo que a dona de casa enfrenta algum tipo de dificuldade, é polido que a mulher visitante ofereça sua ajuda.

A utilização do telefone também obedece a um certo protocolo, considerando que ele tem uma presença invasiva através do chamado imperativo que exige o atendimento. Seria de “bom tom” a limitação do horário em que os telefonemas possam ser feitos, considerando o respeito às rotinas da vida privada dos indivíduos. Segundo Ribeiro (1991) ³², quando não se conhece a rotina doméstica de quem se está ligando, seria indelicado ligar antes das 10h. E, após as 22h, deve-se ligar somente para pessoas com quem se tem intimidade. Além disso, devem-se tomar alguns cuidados, para assegurar-se de que atender ao telefone não vai perturbar, por exemplo, o almoço ou o preparo das refeições, sondando-se sobre o melhor horário para ligar, ou verificando se o indivíduo não está ocupado demais para atender a um longo telefonema. Se alguém não deseja atender ao telefone, momentaneamente, deve deixar sua secretária eletrônica ligada. Melhor do que dar a impressão de que não deseja atender, constrangendo o outro que liga. Para Leão (1992) ³³, o telefone - recurso da tecnologia moderna - pode e deve ser usado para a aproximação entre os indivíduos, para cultivar as relações a uma maneira quase tradicional. Por exemplo, seria desejável ligar para uma amiga, comentando sobre a festa, ou o jantar, que ela teria proporcionado no dia anterior, satisfazendo, assim, a expectativa de reciprocidade por parte dela.

As formas de interação podem variar com a etapa específica da vida do casal. Inicialmente, pode ocorrer uma série de recepções aos diversos “círculos”, levadas a cabo regularmente, objetivando “abrir a casa” ou manifestar a intenção de incluir indivíduos e grupos na rede relacional doméstica, num modo que supõe reciprocidade e o estabelecimento de um novo patamar das relações. E este é um ritual que pode se repetir a cada casa nova, pre-

³² Célia Ribeiro, originária de uma antiga família portalegrense, é jornalista de renome nacional, autora de diversos livros de etiqueta e promotora de eventos culturais, mantendo coluna no jornal Zero Hora, de Porto Alegre.

³³ Danuza Leão, *socialite* carioca famosa, e irmã da falecida cantora Nara Leão, é promotora de eventos e escreveu sobre a etiqueta dos tempos modernos.

texto de reafirmar alianças ou ampliar redes. Quase sempre o evento central é uma refeição, um jantar, ou um churrasco (hábito de comensalidade tipicamente gaúcho), possível, pois a maior parte dos apartamentos do bairro tem churrasqueira.³⁴

Uma casa nova cria muita expectativa e pode gerar um afluxo mais intenso no início: “*Gostamos muito de receber!*” é uma afirmação que pode se completar com a constatação de que “*já não recebemos tanto*”. Ou seja, pode ocorrer uma nova seleção a partir do primeiro momento, como disse Tânia: “*o tipo de vida que a gente tem, não tem tempo para perder com quem não é importante para a gente!*”. Mas, os motivos mais alegados para a diminuição da vida social são “*os filhos estão pequenos*” e “*o ritmo do trabalho aumentou muito*”. Alguns reconhecem que o redirecionamento de recursos financeiros para a criação dos filhos, que pode incluir a necessidade de buscar uma moradia mais adequada, influencia na mudança da sociabilidade. Continuar recebendo, continuar patrocinando jantares com regularidade pode ser uma fórmula para evitar o isolamento doméstico, mas marca, acentuadamente, uma melhor posição financeira do grupo perante outros. Para os muito ocupados, jantar fora com um ou dois outros casais pode ser a solução preferida, mas, de modo geral, muitas atividades sociais como receber, jantar fora e, até, participar de eventos culturais correntes como teatro e cinema, podem sofrer uma redução drástica com o nascimento de filhos.

Filhos pequenos podem, por outro lado, ser pretexto para novas sociabilidades cotidianas, por exemplo, entre mães que levam os filhos mais ou menos à mesma hora para brincar na pracinha do bairro, ou nos jardins do condomínio. Geralmente, há um redirecionamento das relações para casais na mesma situação, uma vez que, por algum tempo, os pais dedicarão a maior parte de seu tempo livre à socialização dos filhos. Nada mais conveniente que durante este tempo sejam entabuladas relações que tolerem a presença de crianças, cumprindo o duplo papel de localizar pais e filhos num determinado universo relacio-

³⁴ Oliven (1993 e 1984) levanta a questão da transformação destes hábitos regionais em símbolos de prestígio e diferenciação da identidade gaúcha.

nal, ao mesmo tempo em que oportunizam a atualização das identidades, individuais, do casal ou do grupo doméstico.

As atividades conjuntas de pais e filhos podem se estender, embora não exclusivamente, até o final da pré-adolescência dos filhos. A construção de uma entidade, a Família, que sucede à construção do Casal, parece ser um produto esperado deste processo. São relatadas experiências que traduzem um peculiar sentimento associado ao grupo doméstico de base nuclear. Evaldo relata a conquista de um “sentimento de família” quando se desligaram da atração das casas de origem, indo todos os fins de semana para a casa na serra, em uma vizinhança de amigos que também tinham crianças pequenas (casa que comprou por influência desses): *“Nós quebramos esta rotina e terminamos, até, nos aproximando mais como família”*. A polaridade foi invertida: as famílias de origem passaram a ir para sua casa de lazer. E os casais amigos e vizinhos podiam dedicar-se a alguma atividade comum, enquanto as crianças brincavam entre si, ou um dos casais responsabilizava-se pelos cuidados de todas as crianças, enquanto os outros iam jantar fora, por exemplo, aparecendo esta ajuda mútua também como extraordinária. Dulce relata o processo de identificação familiar como um acontecimento esperado, e desejável, que, no caso, ocorreu em razão da primeira viagem conjunta do grupo para o exterior: *“Nós quatro crescemos muito, como família!”*. Estas identificações aparecem, na maioria das vezes, com base em deslocamentos contrastivos, que induzem o sentimento de peculiaridade e unidade, face aos demais grupos e à sociedade de modo geral.

À medida que os filhos crescem, e desde muito cedo, vão sendo absorvidas, pelo grupo, todas as iniciativas e ensaios de individualização da criança, que podem ir desde dormir na casa de um amiguinho, estabelecer a forma de gastar seu dinheiro, até ter seu próprio quarto ou o seu próprio computador. A medida também que seu universo relacional vai se tornando mais autônomo com relação ao dos pais, e isto começa a acontecer em paralelo com os processos de socialização secundária, os ritmos da família deixam de ser coordenadas somente em função de atividades comuns ou das necessidades parentais, passando a incluir espaços para o exercício das sociabilidades individuais. Desta maneira, a programa-

ção de fim-de-semana pode passar a ser negociável, e comportar esquemas planejados para poder satisfazer à demanda de todos. Cleo, cujos filhos têm 7 e 9 anos, por enquanto está conseguindo contornar este problema, já que passa quase todos os fins-de-semana em sua casa na serra: *“Eles (os filhos) curtem horrores! Eles sempre levam amigos. O (filho menor) tem que levar toda a família (dos amiguinhos), porque eles são pequenos e não querem ir sozinhos. Então, a gente leva os amigos, e toda a família dos amigos dele! (Ri)”*.

As férias anuais são uma grande unanimidade entre os pesquisados, a maioria dos quais possui uma segunda moradia de lazer, na praia ou na serra. Ter duas moradias possibilita, também, a experiência de diferentes sociabilidades, enquanto são selecionadas redes de maior poder econômico.

O tempo urbano poderá priorizar, também, as relações mais imediatas e contingentes. Inara mostrou-me um quadro que ela afixara na parede da copa de sua moradia urbana, com a intenção de coordenar os deslocamentos de seu motorista, responsável pelo cumprimento de uma extensa agenda que incluía aulas de tênis, futebol e Inglês pela manhã, para os dois filhos, além do curso regular de Primeiro Grau de ambos, à tarde, e seus próprios deslocamentos entre escritório, terapia, aulas de *paddle* e curso de especialização profissional. Ela ri, contando algumas trapalhadas que o motorista já fizera, *“mas, agora, ele já está totalmente programado!”*. Por isto, ela procurava tornar a sua moradia *“prática”*, e simplificar os procedimentos domésticos de maneira a tornar possível, por exemplo, receber amigos ou colegas de curso em jantares *“improvisados”*: *“Nós gostamos muito de receber, então o apartamento já foi arrumado pensando nisso. (...) Eu não sou formal, eu adoro é fazer a arrumação de uma mesa. (...) O que mais me aperta é a comida, mas não aperta muito. Tem o Via Fetuccini, que é só encomendar a comida, tu pões no forno, esquenta, deu! (...) Aqui em casa eu sempre tenho uma receita de peixe no freezer, é uma maravilha!”*.

Ao contrário, em sua casa de campo, impera *“o sem compromisso. Não tem hora para comer, não tem hora pra acordar, não tem hora pra fazer nada”*. E continua: *“Se fica sujo, eu não passo uma vassoura, é isso o que eu gosto. Eu não vou ficar toda a semana, eu não*

tenho que me arrumar para trabalhar. Tudo o que tiver de mais ‘muquiceiro’³⁵ eu quero lá, para ficar bem à vontade. (...) Eu tenho mania de arrumação, gosto da casa arrumada, organizada, limpa. Sabe, em ordem. Então lá eu relaxo, porque a caseira vai sempre”. O tempo do lazer sugere uma sociabilidade específica, ligada à maior disponibilidade de tempo dos indivíduos e possível pela presença de espaços abertos e mais flexíveis, como a varanda, o jardim, às vezes ausência de cercas. Não é rara a menção à ajuda mútua, por exemplo, de filhos que vão passar alguns dias com a família do amigo na praia, ou de um casal que pode se responsabilizar por ambas as proles, enquanto o outro sai para o cinema ou jantar fora na serra, o que não acontece na cidade. Esta sociabilidade pode fundar redes relacionais por códigos ligados ao lazer, ou estender as redes preexistentes, oportunizando a vivência de momentos extraordinários coletivamente. Lalá é categórica ao enfatizar que suas amigas de praia, apesar de morarem em Porto Alegre, raramente se relacionam fora da temporada.

Lalá - Eu sempre veraneei em Capão (da Canoa), minha mãe tem apartamento lá. Inclusive, com o meu segundo marido, a casa dele ficava em Atlântida, mas eu só ia para dormir. Todos os oito anos: de manhã cedo pega o carro e as crianças e vai para o meu “centro”, quase na frente do bar (...), com as minhas amigas de verão. Porque são amigas que eu vejo só no verão. Em Porto Alegre, não adianta! A gente nem se telefona. E é tácito, isto. Não tem nada que se procurar, fora dessa época não somos amigas.

P - Que interessante! E por que isso?

Lalá - Porque a nossa vida fora da praia é muito diferente. Na praia a gente entra no ritmo. Todo o mundo gosta de fazer a mesma coisa, todo o mundo fica até mais tarde na praia. Mas na cidade, não. É muito difícil. Moramos cada uma num ponto da cidade, com vidas bem diferentes, bem organizadas. Então, nunca falamos: “Vamos nos ver em Porto Alegre!”. Não. “Então tá! Até o ano que vem!”. E são amigas de trinta anos, são amigas de infância, de ficar esperando chegar o verão para saber como é que está, como estão os filhos, o que fez o ano inteiro. É uma coisa assim.

³⁵ “Muquiceiro” no sentido de sem nenhuma preocupação estética.

As férias podem oportunizar, ainda, outras vivências. É comum que, quem freqüente com regularidade sua segunda moradia de lazer, encontre nas férias a oportunidade de fazer algo diferente: viagens para o exterior são as mais referidas, assim como as férias “do casal”. A rotina doméstica, ainda, passa por certa excepcionalidade todo o final de ano, necessitando de alguns ajustes temporários, uma vez que as férias escolares podem durar, em alguns casos, mais de três meses, e os pais encontram-se comprometidos, no mínimo, em dois desses meses de verão.

Segundo Willians, se “o contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antigüidade clássica” (1989:11), as formas sob a qual esse contraste se estabelece varia enormemente, de acordo com a época considerada. Mas, de alguma maneira, as referências ao campo se cristalizaram na idéia de uma forma natural de vida, que oculta as mais diversas práticas. No presente estudo fica claro que, se as residências de lazer podem oportunizar sociabilidades mais “naturais”, e um estilo de vida mais descuidado, se está longe de poder afirmar que elas realizam um ideal de vida natural. Estas residências parecem ser mais um componente do estilo de vida associado a este segmento social, dividido entre as moradias no espaço prestigiado do bairro Bela Vista, e o lazer qualificado por aquisições patrimoniais em valorizados locais de veraneio na praia ou serra, que confirmam as posições sociais alcançadas.

1.3. Processos de socialização

A vida familiar e social dos grupos pesquisados é referendada a uma série de ritmos cotidianos regidos, principalmente, pela mulher, cujo papel é mais central à medida que nascem os filhos, e nascem logo após o casamento e estão presentes na maioria dos casos. Estes ritmos estão, em parte, dedicados à constituição da identidade do grupo, e, por outro lado, à constituição de laços familiares e sociais mais extensos.

Um dos eventos mais referido como importante para a vida familiar é o almoço diário conjunto, em função do que muitos arranjos e ajustes são realizados. O grupo familiar pode ser, e quase sempre é, formado por indivíduos em diferentes estágios de vida e, por isto, nem sempre são compatíveis todas as rotinas individuais de seus integrantes. Para uma composição que inclua pai que trabalha longe, mãe que trabalha meio turno, filhos pequenos que acordam tarde e dormem cedo (ou maiores que saem cedo para a Universidade e, à noite, vão se encontrar com amigos), o horário do almoço, a principal refeição diária, parece adquirir certa unanimidade e permite a atualização diária da identidade do grupo. Como expresso por Israel: *“De manhã a gente trabalha e ao meio dia nós procuramos almoçar sempre juntos. É uma coisa que faz parte do hábito da família (...) Aí, a gente se encontra. E isso é bom, faz parte de uma das nossas regras. E quando não acontece a gente sente falta, se telefona: ‘E aí, como está?’”*. Para seu filho de 20 anos, *“se o cara não tem rotina, o cara fica louco! (...) Eu preciso me amarrar em certas coisas”*. O ritual diário da comensalidade adquire especial importância, pois reedita os laços de solidariedade entre os componentes do grupo, ao mesmo tempo em que subordina as rotinas individuais ao ritmo coletivo. Ou seja, é um momento de totalização, no qual cada componente assume seu lugar na estrutura do grupo.

Cleo, ao mostrar a decoração da sua casa, justificando a presença de tantos quadros e objetos, diz: *“A ‘família’ gosta disso”*. Quando ela foi me levar até a porta, não pude deixar de notar, e ela mesmo me chamou a atenção, a pequena tapeçaria emoldurada na parede, com o nome da família, logo no vestíbulo do apartamento. Constituir um grupo familiar autônomo, então, passaria antes pela independência material e moral, conforme visto anteriormente, mas, também, pela criação de um corpo de rotinas próprias, ou “hábitos” e “regras” que, se seguidos, possam corporificar regularmente a Família, as “amarras” ao grupo de pertencimento básico, a “fisionomia” deste indivíduo-coletivo. Dá para entender, então, a importância que assumem os contatos regulares, e preferenciais, com outros “casais”: a oportunidade de refenciar-se a trajetórias e projetos assemelhados, reatualizando as identidades enquanto uma unidade social.

Enquanto os filhos são pequenos, outras atividades conjuntas são empreendidas, principalmente nos fins-de-semana, que passam, assim, a fornecer novas oportunidades de identificação. Se durante a semana é mais freqüente encontrar babás acompanhando crianças pequenas nas praças do bairro, nos finais de semana esta tarefa é realizada pelos pais, isoladamente ou em conjunto. O fim-de-semana pode ser classificado, mesmo, de um tempo excepcional, onde os ritmos produtivos e socializadores da semana, referendados pelo relógio social, são abandonados em prol de um tempo vivido em família, orientado pelas necessidades específicas dos indivíduos do grupo. Mas em poucos casos este tempo excepcional é um tempo de descontrolo: a grande maioria dos grupos possui uma segunda residência de lazer, na serra ou no litoral do Estado para onde vão com regularidade aos fins-de-semana.

Este arranjo - apartamento urbano e casa de lazer - parece compor uma fórmula, para muitos pesquisados, de compatibilizar as diferentes necessidades espaciais decorrentes do trabalho e do lazer, permitindo a experiência contrastiva de dualidade espaço urbano e espaço natural. Costa é bem enfático ao declarar que, desde muito pequeno, lhe foram inculcados diferentes sentimentos em relação a um e outro tempo:

Costa - A minha ligação era muito com o Guarujá, que era fim-de-semana. Mas era uma rotina assim, que marcou muito a minha vida - até hoje eu tenho este “descontrole” - a gente saía sexta de manhã, meu pai me pegava no colégio. (...) E domingo depois do almoço, final da tarde, a gente voltava. (...) A minha infância era assim. E no verão, a gente veraneava, a gente passava um mês lá. E outro mês a gente viajava, cada ano para um lugar diferente. O meu pai nunca se instalou nas praias do Atlântico Sul, aqui. (...) Rio de Janeiro, Paraná, uma coisa bem nômade!

O tempo do lazer seria o tempo, por excelência, do “descontrole”, primeiro ligado ao lazer dos finais de semana que podem começar já na sexta feira à tarde, quando os pais procuram se liberar mais cedo de seus compromissos. Muitos pegam os filhos na escola já preparados para ir, diretamente, para a residência de lazer. Outro compasso é representado pelos períodos de férias de verão, relacionados à procura do exótico, de lugares “diferentes”,

de excursões aventureiras, embora nem sempre se concretizem nestes termos, como visto no item anterior. Ambos farão parte de um ordenamento temporal que rege a vida da totalidade dos pesquisados, dividido entre tempo de controle e tempo de descontrole controlado.

Quando nascem os filhos, os ritmos cotidianos passam a ser regidos pelos cuidados necessários aos mesmos e pela programação socializadora a que são submetidos desde tenra idade. Se a partir de poucos meses de idade a criança já é levada a manter contatos com o mundo exterior através do passeio cotidiano, esta programação socializadora torna-se mais intensa com o passar do tempo, existindo ênfase nos processos formais de escolarização, em ambientes que podem ser mais controlados pelos pais. Crianças pequenas são matriculadas em creches e escolas maternas e, a partir dos 4 anos, mais ou menos, começam suas atividades extra classe, geralmente com aulas de natação ou “escolinha de artes”. Mais tarde, coincidente com o período escolar, há uma intensificação das atividades, envolvendo a prática de esportes, às vezes mais de um, simultaneamente ou sucessivamente, que é quase obrigatório para meninos e meninas (tênis e/ou natação para ambos e/ou futebol para os meninos). Esta programação pode ser desenvolvida na própria escola, em clubes ou escolas especializadas. Também é regra o estudo do Inglês, e o manuseio de um computador pessoal, que pode ser compartilhado com os pais. Num dos casos extremos, cada um dos pais tinham computadores em seus escritórios, e os dois filhos partilhavam um em casa, mas o menor (de 7 anos) estava por ganhar um só para ele, já que perturbava o irmão maior (de 9 anos).

Atividades artísticas são muito pouco referenciadas. Aparecem as aulas de dança ou balê para as meninas e a “escolinha de artes” para as crianças pequenas. Só um dos filhos em idade universitária está fazendo a Escola de Artes da UFRGS. Também é raro a aprendizagem de um instrumento musical, que aparece em dois dos grupos domésticos (mas, em um, as filhas abandonaram o estudo precocemente). Só dois dos adultos tiveram alguma formação musical. Um deles, que chegou a pensar em seguir carreira artística, teve seus estudos interrompido pela mãe, que não queria ver seu filho como “vagabundo”. Fazer música e cantar estão diretamente relacionados com o tempo do lazer (não-produtivo): em três dos grupos domésticos estudados foram feitas referências à realização de reuniões sociais

com amigos que tocavam instrumentos e cantavam. Um deles recebia, às vezes, o “*pessoal da noite*”, cantores e instrumentistas profissionais. Apesar de muitos outros realizarem reuniões em que a música e a presença de obras de arte fazem o fundo e, mesmo, poderem ser feitas reuniões que objetivam ouvir as últimas gravações dos autores favoritos, estas atividades não parecem ser consideradas financeiramente rendosas o suficiente para consistir em ocupação principal.

O mesmo acontece com as atividades esportivas: um dos pesquisados confessou ser um jogador de futebol frustrado, ao mesmo tempo em que comparou sua sorte (ele é um advogado muito bem sucedido) com a de antigos companheiros de pelada que continuam pobres, alguns até que seguiram a carreira esportiva.

Na base da socialização das crianças está o aprendizado da disciplina necessária à partição do tempo, orientado por um lado pela dualidade produção *versus* lazer controlado, aos ritmos do organismo social. A excursão para ambientes exteriores, ou a inclusão nos diferentes meio-ambientes e nos domínios do privado e do público, também aparece como um fator de socialização primária básica, e é uma necessidade quotidiana em apartamentos pequenos sem área de lazer própria. Mas, com frequência também, a dualidade aparece qualificada: espaços domésticos-internos seguros *versus* espaços públicos-externos hostis.

Parece ser cada vez maior a preocupação de estabelecer um perímetro de segurança cujo controle e vigilância seja total, com a finalidade de proteção pessoal e dos bens do grupo doméstico. A segurança pode ser determinante para a opção por um apartamento, e desde cedo, as crianças são orientadas para tomar algumas precauções ao circular em espaços públicos, relacionados com perigos iminentes como o seqüestro, o roubo, a agressão física e o contato com indivíduos socialmente indesejáveis, como “*pivetes*” e “*maconheiros*”. Não andar de relógio, sapatos de tênis importados e bonés novos são recomendações, até certo ponto, comuns. Uma das tendências verificadas é que as crianças menores estejam sempre acompanhadas por adultos, quando forem para a “rua”. De modo geral, a circulação e o deslocamento entre os espaços cotidianos são controlados. O cumprimento das atividades socializadoras é propiciado pela contratação de veículos especializados no transporte de

escolares, ou pelos próprios pais. Mais freqüentemente pelas mães, que se auto referem como “motoristas dos filhos” pelo menos em um dos turnos do dia. Este zelo perdura pela adolescência afora, estendendo-se, então, às noites dos fins-de-semana, quando ocorrem as festas juvenis. Atualmente tornam-se mais comuns serviços especializados de transporte de adolescentes também para os fins-de-semana, e cada vez mais crianças e adolescentes portam telefones celulares para estarem ao alcance dos pais e vice-versa.

Mais tarde, estes mesmos espaços exteriores ou públicos podem vir a ser relacionados com os espaços de liberdade individual dos jovens: são bem conhecidos no bairro os espaços onde adolescentes se reúnem regularmente, em pequenos grupos, para fumar maconha, longe dos olhares domésticos zelosos. Mas a socialização precocemente determinada pelas preocupações com a segurança física é profundamente internalizada, e acaba por repercutir nas modalidades de sociabilidade que ele viverão como adolescentes: os jovens do Bela Vista raramente ultrapassam suas fronteiras quando à pé, e, de carro, acabam se concentrando em dois ou três postos de gasolina, que mantêm lojas de conveniência abertas vinte e quatro horas, locais de movimento e bem iluminados. As ruas escolhidas para os “amassos” também são ruas densamente habitadas e, de preferência, com a presença tranquilizadora de guardas nas portarias dos prédios.

Ernesto, 15 anos - Trazer para um “amasso”, é aqui, na nossa rua. Eu tava falando com o (porteiro), do prédio do lado. Ele tava me contando que junta quatro, cinco carros, aqui. E a “galera” fica ali, não é só “amasso”, tem tóxico, também. Tem “trago”.

P - Por que a ruazinha é calma, e passa pouca gente?

Ernesto - Porquê tem prédio, então eles param.

Esta resposta me surpreendeu, porque contrasta com a realidade vivida pelos jovens portalegrenses de vinte e cinco ou trinta anos atrás, que, ao contrário, procuravam as ruas desertas e sombreadas para namorar e/ou consumir drogas em segredo.

Outro elemento constante na socialização de crianças e adultos é o estímulo ao desenvolvimento de habilidades que os valorizem no mercado de trabalho, e abra novas oportunidades profissionais, como o aprendizado do Inglês. Um período no exterior para aprendizagem desta língua, pelos adolescentes, é quase a regra, geralmente através de programas pagos de curta duração. Entre os pais, é de certa forma comum a qualificação profissional no exterior, o que ocorreu em seis grupos, para um ou ambos os cônjuges, antes ou durante o casamento. Algumas famílias procuram sensibilizar as crianças para a importância deste estudo, através de viagens precoces para o exterior. Em, pelo menos, sete dos grupos estudados, estas viagens são de regulares a freqüentes. A primeira viagem dos filhos será para a Disneylândia, certamente, mas Dulce, que fez a primeira viagem para o exterior com as filhas de 8 e 11 anos recentemente, adverte: *“Por egoísmo, eu vou ser bem sincera, todo o pai e mãe que puder ir à Disney, não mande em excursão, porque enxergar eles lá, olhando as coisas, vibrando, aproveitando, é fantástico! (...) Nós quatro crescemos muito, como família. (...) Ainda crescido de tu poder ver, assistir as gurias tendo que se virar numa língua (...) Porque, aqui, tu leva, tu busca no Inglês, faz questão que estudem”*. Já Antônia, cujo marido viaja a negócios para o exterior pelo menos uma vez por ano, levou os filhos a New York, no ano passado, para recriar com eles o roteiro do personagem mirim do filme “Esqueceram de mim - 2”, com passagem na FAO-Schwarz (famosa loja de brinquedos), e com direito ao café da manhã no hotel Plaza, defronte ao Central Park.

A partir da escolarização dos filhos, inicia também, como já foi examinada anteriormente, uma nova etapa de sociabilidade doméstica, abrindo-se a moradia aos colegas dos filhos e, com freqüência, aos pais desses colegas, em atividades que expandem a rede social da família. Esta é uma expansão relativa: além de repetirem o padrão educacional adquirido pelos pais, com certa freqüência as instituições de ensino escolhidas são as mesmas, dividindo-se entre os colégios Israelita, Anchieta, Americano e Farroupilha, instituições de ensino tradicionais e localizadas nas cercanias do bairro. Ou seja, a integração social via socialização secundária é um processo controlado pelos pais, pelo menos nestas fases iniciais, e remete o filho às mesmas redes em que os pais foram socializados.

A socialização de jovens e adultos remete, contínua e sucessivamente, a movimentos de expansão controlados, a partir do núcleo doméstico. Inicialmente inserindo-o em seu grupo social e criando representações sobre o seu próprio futuro, como adverte Nicolacida-Costa (1985), fornecendo-lhe um guia para realização do projeto familiar, de classe, o quê é favorecido pela prolongada permanência dos filhos junto às famílias de origem. Mas, ainda, expondo-o a processos diversos que objetivam expandir seu universo acessível para além das fronteiras domésticas e de classe, quiçá nacionais. Além de todos os recursos disponíveis em relação aos processos formais de socialização, deve-se mencionar a importância que assumem a prática de esportes relacionais e atividades físicas, por adultos e crianças, a participação em clubes sociais e associações recreativas, as viagens de lazer, a possibilidade de realização de cursos profissionalizantes ou habilitantes no exterior. (Uma vizinha minha, que não chegou a ser entrevistada formalmente para a pesquisa, mas que dela tinha conhecimento, chegou a afirmar, enfaticamente, certo dia, a pretexto dos projetos que tinha elaborado para o filho de quatro anos: *“Filho de rico é mais inteligente porque viaja mais, alarga mais a visão, desperta curiosidades, desenvolve potencialidades, aprende cedo uma segunda língua!”*). Em segundo lugar, a possibilidade de expansão através do consumo de dispositivos de alta tecnologia como computadores, vídeo-laser, televisão a cabo. Para os adultos são mencionados, ainda, outros processos de socialização que visam ampliar sua cultura geral, que lhe permitam refinar o gosto, pretextos para novas sociabilidades. Um dos cursos mais populares é o de degustação de vinhos, que proliferam no interior colonial do Estado promovido por vinícolas. Outro pode ser um curso de culinária ou confecção de pães. Processos autodidatas podem ser desenvolvidos, encontrando-se indivíduos que se “especializaram” em um detalhe como queijos, ópera, ou se organizaram em “confrarias” que objetivam dividir os conhecimentos adquiridos. Estes indivíduos e organizações informais podem funcionar como verdadeiros intermediários culturais junto a suas redes. Mas esta parece corresponder a uma outra etapa da vida, a uma etapa de mais disponibilidade para

aquisição destes conhecimentos, e a um poder aquisitivo maior para sua fruição, não correspondendo a práticas generalizadas dentro do universo estudado.

As estratégias educacionais e socializantes apontam para algumas ênfases: a rígida demarcação temporal, girando em torno da dualidade produção/lazer, com grande dedicação ao tempo produtivo ao qual as crianças são integradas desde tenras idades; a demarcação de perímetros de segurança que tendem a domesticar quase todo o espaço das atividades quotidianas e controlar o tempo do lazer; a valorização da escolaridade e os altos investimentos na profissionalização de homens e mulheres em profissões de prestígio, isto é, rendosas; o retardo à expulsão dos filhos pelas famílias de origem e a absorção e neutralização dos conflitos e rupturas através da promoção da individualidade dos filhos ainda na casa dos pais e pela ajuda no estabelecimento de um patamar econômico-financeiro mínimo inicial de filhos e jovens casais; a orientação e o impulso para socializações secundárias cuja tônica seja a integração em outras dimensões espaço-temporais globais, de molde americano, principalmente.

Chama atenção a pouca ênfase no desenvolvimento artístico e musical, embora seja regra a presença de obras de arte e *design*, e a presença de aparatos de som em todos os grupos pesquisados, como bens de valor simbólico e de prestígio, relacionados a um gosto superior e a uma vanguarda tecnológica. Entre os filhos que já optaram por uma profissão (cinco universitários no universo estudado), três escolheram Direito, um, Medicina e o outro, Artes. Este último declara que vai ter que “*agitar outras*”, pois acredita não poder sobreviver da profissão, exemplificando os valores ascensionais de classe que estão embutidos na escolha da profissão. Filhos adultos que já tinham uma profissão: arquiteto, jornalista, engenheiro. As atividades artísticas e culturais aparecem como complementares; são fonte de renda principal ou secundária somente para alguns entrevistados que desenvolveram trajetórias de ruptura moral, cujo maior diferencial são as aquisições culturais e intelectuais em relação às famílias de origem.

2. Vida Quotidiana

Entre o cenário doméstico, espaço irradiante que ordena o mundo a partir das demandas individuais, e o mundo das relações de trabalho, estão localizados espaços-tempos de transição, de caráter dinâmico pela necessidade de deslocamentos entre uma esfera e outra. A experiência de espaços transicionais entre o doméstico e o público pode ser inicialmente referida ao espaço contíguo ao doméstico, e, sucessivamente, da rua e do bairro, universo imediatamente acessível. Esta experiência deve ser compreendida pelo caráter das interações possíveis e intencionais estabelecidas; no caso, sociabilidades especificamente referidas aos espaços condominiais, e aos espaços urbanos e públicos do bairro, que redefinem identidades e papéis sociais, a partir de códigos de interação mais generalizados.

2.1. Relações no Condomínio: o distanciamento calculado

A sociabilidade nos prédios de apartamentos, ou condomínios, é propiciada pela existência de espaços de transição e convivência, e pela existência de interesses comuns entre os condôminos. Estes espaços comuns foram bastante explorados como apelo comercial, no bairro Bela Vista, podendo-se encontrar prédios dotados de instalações como piscina, salão de festas, churrasqueiras, parque infantil, sala de ginástica, sauna, quadras de esportes, além de jardins e áreas de estar ao ar livre, que podem vir a ser administrados como uma espécie de clube. Alguns poucos exemplares tem tudo isto e outros poucos podem até possuir hortas, ou pomares, e propiciar a criação de algum tipo de animal doméstico. Pode-se imaginar que a necessidade de compatibilizar interesses e resolver divergências em torno das questões de administração quotidiana e formas de uso das instalações sejam os principais fios condutores desta sociabilidade.

A grande clientela destes prédios e instalações, em primeiro lugar, são as famílias que possuem crianças e que estão, de maneira geral, satisfeitas quando o prédio oferece pos-

sibilidades ocupacionais para seus filhos. As mães de filhos em idade escolar e de pré-adolescentes, principalmente, se sentem desoneradas quando podem “soltar” seus filhos, em um ambiente controlado e seguro, pois “na rua nem pensar”. Mas a presença de crianças pode ser uma das principais fontes de conflitos, como narrado por Jane, que foi obrigada a enfrentar uma mudança, em função de uma briga do seu marido com um dos pais do prédio:

Jane - *Dali da praça (da Encol) eu não queria sair, só que o (marido) implicou com o vizinho lá de cima. (...) Tinha umas crianças que jogavam futebol. O meu apartamento era de primeiro andar. (...) E as crianças jogavam futebol, a bola parecia que tava trepidando a cabeça da gente, batia na janela. Daí a gente pediu, numa reunião, que tivesse horário para jogar bola, para gritaria. Todo mundo concordou, só que não deu certo... Um dia o (marido) chegou em casa e os guris estavam jogando, eram dez e meia (da noite). Aí ele pediu para os guris não jogarem. Na segunda ou terceira vez, ele disse pros guris: “Na próxima vez que eu te pegar, vou tirar tua bola e não devolvo mais”. E nisso estava chegando o pai de uma das crianças! Que era um monstro, do tamanho de uma porta, e resolveu querer brigar: “Mas o quê que é?”. E aí ficou um clima horroroso. O cara era mais ou menos duas vezes o tamanho do (marido). “Eu não vou brigar com esse cara, ele me amassa!”. Começou a andar armado...*

P - *O cara esse?*

Jane - *Não, o (marido)! (...) E os guris continuaram jogando bola. E ele andando armado. A essa altura dos acontecimentos ele começou a querer vir para cá, já porque a mãe dele queria dar o apartamento para ele. Aí juntou tudo e vieram para cá.*

Nem todos os casos são tão graves assim, mas parece que as famílias que têm crianças desenvolvem uma tolerância maior para com as peculiaridades consideradas naturais a esta etapa da vida, como uma necessidade de expansão corporal associada aos espaços abertos e atividades que emulem as energias infantis. E essas famílias são maioria no bairro. Os casos relatados positivamente justamente referenciaram-se a uma homogeneidade dos moradores, em termos sócio-econômicos e de faixas etárias de pais e filhos.

Em um dos condomínios encontrei uma manifestação positiva e unânime, onde ocorreu uma tematização desta igualdade através de festas e atividades comunitárias que, segundo Livia, sua principal mentora, promoveram para sempre um laço de solidariedade entre os moradores. Lá é comum, por exemplo, que vizinhos se freqüentem e mantenham relações de amizade. Mas, o principal fator para que esta integração acontecesse, teria sido que *“noventa e nove por cento tem a mesma idade, o mesmo número de filhos, e a mesma faixa etária de filhos, estudam praticamente todos nos mesmos colégios. Ou é Farroupilha ou Anchieta, e os pequenos todos foram para o Juca Travesso, no Moinhos (de Vento)”*. Teria havido, porém, um processo de construção destas relações, através das iniciativas individuais:

Livia - Olha, não sei se é em função da piscina, da área (de lazer), de ter muita criança pequena, dessa função de ter uma hegemonia em função dos casais e tal. E foi assim, no período que a gente veio para cá eu tinha mais disposição, a gente corria menos, (...) mas já na Páscoa daquele ano eu fiz a Páscoa das crianças do prédio. Eu passei em cada apartamento e disse: “olha, vamos fazer uma Páscoa, cada um traz um pacote de bala...” (...) Aí, no Natal - dois Natais - eu me vesti de Papai Noel, eu adoro! Eu me vestia de Papai Noel, ia na casa das pessoas: “olha, vamos fazer amigo secreto...” (...) Aí, achamos que não tinha funcionado bem, faltou participação das crianças. No outro ano, as crianças tiraram o amigo secreto. (...) O primeiro reveillon nós fizemos uma festa enorme. Veio três vezes a polícia. Toda a Bela Vista ouviu! (Eu ri) (...) E sempre o pessoal batia, eu fazia listinha, não-sei-o-quê, o quê que é para levar, a comida, recolhendo dinheiro pra comprar chope, e faz grupo para a decoração da festa... Então, tudo isso bem ou mal fazia com que todo o mundo tivesse que se reunir muitas vezes, trocar idéias. (...). Era uma farrá enorme. (...) Então, foi isto que fez o pessoal se entrosar bastante (...), foi criando uma minicomunidade. (...) A gente faz muito churrasco aos domingos, na piscina, na churrasqueira comunitária. (...) Não interessa quem está fazendo, os de quatorze, quinze anos descem... Não tem essa de “churrasco de família”... Todos fazem isso.

Lívia fala das integrações possíveis, horizontais e verticais, salientando a solidariedade e a tolerância intergeracional, que criam elementos de identidade comuns ou *“as tradições do prédio”*, como fazer festas de aniversário no salão comunitário e convidar todas as crianças de todas as idades, independente da idade do aniversariante. Outra moradora entrevistada do mesmo prédio se referiu ao estilo da convivência do prédio como *“é um clube, as pessoas vivem se encontrando. Logo que nós entramos, era muito mais, tinha janta no final do ano para as pessoas do edifício”*. Mas *“Naquela época eu tinha mais controle sobre a minha vida, agora eu trabalho muito. As pessoas neste prédio se ‘dão’ muito, mas eu não consigo entrar muito nisso por questão de tempo”*. Um clube: a convivência compulsória tornada seletiva, transmutada em opção e afinidade torna-se um prazer, revestido de características lúdicas. Mesmo que as atividades comunitárias não tenham prosseguido com o mesmo ritmo, e com a mesma disponibilidade dos moradores, um caráter básico é fixado, baseado em valores de reciprocidade (as pessoas se “dão”), aos quais todos os entrevistados desse prédio se reportaram. Para Rejane, outra moradora, as coisas são vistas de um modo mais individualizado:

Rejane - (Em) *prédio*³⁶ *tu fica amigo de quem tu quer. Tu tens muito mais privacidade num prédio vertical, do que num condomínio horizontal. (...) Num prédio tu tens a opção, porque na vertical as pessoas não têm como estar se encontrando a toda a hora. (...) Eu não me relaciono intimamente, eu levo uma vida bem privada. Sou amiga de todos, de cumprimentar, mas na minha casa não! (...) No verão, em função da piscina, fim-de-semana, eu ainda encontro as pessoas. (...) Eu fujo um pouco! Porque eu sou mais velha que a maioria das pessoas do prédio. (...) E filho (pequeno) faz com que as pessoas se enlacem, né? No meu caso eu fujo disso porque os meus filhos são autônomos. (...) Mas nos “damos” com todas as pessoas do prédio, são muito agradáveis. É um lugar muito bom de morar o Bela Vista. É um bairro, como eu te disse, elitizado e ao mesmo tempo não é fechado.*

³⁶ Para o universo pesquisado a palavra “prédio” significa “prédio de apartamentos”.

Rejane coloca suas idéias bastante claras a respeito da verticalização dos prédios, que, em si, limitam a oportunidade dos contatos, o que lhe parece um fator positivo na regulação das relações de vizinhança compulsórias. Para ela, que não se enquadra no modelo hegemônico familiar, embora haja uma identificação enquanto “elite”, a barreira da privacidade é erguida como defesa da sua própria diferença: além de ter os filhos crescidos, ela é separada há oito anos, e quer ter total autonomia e liberdade para viver a sua vida, dentro dos padrões de “vanguarda” que sempre a nortearam. *“Eu sempre tive independência financeira, e isto muda tudo. (...) Nunca tive esse papel feminino... (...) Eu gosto de me relacionar com pessoas de grupos variados, não com um grupo só. (...) Não tenho um grupo fixo, eu não gosto. De freqüentar clube... (...) De clube eu tinha horror, eu achava todos uns bunda-moles. (...) Eu era vanguardista, e até hoje, eu gosto de misturar”*.

O caso deste prédio específico, porém, parece ser uma exceção. Na grande maioria, a rede estabelecida nos prédios de apartamentos, ou condomínios, aparece como um hiato indesejável, de relações compulsórias regidas por muita cautela. São freqüentes as queixas a respeito das decisões de condomínio, sempre tomadas por uma maioria legalmente constituída, mas que nem sempre consegue satisfazer a todas as demandas. São as decisões a respeito de melhoramentos, sobre o pessoal de serviço, sobre a normatização dos comportamentos que suscitam reações que vão desde enfrentamentos abertos até reclamações veladas. *“Veja que porcaria que fizeram no nosso saguão de entrada!”* me diz Gorete, a respeito da nova decoração. *“E custou uma banana!”*. Ou, ainda, pode haver decisões tomadas coletivamente que não são respeitadas por alguns indivíduos, cuja desobediência cria situações de confronto com os demais. Isto é, existem tensões e conflitos inerentes à constituição desses grupos, principalmente pela necessidade de subordinar-se ao coletivo, ao social, mesmo nesta escala micro que se confunde com o espaço privado, que é a esfera, por excelência, da realização das individualidades.

Pode ser feita alusão à “*pouca categoria*” da síndica, como para Cássia, que não utiliza a piscina do prédio porque mantém um estilo de vida alternado entre tempo produtivo em interiores climatizados e lazer qualificado por viagens freqüentes à sua casa na serra e

para o exterior do país. Isto é, mantêm total autonomia sobre a partição espaço-temporal de suas atividades, mantendo um distanciamento em relação ao cotidiano do prédio e do bairro. Caso se comparar esta postura com a de Rejane (ver página anterior), pode-se concluir pela existência de diferentes modos de vivenciar o “ser elite” e o morar em um bairro de “elite”. As mesmas expressões podem reportar à máxima dissociação em relação ao espaço habitado, que serve como necessário identificador de classe, mas que não necessariamente é suporte das relações sociais, como é o caso de Cássia. Para Rejane, porém, “ser elite” e morar em um bairro de “elite”, não significa auto segregar-se em um gueto e, sim, estar em uma posição de escolha, da qual se possam usufruir os melhores aspectos da vida quotidiana, caso desejar.

Nos casos relatados como ideais, a satisfação pode ser medida pelo grau de impessoalidade que se pretende imprimir às relações na rede do prédio, sinônimo do “*respeito*” ou distanciamento, para “*não haver envolvimento indesejáveis*”. Em muitos casos, esta é uma reação especialmente relacionada à mudança para “*idades grandes*”, como para Hugo e Gema, cuja trajetória, iniciada em pequenas cidades do interior do estado, culminou com uma prolongada estadia em Brasília.

Hugo - *A senhora gostaria de saber sobre o nosso entrosamento no bairro, vizinhança. O que é morar num prédio de apartamentos como esse.*

Gema - *“Bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”. Me “dou” com todos no prédio, mas...*

(...)

Hugo - *Não tem ninguém que diga que não cumprimenta porque teve atrito. São quarenta e oito aqui³⁷, nos relacionamos bem, mas eu acho...*

Gema - *A gente encontra lá embaixo, conversa... A gente não se visita, não tem aquela intimidade, aquele relacionamento como a gente tinha em Brasília.*

P - *Por que será?*

Gema - *É porque lá todos são de fora.*

³⁷ Hugo quer dizer quarenta e oito apartamentos.

Hugo - *Quando a gente foi para lá, há vinte e cinco anos atrás (...), o que aconteceu: sozinhos, ou a família sem parentes, uma família se apegou à outra, passaram a viver juntas nos edifícios. (...) Cada superquadra era de um... Por exemplo, a quadra 203, onde nós morávamos, todos os apartamentos eram do Banco do Brasil. (...) As famílias, as pessoas que iam para lá sem família passavam a se apoiar umas nas outras. (...)*

Gema - *Inclusive quando nós chegamos lá, alguns vizinhos que a gente cumprimentava olhavam assim, meio sestrosos³⁸ com a gente. Não tinham o hábito, porque também vinham de cidades grandes. Nós viemos do interior, e a gente dava valor, cumprimentava, brincava com as crianças (...).*

Hugo - *A Gema, por exemplo, era enfermeira lá do prédio, precisavam dar injeção em alguém, era lá em casa que eles iam bater. (...) Ela diz que lá era bom de fazer amizade, aqui, nos cumprimentamos... Em Porto Alegre, num edifício desses, quarenta e oito moradores (ele quer dizer apartamentos), mas todos têm filhos, têm pais, têm mães, têm não-sei-o-quê. O convívio é outro! (...) É o seguinte: não é uma prática boa, para que haja um convívio social de bom nível, não é prática saudável num edifício destes que as famílias se visitem, estejam sempre na casa um do outro. Surgem problemas, surgem atritos, mal-entendidos...*

Segundo Hugo, os indivíduos, em “cidades grandes”, viveriam em redes sociais de maior autonomia em relação à vizinhança pura e simples, mas, também, vivenciam realidades diferentes umas das outras, que podem se traduzir por conflitos na medida que as relações forem intensificadas. Devem, ainda, se proteger das exposições desnecessárias em virtude da densidade de eventos produzidos em ambiente urbano. Hugo, sem querer, expressa algumas das idéias de Simmel (1973), que aborda a questão da preservação da autonomia e individualidade por parte dos “tipos” metropolitanos, face às “esmagadoras forças sociais”, através da adoção de uma atitude *blasé*. Esta atitude de distanciamento que desubstancializa o conteúdo das relações seria a única possibilidade de adaptação à vida metropolitana, estrutura de alta impessoalidade que promove uma subjetividade altamente pessoal. Mas esta é uma reação que, em vários casos, principalmente para moradores que procedem de bairros mais antigos e tradicionais de Porto Alegre, é associada de maneira imediata ao bairro

Bela Vista, imputando aos seus moradores uma atitude de distanciamento, uma “frieza” característica de pessoas que se afastam das matrizes relacionais de sua própria cultura, numa alusão direta aos processos socialmente ascendentes que trouxeram estes moradores para o bairro. O resultado de diversas pesquisas empíricas mostra que, na realidade, não se pode determinar um padrão hegemônico para as variantes da sociabilidade quotidiana, a estrutura familiar e o modelo conjugal de uma metrópole. As variantes podem ser relacionadas ao grau de integração do indivíduo e seu grupo social ao modelo produtivo das sociedades industrializadas. De acordo com a extensa resenha bibliográfica realizada por Fukui (1980), o padrão de nuclearização e individualização somente seria válido para as classes médias urbanas que estiverem envolvidas com a ordem econômica mundial.

A única defesa ao distanciamento dos novos vizinhos é, portanto, adotá-lo com regra, procurando tornar-se o mais autônomo possível, reforçando as redes sociais em que se está inserido. Mas, pela frequência com que aparece nos relatos dos pesquisados, a saudação aos vizinhos pelas formas convencionais (o “bom dia” e “boa tarde”) faz parte de um protocolo fundamental nas relações de vizinhança. O simples cumprimento cotidiano parece satisfazer às expectativas mais imediatas de “boa vizinhança”; sua ausência ou negação pode intensificar as tensões e conflitos próprios do grupo.

Pode-se delinear uma história dos tipos de prédio construídos no bairro, que diz respeito às expectativas de sociabilidade que a vida condominial pode suscitar. Inicialmente, a oferta imobiliária apelava para a variedade de instalações de lazer que, aos poucos, foram sendo reduzidas em função de pesquisas de mercado. Estas questões foram reveladas por Marta e Ricardo, que são sócios em uma construtora que realizou diversas obras no bairro. Ela, inclusive, mora ali, e acompanhou “*praticamente todas*” as construções no bairro desde que se formou. Eles me informam que, hoje, prédios destinados a um público de faixa de renda superior, vão preferir oferecer mais uma vaga na garagem que piscina. Por outro lado, existe uma tendência a aumentar as áreas de lazer internas ao apartamento, ou privati-

³⁸ “Sestrosos” no sentido de “esquivos”.

vas, do que realizar instalações comunitárias. Ricardo explica que estas instalações são fonte de muita discórdia, porque os prédios abrigam *“pessoas de vida muito diferente”*. Ao mesmo tempo, pode-se traçar um *continuum* do menor ao maior poder aquisitivo: para públicos de menor poder aquisitivo, a presença de equipamentos de lazer comunitários representaria um *“plus”* em termos de qualidade de vida; para os de melhor poder, geralmente de uma faixa etária sem mais a presença de filhos pequenos, instalações comunitárias seriam perfeitamente dispensáveis, ao mesmo tempo em que crescem as demandas relativas a um terceiro e quarto boxe de garagem, e à instalação de complexos sistemas informatizados de segurança. Em compensação, as áreas internas ou privativas de lazer dos apartamentos aumentariam na mesma razão, na medida da seletividade das relações que vão se estabelecendo. Para as famílias com filhos pequenos, estes prédios intermediários que apresentam alguma infraestrutura são uma boa solução, principalmente se a maioria das famílias também possuir filhos. Para indivíduos que estariam numa etapa da vida de muita atividade profissional, seria também uma vantagem a concentração de serviços junto à moradia, serviços que teriam de ser buscados fora, a custo de deslocamentos e a mais alto preço. A grande alternativa oferecida atualmente pelo mercado imobiliário, segundo ele, são os condomínios horizontais, que reuniriam poucas famílias com filhos ao redor de verdadeiros clubes exclusivos. Estas diferentes configurações para a moradia proporcionam diferentes possibilidades de sociabilidade, mas indicam uma tendência mais geral em direção à maior privatização dos espaços, à medida que se sobe na escala social.

Marta - Dependendo do nível do prédio - nível eu digo assim: nível econômico de quem vai morar - quando tem um nível médio, vamos dizer, as pessoas aceitam mais viver juntas. À medida que tu tem um nível sócio-econômico melhor, me parece que não aceitam muito este tipo de coisa. Gostam de coisas mais privadas.

Seu sócio esclarece mais:

Ricardo - São apartamentos de 300, 350 m². São menores, não tão grandes (em relação aos que ele construía no bairro antes do boom imobiliário). (...) Há algum tempo atrás, para este tipo de prédio, estava se dando muita área de uso

comum. Se fazia salão de festa, piscina, sauna. (...) (Hoje) o quê o pessoal pede: duas, três garagens... (Por) que estas áreas comuns neste tipo de apartamento, o pessoal não quer. Uma: como são poucas unidades, onera muito o condomínio. E o condomínio é uma área que dá muito atrito, pois são pessoas de vida muito diferente. Vão morar no mesmo prédio e nem se conversam, né? Ao passo que esses prédios maiores (...) de quarenta, sessenta unidades, tem área de lazer muito grande, tem sala de ginástica, tem... para classe média, classe média baixa. (...) Porque o pessoal de classe média, média alta tem acesso a clube, pode escolher o clube que ele vai. Ele escolhe os amigos que ele quer. Não vai se sujeitar a dividir uma piscina com outros. A gente não tem mais feito isso.

Atualmente, os empreendimentos que ocupam a sua empresa são os condomínios horizontais construídos em Três Figueiras, bairro vizinho, onde o Plano Diretor³⁹ não permite a construção de prédios de apartamento. Estes são compostos por, aproximadamente, uma dezena de casas que possuem pátios, piscinas e churrasqueiras privativas, mas que tem um “clube” condominial em anexo, isto é, lhes é oferecido optar por integração vicinal ou não, na razão direta das demandas detectadas pelas pesquisas de mercado - privilégio que se pode desfrutar a um custo bastante alto. Certamente não por coincidência, já que o universo estudado faz parte desta clientela que é objeto das investidas mercadológicas, a maioria daqueles que desejam mudar-se para uma moradia melhor está pensando nestes termos de casas em condomínios horizontais de moldes urbanos⁴⁰, de preferência nas redondezas.

Rejane sintetiza alguns aspectos que, segundo ela, são importantes ao se pensar a natureza da moradia.

³⁹ “Plano Diretor” é uma lei elaborada por cada Prefeitura e aprovada pela Câmara de Vereadores, que determina diretrizes de desenvolvimento para as diversas regiões da cidade, determinando, por exemplo, que tipo de edificação pode ser construída, para que usos, e qual seu tamanho máximo, entre outras exigências.

⁴⁰ Os condomínios horizontais apareceram na década de 70, inicialmente relacionados com a construção de casas de lazer em área rural, em generosas porções de terra, e relativamente distantes de centros urbanos. Os condomínios horizontais de caráter urbano, que estão sendo construídos atualmente, apresentam na maioria das vezes as mesmas tipologias de ocupação das vilas de aluguel construídas na década de 40, nas cidades industriais do Estado. Ou seja, as casas, ou sobrados, são construídos em fita - com paredes laterais unidas, também chamadas de paredes de meação - ao longo de uma via central, interna ao condomínio. Seu diferencial está na presença de instalações coletivas, como piscina, salão de festas, canchas esportivas e corpo de segurança privado. Alguns (continua na próxima página)...

Rejane - *Dizem que é muito bom morar em condomínios da Zona Sul, mas eu, em sete minutos, estou no meu escritório. E apartamento tem essa segurança do apartamento. Casa, não tem segurança nenhuma. Condomínio horizontal não dá privacidade nenhuma. As pessoas, obrigatoriamente, ficam juntas. E, em prédio, tu fica amigo de quem tu quer, porque vertical não permite. Tu tens muito mais privacidade num prédio, na vertical, do que num condomínio horizontal. E, lógico, privacidade total numa casa, mas daí tu tem que ter guarda de manhã, de tarde, de noite. Eu, quando morava na (rua) Regente (já no Bela Vista), tinha uma estrutura trabalhosa. (...) Eu acho mais complicado em condomínio horizontal. As pessoas ainda não se deram conta disso. O condomínio horizontal te dá muita segurança e a possibilidade de voltar a morar numa casa, mas em termos de privacidade, não é bem assim... E tu, sem querer, vai te fechando, tu fica fazendo laços de amizade com aquelas pessoas, tu não buscas mais... Fica uma tribo! (...) E em prédio, tu tens a opção...*

Poderia ser estabelecida, assim, uma escala de atributos relativos ao tipo de moradia. A casa individual aparece como a única que poderia realizar completamente a individualidade e o ideal de máxima privacidade, podendo ser visualizada como um ponto completamente auto referenciado. A transição entre espaços públicos e privados é abrupta, neste caso, embora possam ser distinguidos diferentes usos e apropriações do espaço público e, mesmo, privado, como é visto no item 6.2. desta dissertação. O prédio de apartamentos viabiliza economicamente a moradia com certa qualidade, traz complicadores para a questão individualidade, mas favorece certa privacidade ao fragmentar as circulações verticalmente. Impossível deixar de visualizar, aqui, um certo esquema em “árvore”, padrão cultural que organiza diversos tipos de espaço, inclusive de vilas de posseiros⁴¹. Neste tipo de organização, a partir de uma circulação centralizada ou principal as vias se ramificam e subdividem até chegar às moradias individuais, ramificações que vão correspondendo a diversos sentimentos de apropriação espacial, desde ambientes mais públicos até os mais privados.

destes condomínios podem apresentar um desenho de circulações internas mais elaborado, e equipamentos como boate, *pub*, sauna e outros, que os transformam em verdadeiros clubes exclusivos.

⁴¹ Sant’Anna (1994) demonstrou uma organização territorial espontânea, em uma vila da cidade de Porto Alegre, que obedecia a este esquema, fundamental para o desenvolvimento de identidades pessoais.

Possuir hoje uma casa num condomínio horizontal, para Ricardo, não deixa de ser mais uma corrida em busca de *status*, pois estes ainda são muito poucos, e muito caros quando confortáveis. E, em segundo lugar, ele os considera muito adequados às necessidades de casais jovens, com crianças pequenas. Mas Rejane, sem querer, dá uma chave importante para compreender as demandas por casas em condomínio horizontal: a possibilidade de desenvolver uma sociabilidade de molde tradicional. A “tradição”, neste caso, aparece pela possibilidade de estreitamento de laços entre os vizinhos, pelo desenvolvimento de uma sociabilidade mais “natural”, livre das tensões do dia-a-dia, e, ainda, na procura de uma relação mais direta com o solo, ou seja, com a “natureza”. Claro que é uma reinterpretação: estes elementos são recriados em ambiente protegido e selecionado, relaborados como *ethos* modernizantes e elitizados, de natureza mais intimista, que é responsável, segundo Sennet (1988), pela perda da visão da sociedade como um todo, pelo enfraquecimento da participação política em prol de um novo tribalismo.

2.2. Da vizinhança à classe: novas formas de integração social⁴²

A rua é a primeira instância espacial de caráter urbano para quem sai de casa e sua experiência enquanto vetor relacional pode ser vivenciada de maneira particular, caso os deslocamentos sejam realizados a pé, com veículos particulares ou coletivos, e, ainda, de acordo com as reais possibilidades de fruição que dizem respeito não só aos eventos topológicos e às interações sociais possíveis neste percurso, mas à uma disposição interna aos indivíduos que dela se utilizam. A inserção espacial corresponde a certo domínio do meio ambiente circundante, ou à sua apropriação simbólica pelo indivíduo que se desloca, a partir do estabelecimento de certas rotinas, e pode fornecer importantes elementos identificatórios, de cunho afetivo ou distintivo. Muitos entrevistados imputavam à “sua” rua características

⁴² Este título foi expressamente sugerido pela Profa Cláudia Fonseca, cuja crítica foi fundamental para a configuração final desta dissertação.

particulares, com as quais se identificavam: *“é uma rua tranqüila, quase não tem movimento”, “as pessoas curtem muito isso aqui, sempre tem alguém caminhando, passeando com o cachorro”, “eu durmo com grilo, e acordo com passarinho...”*, *“eu adoro esta agitação, eu sou um ‘cara’ bem urbano”*. Os diversos locais que compõem o bairro o contemplam com possibilidades diversas de interação, e as qualidades referem-se, basicamente, a esses dois eixos: os aspectos naturais (o “verde”) e à possibilidade de isolamento, e os aspectos mais propriamente urbanos e sociais.

Algumas ruas do bairro Bela Vista podem ser consideradas meros canais de deslocamentos, principalmente para aqueles moradores das partes mais altas e íngremes, cujas moradias localizam-se longe do centro do comércio do bairro e que têm de ser acessadas, obrigatoriamente, por automóveis. Estas localizações reportam a estilos de vida que, necessariamente, descolam-se da base geográfica, enfatizando o papel de transição do meio ambiente circundante. Pode-se imaginar que a dicotomia entre as esferas da moradia e do trabalho referida, respectivamente, aos espaços privado e público, nestes casos não sofre uma transição, mas uma ruptura brusca. Esta descontinuidade foi, algumas vezes, motivo de queixa por parte de moradores recentes, que se viam privados de rotinas quotidianas às quais estavam acostumados, desde as possibilidades de abastecimento diário, até o passeio de bicicleta dos filhos, ou mesmo, o passeio diário do cão doméstico.

Dercy, 76 anos - Há três anos que eu estou aqui. Gosto do bairro. Agora, acho que a minha localização aqui não foi bem pensada. Porque, aqui, para (pessoa) mais velha... eu só atinjo minha casa por enormes ladeiras! E não tem esta infra-estrutura, assim, de dizer que tem por perto supermercado. Não tem. (...) Tudo supõe condução. Minha empregada, que é velha, suspira e geme se tem de fazer alguma comprinha. (...) Mas eu não tenho coragem de empreender uma nova mudança (ri). Porque sempre salvo com um auto, que eu não tenho, mas eu alugo um carro com motorista duas vezes por semana, três, se preciso. Então, naqueles dias eu faço abastecimento.

A ruptura definitiva entre mundo público e mundo privado, porém, pode ser um dos efeitos desejados pelo indivíduo quando da escolha do local (assim como pode influir na opção por uma casa, como foi verificado). Mesmo em áreas de topografia mais suave, podem ser criadas, artificialmente, diversas interdições que implicam na eliminação destes espaços de transição, transpostos por veículos privados. A rua, por contraste à esfera doméstica, pode reportar mais imediatamente ao público, identificado no universo estudado com as características que foram apontadas por Da Matta (1985): domínio do inevitável, do desconhecido e perigoso, do desamparo, do fora de controle. Muitas entrevistas denotam as grandes restrições feitas por pais tanto à fruição da rua como área de lazer por seus filhos, quanto à autonomia dos deslocamentos a pé, por parte de crianças pequenas e pré-adolescentes. A rua é um lugar considerado potencialmente perigoso e que só pode ser enfrentado sob assistência de adultos, postura que é quase unânime entre os pais. Aos adolescentes a recomendação é que andem em grupo. Portanto, a localização em áreas mais inacessíveis necessariamente não modifica a rotina quotidiana, que pode vir a excluir a experiência da rua intencionalmente.

Mas esta é uma situação vivenciada, quase sempre, como uma perda por parte dos pais, e referendada a uma situação presente de grande insegurança, ao mesmo tempo em que reconhece um padrão de socialização que não pode ser repetido em relação aos seus próprios filhos.

Clarice - O que eu gostaria, vamos dizer, é que os meus filhos tivessem a vida que eu tive. Eu, quando era pequena, morava na (rua) Rivera (...) Eu tinha uma turma de rua. Eu me “dava” com todo o mundo da rua, a gente ficava andando de bicicleta até altas horas da noite, aquelas coisas que hoje são inadmissíveis, né? Então, uma das questões que eu tenho é que todos os condomínios têm rua, entende? Uma coisa que eu não deixo: meus filhos irem pra rua. Eles não vão pra rua, nunca. Eu mando eles subir lá em cima (no seu terraço de cobertura) ou eles vão comigo para a praça. Quando eu estou junto. Sempre acompanhados. Aquela coisa de liberdade que eu tinha, não pode mais ter hoje em dia. Então eu fico com esta fantasia de ver as crianças na rua, andando de bicicleta, porque -

meus filhos, quando é que vão andar de bicicleta? Fim-de-semana e olhe lá! É um inferno, né? Por isso eu acho que gostaria (de morar em uma casa em condomínio horizontal). Para deixar as crianças mais “soltas”, né?

Apesar da recorrência aos aspectos relativos ao crescimento da violência urbana, fator que pesa na opção por viver em um prédio de apartamentos, alguns poucos pais se esforçam para proporcionar uma experiência propriamente urbana aos filhos, dentro de uma identificação de rua como um lugar de surpresas, de aventuras, domínio da aventura - experiência obrigatória ao desenvolvimento “natural-tradicional” das crianças. Não é por acaso que esta é a postura de Costa que, ao contrário da maioria dos entrevistados, foi socializado em um contexto onde o lúdico sempre esteve associado à aventura e ao desconhecido.

Costa - A (filha) e o (filho), eles tinham uma turma de rua, que era um problema para todos os edifícios. Porque eles faziam zoeira, coisas assim de jogar futebol, gritar, correr, que para nós, pais das crianças... a gente sentia um prazer de ver a liberdade, a alegria com que eles ficavam até de madrugada brincando. Era muito intenso. A gente até nem saía. Férias, eles queriam voltar logo, eles queriam estar sempre juntos. Que é uma coisa que eu acho salutar, esse convívio. E aquelas coisas de criança de bairro. As brigas com a vizinha do edifício, a fulana que era uma bruxa, aquelas neuroses próprias de vizinhança aconteciam. Aquela pessoa que não podia ver aquela alegria acontecendo nos pés dela sem que ela tivesse o poder de censurar. (...) E a gente sempre estava em defesa deles. No final, faz parte da própria alegria deles a censura de quem não consegue usufruir. (...) Bem, passou a época! Uns viajaram, outros saíram, (a turma) se dispersou. Criou uma outra geração, eles (os filhos) estão em outro momento. Então nós não estamos convivendo tanto na rua, e agora é uma outra turma de crianças que estão chegando, de edifícios novos. Ai, agora, eles estão em cima da nossa calçada, fazendo barulho...

Costa é um morador antigo, está no bairro há dez anos, e pôde elaborar uma espacial relação com a “sua” rua, ao longo dos anos, quase como uma compensação para o que ele define como falta de “história” do bairro. Esta rua faz parte de um conjunto de ruas do bair-

ro, que merecem uma especial referência de seus moradores. Suas características topológicas conformam vias curtas, não ligadas diretamente às ruas de conexão interbairros e, por isto, de menor circulação de veículos. Essas ruas são percebidas por seus moradores como mais exclusivas e são apropriadas, simbolicamente, como espaços quase privados. E seguramente, neste universo, a rua Tauphik Saadi ocupa um especial lugar no imaginário local, tornando-se, com o passar do tempo, quase que a corporificação do paradigma do estilo de vida mais imediatamente associado ao bairro Bela Vista. Esta rua é composta por duas quadras e está densamente ocupada por construções novas, que se equilibram numericamente entre prédios de apartamentos e casas unifamiliares que foram construídos quase que num só período, conferindo-lhe uma certa homogeneidade de estilo. O prestígio associado a esta rua é alimentado por seus moradores crescentemente, criando, circularmente, novos pretextos de identificação que reforçam o sentido de pertencimento. Dois ou três anos antes de ser iniciada esta pesquisa, a rua começou a destacar-se, no bairro, pela atenção que a decoração de Natal começou a receber, com a disposição de lâmpadas e enfeites diversos nas fachadas dos prédios. Segundo alguns moradores, este foi um movimento que começou timidamente, mas angariou adesões a ponto de ter aparecido, em uma reportagem de página inteira, como “*foco de atenção*” de uma extensa área que vem se decorando, ao modelo americano, a partir da decoração natalina do Shopping Iguatemi.

Um passeio noturno pelos bairros Bela Vista, Mont’Serrat e Três Figueiras e pela Zona Sul pode render boas imagens, com a vista da cidade a partir da Praça Gustavo Langesh, a figueira do Shopping Center Iguatemi, ornamentada com 85 mil microlâmpadas, ou as 70 mil distribuídas pela Praça Comendador Souza Gomes, na Tristeza. Mas o espetáculo mais surpreendente é o da rua Tauphik Saadi, na Bela Vista. Pequena, meio escondida atrás dos grandes edifícios da Avenida Nilo Peçanha, a rua é o maior foco luminoso de Porto Alegre.

Para a representante comercial Maria Osvaldina do Bem, moradora do apartamento 501 do prédio Gallery Bela Vista, a iluminação da rua é motivo para orgulho. “Quatro anos atrás, eu e uma amiga colocamos, acanhadamente, umas luzinhas nas sacadas”, conta. Elas viram o fenômeno ir crescendo um pouco a cada Natal. “Este ano, eu me emocionei muito como que vi”, diz. Ela

conta que existe uma competição tática entre os moradores da rua. As 500 lâmpadas do seu apartamento já foram superadas por vizinhas.⁴³

Este fenômeno, para Rômulo, aparece como manifestação do surgimento de uma “*certa comunidade*”, que ele percebe não estar apoiada em ideologias de cunho altruísta, mas num pragmatismo inspirado, positivamente, no modelo americano de democracia. Isto é, ele reconhece que há muitos “*americanófilos*” no bairro, mas que, possivelmente, uma das boas lições que pode ficar desta admiração indiscriminada é da “*compreensão muito clara do coletivo, para as questões públicas*” que, para ele, é uma das principais características da sociedade americana. Rômulo, que também enfeitou sua sacada este Natal, no apartamento da rua Tauphik Saadi, iniciou seu pensamento falando a propósito do processo de organização de moradores para a reurbanização da *pracinha do União*.

Rômulo - *É fantástico aquilo ali. Também, é um processo de organização comunitária aqui, que eu diria até que não parece muito desta faixa de renda, destas pessoas que buscam a individualidade. Ao mesmo tempo, até a minha rua está tendo um processo de associação, por proximidade, por identificação, por necessidade de todos os seres urbanos de terem de se associar, de se organizar para poderem controlar, usar, buscar serviços urbanos próprios para aqueles tipo de grupo de pessoas. (...) E tem uma coisa que eu acho interessante, uma certa comunidade que se formou, muito pragmática: há um processo de conversa na rua pra gente tentar criar um programa de segurança, que é um problema muito sério aqui.*

P - *Na rua teve eventos assim?*

Rômulo - *É, na rua, no bairro. Constante? Quer dizer... Não constante, mas existe esse problema de segurança, uma coisa não localizada, mas em toda a zona⁴⁴. (...) Como é uma rua fechada, são só duas quadras, a gente está pensando em fazer umas guaritas e tentar fazer um tipo de condomínio fechado de segurança, não é? (...) Isso pode estar gerando o embrião de uma associação de rua. Bom, isso é uma coisa do bairro, dessa coisa nova, eu diria.*

⁴³ Matéria publicada no jornal Zero Hora, em 11 de dezembro de 1995:54. A praça Gustavo Langesh também pertence ao bairro Bela Vista.

A questão da segurança, que é colocada com insistência na maioria das entrevistas, com muita frequência também é relativizada, como acima. O mais comum é que os entrevistados refiram-se ao fato de que estas ocorrências sempre existiram, que a segurança é relativa (“*querendo, ELES entram em qualquer lugar*”) e que as precauções não podem ser exageradas a ponto de colocar em risco a segurança das pessoas que, eventualmente, tenham de sair rapidamente do local, como no caso de um incêndio. “*Pelo sim, pelo não*”, a simples possibilidade de ocorrer algum evento ameaçador à segurança pessoal ou patrimonial é determinante para a adoção de sistemas de proteção, dos quais o mais imediato é o cercamento dos prédios e casas com grades de ferro, que acaba por constituir uma ocorrência corriqueira no bairro, e que é acrescentada a casas e prédios de qualquer época de construção. Carin acha que, ao contrário, os problemas de segurança diminuíram, pois o bairro está mais habitado, mais movimentado. E por que colocaram grades no seu edifício? “*Ah, todo o mundo estava ‘botando’, então resolvemos ‘botar’ também!*”.

No presente, grande parte do bairro Bela Vista está coberto por sistemas privados de segurança ostensivos, sustentados por associações que congregam moradores de duas ou três quadras por vez, parecendo ser um recurso mais utilizado em ruas de residências unifamiliares, pois os prédios maiores e mansões, inclusive alguns estabelecimentos comerciais, mantêm seus próprios sistemas de vigilância. É recorrente a alusão de que o bairro é muito visado, justamente por seus sinais de ostentação. Renata, moradora da Nilo Peçanha que já foi assaltada (levaram o seu carro sob a mira de uma arma de fogo na entrada da ginástica, de manhã cedo), diz: “*o bairro está concentrando renda, concentrando riqueza, é um bairro mais visado*”. Três entrevistados me falaram sobre roubos em apartamentos do seu prédio; todos tomaram o acontecido como “*coisa de zelador*”, e fizeram queixa com relação à atuação da polícia. Ana Maria, engenheira que mora na Barão de Ubá, me disse que todas as casas da rua dela já foram roubadas. Num trecho de duas ou três quadras os moradores a-

⁴⁴ Em Porto Alegre, *zona* é a denominação corrente para uma área territorial qualquer, expressão que pode ser (continua na próxima página)...

gora mantêm dois vigias permanentes durante o dia, e três, durante a noite. Os pedestres são ostensivamente vigiados enquanto transitam no local, como o fui no dia em que estive em sua casa. Um dos guardas me disse que não são freqüentes os eventos. Segundo ele, o maior problema são os “carroceiros”, que aproveitam os descuidos dos moradores, entram em uma porta de garagem aberta, forçam uma janela. Esta é a mesma opinião de Reni, zelador em um prédio das redondezas: *“Oitenta por cento dos problemas é por causa de carroceiros! Eles já andam preparados, tem sempre chave de fenda e pé-de-cabra nas carroças. Sábado, domingo, que é dia que não tem lixo, carroceiro andando por aqui está cuidando”*. Os perigos, portanto, podem ser externos, estão nas ruas, por onde circulam os bandidos violentos e também os pobres, ambos coletores das riquezas alheias. Por outro lado, estão no interior dos espaços privados, ameaça representada pela necessidade de manter classes subalternas para os serviços gerais dos prédios e moradias.

Os sistemas de vigilância em área pública parecem objetivar a proteção física dos indivíduos nos momentos críticos que são o ingresso e a saída nos espaços privados, além da proteção do patrimônio privado. Sua existência não parece incentivar uma maior utilização desses espaços de transição por parte dos moradores, senão reforçar a dicotomia público-privado, o que fica claro quando se verifica que, apesar dos esquemas de segurança, nenhuma das áreas vigiadas parece ter mais crianças brincando na rua. Donzelot (1980) chama de “retraimento tático” este recolhimento intencional da vida pública pela família burguesa, movimento que vem se acentuando desde o século XIX a partir da Europa. Ao aumento da consciência da importância social da família correspondeu a preocupação com a conservação das crianças, que associa liberação física à proteção moral, ao seu confinamento em um espaço protegido, e reflete-se nos processos de socialização primária e secundária. As famílias burguesas, desde então, renunciam ao “direito político por meio da busca privada de bem-estar” (: 89). A auto gestão em termos de segurança pública, onde se apela a iniciativas baseadas em redes de sociabilidade, deixando de lado qualquer demanda rein-

vidicatória junto aos poderes públicos, exemplifica sua afirmação. A ideologia da autogestão em termos de segurança foi mencionada por Body-Gendrot (1992), desta vez especificamente relacionada à moderna sociedade americana, que está explicitamente presente como mito no universo estudado. Paulo, funcionário de uma estatal, com atividades classistas, aponta para o absurdo desta situação:

Paulo - *Se tu percorrer a pé a (rua) Barão de Ubá, é uma casa ao lado da outra, todas elas gradeadas. Tu olha a casa aqui do lado: ela é uma fortaleza. (...) ...tu vê todo o mundo se protegendo. São atitudes isoladas. Tu não vê as pessoas se encontrando e - “Bom, vamos ver uma solução que seja coletiva”. (...) O caso da segurança é esse. Eu acho que, talvez seja o caso, de pensar numa Associação de Bairro. Talvez nós pudéssemos providenciar para ter uma delegacia de polícia, e essa delegacia poderia ser mantida com recursos dos moradores do bairro. Providenciar, digamos, rondas. Coisas assim, para dar segurança. (...) A gente entra no prédio... Antes de acionar o controle eletrônico, eu olho prum lado, eu olho pro outro. E eu já vi os vizinhos agindo assim. (...) ...aquela portinha abrindo, parece que leva um século! (...) Um bairro que tivesse essa consciência do coletivo podia ver coisas que são comuns. Desde a iluminação, que as ruas estejam em bom estado, que o esgoto pluvial funcione... São coisas desta ordem que eu acho que se pode disputar no orçamento (da prefeitura municipal).*

Para outro pesquisado, porém, estes problemas não estariam solucionados pelo reforço das competências legais e, sim, pelas efetivas apropriações do público a partir da ótica do privado, expressas pelo grau de comprometimento dos indivíduos com a questão coletiva. Alberto é nascido e criado no bairro e morador da rua Jaraguá. Se a rua Tauphik Saadi pode ser reportada, imediatamente, ao bairro Bela Vista, difundindo sua imagem de modernidade e distinção, a rua Jaraguá é lembrada por Alberto como um local que mantém a vida característica do bairro que ele conheceu. No final das tardes amenas, muitas pessoas colocam suas cadeiras nas calçadas e “*quatro gerações*” ficam conversando na rua até muito tarde da noite. Na esquina, o armazém mantém o “*caderno*”, antiga instituição de crédito, para anotação de despesas que serão pagas pelas famílias no final do mês. Esta rede de vizi-

nhança possibilitou a realização de festas comunitárias, como a de São João que, um pouco antes de iniciar a pesquisa, mereceu destaque nos órgãos de comunicação como um evento comunitário que identificava o bairro. E propicia, também, uma associação tácita que denominam de “*auto proteção*”, uma certa vigilância que é mantida pelos antigos moradores que passam muito tempo em casa, e iniciativas concretas de todos para prevenir, principalmente, roubos às residências.

Sandra, a filha de 16 anos - *No início a gente começou a fazer a festa (de São João), cada vizinho fazia uma coisa. Depois começou a crescer e a vir gente de tudo quanto era lugar. A gente fazia, na casa da vizinha, quentão e um monte de coisa, e era tudo de graça... Ia tanta gente que nem dava mais para fazer lá. Daí, a gente começou a fazer na rua. (...) O vô trazia lenha da fazenda e a gente fazia uma fogueira enorme no meio da rua.*

Alberto - *Se fechava a rua, inclusive, (...) até dois anos atrás. Depois, um ano morreu o marido de uma vizinha, este ano também não saiu, o pessoal não se motivou, (pois) morreu uma vizinha. As pessoas estão idosas, sabe?*

Sandra - *Os velhinhos estão morrendo...*

(...)

Alberto - *Eu sempre tive muita afinidade com o bairro. Depois fui fazer Direito, comecei a trabalhar, tinha alguma renda, então deu para construir esta casa, e eu resolvi ficar por aqui (...) Esta casa era um contraste na rua, hoje tem mais de doze anos, mas, naquela época, chamava a atenção. A gente pretende ficar aqui bastante tempo. A gente tem muitas relações, (...) é comum me ligarem, solicitarem, os vizinhos. (...) Eu sou advogado, a (mulher) também, o pessoal está sempre precisando de alguma coisa (...) então a gente troca muito com os vizinhos. O pessoal viaja e traz presentes. Eu viajo e trago presentes também. É bom, é gostoso. A (mulher) tem duas irmãs que moram aqui perto, (...) na Carlos Trein. Ela comenta que elas não tem esse tipo de coisa. É vizinha trazendo doce, é vizinha que fez churrasco, traz um pedaço. (...) Na parte nova, o pessoal comenta que não é assim, que há distanciamento. Na verdade, acho que com o tempo eles vão se conhecer mais. Outra coisa, o pessoal se isola muito, pelo problema de segurança. (...) Há dez, vinte anos atrás, não tinha grade.(...) O bairro está sendo muito visado, então a pessoa se precavê muito. (...) Não é de agora, agora está mais saliente.*

(...)

Sandra - *“Eles” venderam há dois anos uma casa, aqui em frente. Começou a juntar um monte de marginais, bandido. A casa era um problema para a gente. (...) Aqui na rua funciona a auto proteção. Aí, a mãe falou: “Vamos ‘pegar’ um dia, todo o mundo, e demolir esta casa!”. Veio criança de tudo que é lado para demolir a casa (...)*

Alberto - (...) *A gurizada mesmo que foi e demoliu a casa!*

Alberto sente-se privilegiado em vivenciar uma vida quotidiana fundada em valores tradicionais como a reciprocidade e a solidariedade, mas entende que esta sociabilidade é construída pela continuidade das relações, e pela tolerância com a diversidade social. Os problemas cotidianos podem ser pensados em termos de responsabilidade comuns; uma rede de ajuda mútua pode substituir esquemas dispendiosos de segurança e fortalecer os laços sociais. Numa rede deste tipo, todos têm seu papel. Nesse caso específico, os aposentados são parte fundamental, guardiões vigilantes que tratam de alertar aos demais sobre qualquer perturbação no movimento cotidiano. Ou seja, as mesmas questões enfrentadas pela parte “nova” do bairro, sob táticas de caráter mais integrativo.

Mas não se trata de uma oposição simples entre os valores da Tradição e da Modernidade, senão uma relação dialógica. Pode-se observar que mesmo a metonímica assunção dos festejos de Natal, festa de consumo cada vez mais carnalizada e remetida a modelos internacionais, pode realizar valores matriciais, criar identidades de base local, ou *“mini-comunidades”*. É necessário observar, ainda, que na época da finalização deste estudo, em março de 1996, as fachadas dos prédios e sacadas apareceram decoradas, pela primeira vez, para os festejos de Páscoa. Eram coelhinhos, ovos com laçarotes, cestas, montados de modo a parecerem desenhos de néon, à distância. Estes elementos, em dimensões que podiam atingir, aproximadamente, um metro e meio, apareceram, principalmente, em edifícios em frente à *pracinha*. A repetição dos motivos e a concentração nestes prédios sugerem uma ação organizada, destinada, quem sabe, a suplantando as realizações dos moradores da rua Tauphik Saadi por ocasião do Natal, que, nesta Páscoa, não apresentava nenhum de seus

prédios decorados. Pode-se aguardar, para o futuro, o desdobrar de ações similares que objetivam alimentar e expressar estes processos distintivos ao nível da vida quotidiana.

Este “diálogo de sacadas”⁴⁵ faz perceber que se aprimoram os recursos comunicativos entre os novos moradores, voltados também para certa integração cujos veículos estão baseados em recursos de tecnologia mais sofisticada. São criadas “novas tradições”, elementos que recolocam aspectos da sociabilidade tradicional, como a vizinhança, sob uma nova roupagem, humanizando o bairro e criando motivos de reconhecimento mútuo, mesmo que o estilo desta vizinhança esteja longe da *“familiarité des relations entre gens vivant très près les uns des autres”*, que segundo McKenzie (1984:231), seria uma das conotações gerais do termo. A vizinhança urbana, para ele, seria diferente da vizinhança tradicional por estar definida por grupos delineados socialmente, sujeitos à mobilidade - uma vez que a distribuição da população, nas cidades ocidentais, cada vez mais demarcaria regiões em função do nível de integração das populações na sociedade maior - e seria, ainda, menos comprometida com a lealdade, a reciprocidade, a solidariedade incondicional e o submetimento ao interesse coletivo. A vizinhança, no caso estudado, não se define em relação à esfera doméstica, onde as relações próximas com os vizinhos são evitadas, mas, sim, nesta esfera mais geral de identificação como morador do bairro Bela Vista, fato conferidor de prestígio e demarcação do lugar social.

2.3. Nos espaços públicos do bairro, um estilo de vida moderno e modelar

Espaços públicos e espaços privados confundem-se com o exercício de identidades de cunho mais geral ou mais individual, respectivamente, que remetem a diferentes papéis exercidos através de dispositivos inter-relacionais, ou sociabilidades específicas. Neste estudo, espaços públicos são considerados como as bases físicas que propiciam suporte à represen-

⁴⁵ “Diálogo de sacadas” foi uma expressão sugerida por Regina Weber, a quem devo uma atenciosa crítica à versão preliminar desta dissertação.

tação de papéis sociais mais gerais, oportunizando a figuração quotidiana do estilo de vida associado aos moradores do bairro Bela Vista. Estes espaços constituem um cenário bastante estruturado, organizado pelo eixo das avenidas Nilo Peçanha e Nilópolis, e que tem como foco a *pracinha da Encol*, no cruzamento com as ruas Carazinho e Carlos Trein Filho. Aí se situam espaços urbanos como praças e ruas, e espaços de propriedade privada, mas de utilização pública, como o Clube Náutico União e diversos estabelecimentos de consumo diferenciado. Embora esta seja uma realidade que pode ser vivida de modo individual, para marcar diferenças internas ao grupo considerado, a configuração, a presença e utilização destes espaços são responsáveis por uma imagem associada a uma vida ativa, centrada em estilos de lazer e consumo modernos e dispendiosos, que se associa a todos os moradores.

A reurbanização da praça Simão Arnt, ou a *pracinha da Encol*, iniciou um processo de supervalorização social do local, reorganizando todo o entorno, como pode ser aferido nas entrevistas realizadas. Ela serve de suporte às atividades de diversos grupos de usuários que, literalmente, disputam espaços, em diversos horários e dias da semana. Sua imagem mais característica está ligada, sem dúvida, às caminhadas terapêutico-preventivas realizadas por adultos de qualquer idade, que são mencionadas em quase todas as entrevistas quando se fala deste espaço (embora nenhum dos entrevistados caminhe atualmente ali). Esta atividade, que pode ser realizada individualmente, em pequenos grupos, ou sob a modalidade de *personal training*⁴⁶, difunde uma imagem de vida ativa e juventude física compatível com uma vida de representação que confunde a aparência física com o que o sujeito é ou tem.

A imagem da praça se complementa com a constatação da “cachorrada”, ou a existência de muitos cães, cujos donos se utilizam da *pracinha* para passeá-los diariamente e, às vezes, mais de uma vez por dia. Mais de um pesquisado referiu-se ao que seria uma característica do morador do bairro: o gosto por cães, que estaria presente em um número considerável de residências. Esses cães, a maioria de procedência identificável, com registro de

pedigree, propicia uma outra base de identidade e sociabilidade para indivíduos que trocam informações, admiram os cães dos outros, expõem o seu próprio cão à exibição. Na época da pesquisa de campo se destacava, ainda, a presença de um número acentuado de carros importados, cuja presença, hoje, é mais comum em toda a cidade. Estes carros eram freqüentes, e ainda são, nos horários mais prestigiados - as tardes de sábados e domingos fora das férias de verão e dos rigores do inverno - conduzidos por indivíduos que ali estacionam e ficam a eles encostados, ouvindo música, observando o movimento, e se expondo aos olhares.

A realização de caminhadas na praça, e outras modalidades de exercícios físicos e esportes que são propiciados, e a presença de um clube esportivo de grandes dimensões, como é o Clube Náutico União, faz com que muitas pessoas circulem com trajes esportivos. Aos poucos, este foi sendo um estilo de vestir que passou a ser utilizado em outros locais do bairro, mesmo por não praticantes de esportes e exercícios, e por pessoas de todas as idades. Não importa quem esteja usando a roupa esportiva, o efeito é de alguém que está em trânsito para/ou de uma atividade física especializada. Uma imagem de vida ativa passa a ser associada a todos os moradores do bairro, de modo geral, que acaba sendo associada ao estilo de vida de uma classe social. Outro efeito é o de plasmar as diferenças geracionais no modo de vestir, ou seja, um estilo que, além de fazer supor uma vida ativa, é um estilo “jovem”.

O estilo “ativo” e “jovem” pode se concretizar na informalização de outros aspectos da existência, acrescentando epítetos: “informal”, e voltado para o “lazer”. Mariana, uma socióloga de 43 anos, foi uma das primeiras pessoas que me chamou a atenção para o fato de que se encontravam muitas pessoas andando em trajes de banho, no percurso entre seus prédios e o clube: *“As pessoas descem de biquíni e pareô, no elevador, caminham várias quadras até o clube, e não estão nem aí! Quando eu era menina, isso aí, imagina, nem pensar! Não se podia nem andar de slacks⁴⁷ na rua da Praia que era mal-falada”*. Outra entre-

⁴⁶ *Personal training* é uma recente modalidade de exercício e condicionamento físico que supõe o acompanhamento do sujeito por um treinador qualificado, que fica à disposição de um só indivíduo por vez.

⁴⁷ *Slacks* era uma forma americanizada de designar as calças compridas femininas nos anos 60.

vistada, Carmela, assinala que antes ela tinha de vestir-se adequadamente para sair de casa, mas deixou as preocupações de lado: *“Eu notei uma grande diferença, e acho isso muito bom! Agora eu estou na beira da piscina, de mini-saia, shortinho, e precisa de alguma coisa, tem de ir no supermercado, eu vou assim mesmo. Isso é uma coisa do bairro Bela Vista. Também, não há sentido em uma pessoa ir no clube, ou caminhar na praça, e passar em casa para trocar de roupa para ir ao supermercado”*.

A preocupação inicial em trajar adequadamente teria dado lugar, assim, à definição de um estilo próprio de vestir, pelo menos enquanto no perímetro do bairro. Parece, porém, que a preocupação apenas deslocou-se. O vestir “informalmente” - que se pode traduzir por vestir “esportivamente” - não supõe uma correspondência em desleixo ou rebaixamento dos padrões. O apuro no vestir-se “informalmente” foi observado por Lalá (ver relato a página 220) e por Luiz Antônio de Assis Brasil, escritor portalegrense. Assis Brasil caminha na *pracinha* por indicação médica, e escreveu uma crônica sobre alguns personagens que encontrava com regularidade, notando o apuro no vestir-se de um deles, e a ostentação de outro:

...há a Feérica, onde tudo combina. Exemplo: os cordões dos tênis são da mesma cor da tira de *plush* da testa, e as polainas (a propósito, para que servem?) fazem par com os óculos aerodinâmicos. Ontem, a cor dos fones de ouvido combinava com o abrigo esportivo, e por aí vai. Imaginamos que o ato de vestir-se para vir à praça represente cerca de uma hora à frente do espelho. Assim, é fugaz como um relâmpago em suas aparições: não pode perder tempo. Um dia, veio *descombinada*, e caminhou de cabeça baixa, retirando-se na primeira volta.

Há um tipo espantoso: tratando-se esta praça de um eventual celeiro de novos ricos, surge-nos às vezes um homem de bigodes, com um ostensivo *bip* à cintura, é angustiante constatar que o malvado aparelho não toca. Dei à personalidade o injusto nome de *Espera-chamadas*, e o meu maior desejo é que um dia ele ouça o sinal salvador. Outro dia veio acompanhado de um amigo e, ao passarem por nós, falavam da cotação da bolsa de Tóquio.⁴⁸

A grande preocupação com a aparência para Isabel, que está há treze anos em Porto Alegre, é *“coisa de cidade pequena”*. Ela se sentiu um pouco constrangida nas primeiras vezes que foi ao supermercado, aqui: *“muito repara uma pessoa na outra, se preocupam*

⁴⁸ Jornal Zero Hora, 06.09.93, Segundo Caderno, contracapa.

muito com terceiros. (...) (No Rio de Janeiro) a gente sai de manhã de qualquer jeito, vai fazer as coisas, ninguém repara, ninguém olha. Quando eu cheguei aqui, ia no supermercado, o pessoal todo arrumadinho... Eu disse: 'Meu Deus, que horror, vou dar vexame aqui!' (...) Mas existe no mundo todo pessoas levadas pela vaidade...".

São importantes veículos de sociabilidade e reconhecimento os bens e aparatos que o indivíduo pode portar, arrolando-se nesses bens o próprio corpo, segundo Vincent (1992), o *locus* moderno, por excelência, da identidade pessoal. Para Boltanski (1984), a preocupação com o corpo é um claro indicador de classe social, e está na relação inversa à sua utilização econômica. Ou seja, classes mais altas tenderiam a ocupar-se mais, proporcionalmente, da aparência e conservação do corpo, o que inclui o aprendizado e domínio de técnicas específicas e, cada vez mais, a presença de especialistas. A apresentação pessoal pode ser utilizada, neste caso, como um claro indicador de classe social, à medida que torna explícita esta preocupação, por exemplo, através do porte de roupas de ginástica ou abrigos esportivos, sapatos de tênis, bonés ⁴⁹.

A expressão do padrão de gosto, do poder financeiro, da base econômica, do grau de integração social lançam mão de signos que concorrem para a elucidação de qualquer dúvida a respeito da imagem que cada indivíduo acalenta e quer transmitir de si próprio. Estes recursos expressivos são referenciais importantes para que o indivíduo possa localizar seus iguais, em qualquer circunstância. De acordo com Goffman (1989), estas imagens tornam-se verdadeiras, ou seja, são eficazes na comunicação, quando reconhecidas por outros. A linguagem e os comportamentos corresponderiam a níveis mais aprofundados de interação, e ao estabelecimento de outras identidades mais individualizadas. Claro que esta representação pode se prestar ao blefe, podendo um signo distintivo ser usado para causar efeitos não compatíveis com as práticas, mas certamente, portar signos reafirma, antes de tudo, a crença em determinados valores que criam os laços de identidade entre os indivíduos. O porte de

⁴⁹ A Profa Carmen Rial bem me assinalou que diversos outros grupos têm o corpo como suporte identitário, não só classes altas, e que estas práticas de conservação do corpo estão hoje, bastante difundidas entre diversos segmentos sociais.

bens de prestígio, segundo Leroi-Gourhan (1965) é uma constante cultural em todas as sociedades, e teriam por efeito poder localizar socialmente cada indivíduo, de modo a estabelecer os fundamentos imediatos da interação. A natureza destes bens, digo eu, poderia esclarecer, apenas, afiliações ideológicas.

É associado ao estilo próprio do bairro, ainda, certa propensão para o lazer que, como foi constatado, ocupa um espaço privilegiado nos projetos dos entrevistados. Cássia, que mora em frente à praça, diz que *“só falta o mar aqui perto, pois tem um clima de praia isto aqui. As roupas das pessoas, também. De tarde, os homens vêm para casa, chegam arrumados, tipo executivos, tu tens quase uma impressão de Vieira Souto, de tarde, aqui. (...) A praça é a humanização de um bairro. É o “ir para fora”. Ela muda completamente os hábitos, inclusive os horários das pessoas se levantarem. Quem mora nessa zona aqui, levanta mais cedo para primeiro ir andar na praça”*.

Um “ar de Rio de Janeiro” foi, também, a expressão utilizada por Rômulo, mas ele acha ser mais importante a própria juventude do lugar, representada pelos novos hábitos e novos espaços de consumo, identificados com estilos de vida novos, o que dá ao local um *“clima de festa permanente”*.

Rômulo - *Mas tem uma coisa gostosa ali, que é as pessoas com uma rotina diferente, muito parecida com a gente. (...) Pessoas que transitam com cachorros... (...) Ali na rua sempre tem gente passando, caminhando, footing, né? As pessoas curtem muito aquele lugar ali. (...) É uma zoeira ali, no final de semana, com aquela gurizada (...) Tu sentes aquele clima de festa. A geração da gente está totalmente fora daquilo. (...) É bem engraçado, porque a partir do Febernati começam a surgir as árvores, um bairro mais antigo, e muda o clima. Aqui em baixo, a parte nova, tem um movimento diferente...*

A sociabilidade nos espaços públicos do bairro pode ser, então, ser intermediada por sinais de reconhecimento como as vestimentas: uma roupa mais propriamente “pública” relacionadas a trabalhos de prestígio, mas realizadas em espaços exteriores ao bairro, e as vestimentas mais informais, correspondendo a práticas privadas publicizadas nos espaços

internos do bairro. Estas práticas de conservação da saúde, juventude e aparência do corpo estão identificadas com atividades de lazer, ao ar livre, próprias das férias, por isto essa clima “*de Rio de Janeiro*”. Mas estão também identificadas com um estilo de vida novo, com práticas de consumo de molde moderno e internacionalizado, que é o jeito “jovem” de viver.

Na parte antiga do bairro pode-se encontrar estabelecimentos tradicionais como armazéns, bares, padarias, açougues e fruteiras. Junto à parte nova, remanescem ambulantes, como uma banca de revista e uma carrocinha de cachorro quente, que sofreram diversas pressões por parte dos novos estabelecimentos de consumo para retirarem-se do local, sem sucesso. Na parte nova, os estabelecimentos caracterizam-se por concentrar diversos ramos em um espaço reduzido, em construções de linhas modernas e chamativas. O primeiro grande equipamento de molde moderno não está localizado exatamente no bairro, mas teve grande influência no seu desenvolvimento e vendabilidade. Este é o *shopping center* Igua-temi, ligado ao bairro por um curto e direto percurso. Os demais estão estabelecidos próximo ao cruzamento da rua Carazinho com avenidas Nilo Peçanha/Nilópolis. O segundo grande equipamento de abastecimento foi o supermercado Febernati, na frente da pracinha, estabelecimento pequeno, proporcionalmente, mas que conquistou sua clientela por ter “*os artigos importados mais baratos da cidade*”. Logo em seguida, junto ao supermercado, na rua Carazinho, foram construídas dois pequenos centros comerciais, de poucas lojas e de ramos diversificados. Em 1993, o antigo posto de gasolina que havia junto à avenida Nilo Peçanha, sofreu uma completa reforma, com instalação de equipamentos automáticos e instalando uma loja de conveniências, chamada *AmPm mini market*, que funciona vinte e quatro horas. Mais recentemente, em 1994, foi inaugurado, ao lado do supermercado e em frente à pracinha, um centro comercial, o Bella Vista Plaza, com uma vintena de lojas, cujo destaque é as lancherias, as lojas de produtos importados, esportivos e eletrônicos⁵⁰. O comércio diretamente relacionado ao bairro “novo” consiste, portanto, de estabelecimentos de molde moderno, de filiação americana e, em menor número, européia (denunciado pelas

denominações⁵¹), que concentram serviços diversificados em uma área reduzida, dispendo de áreas de estacionamento próprias, dentro dos modernos objetivos de eficácia, e vendem bens e serviços sofisticados. Lalá bem caracteriza a ambientação urbana deste “centro” do bairro, onde o principal parece ser a sensação de abundância de espaços (propiciado pelas áreas abertas das praças, avenidas, clube e áreas de estacionamentos), vinculada à abundância de recursos, do poder econômico que instaura estes espaços, destinados ao usufruto de poucos privilegiados:

Lalá - Aqui, o comércio não está longe do bairro, ele está integrado (...) Tu tens a praça, enorme, ali. Uma boa duma praça. O clube tem uma área grande, não tá apertadinho como aquele lá (o Grêmio Náutico União do Moinhos de Vento). O comércio é um comércio bom, que não tem (um grande) supermercado, mas tu tens as lojinhas, elitizadas, mas não é aquela confusão, é uma coisa de bairro, mesmo.

Para Rômulo, o tipo de consumo que o bairro propicia configura um enclave do Primeiro Mundo na cidade de Porto Alegre, o que para ele é uma boa surpresa:

Rômulo - E daí, tu caís dentro da Nilo Peçanha, daquela avenida, tem um clima de Rio de Janeiro, até um pouco festivo. (...) Ali começa a ter um equipamento mais moderno de consumo, de acesso. Coisas que aquele bairro está criando e que para mim são boas surpresas, entende? Como, por exemplo, um posto de gasolina que tem uma lavagem automática. (...) Por circunstâncias “eles” foram criando o que eu te falei antes: equipamentos muito próprios, coisa de Primeiro Mundo, que gerou uma ponta de bairro que é a praça, o Febernati, que é superbom, entende? Uma coisa nova nessa linha. (...) Serviços assim, meio coisa de Primeiro Mundo, (...) aquela maquininha que tu vai e tira a Coca. Uma coisa mais de atendimento moderno, como o Iguatemi. (...) Eu diria que o bairro está “explodindo”, ele tá gerando, ele está criando uma rotina, um processo novo, que eu

⁵⁰ Na realidade, toda esta área comercial está localizada fora do limite legal do bairro, embora seja tomada pelo “centro” do bairro.

⁵¹ Com exceção do supermercado, que leva o nome da família proprietária, encontramos Gelf's, Dollars & Smilers, Dreaming House, Jet Up, Frozen Mix, New Brechó, Pet Land, Bella Gulla, Costurata, entre outros.

nem saberia te dizer por onde está indo, mas que é gostoso (...) Tu sente aquele clima de festa.

Novamente encontramos o tema do lazer associado com o estilo de vida próprio do bairro Bela Vista, sintonizado com o estilo de consumo internacional, mais especificamente americano, por isto, moderno. Mais do que isto, o consumo diferenciado é realizado em “*clima de festa*”. Featherstone (1995:145) chama atenção para a carnavalização do consumo, promovida pelos estabelecimentos comerciais atuais, que torna o consumir uma experiência sensorial, “primordialmente uma atividade cultural de lazer, na qual as pessoas se tornam espectadores que se movimentam em meio a imagens espetaculares, projetadas para (...) evocar conotações de lugares distantes, exóticos e desejáveis, e uma nostalgia das harmonias emocionais do passado”.

A exteriorização de um estilo de vida peculiar apresenta componentes dinâmicos e geradores de outras práticas que publicizam a vida privada e fornecem pretexto para a realização de inversões carnavalizadas, como os festejos de Natal e Páscoa, examinados mais acima. Durante a Copa do Mundo de 1994, ainda, a avenida Nilo Peçanha foi designada, pelos órgãos de comunicação, a “avenida da Copa”, pois lá eram realizados os desfiles de carros, enfeitados e barulhentos, festejando cada vitória da Seleção Brasileira de futebol. Até hoje, a realização de jogos importantes é celebrada, não com tanta intensidade, mas com suficiente publicidade, com “buzinaços”, bandeiras, gritarias e desfiles de carros embandeirados, que podem durar uma noite inteira. Nestas horas, as sacadas, novamente, desempenham um importante elo entre espaços: os moradores que estão assistindo os jogos em suas casas, saem nas sacadas a qualquer pretexto, socializando com gritarias e até foguetes suas emoções. E outros eventos podem assumir o caráter de festa comunitária. A divulgação dos resultados dos concursos vestibulares às Universidades neste ano oportunizou que um curso pré-vestibular organizasse uma grande festa na *pracinha*, com música alta, distribuição de prêmios e pinturas nos *bichos*. O aniversário do jornal Zero Hora, já em 1994, foi

festejado com grande pompa ali, com a apresentação da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, ao ar livre, com palco e uma rede de “telões” especialmente montados para a ocasião.

A interpenetração de espaços e fatos públicos e privados acaba por domesticar o espaço do bairro à feição da vida privada, definindo um estilo ao espaço público que pode ser reconhecido como o estilo da vida privada. Não se pode esquecer que, para o universo estudado, a socialização tende para a expansão do universo acessível definido em termos de integração a outras dimensões espaço-temporais globais, de molde americano. Sahlins (1977) lembra, a propósito de uma Economia propriamente antropológica, que qualquer intercâmbio implica em prática relacional, dizendo, ainda, que a noção de comércio implica em associação com um mundo mais amplo, na sujeição a um organismo mais propriamente supra-social. Para Leroi-Gourhan (1965) o grau de socialização pode ser estimado pela capacidade do indivíduo sujeitar-se a estes organismos sociais e supra-sociais, e pela disposição e capacidade de compartilhar, simultaneamente, experiências com outros indivíduos que vivem em realidades e esferas distantes social e metricamente.

Uma das conclusões possíveis a respeito do estilo de vida dos moradores do bairro pode passar pela constatação da “americanização” de algumas práticas quotidianas, ou consumo direto de bens importados como símbolo de qualidade e diferenciação, ou, mesmo, consumo de bens da “moda” ou da vanguarda tecnológica, como maneira de comunicar sua contemporaneidade - mas não se pode esquecer que, agindo assim, o indivíduo apenas realiza os termos de sua própria socialização, representando sua imaginada inserção global.

As práticas de consumo observadas não estão, porém, dissociadas de práticas relacionais locais, até existindo uma complementaridade, como se as práticas distintivas precisassem ser compartilhadas, ou referendadas pelo olhar do outro. Esta identificação com um modelo sofre a ação do filtro cultural, das sociabilidades matriciais, e acaba por tornar-se nada mais que um modelo de linhas bem gerais e, muitas vezes, imaginárias, segundo Body-Gendrot (1992) - o mito é internalizado e reinterpretado. Nada mais explicaria a presença, em ambiente tão “moderno”, de pessoas que descem de seus apartamentos para tomar um

chimarrão⁵² na calçada, enquanto olham o movimento de fim-de-tarde; ou, mesmo, a crueldade de um ritual de “chá-de-panela”⁵³ pelo qual a noiva, vestida ridiculamente, foi obrigada a desfilar por toda a praça e pelo Bella Vista Plaza, numa tarde de domingo, véspera de Natal, sob os apupos de suas amigas solteiras.

3. Vida Pública: interface social, ética do trabalho e individualismo

Diz Simmel (1939) que a plena socialização do homem se dá quando este consegue existir em perfeita correlação com a existência do todo, ou seja, ocupar algum lugar pré-determinado em seu meio social, achar um “rosto” na estrutura geral. Este “rosto geral”, ou a identidade ou papel público, leva em conta alguns aspectos da existência, não todos; adequa-se à individualidade, mas não a realiza de todo. Em relação ao universo estudado, puderam-se observar as diversas esferas que oportunizam fatores de identificação, sucessivamente, à medida que o indivíduo se desloca desde os círculos da família e domésticos. O mesmo indivíduo pode ser pai, amigo, vizinho, ou ser reconhecido, apenas, como um morador rico do bairro Bela Vista. A face pública, a identidade mais geral que um indivíduo pode assumir em dada sociedade, geralmente, é concretizada pelo exercício de uma profissão, e/ou a ocupação de uma posição identificada no sistema geral de produção e reprodução de dada sociedade. A afiliação a partidos políticos, a adesão a estilos de vida, a ideologias de vanguarda ou não, remete a valores e conceitos forjados coletivamente, oportunizam a elaboração de identidades reconhecidas em círculos sociais mais gerais.

⁵² Tomar chimarrão é hábito autóctone que estaria sendo redescoberto e valorizado pelas classes urbanas, como parte de um processo mais geral de afirmação de uma identidade regional gaúcha.

⁵³ O *chá-de-panela* é uma pequena reunião da noiva com as suas amigas, antes do casamento, sob o pretexto de receber pequenos presentes para a casa. LARAIA *et* MELLO (1980:153), enfatizam que o ritual “é uma maneira que os mecanismos conservadores da sociedade têm para reagir à nova situação da mulher no mundo atual e a perda (...) da importância da virgindade para o matrimônio”.

O estudo realizado mostrou moradores numa etapa do ciclo de vida que corresponde ao exercício de suas responsabilidades enquanto jovens adultos, plenamente comprometidos tanto com projetos de reprodução biológica quanto sociais e, ainda, com a preocupação de uma socialização continuada. Mas a identidade mais geral está relacionada, em primeiro lugar, ao livre empreendimento, como se pode perceber pelo grande número de profissionais liberais e autônomos dentro do universo estudado. Em segundo, aos serviços de direção e administração e à prestação de serviços técnicos especializados. As profissões mostram uma classe social desenvolvida à sombra de fenômenos característicos da pós-modernidade, incluindo profissionais que se dedicam à oferta de bens e serviços simbólicos. São os profissionais do *marketing*, das comunicações, de cuidados pessoais e especializados, como médicos, psicólogos, terapeutas, com muita pouca ênfase no simples comércio. Ou seja, existe a preocupação com a aquisição de capital cultural, que vai além das preocupações de fundo econômico-financeiro. As atividades profissionais são amparadas em altos níveis educacionais, que parecem ser acionados em função da competição direta no mercado, mas que jogam um papel importante no estabelecimento de uma identidade diferenciada. A profissionalização de mulheres mostra, além da sua adesão aos projetos de ascensão econômica e social familiar, um projeto que realiza a individualidade feminina pela construção de identidades públicas, autônomas à família conjugal e à de origem.

Por outro lado, a reprodução biológica e social passa pela reedição da configuração tradicional da família, mesmo por parte daqueles que empreenderam trajetórias de autonomia moral. Ou seja, publicamente são reafirmados os valores fundamentais centrados na família, na preeminência do provimento material pelo homem e no zelo pela reprodução dos papéis de gênero assimilados nas famílias de origem. Existem, é claro, alguns novos arranjos internos, mas observa-se que a realização da identidade pública feminina, ou seja, sua interface propriamente social, ainda fica subordinada, de maneira geral, ao seu bom desempenho como mãe e esposa, sendo este seu papel social mais importante. Esta subordinação parece ser, ainda, a principal responsável pela manutenção da harmonia conjugal, que sofre alguns abalos quando a renda de cada um dos cônjuges vêm a igualar-se entre si.

Algumas outras atividades complementares à atividade profissional são levadas a efeito em ambientes externos e traduzem novos processos de socialização em segmentos sociais específicos, que controlam e regulam o mercado. Por exemplo, para a ascensão profissional em determinadas áreas como Psicologia ou Psiquiatria, cuja máxima especialização parece ser a Psicanálise, é necessário submeter-se a um estrito ritual iniciático que demanda cerca de dez anos após a graduação no curso universitário, a altos custos financeiros. Estes processos de socialização a que se sujeitam os profissionais liberais, principalmente, têm como objetivo o progresso individual, ou seja, são de caráter mais “individualizante”, permitindo o ingresso em corporações e categorias profissionais melhor remuneradas e valorizadas socialmente.

Para os que são funcionários públicos, é de certa forma comum alguma forma de participação política ou classista, ou um processo de socialização mais diretamente “socializante”. Estes pesquisados referenciam-se espontaneamente a partidos e tendências políticas, e podem manter, em algumas etapas da vida, maior participação em associações de classe e sindicatos. Mesmo alguns que nunca foram ativos, politicamente, podem vir a se referenciar, por exemplo, à administração municipal da cidade de Porto Alegre, cujo prefeito pertence ao Partido dos Trabalhadores. O PT, aliás, é o único partido referenciado nas entrevistas realizadas, parecendo sensibilizar bastante este segmento, embora, aparentemente, nenhum dos entrevistados fossem filiados a ele. Somente mais um pesquisado, ainda funcionário público, declarou-se filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o PMDB. Neste caso, o marido mantinha uma militância política pública, de certa repercussão. Durante o trabalho de campo, ocorreram eleições para governador de Estado, tendo sido eleito um morador do bairro, o jornalista Antônio Britto, do PMDB. Este fato pode ter sido responsável por estas manifestações espontâneas por parte dos pesquisados. Somente em dois dos grupos formados por profissionais liberais ouvi alguma referência à política. Em um deles o filho menor cantarolava uma paródia ofensiva ao candidato do PMDB e foi calado pela mãe para não interromper a entrevista. Em outro, também o filho de dez anos, num diálogo com a

mãe, concluiu que o bairro receberia mais verbas e mais segurança pública, já que o governador ali continuaria morando.

Pelo menos um dos entrevistados referiu-se ao bairro Bela Vista como um dos maiores redutos do PT, na cidade. Para outros, este partido aparece como uma alternativa para o exercício dos “idealismos” próprios da juventude, embora alguns coloquem seus méritos na capacidade de despertar a participação da população. As referências positivas foram feitas, todas, por entrevistados cuja principal atividade era exercida através de empregos públicos. As restrições foram feitas por parte de entrevistados que portavam situações liminares, mantendo o emprego público como complementar ao exercício de profissão liberal ou empresarial.

Para César, funcionário público e músico, haveria um crescimento do sentido de cidadania, por parte dos moradores, em parte ligado aos instrumentos administrativos implantados pela Administração Popular do PT. Mobilizações que poderiam ser mais difíceis há certo tempo atrás, principalmente dentro da classe média, agora são incentivadas e, até, necessárias. Ele dá como exemplo o caso da praça Breno Vignoli. Ao saber que o governador Jair Soares havia cedido aquele espaço para a construção da Associação de Tenistas do RGS, os moradores associaram-se para evitar que isto acontecesse, no que tiveram sucesso. Com fundos desta associação a praça foi urbanizada e é mantida, até hoje: *“Essa associação gerou esta praça, gerou um abaixo assinado, que gerou processo de discussão na cidade, da administração da cidade com uma visão participativa também. Houve um crescimento disso aí”*. A participação política da classe média obedece a uma lógica pragmática, que dá lugar a um processo democrático, no seu entender:

César - Eu acho que o processo democrático gera essa situação que Porto Alegre está tendo. Acho um fenômeno! Porto Alegre é uma cidade que tem uma classe média forte e que já está votando pela segunda vez numa administração popular. E democrática. Acho até que o PT tem uma visão social-democrática. Está interessando, hoje, à classe média. (...) Um fator até é pragmático: na hora de votar as pessoas votam naquilo que elas pretendem. E é o seguinte: no trato da

questão pública elas querem objetividade, honestidade, pragmatismo. Se a administração do PT tivesse privilegiado a periferia em detrimento da classe média, podes ter certeza que não se reelegia. Ela não privilegiou, ela distribuiu. Ela conseguiu, também, o que as pessoas querem, até porque a classe média também quer soluções para a periferia. Não há uma vingança contra o pobre. Há uma coisa pragmática. (...) Eu acho que aí está a lição: “Enquanto for por este caminho, nós queremos desta forma, não queremos discurso”. Eu acho que esta foi a posição da população.

Uma certa participação política parece necessária para Boris, profissional liberal e professor universitário, inclusive como um referencial crítico sobre a realidade, mas os exageros devem ser evitados:

Boris - Meus filhos são inteligentes, têm uma visão crítica para tudo. A menina superficializa as coisas, até por defesa própria. E o meu filho aprofunda mais, coisa dele, né? Lá no bairro ele é militante do PT, tem reuniões. (...) Ele tem uma visão mais radical da transformação social, uma idéia que se identifica com a ideologia do PT. (...) Eu compartilho de algumas idéias, mas acho que é meio utópico. Essas mudanças sociais só vão ser possíveis quando a gente conseguir uma boa negociação com o capital. O capital tem de ceder um pouco para as transformações sociais. O resto a gente viu que não deu certo, né? O trabalho, por si só, não provoca grandes transformações sociais. Infelizmente. Cuba é um exemplo típico. Mas ele (o filho) tem uma boa identidade. Uns gurus bons.

Para quem está mais relacionado com as esferas produtivas de molde liberal e empresarial, porém, pode haver uma identificação negativa da politização, especialmente quando relacionada ao PT:

Dulce, funcionária pública e microempresária, também investe no mercado imobiliário - Tem muita coisa que não me agrada, pois ali (no seu trabalho) eles são pessoas, basicamente, ligadas ao partido, ligadas ao PT. E quê é assim: “Ah! É patrão: é filho-da-mãe!”. Tá sempre contra. Eu não penso assim, talvez por inocência ou ingenuidade... Mas o que eu tenho não roubei - eu trabalhei para

adquirir. Eu não consigo aceitar muito bem o radicalismo: “Se tu tem, é porque tiraste de alguém...”. É essa a idéia que as pessoas passam. Agora, se eu trabalhei, me esforcei, se eu me rasgo trabalhando a semana inteira, se eu não tenho sábado nem domingo... (não é levado em conta).

Para uma população composta de indivíduos de diferentes trajetórias e integrada de diferentes modos no sistema produtivo, não se poderia esperar uma unanimidade em termos de sua relação com o poder instituído. Como se pode perceber, existe um poder político potencial, característico dos semi-grupos, cujo conceito desenvolvido por Mayer (1960) identifica grupos que podem se constituir temporariamente de acordo com os interesses parciais e específicos. Este poder político é emanado de seus interesses comuns e, ainda, do prestígio social associado a determinados segmentos sociais. Um semi-grupo dissolve-se, como grupo, caso o *leit motiv* de sua identificação temporária e eventual venha a desaparecer. Assim é que encontramos essas associações “*pragmáticas*”, motivadas por aspectos circunstanciais, que podem tornar-se mais ou menos permanentes, como é o caso da segurança pública - que incentiva a associação para contratação de brigadas particulares - ou da conservação da praça Breno Vignoli. Diga-se, de passagem, que estes foram os únicos pretextos de organização comunitária encontrados no trabalho de campo. Estas associações são sentidas por alguns como o germe de um processo maior (a maioria parece não perceber este poder potencial), mas elas contrariam a tendência à solução individual dos problemas do dia-a-dia, característica do universo estudado. Parecem acontecer somente em último caso, quando algum fator torna-se insustentável para os indivíduos.

Um outro assunto que parece sensibilizar alguns moradores e indivíduos relacionados com o grupo pesquisado diz respeito às questões ambientais. A grande maioria refere-se inespecificamente ao “verde”, à “vista”, à “paisagem” como um dos atributos desejados para o local da moradia. Somente um dos pesquisados, de pais alemães, referiu-se, especificamente, à maior qualidade de vida em meio suburbano, relacionada, principalmente, à menor densidade populacional. Mas na consideração ao problema ambiental pode estar a preocupação com a busca de um novo equilíbrio entre as soluções privatizadas - mais freqüen-

tes neste universo - e coletivas, desde que as soluções privatizadas podem não vir a responder às novas necessidades. Como exemplificado por Ulisses, funcionário público: *“Não adianta gerenciar o ar do teu terreno. No momento que alguém abandona uma pluma, uma fumaça qualquer no ar, ela não fica restrita em cima de quem largou”*.

As questões ambientais podem se prestar a exageros, para Francisca, embora alguns cuidados possam ser tomados:

Francisca, funcionária pública, durante a entrevista atende ao telefone. É sua sogra, convidando-a para uma feira beneficente de Natal - *É (a feira) da ADF, Ação Democrática Feminina. Elas fazem o bazar de Natal. Então, elas bordam e fazem coisas o ano inteiro, pra vender. (...) Elas estão sempre metidas, pedindo coisas pro governador e tudo o mais. (...) Elas não são ligadas a partido nenhum. Elas são as “frenéticas da Ecologia”*. (Rimos).

P - *É uma coisa independente?*

Francisca - *A “chefe” lá, a presidenta delas é a Magda Renner⁵⁴. Por aí tu já sabes como é que funciona a coisa. É só ela que apita, mesmo! (Rimos). As outras vão tudo atrás. Elas estão sempre metidas com essas coisas assim, desse gênero. Ela (a sogra) fica “braba” comigo que eu uso detergente. (Ri). “Que absurdo usar detergente!”. Eu, hoje, uso mais sabão, mas o detergente está sempre ali. Vai lavar uma panela de galinha sem detergente! (Eu rio). Não, tem paciência! Esse negócio de Ecologia é até por aí, né?*

Outros fatores podem contribuir para um aumento da consciência ecológica ou, pelo menos, da economia dos recursos naturais. Por exemplo, as iniciativas da prefeitura municipal em organizar economicamente as populações que vivem do lixo, em Porto Alegre, ao mesmo tempo em que resolvem parte do problema do lixo urbano. O bairro Bela Vista foi um dos primeiros da cidade a receber coleta de lixo reciclável, recolhido por caminhões do Departamento Municipal de Limpeza Pública, que o encaminha a usinas de triagem. Os condomínios acabaram por organizar a coleta seletiva no interior dos mesmos. Deve-se di-

⁵⁴ Magda Renner, esposa de um empresário local de origem alemã, foi uma das primeiras ambientalistas de Porto Alegre e líder de uma organização não governamental, ainda na década de 70.

zer, porém, que não houve, em nenhum caso, menção a esse fato como relevante. Um dos efeitos não previstos foi o estabelecimento de um novo ritmo na relação “ecológica” do bairro dos “ricos” com os segmentos mais “pobres” da população: nos dias de coleta seletiva, existe toda uma animação de coletores independentes, que não participam do esquema de usinagem organizados pela prefeitura. Estes coletores procuram chegar antes dos caminhões e, assim, selecionar o material mais valioso para revenda antes que o mesmo seja levado. Pelo menos um dos condomínios havia estabelecido, assim, um objeto de negociação com alguns desses indivíduos: cedia-lhes o lixo em troca de se livrar, também, de despejos diversos dos moradores, não contemplados pela coleta da prefeitura, como móveis, tapetes e outros objetos refugados.

Procurou-se, nesse item, analisar os aspectos referentes à construção de identidades públicas, ou seja, aquelas relacionadas com auto imagens mais gerais, ou pessoalizadas - nem sempre produtoras de uma vida pública propriamente dita. Inicialmente pode-se dizer que uma das auto representações mais encontradas no universo estudado diz respeito ao intenso ritmo produtivo, do muito tempo dedicado ao trabalho e à aquisição de capital intelectual. Ou seja, a vida produtiva é impulsionada pelo valor-trabalho. Os adultos pesquisados trabalham muito, em carga horária alargada, grande parte das vezes, mas mantêm uma expectativa de contrabalançar o tempo produtivo com atividades de lazer regulares. Existe uma correlação imediata, ainda, com o muito trabalho necessário à ascensão econômica, ao estabelecimento de padrões de vida superiores e à contrapartida da maior qualificação proporcional do tempo de lazer compensatório, de acordo com os valores de classe. Ou seja, ao intenso ritmo de trabalho deve corresponder um ganho financeiro compensatório, que vai auferir os progressos ascensionais através de bens de prestígio acumulados, mas, principalmente, ampliando as compensações de caráter hedonístico e qualificando o consumo - trabalha-se muito, mas goza-se a vida. A ética de trabalho é adotada por finalidades de cunho individual, compensação pela vitória em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Somente aqueles que têm empregos garantidos, como os funcionários públicos, podem se

dar ao luxo, por assim dizer, de dedicar-se a causas diretamente sociais, a manter uma vida pública através da participação sindical ou política.

As associações de moradores surgem por razões pragmáticas e podem ser eventuais, como no caso da pressão exercida sobre o poder público para evitar a privatização de um espaço público do bairro, a praça Breno Vignoli, como visto anteriormente. Mas estas organizações parecem ter um fôlego curto, parecendo estar baseadas na liderança e no trabalho efetivo de alguns poucos “cruzados”. Mas o seu potencial de poder político não deixa de suscitar esperanças: durante minha moradia no local, surgiu uma série de jornais de bairro, ou do conjunto de bairros vizinhos, publicados por organizações incipientes que objetivavam tratar dos assuntos de interesse comum e fomentar a identificação local. A maior parte destes jornais, por sua vez, durou apenas uma edição.

Existe, por outro lado, uma tendência a privatizar a solução de problemas que poderiam ser solucionados em conjunto, o que diminuiu a identificação com causas mais propriamente públicas e coletivas. Ou seja, o desenvolvimento de representações de identidades mais integradas politicamente não é regra, e a disputa mais direta por poder político parece exercer pouquíssima atração. A questão da segurança é um dos exemplos de como a iniciativa privada prova sua auto-suficiência em relação ao governo instituído, antes mesmo de reivindicar estes serviços junto a ele. Mas existem outras questões - por exemplo, a do horário das escolas que é incompatível com a jornada de trabalho de muitos pais, suscitando as mais diferentes soluções de cunho individual, como se viu anteriormente, neste mesmo capítulo. A procura destas soluções, não raro, é fonte de ansiedades em função da especial proteção considerada devida às crianças, no universo em estudo. Mas, em nenhum momento das entrevistas esta questão foi remetida ao domínio do social por algum dos entrevistados.

Comparando os relatos de indivíduos em diferentes ciclos da vida, é possível estabelecer uma mudança nas atitudes relativas à intervenção individual em questões sociais e públicas. As senhoras de mais idade, por exemplo, relatam atividades beneficentes. Estas atividades podem dizer respeito à assistência aos nascidos pobres, por meio da doação de

enxovais por elas confeccionados - cuja confecção pode resultar em pretexto para sociabilidades. Outras atividades podem estar relacionadas à assistência aos idosos desamparados ou doentes, orfanatos e asilos. É importante recordar ainda, a fala de Alba (página 40), na qual resulta bastante claro o apoio a políticas intervencionistas e à crença na educação como um fator construtor de personalidades. Mesmo uma das mulheres mais jovens, a respeito de diversas ajudas com médicos, dentistas, colégios e iniciativas em ministrar conhecimentos na área da higiene corporal, limpeza e arrumação da moradia para seus empregados rurais, deixa entrever o conceito de que as classes sociais mais esclarecidas e mais favorecidas teriam uma certa “missão civilizadora”, redistributiva de estes saberes e favores perante os desafortunados. Mas dá para perceber que, entre os entrevistados mais jovens, a atitude intervencionista cede lugar à auto-segregação, resultado de uma retirada progressiva em direção à maior dissociação e, como analisado acima, a uma maior privatização das operações necessárias à solução das rotinas quotidianas - embora, como se percebe ao longo do estudo, a relação destes segmentos e do bairro com a cidade seja bem mais intensa e aberta do que em outros bairros e segmentos de classe média alta. Esta relação de abertura para as atrações urbanas constitui-se no principal indicador da mudança por eles empreendida.

Capítulo V. A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO

1. Unidade e fragmentação

No decorrer do trabalho de campo apareceram representações relativas aos limites do bairro Bela Vista que não correspondiam às representações oficiais, o que não pode ser creditado meramente à falta de informação ou desconhecimento das posturas legais. Um dos fatores a considerar é que aparece como denominação nos títulos de propriedade mais antigos do loteamento que lhe deu origem, na porção que ficara entre a Av. Nilo Peçanha e a Protásio Alves, que foi mais tarde denominado Petrópolis pela Prefeitura. Muitos moradores deste local se auto-inscrevem como pertencentes ao bairro Bela Vista. Há quem fale em “*Grande Bela Vista*”, como Ricardo, um construtor que tem interesse no bairro e arredores, região que incorporaria as partes mais altas dos bairros Rio Branco e Mont’Serrat, e as partes “*nobres*” de Petrópolis. Ou seja, a porção entre as Av. Nilo Peçanha, Carlos Gomes e Protásio Alves e a rua Carazinho (que seria a “*MAIS nobre*” do bairro Petrópolis), e, ainda, uma pequena área junto ao Petrópolis Tênis Club, que comercialmente seriam o mesmo mercado.

Isto é, os projetos dos prédios podem ser “*transplantados*” sem prejuízo - a clientela é a mesma.⁵⁵

Diversas respostas obtidas sugerem que a questão dos limites geográficos do bairro para as pessoas pesquisadas está ligada mais diretamente à percepção de certa continuidade, que pode ser definida tanto em termos edilícios e urbanísticos quanto social. Lalá, por exemplo, teve bastante dificuldade para deixar o que ela definiu como “*condicionamentos*” - um certo hábito de utilizar as facilidades do seu bairro anterior, o Moinhos de Vento. Mas, uma vez que se intensificou a relação com o novo território, acabou por transferir toda a sua rotina quotidiana para o Bela Vista, e percebe o espaço que habita de maneira bastante elaborada:

Lalá - *Mentalmente eu dou assim (os limites do bairro): até a Carlos Gomes, um pouquinho da Carlos Gomes... pra aquele lado. Pra cá eu vou até na Casemiro. E aqui, eu não passo da Vicente. Aliás, eu acho que a Vicente já não é Bela Vista (ri). Acho que no máximo Lucas de Oliveira, inclui a Vicente para alargar um pouquinho... Não, na minha cabeça a Vicente não tá. A Lucas, no máximo.*

P - *E na outra direção?*

Lalá - *Ah, ali... eu diria assim, ó: é a Nilópolis, uma ou duas ruas... um pouco já pra baixo aqui da Protásio, aquelas ruazinhas ali já não... já é “não-sei-o-qué”, (...) não iria até ali.*

P - *Não iria até a Protásio?*

Lalá - *Não! Uma rua ou duas antes da Protásio. Aquela faixa ali já é uma faixa de Protásio... pessoas diferentes. Aqui da Nilo eu subiria no máximo duas ruas, porque ali... a Carazinho pra mim... é uma extensão de Petrópolis, da Protásio que desceu, assim... um cordão. Um tentáculo dela, que entrou no bairro, mas que não é Bela Vista. A Carazinho eu não sinto que é. Só até ali aquele shoppingzinho que tem atrás do Febernati (supermercado).*

P - *Aquilo ali já é o bairro?*

Lalá - *Aquilo ali é bairro. Mas a rua dali pra cima, aquilo ali não.*

⁵⁵ Algumas destas ruas estão descritas no item 3, do Capítulo 1. A rua Carazinho abriga edificações diversificadas, entre casas mais simples de madeira e alvenaria e prédios de apartamento mais antigos, concentrando comércio de características locais, sendo a ligação do Bela Vista com a Av. Protásio Alves, onde termina. Para melhor localizar os elementos de que falamos no texto, ver figuras à página 55 e seguintes.

P - *Mas é mais, assim, característica de prédio? O quê que é?*

Lalá - *Eu nem saberia te dizer, talvez estrutura, a arquitetura das casas, eu não sei... Eu não sei exatamente como te traduzir isto, é um sentimento, mesmo, é uma coisa assim... que a Protásio... ela abre, ela precisa de mais espaço pra ela. Ela como rua só ela não chega, mais duas quadras pra cobrir, dar um... Entende? Então, na verdade o que sobraria do nosso bairro é aqui de baixo.*

Nos diversos depoimentos que se sucedem vai aparecendo a associação com uma certa continuidade na qual parece estar assente o conceito internalizado de bairro. Por isto são agregadas áreas limítrofes cujo padrão construtivo e sócio-econômico é assemelhado, enquanto são traçadas, mentalmente, organizações geométricas simplificadas. A Av. Nilo Peçanha parece definir um eixo ao longo do qual se desenvolve o bairro em duas metades mais ou menos simétricas, imagem esta que despreza partes do bairro e agrega outras. O bairro pode, então, distribuir-se longitudinalmente desde os terrenos vagos do início da Av. Nilópolis até o Shopping Iguatemi. Ou então, percebendo a descontinuidade representada pelos terrenos vagos nas imediações do Colégio Anchieta, os moradores podem conceber o bairro como englobando até as regiões próximas à praça Japão.

A praça Simão Arnt, mais conhecida como praça da Encol, pode aparecer como centralidade que estabelece uma coerência espacial (que não está desligada de um sentido de harmonia social), organizando uma região que congrega as duas vertentes de morro (Bela Vista e Petrópolis), tornando o bairro “redondo”. A sua localização no cruzamento das únicas duas ruas que ligam a área diretamente aos demais bairros da cidade, parece predestiná-la a isto. Cássia, que mora em frente à praça, já do lado de Petrópolis, se expressa da seguinte maneira:

Cássia - *Eu moro neste bairro há sete anos, e eu senti a diferença que esta praça operou no bairro. E a presença do supermercado. (...) Ela (a praça), tem uma localização fantástica, porque ela fica num cruzamento. (...) Uma coisa que eu acho interessante nesta praça é que ela tornou o bairro redondo. Não sei se tu entende. E pra cá, principalmente nos domingos à tarde, isso é um fenômeno no-*

vo, que vêm adolescentes, treze anos, quatorze anos, de outros pontos da cidade, que ficam como uma multidão, no meio da praça, conversando. (...) E aí, começou aquele ioga, todos os domingos de manhã. (...) Então, eu acho, que a transformação desse bairro foi muito por causa dessa praça. É uma coisa interessante: se tu olhares, este bairro tem vida própria, e este aspecto geográfico... Porque o Parcão é muito grande, imenso, isso aqui não, é quase uma sala de visita. Então, ele permite esse aconchego. E se tu te deres conta, tem todo um clima de lazer neste bairro... Tem clima de lazer, tem reunião social nesta praça, as gerações se unem. Tem inclusive cancha de bocha nessa praça. Tem os velhos moradores da zona, (...) essas pessoas mais simples continuam com o jogo de bocha. Eles pediram para a Encol fazer. (...) É uma das coisas que eu acho muito bonitas é que no início os meninos de rua, moradores daqui, os pretinhos, tomavam conta do futebol. E agora, eu não sei se eles não estão indo embora... (...) A frequência agora é outra.

A fala da entrevistada revela-se rica: diversos elementos podem traçar uma particular cosmologia. Mais uma vez aparece a alusão à dualidade espaço público e privado, desta vez localizando claramente o bairro na esfera do espaço privado, cuja “sala de visitas” na qual as relações são ainda personalizadas é a praça. Local de trocas sociais que dá a “cara” do bairro, trocas sociais ritualizadas e que dão um ritmo ao tempo de lazer e consumo que vão aparecer como um indicativo do estilo de vida desta camada populacional. Também local que por ser doméstico é harmonioso: a disputa com as demais classes sociais é evitada pela vitória gradativa, ou o reconhecimento social, de um padrão de sociabilidade superior.

Outro elemento capaz de expressar esta continuidade é o alto padrão edilício dos prédios do bairro que pode vir a ser relacionado mais diretamente com o padrão sócio-econômico da população moradora, percebido como o principal elemento homogeneizante, conforme Gisela:

Gisela - Não, o bairro é muito especial, eu acho ele um bairro especial. Ele é muito bonito. Até porque as edificações são novas, quase tudo novo. (...) O bairro em si eu acho bárbaro. É um bairro alegre, bonito. Eu acho, também, ele tem uma coisa boa do bairro que é a uniformidade de renda. O pessoal tem um nível

muito bom, um padrão muito bom. (...) Eu acho. Quer dizer, pelo que a gente vê. Até pelos prédios, né?

Precisamos relativizar a fala de Gisela. Filha de uma família bastante conhecida na cidade por sua atuação empresarial em diversos ramos, e de fortuna recente, morou sempre muito próxima dos tios e primos. Uma das preocupações atuais da família é com a prevenção de seqüestros, mantendo esquemas que incluem motoristas profissionais e seguranças particulares. Os filhos de Gisela, inclusive, jamais vão para a rua a não ser com ela e o marido e circulam entre espaços privados conduzidos por um motorista particular. Pode-se pensar que a “*coisa boa*” representada pela uniformidade de renda é a segurança de estar entre iguais, “estar em casa”. Ainda assim, muitos cuidados são tomados.

Para Costa, arquiteto que mora no bairro há dez anos, a cidade tem se desenvolvido pelas cristas dos morros “*como uma cobra*”. O bairro surgiu neste “*buraco*” que sobrou. Por conta das ligações viárias limitadas “*dá um convívio legal, gerando na gente essa possibilidade de se expandir, entende? Não há um trânsito de caminhão, de ônibus, em cima do convívio das pessoas. (...) Então há uma disponibilidade, uma disposição de convívio urbano dentro destes espaços criados*”.

Percebem-se recorrentes os significados atribuídos ao espaço do bairro por estes novos moradores: é o íntimo, o aconchegante, o redondo, o nicho bonito, ordenado e auto-suficiente ao abrigo do “*tentáculo*” desordenado da cidade, porção espacial que a “*cobra*” esqueceu, cuja homogeneização social é fator de segurança e que possibilita uma sociabilidade específica. A praça localizada no cruzamento que é ligação com outros bairros coloca-se metaforicamente, por isto mesmo, como “*sala de visitas*”, espaço de ordenação das relações sociais intermediadas pela imagem do que se quer mostrar a um “outro” genérico. O “centro” do bairro é formado pela combinação “lazer”- “consumo”, o que parece ser o “tom” dominante do ethos de classe, que acaba por predominar frente às razões lógicas que levaram as pessoas a eleger tal local de moradia, pelo menos valorativamente.

Com relação aos espaços públicos urbanos, portanto, poderíamos considerar que os espaços do bairro Bela Vista são percebidos como quase privados em relação à cidade, o que na linguagem técnica pode ser denominado de espaços semiprivados: espaços que são apropriados e utilizados como extensão da moradia individual. A cosmologia casa-cidade desdobra-se no *continuum* que reserva agora ao bairro o papel daquela, ao colocar-se como um espaço razoavelmente controlável, e onde as relações são estabelecidas entre socialmente iguais. Isto é, a sociabilidade eletiva da casa estende seus domínios; o bairro recria o modo urbano de uma cidade pequena, desta vez, com os valores de cidade grande - o individualismo, a reserva entre os vizinhos próximos, o sentido de privacidade, as relações de vizinhança entabuladas em um nível de identidade mais geral. Os mecanismos de controle, que numa cidade pequena têm conotação moral, neste caso são deslocados para a seletividade sócio-profissional e econômica.

Mas a percepção desta unidade não é um consenso entre os próprios moradores. Se a vivência dos espaços do bairro permite elaborar uma relação particular com o território, a falta de vivência, ou mesmo, a localização em locais que dificultam esta relação, pode levar a compor uma imagem fragmentada. Para Ulisses, engenheiro e funcionário público, que mora na parte mais alta há uns nove anos, a “coisa” é meio “*complicada*”:

Ulisses - *Para ser bem honesto contigo: eu não conheço todo o bairro. Eu nunca me dei ao luxo de sair e percorrer o bairro. Eu falo muito desta parte que eu vivo. (...) (Andar) a pé aqui é um pouco complicado. É uma região cheia de lombas. (...) Eu acho que ele é um bairro porque está delimitado pelo Plano Diretor (...) Eu diria que não é um bairro. (Ri) Não há uma unidade. Eu não vejo, pelo menos. Eu vejo assim: é um conjunto de edifícios e casas onde as pessoas moram. (...) As pessoas são muito isoladas aqui. (...) Tu não vê as pessoas se encontrando e - 'Bom, vamos tentar buscar uma solução que seja coletiva!'. É nesse sentido que eu digo. (...) Nesse momento eu sou síndico aqui. (...) É uma dificuldade as coisas mais simples dentro do prédio, né? As pessoas continuam a ser tão individualistas dentro do prédio quanto no bairro.*

Um olhar mais atento, porém, pode permitir a construção de uma imagem que, para além da fragmentação venha a reconhecer a alteridade constitutiva do espaço do bairro, como percebido quase por acaso por Lalá no dia que resolveu voltar a caminhar, e a praça da Encol lhe parecia muito movimentada:

Lalá - Mas eu tinha me imaginado ir conhecer o bairro, pegar uma ruazinha assim... Eu conheci um monte. Tem um monte de costureirinha, que arruma roupa aqui e eu não sabia. Mas que maravilha! A gente vai longe, eu nem sabia que tinha aqui. Tem um monte de costureirinha!

P - Tem uma parte nova e uma parte antiga.

Lalá - É, bem antiga, com casinhas antigas, antigas, antigas, tão antigui-nhas, de madeira. Uma coisa estranha, assim, atrás do Febernati, mas mais pro nosso lado... que parece uma rua, uma coisa. Que eu não quis olhar muito que tinha gente... que nem um descampado (...) parece que meio que uma vila, de casas velhas de madeira (...) Eu digo: “Mas! Eu quero olhar de novo, né?” Uma coisa bem diferente. (...) Coisa de ferragem, de chapeação... que eu nem sabia, atrás, também... Mecânicas pequeninhas também...

P - Saindo das ruas principais...

Lalá - É, saindo das ruas principais. Eu nem imaginava, aqui do lado, né? Eu conheci mais, né?

P - É.

A construção da unidade não pode desconsiderar, então, aspectos que se sobrepõem espaço-temporalmente, que dizem respeito ao passado e ao presente, ao antigo e ao novo, ao tradicional e o moderno, questões constitutivas do estilo de vida dos moradores do bairro.

2. Ambientes urbanos e estilos de vida

Percorrendo-se as ruas do bairro, podem-se observar pelo menos seis tipos de moradias construídas em quatro ou cinco décadas, cada qual com uma determinada característi-

ca construtiva que define uma certa relação com o entorno imediato, que podem identificar a antigüidade da ocupação, e trazer elementos capazes de alimentar a reflexão sobre o espaço relacional de cada época, correspondente a um determinado estilo de vida.



Na área periférica do bairro estão as antigas casas de madeira com telhados em quatro águas, construídas, muitas vezes, há mais de quarenta anos. Estas casas estão soltas no meio do terreno, são elevadas do chão, apresentam uma escada de acesso e, quase invariavel-

mente, um alpendre frontal. O terreno apresenta um pequeno jardim na frente da casa e um quintal nos fundos, e os muros e cercas têm cerca de um metro de altura. Nas casas de madeira, o acesso físico à residência só se dá pelas portas dianteira e traseira, sendo que seu interior fica protegido dos olhares dos passantes, por serem elevadas do solo, muito em razão da necessidade de ventilar o soalho de madeira. Também ainda existem alguns sobrados e casas de alvenaria, revestidos de cimento penteado⁵⁶, um pouco mais recentes. Estas moradias também são construídas no meio do terreno, isto é, são soltas das divisas, por isto o ingresso no terreno é facilitado e as aberturas voltam-se para todas as direções. Geralmente um dos lados é mais largo, dando passagem, eventualmente, a um veículo. No caso desses sobrados de alvenaria, construídas por indivíduos de melhor situação econômica, somente a parte superior, dos quartos, é que fica protegida do acesso visual, oferecendo-se a sala de visitas, geralmente, em largas janelas aos olhares dos passantes. Estas moradias podem ser relacionadas a um tempo passado no qual morar em lugares elevados significava, apenas, morar afastado dos centros urbanos, em sossegados bairros residenciais. Por outro lado po-

⁵⁶ O “cimento penteado”, acrescido de mica, que lhe conferia um efeito de brilhos, é o chamado “Cirex”.

dia significar, também, morar em locais menos dotados de infra-estrutura e, por isto, de custo mais acessível.



A interpenetração de espaços e tipos construtivos na renovação do bairro, a aposição atual de grades



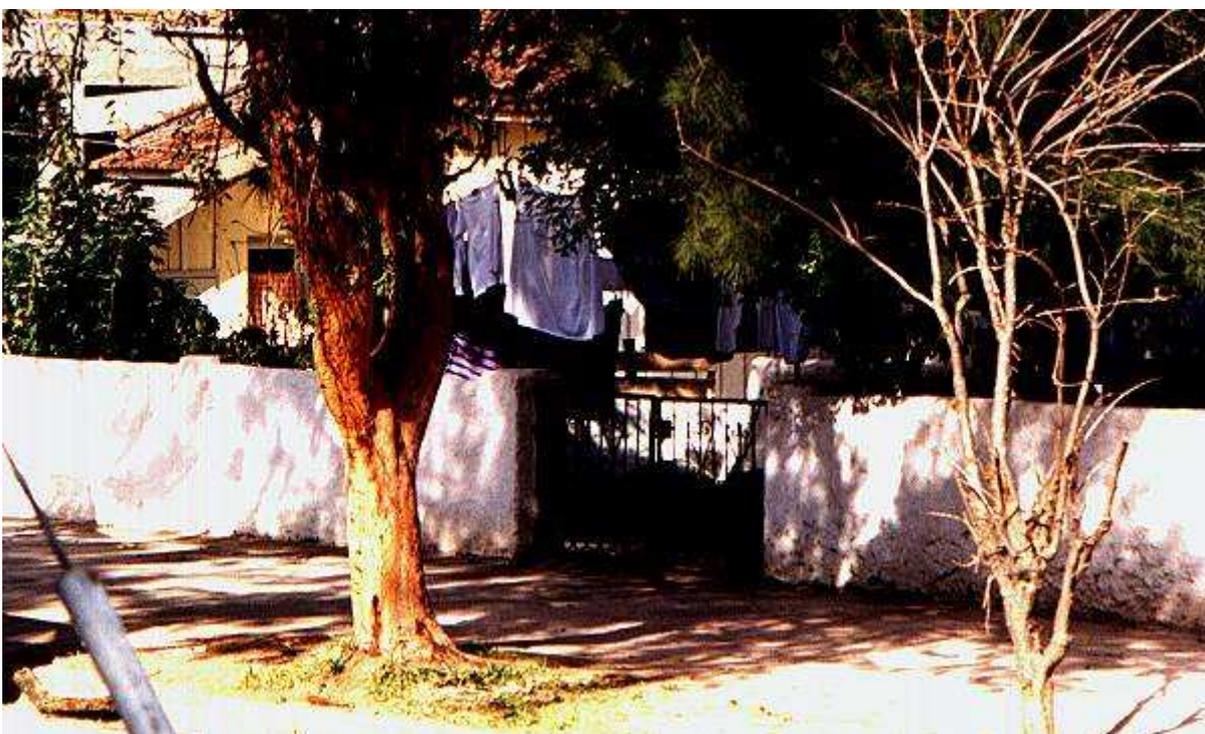
Sobrados e casas de “cimento penteado”, a permeabilidade visual e variabilidade de espaços intersticiais, grades acrescidas, ainda no “Caracol”

Estas antigas casas de bairro são mais numerosas nos terrenos mais baixos, vizinhos aos bairros Rio Branco e Petrópolis, embora possam ser encontradas em toda a área periférica, mesmo as mais altas. Assediadas por muitos construtores, remanescem por diversos motivos. Às vezes são objeto de partilha de herança de desenrolar longo e imprevisível, ou, então, não podem ser associadas a outros terrenos para poder permitir a construção de prédios maiores. Outras vezes, a contrapartida oferecida pelo construtor não é vantajosa para quem pode abrigar, no mesmo terreno, duas ou três casas, para locação ou moradia dos filhos, como acontece com certa frequência. Neste tipo de ocupação, identificada com as camadas médias e baixas, a relação com o território geográfico e social imediato é mais intensa, representativa da menor mobilidade espacial de seus habitantes, seja por motivos econômicos, seja por motivos práticos. As ruas são animadas pelo trânsito de pessoas, pelas crianças que brincam nas calçadas, pelos que transitam em busca dos pequenos serviços dos botecos, das fruteiras, das costureiras e outros. Existe uma permeabilidade visual e física que dá um contorno variável à conformação da rua, havendo uma interpenetração dos espaços internos e externos, o que dinamiza as trocas sociais. Ainda hoje é possível encontrar, por exemplo, estabelecimentos que mantêm fregueses “de caderno”, e que podem estabelecer relações de troca e favores acima das estritamente comerciais. Deise, moradora em um desses locais, comenta sobre uma particular sociabilidade que ali se desenvolve:

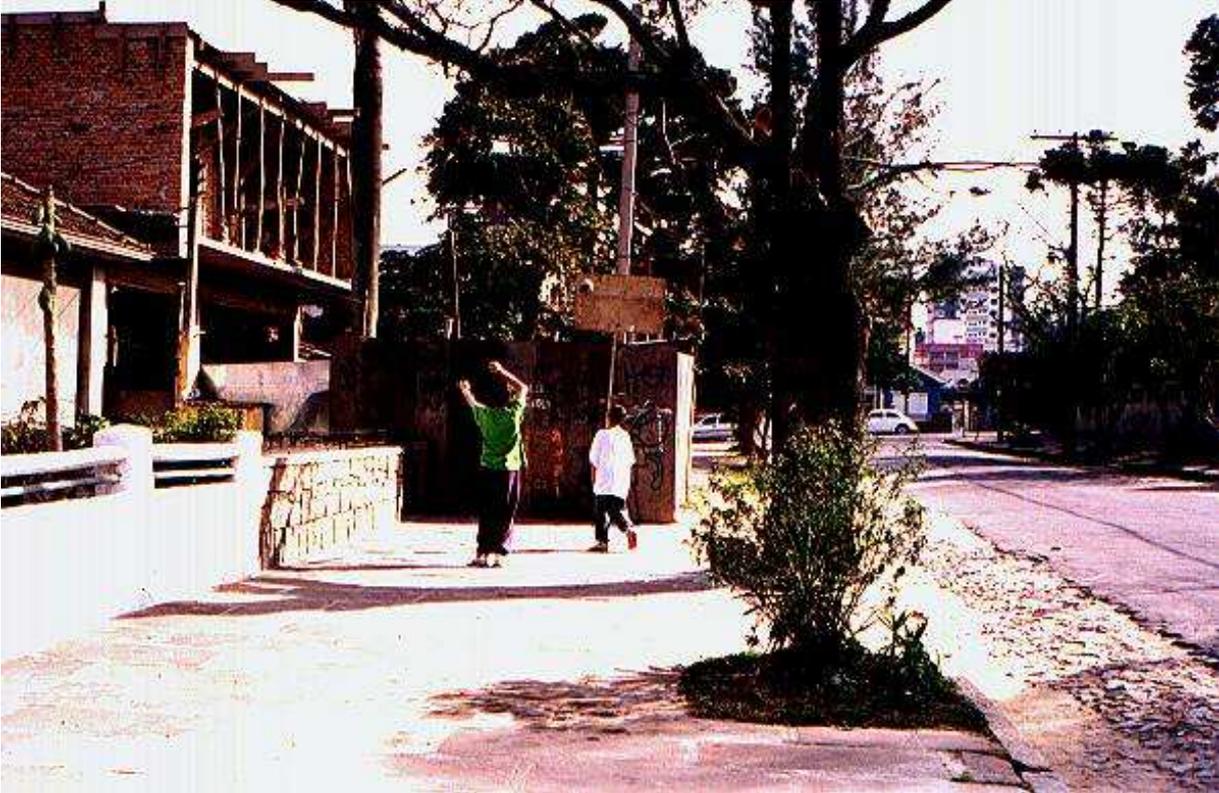
Deise - A vizinhança é bem heterogênea, tem um pessoal de nível mais baixo. Eu gosto. Até tem uma amiga do (filho), a gente desce, eles ficam brincando na areia, no barro. Ela sempre quer entrar no meu carro, passear com a gente. Eu gosto disso, que não seja só pessoal de elite. Isso eu acho bom da zona, tem as duas... (...) Tu tens vizinhos simples, bem normais. Daqui, eu acho que nós somos o de melhor nível. (...) Tem ali mais embaixo, tem o armazém, eu tenho conta. A empregada desce, faz as compras, ele dá bala para as crianças, dá chicle. É uma pessoa de bom nível, os preços não são aquela roubalheira de boteco e é uma pessoa assim, que compra o gás para mim. Eu digo para a minha empregada - “se eu esquecer de deixar o dinheiro, tu pede pro seu Júlio, ele paga e bota na conta”. Até isso, sabe?



Os pequenos botecos que abastecem a parte antiga do bairro



Nessas antigas casas, espaços públicos e privados se interpenetram



Na rua Jaraguá, os muros baixos e o basquete dos meninos, numa cesta improvisada. Mais tarde, mais meninos, futebol, skate e patins.

As habitações unifamiliares de estilo contemporâneo começaram a ser construídas há cerca de trinta anos, nos terrenos altos vizinhos ao bairro Mont'Serrat, período que coincide com a ampliação dos segmentos populacionais médios no Brasil. Nelas é possível observar um padrão que não se diferencia muito dos bairros residenciais que existem ao redor, mais ou menos da mesma época. As casas geralmente ocupam o terreno divisa a divisa, tem um recuo de jardim sem muro, ou muro baixo, ao que estavam obrigadas pelo Plano Diretor. Este idealizava ruas ajardinadas e arborizadas para os bairros residenciais, mas atendendo às pressões destes segmentos que passaram a demandar por mais recursos de segurança física, passou a permitir o cercamento destes jardins nos últimos anos. Este cercamento é feito por grades altas e vazadas, tecnicamente para procurar resguardar o caráter proposto originalmente, mas que não evitou, em certos trechos, a transformação de quadras inteiras em verdadeiras “gaiolas”. Estas residências, mesmo se forem casas isoladas no terreno, vão ocultar os pátios laterais e de fundos através de barreira físicas e visuais, limitando estritamente a porção de terreno que pode ser acessada física e visualmente. Este tipo de

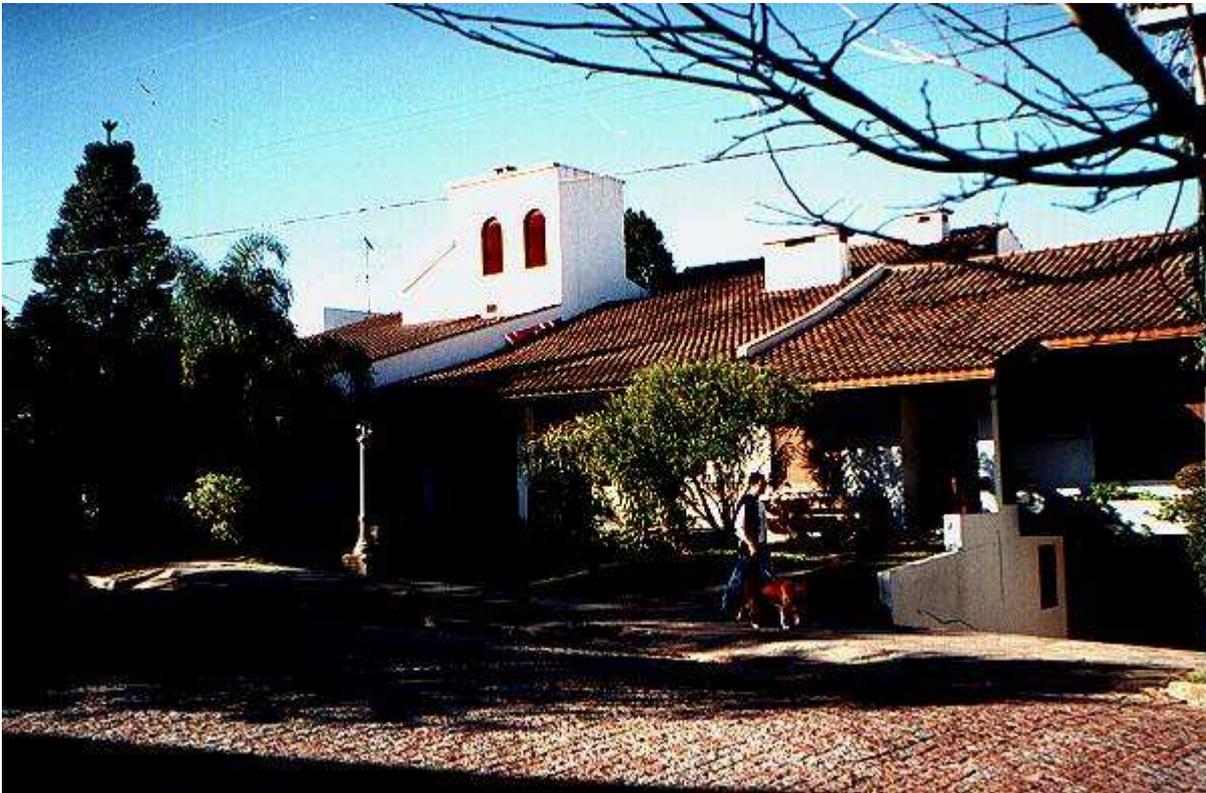
habitação define regiões residenciais de pouca visibilidade populacional, com quase nenhuma estrutura de abastecimento de bens de consumo diário, e poucos serviços.



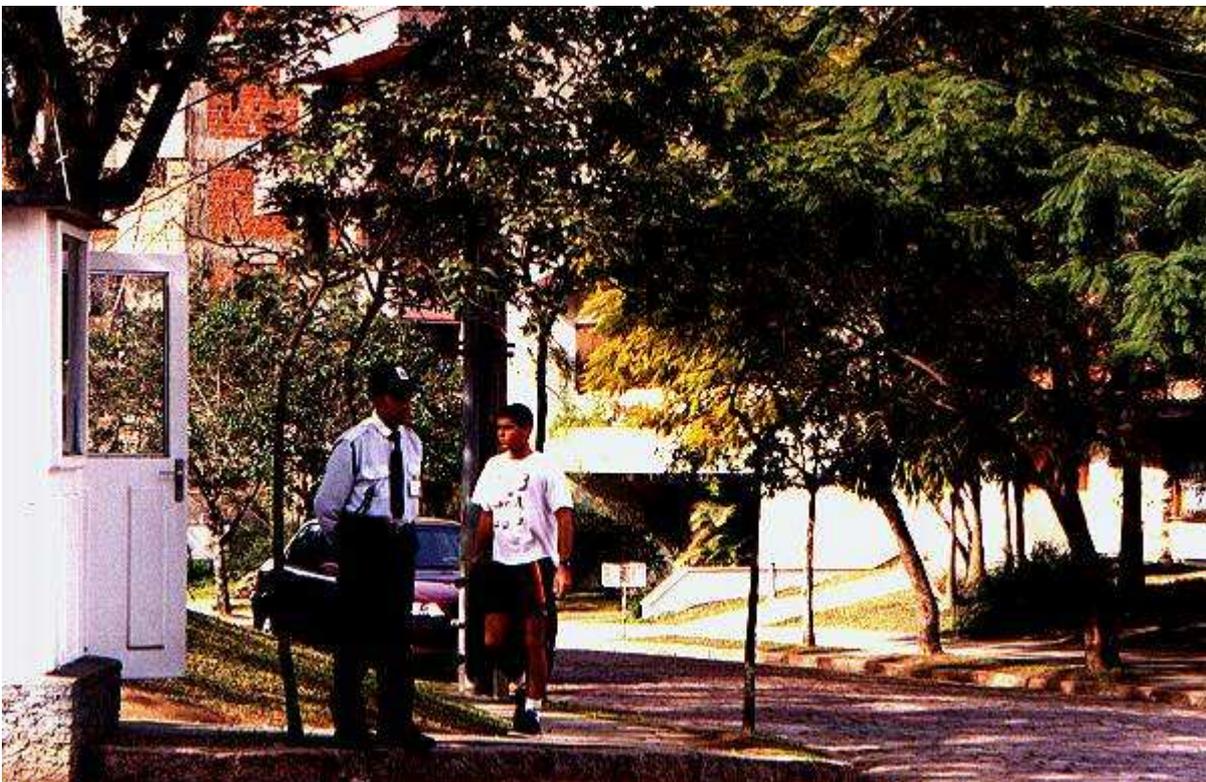
O jardim não deveria conter muro, mas a casa moderna se desenvolve de divisa a divisa, criando barreiras visuais

A ambientação urbana resultante está identificada com a moradia de camadas sociais de alta renda, cujo território social extrapola o território imediato, e que se utiliza de automóveis para satisfação de suas demandas. Como seus moradores não mantêm maiores intercâmbios com o bairro que habitam - pois as redes sociais, os locais de trabalho, estudo e abastecimento não precisam coincidir com a base física da moradia - as ruas são silenciosas, pouco animadas pelo movimento de pedestres, às vezes sombreadas pelas árvores plantadas regularmente nas calçadas. A rua é definida, visualmente, como um canal limitado pelas fachadas planas das residências geralmente de linhas horizontais, e servem, basicamente, para os deslocamentos. A ocupação divisa a divisa impede o acesso livre ao restante do terreno, servindo a fachada frontal como defesa, havendo muito pouca permeabilidade visual. Principalmente nestas áreas, a preocupação com a segurança vem crescendo. A maioria das

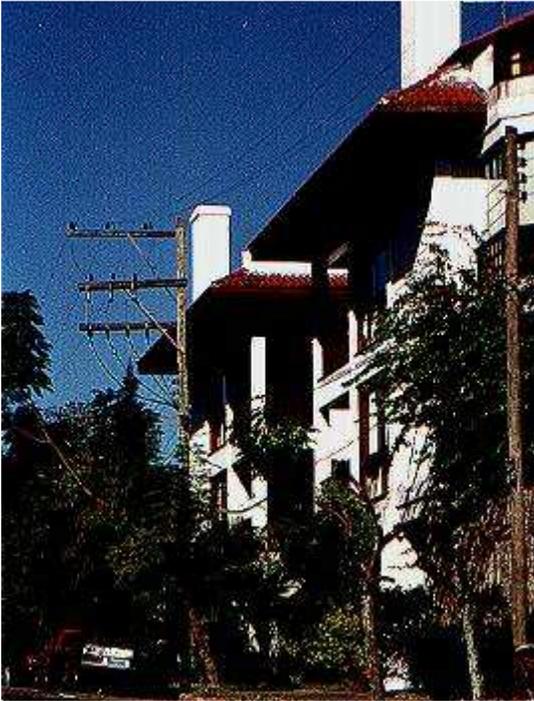
ruas do bairro compostas por habitações unifamiliares empregam guardas particulares que circulam dia e noite, hoje em dia.



A seqüência dessas casas alarga a rua visualmente, mas a torna um canal limitado por suas fachadas



Principalmente nas áreas de residências térreas ocorre a contratação de segurança privada



Pelo Plano Diretor da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, esta região toda era destinada à habitação unifamiliar. Ou seja, só seriam permitidas as construções de casas. Uma modificação no Plano permitiu a construção de prédios residenciais de até três pavimentos, sendo que o primeiro era sob pilotis, isto é, livre sob colunas. Alguns exemplares foram construídos, o que não alterou muito a fisionomia do bairro, pois não foram muito numerosos e nem rompiam com a horizontalidade dominante. Alguns desses exem-

plares parecem-se com casas, como na foto acima.



Outros prédios desta época assumem linhas horizontais, não sobressaindo na paisagem



É dessa época um pequeno conjunto habitacional, padrão Banco Nacional da Habitação, construído no “Caracol da Bela Vista”, quando a identidade atual do bairro ainda não estava definida

A limitação das alturas procurava garantir a natureza residencial de baixa densidade populacional, que era o modelo adotado para zonas residenciais “puras”, como eram então denominadas as áreas residenciais destinadas às classes sociais mais elevadas. Estas disposições do Plano tornavam a área pouco atraente para o mercado imobiliário por sua baixa lucratividade, por isto o bairro desenvolvia-se lentamente.

Há cerca de 20 anos foi aberta parte da Av. Nilo Peçanha, e o Prefeito Telmo Thompson Flores lançou uma exceção ao Plano, autorizando prédios residenciais altos naquela via⁵⁷. Uma série deles, mais exatamente seis grandes prédios, foi então construída na frente do que era a sede campestre do Clube Náutico União, rompendo a horizontalidade das construções unifamiliares das quadras vizinhas e, por assim dizer, “inaugurando” a ocupação do “miolo” do bairro. Faz parte da memória destes moradores lembranças nostálgicas do aspecto rural do local, sendo comuns as referências às vacas que pastavam nos fundos dos edifícios ali construídos, e a visão que se podia ter, sem obstáculos, do rio Guaíba e de outros

marcos da cidade. Outra atividade desenvolvida ali era o aprendizado da condução de veículos automotores, atividade que ainda se mantém, apesar de ter aumentado muito o movimento de veículos e pedestres no local.



A alteração da legislação estendeu a possibilidade de construção de prédios altos também para a avenida Nilo Peçanha

Estes prédios do início da Av. Nilo Peçanha têm ao redor de 15 pavimentos, possuem fachadas planas e apresentam superfícies envidraçadas, num estilo característico dos anos 70, de molde internacional, que lembra as construções do bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Estão dispostos com sua maior dimensão paralela à via, de forma que a aparência geral é de um “paredão” que limita visualmente a rua de um dos lados, cuja visibilidade é favorecida pela extensão dos espaços abertos fronteiriços, ou seja, a largura da avenida e a disposição frente ao clube e uma praça. Mas não se pode dizer que este tipo construtivo popularizou-se, pois ficou limitado àquela área, embora lhe tenha dado uma fisionomia bastante particular. Interessante verificar que nas entrevistas é recorrente a associação daquela

⁵⁷ Um entrevistado disse - “*Não é segredo, todo o mundo sabe*” que o Prefeito teria sido subornado para tanto.



paisagem com o Rio de Janeiro - o bairro como tendo um “*clima*” de Rio de Janeiro, “*um ar de Vieira Souto*” - provavelmente pela associação das características destes prédios com os espaços abertos e verdes, e com o intenso fluxo de carros que transita pela avenida Nilo Peçanha.

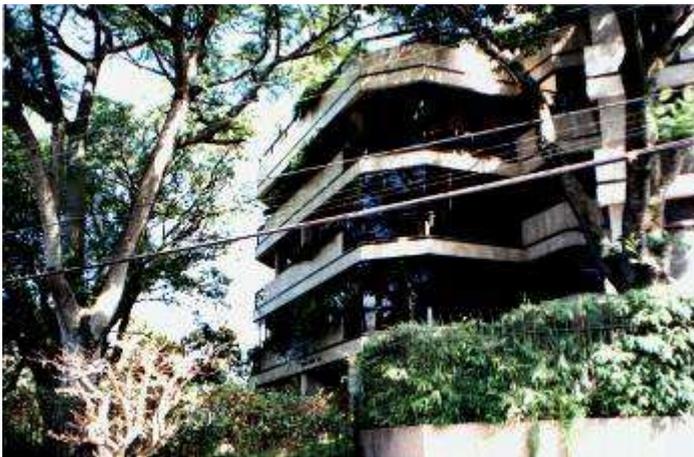
Os prédios deste local são cercados por jardins abertos, que acabaram por ser gradeados mais recentemente



A disposição destes prédios junto a importantes áreas abertas lhes confere uma especial ambientação

No início dos anos 80, a construção do Iguatemi Shopping Center e a conseqüente complementação da Av. Nilo Peçanha, que o interliga com o bairro, deu um novo impulso à ocupação da área. Este foi o primeiro shopping da cidade, que veio alterar significativamente, desde esta época, os hábitos de consumo da população dos estratos médios, e identificou-se, desde o início, com um estabelecimento de consumo de moldes modernos, com ênfase

nos aspectos de conforto e segurança. Uma definição bastante azeda, e em tom mal-humorado, me foi fornecida por um dos moradores (que aparentemente coloca-se acima das oscilações de moda e mercado): “*o bairro Bela Vista é formado pelos compradores do Shopping!*”. Mal-humorada ou não, tal relação estabelece a fisionomia de um consumo voltado para o consumo de um modelo de vida de molde internacional e moderno, conforme internalizado por muitos destes moradores.



Por essa época, e não por coincidência, o Plano Diretor sofreu uma nova alteração que permitiu a construção em altura em todo o bairro, bem como em outras regiões de Porto Alegre, para possibilitar o adensamento populacional em áreas dotadas de infra-estrutura. Para garantir, porém, uma determinada qualidade de vida, o Plano exigia que os prédios recuassem proporcionalmente para o interior dos terrenos, criando espaços para jardins, iluminação e ventilação. Os novos prédios construídos no bairro, a partir de então, apresentam formas arrojadas, materiais caros e tecnologia sofisticada, explorando a modernidade destes parâmetros.

A conjunção destes fatores concorreu para tornar o bairro Bela Vista, por alguns anos e rapidamente, o alvo preferencial de construtoras e incorporadoras que exploraram esta importante reserva de terras, situada em local privilegiado, equidistante dos extremos urbanos, com diversas comodidades já instaladas em suas periferias (como colégios, clubes e estabelecimentos comerciais e de serviços dos bairros limítrofes). Como já visto, uma das maiores qualidades imputada ao bairro, por entrevistados, é que ele é perto “*de tudo*”. Um dos entrevistados, porém, contesta, argumentando que, com a extensa zona rural localizada muito próxima da zona urbana da cidade, seria possível morar em seu sítio, localizado a dez

quilômetros, com toda a qualidade de vida - fato admirado por indivíduos que vêm, por exemplo, de São Paulo.

Osmar - *Por isso eu pergunto os valores para as pessoas que moram aqui, por que que elas moram aqui, é interessante, elas dizem - “porque é perto”. Mas, perto de quê? Se lá da Vila Nova tu levas menos tempo para o centro do que aqui? Então, a dinâmica da vida, o pessoal estipula valores aqui com a argumentação de que é perto, em detrimento de uma marcante qualidade de vida. (...)*

Marisa (sua esposa) - *Eu mesma, em 88, queria me mudar para o sítio e ele dizia que eu estava louca! (Ri). Mas teria sido uma coisa viável, porque os meninos eram menores. Mas hoje em dia eles querem locomoção, ir ao cinema, visitar os amigos. Estão de uma casa para a outra. Essa distância é isso: é que se está perto do círculo de amizades.*

Canalizada a demanda, o ritmo construtivo acelerou-se, como pode ser atestado pelos dados do Censo IBGE para 1980/1991, que acusa uma taxa de crescimento populacional, neste período, de 4,137% ao ano para o bairro. Como comparação podemos tomar os bairros vizinhos Petrópolis e Mont'Serrat⁵⁸ que tiveram um crescimento populacional, no mesmo período, de -0,574% e -0,197% ao ano, respectivamente (diminuíram a população, provavelmente pelo incremento nas atividades comerciais). A média do crescimento populacional para Porto Alegre ficou em 1,055%, no mesmo período.

A investida das construtoras não se limitou aos terrenos vagos e às antigas casas de madeira. Mesmo casas novas, de padrão construtivo superior, foram demolidas para dar lugar a prédios de apartamentos, para surpresa dos antigos moradores de casas unifamiliares. Israel sente-se ludibriado: *“Nós queríamos morar em casa, em bairro baixo, como tem nessas boas cidades do mundo que tem seus lugares só de casas. (...) Paguei mais caro por*

⁵⁸ Os bairros Petrópolis e Mont'Serrat são bairros limítrofes ao Bela Vista, cuja localização pode ser apreciada na Figura 2, na página **!Error! Marcador no definido..**

causa disso...”. Lena, assim como muitos outros, fala de “um tempo que a gente acordava com passarinho, (...) agora, a gente acorda com o barulho da serra elétrica”.

Estas torres de apartamentos foram construídas dentro do novo estilo incentivado pelo Plano Diretor. Além de ter aumentado a área possível de ser construída, o Plano também concedia construir além do máximo permitido, caso esta área suplementar (até uma determinada proporção) fosse destinada ao lazer do apartamento ou do prédio. Isto valorizou e tornou vantajosa a criação e ampliação de áreas de lazer nos prédios de apartamento, tanto nas formas coletivas quanto nas formas individuais. Tornaram-se comuns apartamentos de cobertura, bem como sacadas privativas das unidades habitacionais, a construção de churrasqueiras individuais, piscinas, salas de jogos, salões de festa e, em alguns casos, até salas de ginástica e saunas. Este padrão, construído esparsamente dentro da cidade por necessitar agregar vários terrenos de padrão normal, tornou-se uma marca distintiva do bairro, que tinha disponível terreno maiores, além de desocupados. Este fato foi observado por Vera, quando solicitada a definir os limites do bairro: “*‘Pega’ dali para cá, é um bairro mais novo. (...) Quer dizer, limite é o limite que tu faz. (...) Eu acho que a Bela Vista se caracteriza pelos prédios altos, os edifícios. É bem característico da Bela Vista, a forma dos edifícios. (...) ...esses prédios altos, que tu não vês nos outros bairros. Qual é o outro bairro que tem prédios desse tipo, tão concentrado assim?*”. Em 1992, um outro incentivo radicaliza ainda mais as formas dos prédios: a Prefeitura liberou o tamanho das sacadas que, já sendo um motivo importante de venda, passaram a ser o principal elemento de muitos apartamentos, com áreas, às vezes, iguais à da sala de estar.

Estas construções tinham como público alvo as camadas médias e altas às quais se voltaram, em bloco, as empresas construtoras, como alternativa para a crise que se estabeleceu no setor da construção civil após 1982, quando foi extinto o Banco Nacional da Habitação, que financiava a moradia de massa (o quê, até então, capitalizava as atenções das grandes empresas construtoras). Elementos formais de impacto, acabamento luxuoso e mul-



Os prédios construídos, desde então, normalmente apresentam apartamentos de cobertura à feição de chalés de montanha, sacadas avantajadas e churrasqueiras privadas dos apartamentos

tipificação de espaços privativos e condominiais tornaram-se os principais argumentos pelos quais as construtoras disputavam a atenção dos prováveis compradores, e criavam novas exigências para o mercado.

A porção do bairro que foi ocupada por prédios com estas características teve sua ambientação urbana alterada significativamente, em relação às anteriores. Os prédios geralmente estão soltos no meio de terrenos amplos, apresentam jardins e áreas de lazer ao nível térreo, e formam a paisagem de fundo de todo o bairro. Os muros foram substituídos por grades transparentes ou cercas de vegetação. O aspecto geral é de maiores espaços, de ruas alargadas visualmente, e de mais luz, também porque a vegetação plantada nas calçadas e jardins ainda não adquiriu seu porte definitivo. O bairro parece estar todo entremeado de verde, para o que concorrem não só os jardins térreos, mas as floreiras que podem cobrir toda a fachada principal de um prédio.

De marca distintiva do bairro e signo visível do poder aquisitivo de determinadas camadas sociais este padrão construtivo acabou por tornar-se modelar, estabelecendo o di-

ferencial urbano do bairro. Tal como pode ser expresso em uma reportagem do jornal Zero Hora, que em sua edição do dia 15.04.93, página 50, trazia como manchete *“Casa de Brizola e Jango está sendo demolida”*. A residência de verão em Capão da Canoa, único prédio que Brizola projetara como engenheiro, iria ser demolida, para dar lugar a um *“prédio de luxo... do padrão tipo Bela Vista, de Porto Alegre”*, expressão que foi utilizada pelo construtor para informar o tipo de acabamento projetado para o novo prédio. O mesmo acontece em casos como o do conjunto habitacional denominado “Village Center Zona Sul”, com cerca de 500 apartamentos no bairro Cavalhada, que é anunciado como *“a nova Bela Vista”* (*sic*), em *out-doors* e prospectos: *“um conceito associativo com um padrão de 1º Mundo de lazer e moradia”*, com *“privacidade e segurança total”*. Em Canoas, um novo loteamento lançado em fins de 1994 é batizado “Residencial Bela Vista”, com *“completa infraestrutura: ruas asfaltadas, iluminação a mercúrio e áreas verdes”*.

Outros empreendimentos imobiliários nas proximidades do bairro, chegaram a ser anunciados como se estivessem situados dentro do próprio Bela Vista. Este é o caso do edifício anunciado pela Clássica (CRECI 295), na rua Pedro Ivo nº 378, bairro Mont'Serrat, cuja chamada era *“Bela Vista, aptos. prontos, 4 dormitórios, um apto. p/andar”* seguindo a planta-baixa do apartamento de 393 m² e a descrição das vantagens do prédio, cuja ênfase está na área social, onde quatro ambientes diferentes perfazem metade da área do apartamento.

Alguns construtores admitem que determinados padrões de construção só sejam possíveis de ser feitos no bairro Bela Vista, segundo um programa mínimo de necessidades para a unidade habitacional e para o prédio, e que admite e absorve propostas formais mais audaciosas e custosas. A clientela pode ser definida nestes termos como distinta, mas, também, com necessidades específicas de ostentar esta distinção. Outros admitem também que, se atualmente é quase só no bairro Bela Vista que se pode encontrar apartamentos de quatro quartos dotados de todos os confortos, quase metade das construções são de um novo tipo: o *“três dormitórios compacto”*. Ou seja, no rastro dos prédios luxuosos estão sendo construídos diversos outros para uma clientela que demanda morar neste local, mas não tem os recursos suficientes para aqueles. Há alguns prédios com apartamentos bastante grandes, de

400, 500 e até 600 metros quadrados, área que pode sofrer duplicação caso o apartamento seja de cobertura, para uma clientela “AA”, como definiu Ricardo, um dos construtores entrevistados. Ele explica, também, o que entende por um “*três quartos compacto*”: um apartamento com área total (isto inclui garagens e áreas comuns) entre 200 e 300 metros quadrados que apresenta áreas de serviço e íntimas (os quartos) apenas suficientes. Ou seja, um apartamento bastante privilegiado se considerarmos a média de 20 metros quadrados de área de apartamento por morador tomado como parâmetro técnico de projeto arquitetônico para a realidade brasileira.

De qualquer forma, é mais ou menos inadmissível construir um edifício no bairro Bela Vista sem que os apartamentos possuam, no mínimo, duas vagas de garagem, quarto de casal com banheiro privativo sempre que houver três quartos, sacada com churrasqueira e dependência de empregada para qualquer tamanho de apartamento. Se o apartamento tem dois quartos, é possível que só haja um sanitário para ambos, mas vai haver, sempre, um de serviço. Muitas das novas construções sacrificam a piscina em favor de mais vagas de garagem, pois verificaram a baixa utilização deste equipamento que, ademais, parece ser mais uma das fontes de conflito entre vizinhos.

A densidade populacional crescente, por outro lado, provocou um outro fenômeno. Apesar de se tratar de uma zona residencial, de aparência rarefeita pela presença de espaços abertos, as ruas se animaram pelo movimento de pedestres e carros. Surgiram, ainda, necessidades específicas desta camada populacional, por exemplo, em relação aos serviços relacionados com a habitação, principalmente abastecimento e cuidados pessoais, e a demanda pela urbanização dos espaços públicos.

A moradora e jornalista Célia Ribeiro foi, talvez, a primeira das vozes autorizadas do local a se fazer ouvir como tal, alertando em um artigo publicado pelo jornal Zero Hora para o descuido da praça Simão Arnt. A este apelo, respondeu uma das empresas responsável por diversas edificações das cercanias, a construtora Encol, “*adotando*” a praça, isto é, reformando-a totalmente e tornando-se responsável por sua conservação. A jornalista foi convidada pela construtora para madrinha da praça, cuja reinauguração ocorreu em clima

de festa. A praça passou a ser chamada “*pracinha da Encol*”, ou, simplesmente, “*a Encol*” (como em - “vou caminhar *na Encol*”), e tornou-se o emblema, por assim dizer, da região tornada visível e modelar aos olhos da cidade. O bairro todo se animou nas imediações da pracinha, que acabou por desenvolver ali, seu centro de comércio, com a abertura do supermercado Febernati, cuja construção já estava pronta há cinco anos. Como no dizer de vários entrevistados: o bairro Bela Vista, a partir de então, “*entrou na moda*”.

Este “*entrar na moda*”, como já se viu, emulado por uma série de circunstâncias, foi produzido, também, com a contribuição de outros moradores conhecidos publicamente, sendo objeto de reportagens e crônicas, confirmando o prestígio deste território. Cláudio Levitan, “um misto de músico, compositor, roteirista, diretor de teatro e arquiteto... explica a paixão e amor pelo lugar onde se vive. ‘É uma magia que nem a gente mesmo sabe explicar’ afirma”. Naquele local, ele reencontrou “coisas pequenas, porém importantes, perdidas da convivência diária”, através de um olhar “diferente”, o olhar do “interdito”, aprendido com a deusa Imagmália, seu personagem⁵⁹. Luiz Antônio de Assis Brasil, professor e escritor, fala da praça “Carlos Simão Arnt (ou coisa parecida) que impera em nosso bairro (...) não-característica, asséptica, inodora e incolor (...) (que) será possivelmente bela, no futuro (...) mas (na qual) sobram experiências humanas”⁶⁰.

As campanhas mercadológicas centraram-se desde o início, num estilo de vida superior e distintivo, “para poucos” (alguns dos pesquisados ficaram mesmo surpresos ao constatar que, afinal, um imóvel no bairro Bela Vista estava ao seu alcance). A mídia, por outro lado, atuou como um grande reforço, promovendo e prestigiando eventos culturais e esportivos, noticiando, divulgando, e canalizando as demandas dos moradores com relação ao poder público. Vários personagens pertencentes aos quadros dos jornais e televisões locais acabaram por ser moradores do bairro ou imediações - um efeito reforçador circular.

O bairro continua em evidência e parece ter consolidado sua imagem, mas o ritmo construtivo tem diminuído, em função do surgimento de outras áreas atrativas ao mercado

⁵⁹ Jornal Zero Hora, 20 de abril de 1993, Caderno ZH Leste-Oeste, página 8.

imobiliário. Perto dali, estão concentrados esforços na construção de prédios e conjuntos de prédios junto ao Shopping Center Iguatemi, para uma clientela de um poder aquisitivo um pouco menor. Estes terrenos foram de negociação provavelmente mais demorada pelos incorporadores junto à empresa proprietária Condor S. A. (sucessora da Schilling-Kuss) e à Prefeitura Municipal de Porto Alegre do que os terrenos do bairro Bela Vista, pois não havia loteamento naquele local quando da construção do shopping. Hoje já existe, ainda, toda uma movimentação do mercado que quer lançar as áreas intermediárias entre os dois locais, numa estratégia talvez não tão clara, mas bastante característica da exploração de terras urbanas: colocar no mercado áreas localizadas em extremos para depois, então, oferecer as intermediárias, valorizadas pelos benefícios urbanos instalados por aquelas. Nesta porção, localizada ao longo da Av. Nilo Peçanha, entre a Av. Carlos Gomes e Shopping Iguatemi, estão sendo construídos condomínios horizontais de alto padrão, um novo tipo construtivo que se populariza rapidamente por toda a cidade, e que parece ser o próximo patamar de moradia desejado por alguns dos pesquisados.



As casas em condomínio geralmente se desenvolvem ao longo de uma rua interna, recriando espaços urbanos em ambiente controlado, e são poucas no Bela Vista

⁶⁰ Jornal Zero Hora, 06 de setembro de 1993, Segundo Caderno, página 12.

3. Moradores: antigüidade e percepção

À medida que aumentava minha inserção no campo, percebi uma primeira grande divisão entre moradores de diferentes épocas de ocupação, relativa aos significados atribuídos aos espaços do bairro, sua maneira de vivenciá-los e percebê-los. Verificou-se existir diferentes porções, com tipos diferentes de moradias, construídos em diferentes tempos históricos e que correspondiam a diferentes formas de experimentar o urbano e relacionar-se com o território geográfico. Esta história cronológica que pôde ser traçada em linhas gerais é rompida pela percepção temporal do sujeito empírico, relacionada à sua visão de mundo particular e aos fatos que lhe dão significado.

A compreensão da existência de espaços diferenciados parece ser mais aguda de parte dos moradores mais antigos e menor pelos novos. Esta percepção, às vezes, é bastante crítica, havendo consciência de que são evidenciados externamente somente alguns dos aspectos do bairro, com foi expresso por Deise, que mora ali há 11 anos:

Deise - Tu vê, na rua são todas... tem várias casas mais antigas aqui, depois da rua é que começa com esses lotes maiores, que é esta parte nova, que tem mais edifícios, casas novas, grandes, né. Então esta parte aqui é uma parte que tem um tipo de morador diferente, de mais baixa renda, classe média, média baixa. (...) Então, eu acho que tem isso, né, tem uma parte que é bem de bairro, e tem outra que é bem de novo rico. Esta parte deste loteamento novo. (...) Os meus vizinhos aqui do lado: era uma casa de madeira que tinha aqui do lado e eles construíram na frente. (...) Eles moram em duas, três famílias. É uma casa na frente, outra atrás. Os dois do lado são assim. (...) E tem muito isso, de novo rico querer morar, que acha que o Bela Vista é o máximo...

P - Quando tu dizes que mora no Bela Vista...

Deise - É, é chique, né? Quem mora na Barão de Ubá é superchique, porque tem aquele lado de lá, cheio de casarões, né, (ri) e até edifícios estão saindo. Aqui na frente tem um, recém ficou pronto, um edifício bom, de superbom padrão de construção. E está assim, tudo misturado, agora.

Parece haver, por parte dos moradores mais recentes, a tendência de generalizar atributos relativos à sua própria vizinhança. Assim, encontramos pessoas que se referem ao bairro como um lugar que apresenta todas as facilidades de abastecimento, inclusive de acessos e transporte público, outros que elogiam a nova arquitetura dos prédios do lugar, outros que lamentam a necessidade constante do uso de automóvel, seja por causa das “lombas”, seja porque “*não tem nada perto*”. Para moradores mais antigos, porém, os espaços diferenciados podem ser percebidos, e superpostos, às diferenciações sociais e populacionais, como dito por Alberto, nascido e criado no local:

Alberto - E as pessoas famosas que vieram recentemente, o Zambiasse, a Ieda Maria Vargas⁶¹, este pessoal não participa nada, é o pessoal mais antigo mesmo que se sente mais a vontade de participar. O que acontece é que quem vem para cá são casais que trabalham o dia todo, então o pessoal não tem tempo de viver ou de se ver aqui, só fim de semana e tal. Enquanto que aquelas famílias mais antigas têm velhos, aposentados, que passam o dia em casa, a mulher e o homem, então eles trocam idéias, têm trânsito... o pessoal mais novo que mora em edifício é mais ativo, trabalha e tal, não consegue parar para (relacionar-se). Mas enfim, parece que tem a parte velha (da rua onde mora), do lado de cá e a parte nova mais na praça (Simão Arnt), o perfil do pessoal que mora lá é profissional liberal, executivo, empresário e tal, quem mora lá é o Karl Biederman, presidente da FEDERASUL, tem gente que veio há pouco tempo, então tem uma diferença de costumes muito grande do pessoal que mora aqui há mais tempo. Por exemplo, tem o (clube) União ali. Poucos da parte antiga são sócios do União. (...) O pessoal mais novo em geral custa um pouco a se integrar, (...) então precisa de um clube. (...) A gente que já se conhece se frequenta. (...) Não somos sócios de nenhum clube.

O bairro aparece aqui como uma unidade afetiva, território pessoal no qual se estabelece relações sociais que se desdobram diacronicamente, mediadas somente pela condição de morador, e que não são recuperáveis pelos “*novos ricos*”. O estilo de vida é fundamental

⁶¹ Zambiasse é radialista bastante popular, tendo se dedicado, ainda, à carreira política. Seu programa foi analisado por Mirian de Fátima Chagas, em “Uma mão lava a outra: a interação de grupos populares com a rádio Far (continua na próxima página)...

nesta diferenciação e implica em na superposição (ou não) de esferas da vida como a sociabilidade e o trabalho, ou de outros territórios sociais, na base territorial geográfica. O novo rico aparece como aquele de ascensão recente, que compra o emblema, que vai continuar negociando sua identidade social através de mais dispêndio financeiro. Embora alguns destes moradores de identidade mais pública possam ser situados socialmente, o novo rico aparece, principalmente, como um sujeito que não tem história.



Esta é a aparência da rua Jaraguá, na sua porção “nova” junto à “pracinha da Encol”

Entre os moradores entrevistados podem-se identificar, igualmente, duas grandes levadas. A primeira, de grupos que estão no bairro há mais de dez anos, cuja principal procedência são bairros próximos, Moinhos de Vento, Petrópolis, Boa Vista, Mont'Serrat, Independência e Sta. Cecília. Uma segunda leva, com um tempo de moradia de seis anos ou menos, inclui pessoas das redondezas, mas, também, de bairros mais antigos e tradicionais co-

roupilha”, dissertação de mestrado em Antropologia Social pelo IFCH/UFRGS, 1993, orientada por Cláudia Fonseca. Ieda Maria Vargas, gaúcha, foi Miss Universo, e é hoje casada com um empresário local.

mo o Bom Fim, Partenon e Centro. Esta procedência parece encerrar várias orientações subjacentes.

Para Nei, morador há 17 anos, que veio do Boa Vista, bairro vizinho (e que quer se mudar logo que puder), *“o bairro está uma ‘coisa’! Muita presunção, muita construção que obstrui a vista, uma favela vertical!”*. Apesar de morar num dos edifícios altos mais antigos da Av. Nilo Peçanha, não convive bem com a expansão vertical do bairro, achando-se lesado no que primeiramente o atraiu: a vista desobstruída e a vizinhança sossegada. É ele quem afirma: *“Dinheiro tem em Cachoeirinha, Jardim Lindóia, Jardim Itú. Aqui no Bela Vista só tem conta, conta! Estou pra te dizer que as maiores fortunas estão lá, mas é uma outra mentalidade, não gastam com a aparência como aqui!”*⁶². Nei faz uma alusão pejorativa aos novos moradores, segundo ele, dispostos a qualquer sacrifício para morarem num local de prestígio ao mesmo tempo em que o conspurcam com sua presença.

Outro pesquisado que acha que o bairro mudou muito com a construção de edifícios é Verena, sua moradora há uns 12 anos, desde que casou. Ela já morava aí quando seu prédio, que também faz parte do conjunto da Nilo Peçanha, ficou pronto. Junto com o marido, fez um esforço bastante grande para comprá-lo, o que durante algum tempo foi motivo de preocupação. Mas arremata: *“O bairro já não é mais o que era. Acho que começou a decair já quando fizeram estes prédios...”*. Ela, num primeiro momento, aproveitava as comodidades do prédio; hoje, já não vai mais nem à piscina, pois está numa *“fase”* de querer uma piscina só para ela. Para ambos, Nei e Verena, portanto, a mudança do bairro foi para pior porque a exclusividade, que era a marca de distinção procurada, foi rompida. O bairro deixou de ser para poucos, e este processo de popularização, que o tornou acessível a eles mesmos, foi o início do processo.

Se Deise e Alberto, moradores antigos, distinguem de outro modo os dois tipos de morador de cada leva, é porque mantém uma relação mais familiarizada com o território,

⁶² Cachoeirinha é uma cidade pertencente à área metropolitana de Porto Alegre; Jardim Lindóia e Jardim Itú são bairros residenciais localizados próximo a áreas industriais da capital, em zona de características mais suburbanas.

morando em porções de ocupação mais antiga, percebendo maiores sutilezas na alteridade dos grupos sociais que compartilhem o espaço. A antigüidade cronológica não significa, automaticamente, uma sociabilidade específica e uma relação de vizinhança mais intensa.

E esta é uma subdivisão no grupo dos “antigos”: entre os moradores de porções mais antigas, mais populosas e que propiciaram contatos sociais diversos, e moradores de porções novas, que necessariamente não mantiveram uma vida de bairro desde o início. É comum estes últimos referirem-se à própria pioneirice, de como “*não havia nada por perto*”, de que haviam “*vacas pastando nos fundos do edifício*”. A medida, porém, que estas porções foram assumindo uma feição mais urbana, o “*incômodo*” aumentou: barulho, acidentes de trânsito, “*pegas*” de carro nas madrugadas de fim de semana... Esses moradores são os que foram habitar o “*miolo*” do bairro na década de 70 e início dos 80, nos edifícios altos da avenida Nilo Peçanha e proximidades, enquanto que os primeiros habitam suas partes periféricas.

Marisa - *A nossa vida girava mais ali, da (rua) Silva Jardim em direção à (avenida) Independência. A (avenida) Carlos Gomes já era residencial, muito antiga. Este “miolo”, realmente, é novo. Há vinte anos que ele começou a se desenvolver. A gente acostuma, mas, realmente, quando olha para trás... Os edifícios são muito bonitos. (...) Eu me dou conta quando vêm pessoas de fora de Porto Alegre, que ficam muito bem impressionadas com o bairro. “Puxa, mas como vocês moram bem, que lugar bonito!” Tem tudo próximo, agora. O supermercado facilitou bastante. (...) E agora, é aquela história, tem mais barulho, tem movimento, mas tem mais próximo a farmácia, tem mais próximo o lanche... E é engraçado, porque eu sempre encarei com naturalidade, mas eu me dei conta que era um bairro privilegiado uma vez que eu dei carona para um advogado de Rio Pardo. Eu passei aqui com ele e ele não sabia que eu morava aqui. Ele olhou assim: “Bah, aqui quem mora são uns ricos!”. Fiquei quietinha, porque ele olhou como se fosse uma coisa muito distante. (...) Nesse período, o bairro “explodiu”, de uma maneira que, às vezes, espanta. Tu está ouvindo o barulho... (...) Começou a aumentar o movimento em função do shopping Iguatemi. Nós já estávamos aqui quando ele foi inaugurado. Aí, mudou, o barulho começou a ser diferente. Mas com este “postinho” aí, vinte e quatro horas, mantém uma concentração de jovens que fazem “cavalo-de-pau”, a noite inteira.*

Entre os moradores mais recentes, que estão há seis anos e menos no bairro, estão os provenientes de bairros tradicionais nos quais permaneceram, às vezes, por décadas. Estes moradores podem vir a manifestar, também, seu estranhamento perante a nova localização, que não deixa de ser seu estranhamento perante uma nova posição social. Se por um lado esta nova localização pode significar uma moradia muito mais confortável, em um bairro de prestígio, com frequência é lamentada a perda da qualidade das relações sociais comparativamente às anteriores. É Álvaro, cuja atual moradia representa o esforço de muitos anos de economia e que está no bairro há cinco anos, que assim se expressa:

Álvaro - Um bairro muito frio. As pessoas têm cada uma a sua vida. Saudações. Neste sentido é completamente diferente. No início a gente... estranhou, mas nós já temos - vamos dizer assim - o nosso grupo de amigos e não precisamos nos afastar... Se eu fosse criança, eu te diria assim: eu teria sentido muito! Muito. Muito, muito. Ahm... o que eu vejo é que as coisas ali são mais o estilo, assim, americano: cada um na sua... não se envolvem muito. E eu vim de bairros onde as pessoas se envolviam, se conheciam... (...) Conhecia todo o mundo! Aqui as coisas são mais frias, distantes. Um negócio polido, enfim, mas... eu não sei como é com as crianças, mas até isso me dá uma certa impressão que a coisa é mais reservada. (...) Nesse sentido, os bairros onde eu residi, tanto o Rio Branco quanto lá no Centro, a coisa era mais quente do ponto de vista afetivo. (...) Não sei também se pelo fato de eu ter me criado ali, quem sabe eu esteja dizendo a mesma coisa daqui a 33 anos! (Ri). Não dependo... Eu levo meu grupo de amigos para lá. Se eu tivesse deixado meus amigos no Rio Branco, eu ia te dizer que seria muito difícil a minha vida aqui. Muito difícil. Muito difícil, muito difícil. Eu sou muito ligado às pessoas.

Esta alteração nos hábitos de sociabilidade pode estar relacionada diretamente com o ingresso em um meio social mais individualista e de grupos socialmente mais autônomos, mas, também, em um meio social novo, no qual as ligações têm de ser restabelecidas. Sentir-se um pouco isolado pode ser, ainda, uma nova etapa do grupo doméstico também relacionada à presença de filhos, com o tempo e recursos financeiros despendidos com estes. Não é raro, porém, que a etapa de ter filhos corresponda a uma etapa inicial da vida do casal, de

menor poder aquisitivo e que, por isto, é passada em bairros de custo mais acessível, em moradias menores. Esta etapa de esforço conjunto pode significar menos disponibilidade de tempo para relações sociais mais formalizadas, situação que se pode repetir ao longo do ciclo familiar em momentos de mudança. Mas, numa etapa inicial da vida em comum pode surgir a necessidade de ajuda mútua entre vizinhos nos cuidados com os filhos, e esta ajuda quotidiana parece ser mais fácil de estabelecer entre pessoas de menor poder aquisitivo. Vera, cujas filhas estão, agora, com 11 e 14 anos, e que mora no bairro há três, recorda com certa nostalgia, o tempo que morou em um bairro menos prestigiado:

Vera - Pessoas tipo a dona Alba (vizinha de outro andar) são raras, que eu converso mais, se preciso alguma eu vou lá e peço, ela vem aqui. Mas vizinho assim de pedir coisa, pedir ovo... sabe? Eu vou ali (aponta em direção ao apartamento da frente) porque ela é minha cunhada, entende, mas aqui, hoje, tu não encontra mais as pessoas, né? Tu sai, desce o elevador, pega teu carro e volta. Quando tu tens filho pequeno, eu vejo, assim, as mães, elas meio que conversam lá em baixo, descem com as crianças, mas eu já não. Eu tenho convívio com as crianças que vêm aqui, as minhas filhas convivem com as crianças delas. Agora, a gente (as mães) não, né? Só de cumprimentar. Não tem. Isto é ruim, não? (...) Na Guilherme Alves a gente se dava muito mais com as pessoas. Eram casais na mesma faixa de idade, os filhos mais ou menos parelhos. Eu acho que era, porque, por exemplo, eu tinha uma vizinha maravilhosa, pra conversar. Às vezes eu tinha de sair ela ficava com as minhas filhas, sabe, eu ficava com as dela. Era uma convivência diferente. Aqui, realmente, as pessoas só se cumprimentam. As pessoas do outro bloco, eu não conheço quase ninguém. Se tu perguntar todos que moram aqui, eu não sei dizer metade.

Mas, de modo geral, os indivíduos provenientes de bairros próximos estão satisfeitos com o local. Mesmo Álvaro, que veio de mais longe, não trocaria o lugar da moradia. Além de “*perto de tudo*”, outros adjetivos são usados para qualificar o espaço, principalmente fatores estéticos, apreciados mesmo por quem não costuma usufruir dos seus espaços. O bairro é “*bonito*”, satisfaz disposições estéticas e é um bairro de “*elite*”, satisfaz disposições

de classe. Uma entrevistada chega a me dizer: *“podes ‘botar’ no teu trabalho: ela se separou, ela troca de marido, mas não troca de bairro!”*.

4. Localização geográfica: lugar social cristalizado no espaço

Assim como podem ser distinguidos moradores e moradores segundo uma lógica distintiva que pode ter base locacional, o bairro pode ser localizado perante outros bairros, e ao restante do espaço da cidade, num *continuum* distintivo que traça uma cartografia simbólica do espaço urbano. Algumas qualidades são atribuídas ao bairro Bela Vista, de modo a justificar sua eleição como lugar de moradia. Poucos moradores se dão conta de que obedecem a lógicas que não correspondem a motivos práticos e, sim, a disposições internalizadas difíceis de definir claramente. Mas são os moradores provenientes de bairros próximos que, com mais frequência, excluem os bairros mais antigos e tradicionais da sua experiência:

P - *E aqui em Porto Alegre, vocês moraram aonde, além da (rua) Anita (Garibaldi) e (bairro) Moinhos de Vento?*

Edu - *Na verdade, eu já morava, praticamente, na Anita, na esquina com a Freire Alemão.*

Lua, sua companheira - *Pela volta...*

Edu - *Mas por acaso. Eu já morei na Pereira Passos, numa casinha de madeira lá na Vila Assunção. Já morei... pois é, mas “gozado”⁶³, na verdade eu sempre morei aqui perto... Eu morei na Vasco da Gama, bem perto do IPA, morei na Arthur Rocha com a Vinte e Quatro... Na verdade, Mont'Serrat. Eu estive sempre nas voltas, mas não por opção. Claro, tem bairros que eu não moraria. Glória, Teresópolis, Partenon...*

Lua - *Até quando tu vai procurar qualquer lugar tu vai eliminando... a gente olhava, a gente tinha alguns bairros que a gente olhava...*

Edu - *Até uma exigência social que tu tem dentro de ti que tu nem te dá conta.*

⁶³ “Gozado” no sentido de “engraçado”, “esquisito”.

Lua - *É até inconsciente...*

Edu - *Eu penso: “eu não vou morar na Glória, Teresópolis, Partenon!” Tem tudo lá, tem tudo muito bom... mas de repente... eu posso aqui, é aqui que eu vou! (...) Entre tu ter um triplex no Partenon e um três dormitórios no Bela Vista... é Bela Vista.*

O Centro ocupa um especial lugar no imaginário dos pesquisados. Para Nirce, nascida no Centro, mas que morou a maior parte de sua vida no bairro Moinhos de Vento, seu bairro natal é, hoje, sinônimo de confusão; precisar ir ao Centro significa desorganizar o ritmo que imprime à sua vida, e um alto contraste com a ordem do território no qual circula normalmente. Para começar, não pode usar o carro confortavelmente, pois não há lugares para estacionar, ou tem de deixar o carro longe, em uma garagem. Isto implica em ter mais tempo para “perder”, mesmo que decida ir de condução pública. Hoje está casada com um comerciante que tem seus negócios no Centro, o que a põe muito desconfortável ao tentar explicar esta opção do marido. Talvez o que esteja em foco seja a revelação da origem da fortuna de muitos moradores e suas famílias de origem, alicerçada em atividades não tão prestigiadas, como o pequeno comércio.

Nirce - *Mas o (marido) se deu conta que ia ser funcionário o resto da vida, né? (...) E voltou para trabalhar com o pai. (...) A (loja) dele: um burquinho escuro, apinhada de gente. (...) Tem que continuar porque nasceu assim, o público que continuou com isso, não modifica porque vai dar besteira. É um público interessante, porque tu encontra de tudo ali dentro (ri), de louça horrorosa, a um vaso de cristal que tu compra na Bauhaus (loja do bairro Moinhos de Vento). (...) Mas eu nem sabia que tinha essa lojinha no Centro. (...) Agora, quando eu falo para as minhas amigas: “Claro! Eu compro lá!” Só eu, a tonta, que não sabia em Porto Alegre. (...)*

P - *Tu também não devias ter muita familiaridade com o Centro.*

Nirce - *Eu odeio o Centro, eu tenho pavor do Centro. Quer me ver enlouquecida é me mandar para o Centro!*

Centro, Teresópolis, Partenon, Bom Fim, Menino Deus. Estes foram os bairros tradicionais mais citados nas entrevistas, e com frequência negativamente. Bairros tradicionais no sentido de serem antigos bairros da cidade, dotados de uma história que, não raro, está inscrita na trajetória dos indivíduos que pesquisei. Mas a identificação desses moradores cujo último estágio, talvez o mais prolongado, deu-se nos bairros residenciais vizinhos, principalmente Petrópolis e Moinhos de Vento, é com estes últimos, bairros relacionados à classe média alta e classe alta. A cidade é mapeada assim de acordo com as representações do estágio da inserção social das populações que habitam as diferentes porções e, em diversos momentos, as falas denunciaram estas questões ascensionais.

O bairro Bom Fim aparece como um ponto da trajetória de muitos entrevistados, pelo menos para quatorze deles, e chegou a ser considerado por alguns como possibilidade para a moradia definitiva. Hoje, nenhum deles voltaria a morar lá. Uma das localizações iniciais da colônia judia, o bairro Bom Fim hoje abriga muitos estudantes em virtude da proximidade com o Campus Central da UFRGS, embora antigos integrantes daquele grupo ainda permaneçam. Como um bairro antigo, está bem consolidado em termos de equipamentos e serviços urbanos, embora poucos prédios possuam garagens. Ultimamente tem adquirido certa notoriedade negativa divulgada nos meios de comunicação, como ponto de concentração noturna de jovens ao redor de bares e cinemas, acusados de drogados e desordeiros.

A principal diferença entre Bom Fim e Bela Vista foi assim expressa por Demóstenes, um rapaz de 20 anos, num diálogo com seu irmão, Ernesto, de 15 anos (que se sente em suficiente segurança para transitar no Bela Vista pelas madrugadas dos fins-de-semana, embora a contragosto do pai):

Demóstenes - *Vamos dizer que a Bela Vista é um bairro rico, então tem um pessoal de elite, um pessoal de certa forma...*

Ernesto - *“Mauricinho”!*

Demóstenes - *...da classe média, até a classe alta, fica ali (na praça da Encol). Enquanto que a classe média baixa ficou na Osvaldo Aranha. A classe média até transita entre estes dois pólos, mas a classe alta e a classe baixa, não. (...)*

Ernesto - *O que eu gosto muito do bairro é esse negócio de andar muito na rua (...) mas quando chega ali perto do Barranco, complica.* ⁶⁴

Outros jovens moradores referiram-se ao fato de sentirem-se em segurança para transitar nas ruas do bairros até muito tarde de noite. Há guardas em praticamente todos os prédios, e muitos trechos de rua estão cobertos por vigilância particular vinte e quatro horas por dia. Mas o motivo principal, segundo a interpretação de Ernesto, é que o tipo de crime cometido ali visaria *“coisa maior”*, bens móveis de valor, seqüestro de pessoas importantes, não importando tirar algum dinheiro de *“dois ‘magrão pelado’* ⁶⁵, *andando na rua às duas da manhã*. Por via das dúvidas, procura andar sempre com amigos, e de tênis velho desde que sofreu uma tentativa de roubo, na rua: os ladrões riram do tênis velho dele e foram embora. Mas fala sobre o tipo de violência que existe no bairro - as constantes brigas entre os *“Mauricinhos”*, disputando as atenções das *“Marias-gasolina”* (meninas que só namoram quem tem carro). Estas brigas podem eclodir inadvertidamente, principalmente nos postos de abastecimento da região que ficam abertos vinte e quatro horas, ponto de reunião noturna dos jovens que possuem carro. Mas ele só se sente inseguro ao ultrapassar o perímetro de segurança representado pelo bairro.

O bairro Mont'Serrat é outro bairro que aparece na fala dos entrevistados; em alguns casos, pode ser confundido com o próprio Bela Vista, uma vez que, sendo vizinhos, nenhuma barreira tangível os separa. Em dois casos encontrei pessoas que acreditavam morar no bairro Bela Vista, mesmo morando no Mont'Serrat (também encontrei pessoas que moravam em Petrópolis - do outro lado da Av. Nilo Peçanha - que acreditavam morar no Bela Vista. Em pelo menos um caso, a pessoa sabia que não morava no Bela Vista, mas assim deixava

⁶⁴ O Barranco é tradicional churrascaria da cidade localizada junto à Av. Protásio Alves, continuação da Av. Oswaldo Aranha, próximo a um dos limites do bairro Bela Vista. A Oswaldo Aranha é a principal via do bairro Bom Fim. E *“Mauricinho”* é gíria utilizada para designar um jovem da burguesia, *“que gosta de se vestir bem, freqüentar bons lugares, da moda, bem arrumadinho, bem legalzinho, carrinho do ano e tal”*, como me definiu um outro jovem morador do bairro.

⁶⁵ *“Magrão pelado”* no sentido de *“jovens sem dinheiro”*.

acreditar). Clóvis, que no início do seu segundo casamento morara num apartamento alugado no bairro Moinhos de Vento, assim resolvia a questão:

Clóvis - *A gente sempre se sentiu morando no Bela Vista, mas parece que não é nosso bairro. (...) A gente sempre morou nos limites. No limite do Moinhos de Vento, que era a última rua. A gente mora no limite do Mont'Serrat (ri), que da (rua) Anita (Garibaldi) pra cima é Bela Vista. Agora a gente vai morar no limite das Três Figueiras (bairro próximo).*

Para ele, esta afirmação não é mais do que uma metáfora de como vê sua própria situação social: filho de uma família de classe média onde aparecem alguns empresários, ele manteve empreendimentos economicamente marginais até descobrir um filão inexplorado, que o fez progredir financeiramente de modo rápido e importante. Progredir financeiramente, porém, o fez deparar com um certo tipo de “cobrança social”, para ele uma expectativa de que sua apresentação pessoal fosse compatível com as suas posses. O parâmetro, para quem progride, é “pensar no outro, (...) no que o outro pode achar (...) E aí, começam as castrações. (...) Tem de ter uma ascensão social escancarada”. Ao que ele se recusa, sabendo que choca por vestir-se e comportar-se simplesmente. Chega a classificar sua situação de “avesso” do perfil que projeta para o morador do bairro:

Clóvis - *Eu e a (mulher) somos uma anomalia social dentro do bairro (...) Anomalia, não, o avesso. O perfil do morador do Mont'Serrat, Bela Vista, ou é de alguém que recebeu herança, (por)que é um bairro caro, ou de alguém que trabalha muito (...) Se não, não consegue, no bairro. Não consegue adquirir um imóvel onde eu moro. Ele não se enquadra: nem é herdeiro, nem trabalha muito. É - uma rebeldia - mas - sem querer atingir ninguém!*

As questões identitárias encobertas na discussão sobre a localização geográfica são, ainda, reveladas por Boris, que mora há vinte anos no bairro Mont'Serrat acreditando ser Bela Vista. Ele é filho de estrangeiros, a mãe trabalhou na roça, fez um casamento hipergâ-

mico e veio morar na capital. Sua fisionomia poderia fazê-lo passar por estrangeiro, mas sua inserção social é sólida, e, em parte, baseada em certa gregariedade sócio-espacial: morou em muito poucos lugares enquanto solteiro, realizou todos os seus estudos em Porto Alegre e hoje leciona na mesma faculdade onde estudou e conheceu sua mulher.

Boris - Eu acho que (o bairro) não está bem delimitado, uma hora é Mont'Serrat, outra hora é Bela Vista. Mont'Serrat é um bairro de gente muito pobre, é um bairro de pretos. (...) O primeiro platô era de gente muito pobre, pretos, basicamente. E ali tinha duas ou três escolas de samba. Como é que a gente chamava aquilo ali? (Pensa) Tinha um nome característico, mais pejorativo, de classe pobre. Eu me esqueci o nome. (...)

Quando eu casei, morei dois anos na (rua) Ferreira Vianna. (...) Quando eu morei, tinha ainda a rara felicidade de cruzar com o Érico Veríssimo e a Mafalda, eles caminhavam todos os dias naquelas ruas. (...) Então, sem nunca tê-los conhecido, era uma coisa... Fazia eu sentir, assim, mais integrante da comunidade.

Boris estaria mencionando, primeiramente, a Colônia Africana, antigo bairro de negros de Porto Alegre. A menção à Colônia Africana foi explícita em outros depoimentos como a própria origem do bairro Bela Vista⁶⁶, menção esta que pode ser interpretada de várias maneiras. De um lado, mostra que alguns integrantes desta camada populacional estão a par da produção acadêmica local, tendo em vista recentes estudos publicados sobre a história de Porto Alegre. Por outro lado, o fato de um antigo bairro de pretos pobres estar na origem de um bairro de elite ilustra um certo darwinismo social, mesmo que inconsciente - a vitória de um estilo de vida superior e... branco (ver a fala de Cássia, à página 181). Em continuação, a análise da trajetória de Boris esclarece: a identidade é produzida, em parte, por esta localização geográfica que se confunde com lugar social, capaz de realizar em homologia a identificação com pessoas consideradas superiores, pertencentes a uma categoria

⁶⁶ Esta localização não é referendada pelas pesquisas históricas. Ver SILVA (1993) que, baseada em estudos especializados, localiza a Colônia Africana aproximadamente no centro do vizinho bairro Rio Branco.

social desejável. E, por outro, pela rejeição às situações socialmente marginalizadas, pela negação, talvez, das situações de pobreza e necessidade que poderiam estar na trajetória de alguns dos pesquisados ou de suas famílias de origem.

O bairro Moinhos de Vento, por sua vez, está inscrito no percurso de outros tantos entrevistados, expressando, desta vez, uma afiliação social desejável. Israel, tentando explicar a origem do bairro Bela Vista, naturaliza o fenômeno:

Israel - Como virou moda (o bairro Bela Vista), eu não sei. Eu acho que é um pouco uma coisa natural. Vamos ver: a classe média alta da cidade não tinha lugar para se expandir, ocupar. Quer dizer, a classe alta está até hoje no Moinhos (de Vento) e aquilo ali é quase imóvel, em termos de construção tem pouquíssimo. (...) Então, para onde ia crescer a cidade, especialmente para quem tinha dinheiro? Por acaso apareceu um “bolsão”, num lugar de bom nível, perto da Carlos Gomes que era uma rua com mansões e tal...

Esta relação é também percebida por Sérgio, embora sem a naturalidade exposta na fala de Israel: *“Moinhos de Vento o que é? Carteirinha de identidade do avô do cara que mora no Bela Vista!”*. Sua mulher concorda: *“Os pais dos amigos moram todos lá. Nós temos vizinhos aqui que os pais moram lá”*. E, prosseguindo este raciocínio, eles se dão conta do processo distintivo que está associado ao deslocamento de populações e que é aproveitado pelo mercado, fazendo uma homologia com outras áreas habitacionais lançadas anteriormente ao bairro Bela Vista:

Sérgio - Pois é, mas nada mais foi do que uma grande jogada mercadológica e imobiliária, o bairro Bela Vista. Como foi, há muitos anos atrás, o (bairro) Petrópolis. (...) Foi bastante especulado para se tornar caro. (...) Quando eu era menino, Petrópolis era o bairro Bela Vista. Quer dizer, precisava desenvolver, crescer, então canalizaram: “quem é bom, vai morar em Petrópolis, quem quer ter cara de classe média, vai morar em Petrópolis”... Todas as pessoas querem ter cara de classe média alta para cima.

Mais do que isto, pode-se afirmar que o processo de ocupação das terras urbanas, em Porto Alegre, refletiu uma situação similar a de outras grandes cidades brasileiras. A sofisticação dos produtos imobiliários, solução para a crise no setor da construção civil, segundo Fridman (1994:2), “levou à formação de verdadeiros feudos, guetos ricos nas cidades, que a partir dos anos 80, tornaram-se ainda mais segmentadas”⁶⁷. As cidades maiores, que já apresentavam marcante especialização dos espaços habitacionais, agravam as diferenças através de novas estratégias de investimento no mercado imobiliário, tornado atraente por falta de alternativas melhores no mercado financeiro, e direcionando-se a um público de bom poder aquisitivo por falta de financiamentos públicos para habitação popular. Este fenômeno pode ser sentido no cotidiano como um processo “natural”, decorrente do próprio crescimento vegetativo⁶⁸ de certas camadas sociais, desconhecendo os investimentos maciços realizados por parte de especuladores imobiliários.

Mas a adesão social a novas áreas de moradia pode vir a obedecer a modelos paradigmáticos de “bem viver”. Estes valores são claros para Flávio, que passou sua infância e morou até casar no bairro Moinhos de Vento. Ao considerar a possibilidade de mudar-se para um apartamento (sua primeira opção seria uma casa em condomínio, em Três Figueiras, a segunda, um apartamento no Bela Vista), não voltaria para o bairro de origem: *“Moinhos de Vento é um bairro que está muito poluído, muito prédio, muito cinza... muito sujo. É outra época. Não moraria lá. Não tem verde, não tem vista, não moraria”*. Sua fala revela a mudança que o bairro Moinhos de Vento sofreu, com o próprio crescimento: hoje em dia está constatado que o número de habitantes do bairro está diminuindo, com a transformação de residências em estabelecimentos comerciais e de serviços. Mas revela, também, as novas exigências atreladas ao espaço habitacional, que podemos traduzir por ambiente limpo, organizado visualmente e não muito denso, ao mesmo tempo em que faz referência à

⁶⁷ Sennet (1980) mostra que a auto segregação das classes mais favorecidas é um fenômeno que ocorre, pelo menos, desde o agravamento das desigualdades sociais provocadas pela modernização industrial do século passado.

⁶⁸ O crescimento “vegetativo”, conforme o IBGE, diria respeito aos aspectos de reprodução biológica, do saldo entre o número de indivíduos nascidos e falecidos de dada população.

necessidade da presença da natureza, em espaços “verdes” ativos, os parques, ou passivos - a “vista”. *“É outra época”*: Flávio corre, ou pretende correr, dez quilômetros, três vezes por semana, de manhã cedo. Um ambiente poluído pela densidade populacional, o que supõe movimento de veículos, emanação de gases, passeios ocupados por muitos pedestres e falta de espaço aberto não atende às suas necessidades. O bairro Bela Vista parece, por hora, atender a estas novas exigências.

De fato, a “vista” que está no próprio nome do bairro é citada por diversos entrevistados como uma das fortes razões que os fizeram decidirem-se por este ou aquele apartamento. Vera fez a opção por um apartamento de frente sul, que poderia ser muito frio no inverno: *“A vida toda eu quis ter uma vista! (...) Só no meu quarto e na sala não bate sol. (...) É bem gostoso mesmo no inverno, com a lareira acesa”*. Outros disseram sentir confinamento sem um espaço aberto diante de seus olhos, ou sem um terraço aberto no apartamento. Nem todos do bairro, porém, tem vista. A queixa de muitos é de que perderam a paisagem originalmente descortinada de seu apartamento com o aumento do número de prédios altos. Para Gorete, a questão envolvida é outra. Com relação à vista, ela acha que as mesmas pessoas que valorizam a vista são as que rejeitam o centro da cidade e, sendo assim, acabam por não usufruir nem um, nem outro: *“O Centro não é ruim, é a mesma coisa que morar em apartamento com vista: tu nunca chega na janela para olhar. Porque o Centro, de noite, fim-de-semana, é o lugar mais calmo que tem, mais tranquilo. O Centro não é o quê eu tenho hoje aqui: as pessoas que investiram num lugar calmo, maravilhoso, e que agora, de noite, ficam ouvindo correrias de carro”*.

De algum modo, as entrevistas confirmam a opinião de Gorete: um dos outros fatores que parece ter um forte peso na eleição do bairro seria a possibilidade de realizar caminhadas na *pracinha*, possibilidade que nem sempre se realiza. Alguns já o fizeram, como Lalá, que culpa o excesso de população pelo congestionamento dos espaços abertos:

Lalá - *Eu caminhava (na praça da Encol) todos os dias, à tardinha. Até que começou a engarrafar, já não tinha mais graça, não gostei mais. (...) Porque, an-*

tes, a gente podia caminhar - depois, começou a caminhar com roupinhas. Aí, a gente tinha que se arrumar para caminhar... começou a dificultar a caminhada. (...) Era verão, tinha que ir com a camisetinha assim, porque já vai bronzeando... Aí, começa muita coisa! Começou a função: (...) “a moda é aquela ali. Ih! isso não se usa mais”! (Ri). Aí, começou que a gente caminhava em quatro, já não dava mais. No fim começou a ter fluxo contrário, (...) tinha de caminhar de dupla. A gente fazia duas colunas, aí a gente ia conversando, não caminhava direito, e aí não deu mais! Porque era tanto movimento para a gente que caminhava há muito tempo! (...) Começou ser uma pista de Fórmula 1, tu tinha que desviar, tu tinha que parar... “Ah, vamos parar!” (...) Mas hoje eu não caminharia mais ali.

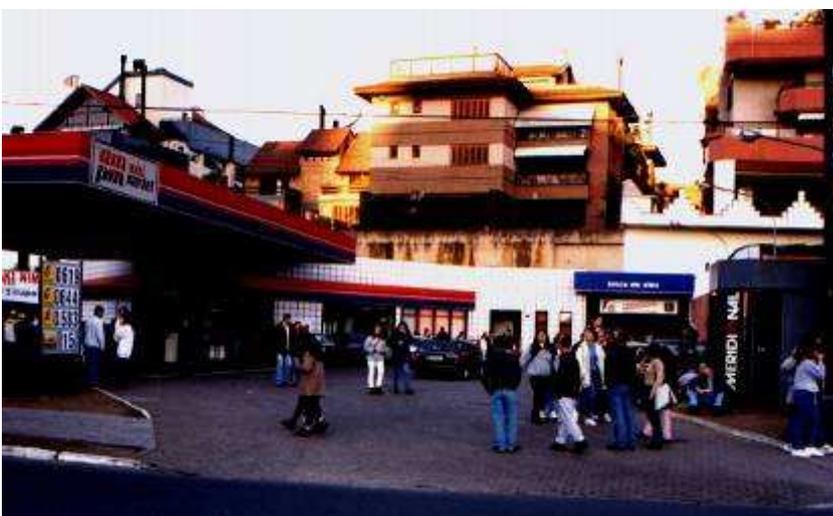
De fato, nenhum dos entrevistados atualmente caminha na *pracinha*. A maior parte deles jamais caminhou, embora esta fosse uma das expectativas que acompanhou a instalação da moradia neste local, por parte dos moradores mais recentes. Esta possibilidade, bem como a de consumir outros serviços que o bairro oferece, faz parte das representações sobre o estilo de vida ativo, moderno e dispendioso dos moradores do bairro, mas parece estar, na maior parte das vezes, exatamente nesta posição: possibilidade que não se realiza de modo objetivo e pleno. Para Osmar, isto está bastante claro, e ligado a um “tipo” urbano que se conforta apenas com a possibilidade: “...*tu só tens a opção e acha maravilhoso. ‘Bah, se eu quiser eu desço e tomo um sorvete’, mas na realidade tu não usas. (Fica na idéia) que tem aquilo, só funciona na cabeça da gente, maravilhoso. E é o que atrai as pessoas*”. Muitos dos entrevistados realizam compras em outros supermercados, por achar o Febernati muito caro, assim como abastecem o carro em postos que dão mais prazo no cheque, para citar dois exemplos. A atração exercida pelo bairro parece estar, por isto, relacionada mais com o consumo da imagem do consumo que é associado a uma fração de classe em franca ascensão social, do que com o próprio consumo.



O centro comercial Bella Vista Plaza, centro focal do anfiteatro natural onde se localiza a “pracinha”, trouxe uma maior animação e aumentou a frequência desta área, com suas lancherias e estabelecimentos de consumo diferenciado, com base em artigos importados



Junto à rótula do cruzamento da Av. Nilo Peçanha com a rua Carlos Trein, os estabelecimentos AmPm e Gelf's, entre outros de um pequeno centro comercial, polarizam a atenção dos mais jovens



O posto AmPm faz parte de uma rede de postos de gasolina abertos 24 horas, possuidores de lojas de conveniência, que, atualmente, constituem pontos atrativos para jovens motorizados ou não

5. Territórios & Territórios

5.1. Disputas simbólicas em praça pública

Uma referência quase que imediata ao bairro Bela Vista é a praça Simão Arnt, chamada de *pracinha da Encol*. Fazem parte do cenário cotidiano do bairro as pessoas caminhando ao redor da *pracinha*, de manhã cedo, ao meio-dia ou à tardinha. Nos fins-de-semana de abril a outubro o movimento é bastante intenso, durante todo o dia, se o clima não for muito extremo - nos outros, já começa uma debandada crescente em direção aos locais de veraneio e moradias de lazer na praia ou serra. A *pracinha* abriga uma grande diversidade de freqüentadores que podem vir a se cruzar em nos momentos de maior movimento. Podem-se identificar grupos que delimitam, por sua vez, espaços e territórios dentro deste espaço maior, que inclui as adjacências com atividades e eventos complementares. Lalá, com seu peculiar talento histriônico, observa uma alteração no uso e nos grupos de freqüentadores com o passar do tempo, desde a urbanização da área pela Encol:

Lalá - Os freqüentadores da praça de hoje não são mais os mesmos, são bem diferentes. Ainda tem uns resquícios daquele tempo, (tipo) “mãe-com-filho-pequeno”. (...) Ela era isso. Quando a Maria começou a fazer a ioga, eu fui a várias aulas. (...) A praça é hoje da gurizada dos doze, treze, quatorze (anos), até dezesseis, porque mais que isto está velho para a praça. (...) Ou tu vais embora, ou começa a caminhar com os velhos. (...) Porque se tu parar tem que ter dezesseis anos! (Eu rio). É superdivertido (...) eu acho bárbaro! Porque fica tudo bem (de)limitado. Tudo direitinho! O pessoal, agora aí com o 'coisa' (sic), o pessoal desce. O pessoal que caminhava, que era entre a faixa da garotada até os quarenta, agora já desce da praça e vai pro Plaza, ali. E a garotada continua, porque não tem um poder aquisitivo para ir lá em baixo, né? (Eu rio) Eles continuam ali, eles vão na AmPm buscar cerveja. Cerveja e “refri”. E o sorvete ali na Gelf's. Mas é is-

*so aí, são dois ou três pontos que aquela garotada ali de cima - porque eles ficam BEM lá em cima - eles “migram” e voltam, né? O pessoal do “miolo” é o pessoal do futebol, da criançada e da cachorrada. E o pessoal do arredor é o pessoal do Cooper, que fica dando volta até cair duro*⁶⁹.

Está introduzido o tema: o estabelecimento de territorialidades sócio-geográficas como fator identitário. Por um lado este processo está relacionado à totalidade e, por outro, às diferenciações internas, correspondentes, respectivamente, aos movimentos duais de socialização e dissociação. Estas diferenças também estão ligadas às possibilidades concretas de estabelecer um consumo sintonizado com os serviços oferecidos pelo comércio do bairro, ou, pelo contrário, pela possibilidade de ser identificado como um consumidor em potencial, sem chegar a fazê-lo.



Uma vista geral da pracinha da Encol, que concentra grandes espaços, em áreas esportivas, de lazer, abertas, arborizadas e ajardinadas, e modernos espaços de consumo

Uma grande diferença constatada entre moradores antigos e moradores novos referia-se à visibilidade de determinados espaços, que podem simplesmente não existir para estes últimos, pelo menos não antes de terem sido urbanizados conforme um determinado padrão. Assim como parece ser invisível, para muitos, as porções mais antigas do bairro, é

⁶⁹ Lalá refere-se à Ana Maria Rossi, jornalista doutora em stress, que dá aulas de Ioga aos domingos de manhã, na *pracinha*. O “coisa” é o Bella Vista Plaza, pequeno centro comercial em frente à *pracinha*. AmPm é um posto de abastecimento com loja de conveniências que fica aberto 24 horas; o Gelf's é sorveteria ao lado, ambos no cruzamento das rua Carazinho com Av. Nilo Peçanha.

constante a referência de que não existia nada no lugar onde hoje é a *praça da Encol*. Élbio, de 10 anos, se refere à praça como era antes de ser “construída” - “*um buraco de lama fedorento!*”. Sua mãe diz que era “*um antro de maconha*”. Marta diz que quando se mudou para o bairro, aquela pracinha não existia - “*Era um matagal*”. Todas as imagens estão relacionadas a uma situação pré-civilizatória e antes da domesticação deste ambiente natural e público segundo as disposições de classe.

Mas Alberto, único pesquisado nascido no bairro, esclarece muito a respeito da situação desta praça desde os tempos em que ele era menino, mapeando-a em um complexo de campos de futebol de várzea até hoje existente na região, e dá conta de uma “cultura futebolística” própria do bairro e de sua heterogeneidade social que é desconhecida pelos novos moradores:

Alberto - Eu jogo futebol fim-de-semana, com o pessoal do (colégio) Anchieta. Temos remanescentes do tempo da gente fora do Anchieta, um pessoal mais simples. A gente tinha um time, jogava na periferia da cidade, fazia excursão, futebol praiano. Hoje a gente joga na pracinha da (rua) Montenegro, chamado “campo do Bagé”, entre a (rua) Taquara e a Caçapava, porque ali tem um Clube chamado Bagé. Aliás, (os dois times) eram rivais no bairro. (Menciona ainda ao campo esportivo existente na rua Furriel Vargas e outros campos de pelada da região. Na praça Simão Arnt um dos problemas era que o campo era facilmente inundável pelos córregos que passavam por ali - em gravação quase inaudível). (...) Eles ainda jogam na praça (Simão Arnt). (...) Agora a maioria se mudou para fora. (...) Ali atrás do Febernati tinha dois quarteirões só de pretos, (...) a gente jogava contra eles. Ainda tem. Muitos dos que jogavam foram para o futebol profissional, para o Grêmio. Tem ainda um senhor que era do Renner, o time de futebol que foi campeão gaúcho em cinquenta e quatro.

Para Cássia, a construção da *pracinha* nos moldes atuais foi muito importante para a “reabilitação” das áreas mais antigas:

Cássia - *Esta praça foi uma conquista muito grande para o bairro. Ela modificou o bairro, completamente. Inclusive esta zona aqui, que não tinha edifícios importantes, essa zona da Nilópolis, ela passou a ter uma outra expressão. Se integrar na Nilo Peçanha, porque a Nilo Peçanha era um bairro nobre...*

P - *A reforma que foi feita no meu prédio, por exemplo...*

Cássia - *O teu prédio foi reformado por causa da zona nobre, e os aluguéis devem ter aumentado. (...)*

P - *Quando tu vieste para cá tu vieste em função... claro, do apartamento...*

Cássia - *Eu troquei um apartamento pequeno por um maior. Mas eu me sentia muito perdida, quando eu vim para cá. Porque na frente do meu edifício tinha aquele mato e aquele abandono. Parece que nós tínhamos um rio, parece que havia uma fronteira através da rua Carazinho e Carlos Trein Filho, parece que essa rua, essa transversal da Nilópolis e da Nilo Peçanha para mim representava como um rio, como uma divisória. Eu morava numa zona nobre. O lado de lá não era.*

Esta imagem utilizada por Cássia, referindo-se a uma barreira natural para expressar limites sociais, corresponde a uma realidade anterior à urbanização da praça, pois, de fato, havia um córrego no local. A praça é recordada por alguns moradores mais antigos como um local que reunia alguns córregos que se tornavam mais importantes em dias chuvosos, havendo, inclusive, um bebedouro para animais, que era utilizado por carroceiros. Por baixo e ao longo da avenida Nilópolis, localizada na interseção de duas vertentes de morro, corre hoje uma tubulação que retificou o córrego principal e coleta as águas destas vertentes, canalizando o esgoto pluvial da área. Este córrego pode ser observado ainda hoje, pois cruza a rua Vicente da Fontoura, entre a Passo da Pátria e a avenida Protásio Alves. A rica observação de Cássia dá conta de uma natureza que é domada pela civilização, mas, também, do “enobrecimento” da região através da modelagem urbana concebida segundo um padrão superior. Ela chega quase a sugerir o restabelecimento do bebedouro de animais, mas para possibilitar um serviço de carruagens como os do Central Park, em New York.



Uma vista geral da utilização da “pracinha”, em uma fria manhã de inverno, num domingo



Em determinados horários e dias da semana, a afluência de automóveis torna difícil o trânsito ao redor da “pracinha”



A cancha de bocha foi conservada e remodelada quando da reurbanização da “pracinha”, mais recentemente recebeu uma cobertura de telhas cerâmicas



O tradicional hábito do chimarrão convive com os modernos hábitos de consumo e práticas de conservação do corpo, como a caminhada diária ao redor da “pracinha”, a mais característica atividade deste espaço



As canchas de futebol conservam e reeditam o mais antigo uso urbano e público deste espaço



O posseiro, estabelecido em uma das extremidades da “pracinha”, assiste à movimentação da rua

Os outros espaços de praças públicas, com exceção da *pracinha da Encol*, parecem ser de pouca atratividade para os novos moradores. Uma dos espaços que recebe algumas citações é a praça Breno Vignoli, mais conhecida como *praça do União* por ficar ao lado do

clube. Depois de ter ocorrido um estupro na praça, e da luta para impedir a doação da área para a Associação de Tenistas, alguns moradores uniram-se para constituir um fundo financeiro para urbanizá-la. Esta associação até hoje cobra uma mensalidade para sua conservação. Ernesto e Demóstenes constróem algumas diferenças entre os públicos das diferentes praças:

Demóstenes - *Aconteceu que o pessoal da Bela Vista mesmo, também se sentiu um pouco acuado pelo número de gente que atravessou (a distância entre bairros menos qualificados e o Bela Vista).*

P - (A gente) *que “baixa” ali na praça?*

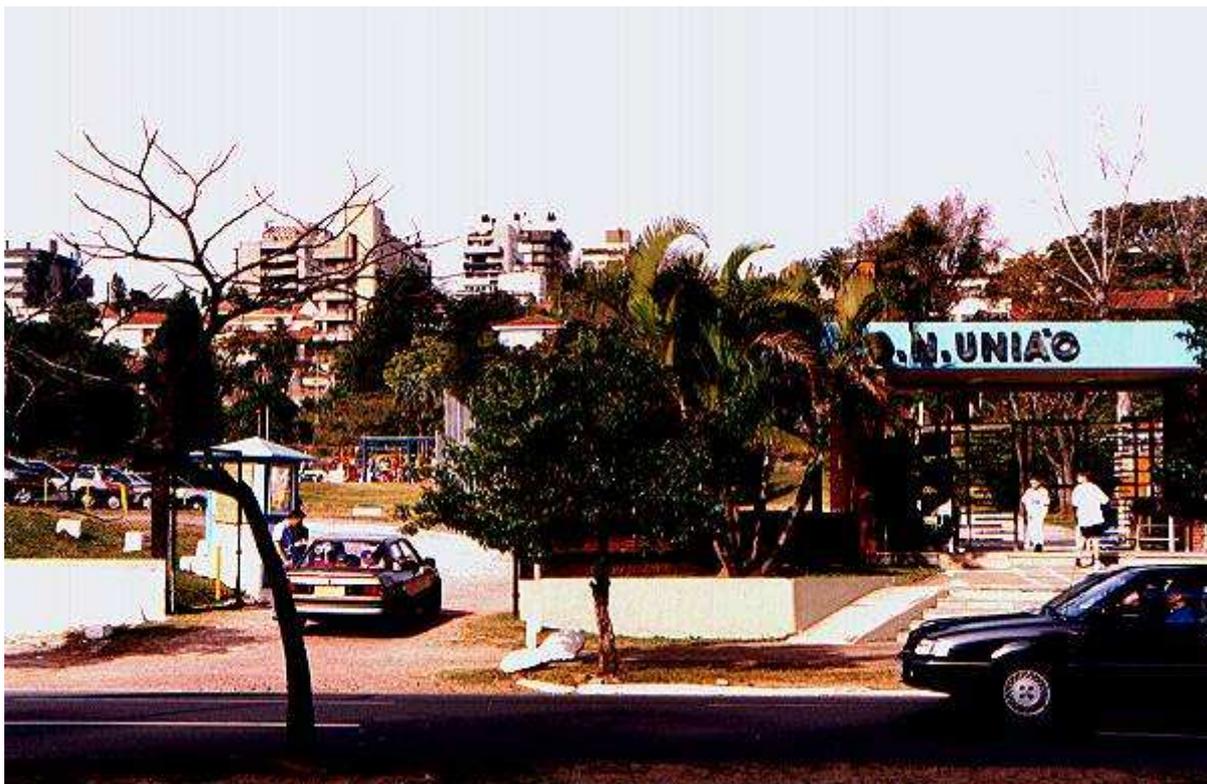
Demóstenes - *É, e eles vieram para essa praça aqui que é mais tranqüila (a praça Breno Vignoli). Eles não estão procurando festa, eu noto que as pessoas ali estão procurando um prazer... então o pessoal que fica ali, ou fica paquerando, porque tem muitas guriazinhas que vão ver os guris jogar futebol, isso é normal. Que é o que acontece nessa praça, que é o pessoal daqui, que é o pessoal da Bela Vista. Enquanto o resto do pessoal vem pra outra praça.*

Ernesto - *É, e a Encol virou moda, tu fala em qualquer um que mora em qualquer lugar da cidade: “Bah, praça da Encol!” Fala nessa aqui...*

P - *Ninguém sabe.*

Ernesto - *Primeiro, ela nem tem nome! A outra já é a praça da Encol. Tem nome! Todo mundo sabe. Essa aqui ninguém sabe. Tu fala - “A Encol” - todo mundo sabe - “É ali”!*

A praça Breno Vignoli é uma praça que tem um desnível, como a *pracinha*, mas no sentido inverso. Esta última esta possui quase uma forma de anfiteatro, cujo parte mais baixa limita com a avenida Nilópolis e cujo ponto focal é o centro comercial Bella Vista Plaza. Ou seja, proporciona uma visibilidade bastante grande e direciona os olhares para a circulação de pessoas e veículos, e para os espaços de consumo. A praça *do União* declina em direção ao seu interior, apresentando áreas abrigadas da vista, com vegetação alta junto ao córrego que a limita com o clube (na área mais baixa, quase invisível aos olhos, está estabelecido um posseiro).



O Clube União possui uma grande área, localizada em frente aos edifícios altos da Av. Nilo Peçanha, contribuindo para o alargamento visual desta porção do bairro



Num recanto mais escondido da “praça do União”, um posseiro vive em meio a um bem cuidado jardim

Sendo a área da praça Breno Vignoli bem menor que a Simão Arnt, abriga poucos equipamentos, apenas alguns brinquedos infantis dispostos junto à avenida e uma quadra poliesportiva de saibro. Mas, toda a tarde, quem se adentrar nesta praça perceberá a presença de uns trinta jovens, ou mais, dispostos em pequenos círculos, sentados no chão ou, às vezes, de pé, que compartilham cigarros de maconha, favorecidos e protegidos pela invisibilidade do local. Ela também é conhecida por *praça da Jamaiquinha*, uma alusão a esta atividade, mas é possível ver, junto àqueles jovens, alguns poucos negros, de cabelo crescido e com boinas de cores vivas, ao estilo consagrado pelo *reggae*.



A “praça da Jamaiquinha” e seus grupos de jovens usuários, em meio a nuvens de fumaça

Cássia quase antropomorfiza esta praça, e constrói uma disputa entre os espaços, que poderia ser quase a disputa simbólica subjacente às diferentes concepções de espaço aberto/natural:

Cássia - (A pracinha da Encol) *se tornou a alma e o pulmão do bairro. E tem um outro aspecto que tu não podes esquecer: é a diferença entre essa praça e a outra praça-jardim que tem na subida da Nilo Peçanha.*

P - *Praça-jardim?*

Cássia - *É como eu chamo. Esta aqui é para usufruir, pisar, usar, a outra, como ela está numa lomba, e eles não tiveram nem dinheiro nem alcance pra fazer uma pista através de aterros - fazer uma pista para as pessoas caminharem, eles não tiveram esta visão, pode ser que tenham - a praça agora se transformou num jardim. E está começando a entrar muita gente lá. Então, é a tal história: “Já que eu não posso ser uma praça animada, eu vou ser uma praça mais bonita”. Ela está uma beleza a praça! Ela tem flores, ela tem jardins, ela tem tudo.*

Cássia refere-se aos moradores que se associaram para reurbanizar a praça Breno Vignoli como “eles” - a concepção de espaço natural também pode definir identidades distintas. Ela acompanhou de perto todo o processo de reurbanização da praça Simão Arnt, com participações eventuais nas promoções e eventos que lá ocorrem. Na “sua” praça, as coisas acontecem, a outra, é só para ser olhada. Na época da entrevista, ela manifestava sua preocupação com o atraso na remoção de um outro posseiro que está assentado num dos extremos da *praça da Encol* (a porção que fica mais próxima à rua Carlos Trein Filho), imaginando com ficaria ela bonita com a integração daquela área que apresenta árvores altas, diferente da área renovada, cujas árvores ainda estão pequenas. Este posseiro, e o outro que está assentado na *pracinha do União*, são descendentes de antigos funcionários da empresa Shilling-Kuss, quando a área era ocupada por atividades rurais, e impõem, em área pública, a presença de uma outra ordem, fundada na legitimidade do uso, que estava sendo contestada na Justiça pela administração municipal.

E o discurso vai conformando um mapa de exclusões que permite quase classificar os espaços públicos de praças em função da distinção entre a clientela específica de cada uma, num movimento desde a visibilidade total (representada pelos espaços da pracinha da Encol e adjacências) até a “privatização” maior ou menor dos demais espaços, que são usufruídos por quem não pretende se identificar com a “massa” (ou pretende ocultar práticas). Ernesto

é quem continua, mostrando os seus esforços na construção de uma identidade distintiva que vai se espelhar na maneira como vivencia os espaços do bairro:

Ernesto - *Essa aí (a pracinha da Encol) já tem bastante gente, então, tem uma escondida aí, que a gente não fala pra ninguém. Ali em cima.*

P - *Aquela cheia de patamares? Sei.* (Ele se refere à praça Gustavo Langsch).

Ernesto - *Aquela ali é bom, porque não tem ninguém, e tu olha a cidade inteira. (...) É bom o 'agito' que tem lá ⁷⁰. O 'agito' que tem na AmPm, na Gelf's, e na (praça da) Encol é um tipo de pessoa que eu não sou muito ligado, sabe? (...) Eu sou mais sossegado, e tal. (...) "Eu sou homem, aqui, porque eu tenho carrinho, 'Mauricinho' e tal" (imitando jocosamente). Eles são atucanados em mostrar que são e eu não. Eu olho todos aqueles carrões...*

P - *E tu a pé?* (Eu rio).

Ernesto - *E eu de andando de tênis, aqui, sossegado. Nem é me sentir inferior.*

P - *Não é por aí...*

Ernesto - *Se pelo menos eles falassem em mulher!* (Eu rio) (...) *Mas em carro!*

Ficam bastante claros os movimentos de sociação ou dissociação que estão na origem desta identificação, ou negação, de determinados espaços, os espaços sendo abandonados à medida que se popularizam, assim como a moda, que está sempre procurando novos padrões distintivos.

⁷⁰ "Agito" no sentido de frequência.



Na praça Gustavo Langsch, o desnível entre uma rua e outra chega a vinte metros



Podemos ter, aqui, uma idéia do que este desnível significa como barreira visual, tornando os espaços internos desta praça bastante privados, além de dificultar seu acesso



Uma vista da praça Gustavo Langsch, em um domingo ensolarado, no inverno

Um dos espaços públicos menos freqüentado é o da praça Bela Vista, localizada na parte mais alta do bairro, no centro de um conjunto de quarteirões formado por ruas transversais e periféricas às vias principais. As moradias deste lugar começaram a ser construídas há cerca de trinta anos e há uns oito iniciou um lento movimento de construção de prédios de apartamentos bastante luxuosos. Sua localização de relativa inacessibilidade a torna praticamente invisível no dia-a-dia do bairro, mas não a faz ignorada pelos novos moradores, ao contrário das outras porções mais antigas do bairro. A primeira referência respeitosa ao lugar ouvi de uma amiga, que me levou para mostrar o lugar *mais privativo* de Porto Alegre, das residências mais *exclusivas*, apontando prédios e casas onde morariam pessoas da *nata* portalegrense, das quais podia citar alguns nomes. Este espaço, de fato, parece conjugar a menor utilização pública com o máximo de prestígio. E o prestígio é construído duplamente: pela privatização espacial (a exemplo de outras ruas de uso restrito no bairro) e pela exclusividade social (que associa uma certa posição geográfica a um nome/posição social).



A praça Bela Vista é pequena, de formato triangular, abrigando uma caixa d'água de linhas modernas



Alguns dos prédios construídos em suas imediações destacam-se por linhas e qualidade construtiva

Para uma das entrevistadas, Marta (que por ser sócia de uma construtora acaba por conhecer todos os prédios do bairro ainda durante a construção), junto à praça Bela Vista estaria localizado o prédio de apartamentos mais confortável e luxuoso do bairro, talvez, de toda a cidade.

Inês mora em um desses prédios junto à praça Bela Vista e vai construir uma diferenciação entre as levas de moradores, identificada com a ocupação das diferentes porções. Atribui aos moradores “pioneiros” a criação de uma ordem modelar, desejosa de ser imitada por indivíduos de camadas menos favorecidas ou em processo de ascensão. Seu discurso pode ser relacionado diretamente à percepção da existência de espaços que propiciam uma visibilidade maior e a necessidade desses novos moradores (também num sentido ascensional) de serem vistos, comparativamente à porção “discreta” onde reside, metaforicamente colocada no “alto”:

Inês - (...) *Existe no mundo todo as pessoas levadas pela vaidade, pela necessidade de serem vistas, mas é no mundo todo. Aqui, alguns mais, outros menos. (...) Mas é um bairro chic, quer dizer, este bairro é de nível. Quem não é... O pessoal que vem morar aqui quer sempre subir um degrau e estar lá em cima, acima ou no nível dos outros que vieram e fizeram isto, né? É o bairro elegante da cidade.*

P - *Isso a senhora sente?*

Inês - *Ah, sim. Depois que eu vim para cá, senti isso.*

P - *As pessoas falam, ou como a senhora percebeu?*

Inês - *Ah, são orgulhosas de morar aqui!*

Ela afirma o que ouvi de muitos moradores: só ficou sabendo que este era o bairro elegante da cidade *depois*. Outros disseram: “o bairro só virou moda depois”. Ou: “quando vim para cá, o bairro ainda não era o que é hoje”. Enfim, as fórmulas utilizadas por vários novos moradores (da leva de seis anos atrás e menos) foram as mais diversas na estratégia de convencimento de que o fato de ser um bairro de prestígio não foi o argumento que os motivou para a mudança, de maneira que se possa pensar, quem sabe, que a mudança para

este local foi motivada por uma relocação espacial maciça de classe, ou que a sua própria mudança foi um dos fatores que “enobreceram” o bairro.

5.2. Território e universo acessível

O estabelecimento da territorialidade pode circunscrever uma porção geográfica mais ou menos restrita, no momento que várias partes da cidade e, mesmo, do bairro, são eliminadas do cenário da vida quotidiana, seja por motivos estéticos ou práticos (que em determinados momentos se confundem), ou simbólicos e afetivos. De fato, a territorialidade restrita pode vir a ser apontada como fator de conforto, ou de qualidade de vida, uma vez que elimina deslocamentos demorados.

Lalá - *Não, nós estamos procurando (um apartamento maior), mas não tem nada certo. Vejo aqui no IPA, vejo... a região é essa.*

P - *À volta?*

Lalá - *É. Ou no bairro, ou à volta. Não sair. Petrópolis, nem pensar.*

P - *Ah, é?*

Lalá - *Quer dizer, tem que ser da Protásio pra cá.*

P - *Porque Petrópolis nem pensar?*

Lalá - *Porque... eu já acho longe. Fica tão longe das minhas raízes como foi difícil pra mim acostumar a atravessar a 24 (de Outubro). Que a minha vida era até a 24. A Florêncio Ygartua, ali. A Mariante já começava a fugir da minha zona. E aqui, agora, estou estabelecida mesmo. Ficou bem maior o meu campo, né? Mas estou até a Protásio. Agora, da Protásio pra lá... não imagino, mesmo. Não sei. Estranho, né?⁷¹*

Estabelecer raízes é uma metáfora muito clara da gregariedade associada à identificação com um lugar, neste caso, também um lugar de classe, uma vez que a região da cida-

⁷¹ IPA é o Instituto Porto Alegre, colégio tradicional de Porto Alegre, localizado no limite do bairro. As ruas 24 de Outubro, Florêncio Ygartua e Mariante pertencem ao bairro Moinhos de Vento.

de, a que se refere Lalá, é relacionada às classes médias altas e altas. Recordemos que o gregarismo demonstrado pelos pesquisados está relacionado, ainda, ao controle espaço-temporal, sendo o nomadismo identificado com o descontrole (ver fala de Costa, à página 130). Para Meg, estar em lugar conhecido, que por sinal é a mesma região delimitada por Lalá, fá-la sentir-se “em casa”, e permite reatualizar sua identidade quotidianamente:

Meg - *Eu me lembro quando as crianças eram pequenas, eu morava aqui perto, no morro do IPA. Sempre foi por aqui. Eu nunca consegui sair para outro. O morro do IPA, pra Regente, da Regente para Nilo Peçanha, da Nilo Peçanha pra cá. Sempre por aqui.*

P - *E antes, era também, mais ou menos perto?*

Meg - *Antes desse período com as crianças eu morei na fazenda, e antes disso morei na rua do (Clube) Juvenil, muitos anos, solteira. Na Félix da Cunha eu morei. Estudei no Bom Conselho... então pra mim esta zona é o máximo. Eu adoro. É aquela coisa, todo o mundo te conhece, vai num posto de gasolina... quebra qualquer galho, todo mundo sabe quem tu é. Como cidade pequena.*

P - *Bem, agora, (o consultório) na Tobias da Silva é praticamente a mesma coisa...*

Meg - *Fica tudo a mesma coisa. Trabalho, moro...⁷²*

A cidade pequena reporta a um perímetro de controle e segurança e, ainda, a uma esfera de relações personalizadas. Alguns entrevistados referiram-se à organização espacial do bairro Bela Vista como evocativa desta situação: “*Eu acho que todo o mundo se sente um pouquinho como se fosse um resgate às coisas antigas, de se sentir bem. Sabe, aquela coisa, a praça? A praça, o bairro, as ruas que não são circulação?*”. Para seus moradores, estas ruas sem circulação reforçam o sentimento de pertencimento e apropriação espacial. Alguns se referiram à “sua” rua, nestas condições, como um “beco”⁷³.

⁷² A rua Regente está localizada, parcialmente, no bairro Bela Vista. O Clube Leopoldina Juvenil e as ruas Félix da Cunha e Tobias da Silva pertencem ao bairro Moinhos de Vento. O colégio Bom Conselho está localizado no bairro Independência. Estes dois últimos bairros são relacionados às classes médias altas e altas.

⁷³ O “beco” aparece como referência identitária forte também para moradores de vilas de posseiros, aparecendo como um espaço semi-privado e controlado, conforme Salvatori (1993), em monografia sobre a Vila Planetário, (continua na próxima página)...

Mas radicalizar no estabelecimento de territorialidades exclusivas pode ser apontado como fator empobrecedor na experiência de vida:

Beatriz - *E eu me lembro, uma vez eu ouvi comentários, lá no Clube Inglês, de pessoas que criavam seus filhos aqui nesta zona, filhos de pessoas de mais posse e, assim, comentando que - “Deus o livre que os filhos saíssem!” (Por) que os filhos eram criados naquela “redoma”, né? Saíam de casa, largavam os filhos lá dentro (do Clube), iam com o motorista. Passavam o dia lá dentro. Então, quando uma criança tinha que ir ao Centro, era um horror. O protótipo do inferno, o Centro! Para mim, que tinha sido criada no Centro, que desde pequena eu aprendi a sair nas ruas... Uma coisa importante era como que eu ia voltar para casa sozinha, então, estas coisas para mim eram superestranhas, né? Uma das coisas que meus pais nos ensinavam: eles nos largavam no Centro e a gente tinha que ir para casa! Saber onde que estava indo. Então eu achava muito estranho aquilo e... Sei lá, deve ser outra maneira, outro tipo de sociedade, outro tipo de vida, de gente.*

A figura da redoma reporta à fixação de um perímetro de segurança elevado ao máximo grau, que procura excluir as relações não controláveis, justamente as estabelecidas em espaços públicos, na visão do imprevisível como potencialmente perigoso. Esta tendência seria empobrecedora, pois diminui, drasticamente, a experiência urbana. O controle do espaço cria uma situação ambígua e circular: quanto maior, menos integração social efetiva; menos habilitação para os indivíduos movimentarem-se com mais liberdade e segurança no ambiente, manejarem com as situações novas, controlarem as interações. *“Deve ser outro tipo de sociedade”*: uma fração social que se constitui à parte, cujo território social descola-se de bases puramente físicas e, assim sendo, permanecendo mais “invisível” ou menos vulnerável. Este não é um fato novo: Darnton (1986), referindo-se aos enfrentamentos simbólicos entre os segmentos sociais da antiga Paris, já demonstra que o senso de perigo pode ser, simplesmente, derivado do hiato cultural existente entre classes sociais, hiato cujo auto enclausuramento das classes mais altas só faz aumentar.

em Porto Alegre. Este vocábulo era utilizado mesmo depois da Vila ter sido urbanizada e reestruturada, acabando (continua na próxima página)...

A homogeneidade sócio-econômica, configurada na homogeneidade edilícia que é reportada às áreas mais recentes, apontada por alguns moradores como um indicador de segurança, pode ser percebido, por outros, como um fator que também empobrece o fato urbano, ao eliminar a sua diversidade característica. Inês, que é carioca, reclama:

Inês - Como o bairro é novo, só foi construído residências. Não tem aquela sobra de edifício, aquele bequinho onde se pode abrir uma quitanda. Então, eles não dão espaço para construir isso. Eu sugeriria, como agora é moda, se vê muito disso, (...) espécie de banca de jornais e revistas que vende outras coisas também, de primeira necessidade. (...) Não tem nada que você possa dizer - "Bom, vou descer e comprar alguma coisa!". (...) Coisas para serem construídas, assim, numa calçada larga...

Rejane, moradora de um prédio relativamente novo, mas localizado na parte mais antiga do bairro, celebra, justamente, a diversidade que ela pode encontrar no local:

Rejane - É um lugar muito agradável de morar, o Bela Vista. É um bairro elitizado e, ao mesmo tempo, não é fechado. Tem boteco, tem armazém, tem restaurante, tem farmácia, tem shopping, tem supermercado, tem tudo. Ao mesmo tempo. (...) É difícil acontecer. Ou um bairro é muito nobre e não tem nada, é muito bom para quem tem chofer, para quem tem duzentos empregados. Ou é um bairro com tudo misturado, que eu também não gosto. Ele não é nem uma coisa, nem outra.

O fato de o comércio da parte nova do bairro estar relativamente concentrado foi sentido, por um dos moradores, num primeiro momento, como antiurbano, pois antes morava no bairro Menino Deus, que é um “bairro mais sedimentado”, de população densa e onde proliferam serviços. Antes, ele “resolvia” a sua vida em uma quadra, bastava sair do prédio. Depois, já no bairro Bela Vista, tudo parecia mais difícil, mas, aos poucos, ele percebeu que graças a isto ele precisou “expandir-se”, como diz, na procura desses serviços, for-

mulando uma imagem do conjunto do bairro. Uma área urbana servida com mais abundância torna o território pessoal mais contraído, fisicamente mais reduzido, podendo contribuir para a percepção fragmentada da totalidade.

Os relatos de vivências propriamente espaciais acaba por sugerir diferentes configurações para o desenvolvimento de uma apropriação do espaço vivenciado quotidianamente, o que podemos chamar territorialidade. A apropriação espacial implicaria no desenho de um universo imediatamente acessível e conhecido, guia para os deslocamentos físicos controlados e para as interações necessárias. A configuração deste território desenha uma particular cosmologia centrada nos espaços domésticos, ou apropriados como tal na vida quotidiana, e pode ser mais, ou menos, restrito, de acordo com a seletividade individual. Esta pode operar reduções que visam simplificar as rotinas, dentro de objetivos de eficácia. Pode, ainda, desconsiderar certas “escalas” de relação social, selecionando as realidades que considera dignas, ou seguras, de serem vividas.

É interessante observar que muitos dos entrevistados, porém, permitiram-se interações em ambientes estrangeiros que jamais teriam ocorrido aqui, da mesma maneira como se permitiram interações em ambientes sociais de menores exigências ou possibilidades de representação. A seletividade pode ser relacionada à etapa específica da vida do indivíduo que, de acordo com os resultados deste estudo, parece tender para uma dissociação cada vez maior à medida que ascende na escala social. Mas pode ser, ainda, ligada à existência de certas prescrições de classe que atuam como reguladoras das relações quotidianas, prescrições estas que estão limitadas aos espaços sociais de pertencimento.

Entre os indivíduos que tiveram experiências nesse sentido, o caso de Elaine é exemplar. Ela teve a oportunidade de viajar para a Inglaterra, ainda mocinha, com uma bolsa de estudos. Mais tarde, em razão de fazer cursos de especialização, viveu um período na Europa e, alguns anos depois, já com o segundo marido, passou outro período no Canadá. Ela falou de muitas experiências “estranhas”, sobre a “fauna” de Londres e de Barcelona, e dos vizinhos de casa, no Canadá. Quando eu lhe perguntei sobre experiências semelhantes no Brasil, ela me disse que aqui mantinha mais controle sobre seu meio ambiente. Mas, quando

morara num apartamento muito pequeno, na rua Felipe de Oliveira, viu-se obrigada a esconder o amante da vizinha, num dia que o marido desta chegou mais cedo. E no prédio onde mora hoje, nada “estranho” aconteceu? *“Aqui? Aqui não! Este edifício não é o tipo de edifício para acontecer uma coisa assim estranha! (Ri). Todo o mundo superestável, eu acho, seria difícil. (...) Este tipo assim, de ter um casal ‘gay’, ou um casal que bebe e depois briga (ri), não! Eu acho que, aqui, as pessoas têm uma vida muito mais regrada. (...). E não é só o apartamento (deste padrão), acontece de ter pessoas de vida mais estável”.*

Alguns entrevistados relatam viagens e translados de média e longa duração como processos de desmapeamento temporário, cujas conseqüências foram desde aumento de peso corporal (efeito mais ou menos comum), ou a descrição de exposição a situações de real perigo, até a necessidade de obter ajuda psicoterápica, na volta. Não é raro que os sujeitos tenham enfrentado, principalmente em viagens de estudo subvencionadas por bolsas de estudo apenas suficientes, um rebaixamento nos padrões alimentares ou de higiene. Por outro lado, pode ter havido a sensação de não estar vivendo em um “mundo real”. Numa das narrativas de viagem, o sujeito referiu-se, várias vezes, às situações e ambientes experimentados como “colagens” - *“Parecia uma colagem, aquilo! Eu não me dava conta de que aquilo estava acontecendo mesmo”.* A colagem talvez seja a única forma de compor em unidade a fragmentação, o desmapeamento a que pode levar uma viagem na qual se toma contato com culturas - ou sistemas simbólicos - muito diferentes.

Estes períodos podem constituir, mesmo, experiências totalizadoras, como para Elaine, que necessitou fazer psicanálise na volta da sua primeira longa viagem de estudos para o exterior; para Dulce e Ricardo, cada um com sua família, que sentiram a solidificação definitiva da entidade familiar numa viagem de curta duração com os respectivos cônjuges e filhos; para Renata e Inácio, que experienciaram a grandeza e a fragilidade humanas, nas experiências contrastantes entre o interior do Espírito Santo e a Europa urbana, sem escalas; para Hugo e Gema, que viveram uma experiência relacional plena em Brasília, nos seus tempos pioneiros; e ainda para Israel que, em Brasília mesmo, decidiu mudar as orientações

ideológicas de sua vida, abandonando o desprendimento “*cristão-socialista*” e adotando posturas mais egoísticas.

Talvez por saber dos perigos embutidos numa experiência desse tipo, já que é um dos vetores de socialização corriqueiramente empregados no universo, é que as viagens são situações geralmente bastante controladas, principalmente no caso de viagens oferecidas pelos pais aos filhos. Júlio, ciente destes riscos, sequer abriu possibilidades para um curso de especialização profissional na Europa:

Júlio - Eu sou muito ligado às pessoas. Seguramente nós teríamos a possibilidade de fazer uma especialização, um mestrado, um doutorado. Mas nem eu nem a (mulher) iríamos justamente por isso: é muito tempo para ficar longe dos amigos! Eu adoro viajar! A gente não viaja mais por questões estritamente de ordem econômica (ri), mas quatro anos eu acho que seria muito tempo! (...) ...houve uma época em que nós chegamos a pensar, no tempo da Faculdade, em ir para o exterior, mas nós não estávamos bem decididos sobre que área nós iríamos. (...) Para a (mulher) ia ficar bem, principalmente ir para a Inglaterra, mas, felizmente eu decidi por (...). (Ri). Eu acho que seria bom, mas eu sou muito apegado com amigos. Eu nunca passei por isso, mas a impressão que eu tenho é que seria mais sofrimento que benefício.

Se os longos períodos de separação em relação ao seu grupo de pertencimento não aparecem como desejáveis ou cem por cento seguros, as viagens internacionais de curta duração podem ser uma rotina, para este universo, em grupos financeiramente melhor posicionados. Estas viagens se dão, principalmente, para os Estados Unidos, viagens cujos objetivos podem ser culturais, profissionais ou de consumo e lazer. Existem, ainda, certas “modas” promovidas pela indústria do turismo que acabam por tornar mais baratas as viagens para o exterior (New York, Cancun, Miami e outras modas recentes) que o turismo em território nacional.

Além do preço relativo, a procura por viagens e férias no exterior parece obedecer a outra disposição: a possibilidade de vivenciar realidades nas quais as diferenças sociais não

são tão acentuadas, como no Brasil. Como diz Gisela: *“Infelizmente, no Brasil, a ‘coisa’ está muito ruim para quem tem dinheiro!”*. Ela, que nunca deixa os filhos saírem sozinhos, aqui, passa suas férias em Miami, onde tem uma sensação de segurança muito maior - e onde a família mantém alguns negócios. Existe, então, um sentimento de que a diferença que dota seus moradores de prestígio social, por um lado almejada e fomentada, aumenta, também, as chances de sofrerem as mais diversas agressões neste contexto de desigualdade. Uma solução para este problema é traçar um território o mais controlável possível, como vimos selecionando as partes da realidade local a serem vividas. Outra é expandi-lo para além destas fronteiras, sem escalas, na procura e na possibilidade de integrar-se em níveis de realidade e em grupos sociais internacionais que realizem como regra um ideal de vida, lazer e consumo que aqui é excepcional.

6. O Espaço Doméstico

6.1. A necessária propriedade

Os imóveis que serviam de moradia para indivíduos/grupos domésticos pesquisados no bairro Bela Vista, eram quase todos próprios, com exceção de dois. Destes, um era alugado e o outro era cedido por uma das famílias de origem, enquanto o casal aguardava a conclusão da construção do seu, o apartamento antigo tendo sido vendido como parte do negócio. A aquisição da moradia parece ser, portanto, essencial a este grupo e coincide, em dois terços dos casos, com o casamento. Menos de um quarto do total de entrevistados precisou colocar o antigo imóvel no negócio que culminou com a compra da atual moradia, mostrando o aumento do poder aquisitivo e o crescimento econômico ao longo do tempo. Não é raro, ainda, que no início do casamento o jovem casal vá morar, temporariamente, em imó-

vel de propriedade de uma das famílias de origem, iniciando um processo de acumulação financeira que permita a aquisição de uma moradia dentro de médio prazo.

Três mudaram-se diretamente para o bairro logo que casaram, sendo dois há mais de dez anos atrás e um há seis, isto é, antes do bairro entrar na moda e os imóveis sofrerem uma supervalorização. Todos os demais passaram os estágios iniciais do casamento em outros bairros, geralmente vizinhos. A mudança para o Bela Vista foi propiciada, na metade dos casos, pela ascensão profissional de um ou ambos os parceiros. Para seis pesquisados, esta aquisição coincidiu com a procura de melhores espaços para a criação de filhos. Outros seis, moradores antigos, conseguiram financiar seu imóvel ainda pelo extinto BNH, enquanto dois receberam seus imóveis como permuta com construtores, mais recentemente.

Muitos dos entrevistados fazem investimentos em bens imóveis, construindo as bases econômicas do grupo, mas a necessidade de ter um imóvel próprio para moradia, além de aferir os progressos profissionais e financeiros, é explicada em relação às necessidades de individualizar, ao máximo, este espaço. E, em nenhum caso, o imóvel adquirido já era usado, o que se explicaria pelo pouco tempo de existência de grande parte dos prédios do bairro, se não fosse a constatação de que a maioria das antigas moradias também foram constituídas de imóveis novos. Alguns relatos coincidem ao considerar as vantagens do atual apartamento: *“É meu e é novo!”*.

Eunice - O primeiro apartamento que a gente morou era nosso, hoje está alugado. Era um apartamento de dois quartos, que nós transformamos em quarto e gabinete. Aí, nasceu a (filha) e o gabinete virou quarto. Era uma salinha pequeninha, um banheirinho pequeninho, a guria não tinha espaço para engatinhar. Bom, só tinha uma saída: alugar um apartamento. E assim nós fizemos. A gente tentou dar uma arrumada, fazer algum móvel, mas era tudo provisório. Apartamento alugado não tem como não ser provisório, tu não deseja morar toda a tua vida num apartamento alugado. (...) A gente vinha fazendo uma poupança, porque morar em apartamento alugado não te dá nenhuma tesão de arrumar nada, né?

Subjacente ao desejo de possuir um imóvel próprio parece estar a necessidade de fixar uma base espaço-territorial, que pode significar a conquista da estabilidade social e econômica ou a chegada a determinado patamar. No universo estudado, porém, esta gregariedade é histórica: a maioria dos entrevistados morou em poucas casas ao longo de sua vida. Ou seja, viveu realidades objetivas estabilizadas por longos períodos no decorrer de sua existência e teve, por isto, a oportunidade de construir significados afetivos relacionados à moradia e aos lugares cotidianos, processo apontado por Noschis (1984). Segundo seus estudos, o peculiar sentimento desenvolvido em relação à moradia acaba por se estender à rua, ao bairro, aos lugares que definem seu habitat. O apego ao lugar poderia mediar a construção da vizinhança, mais que as relações objetivas travadas.

O relato padrão aponta para a existência de uma casa/apartamento na infância e a mudança, quando adolescentes, para uma casa/apartamento de melhor padrão, possível pelo progresso profissional do pai, onde os sujeitos residiram até o casamento. Pode ter ocorrido mais uma residência, no máximo, em etapas mais remotas da infância, para o quê muitas vezes concorreu a mudança de cidade. Os relatos da sucessão de muitas moradias são poucos, ligados a processos de ascensão mais acentuados.

A gregariedade territorial é apontada como um fator identitário, a cada mudança podendo ocorrer um desmapeamento temporário. Para Clarice, certos elementos são irrecuperáveis e diretamente relacionados ao local onde se processou a socialização primária:

Clarice - Como eu morei no Bom Fim - depois que a gente casou é que eu “subi”, como eu digo, para a Independência⁷⁴ - tu não tem mais aquela “coisa” de sair na rua, de... Eu nem sei quem mora no edifício do lado! Eu acho que se perdeu muito isso.

P - Quando veio para cá?

⁷⁴ A avenida Independência localiza-se em uma linha divisória de águas, ou seja, em uma área alta, a partir do Centro da cidade. Ela foi tradicionalmente ocupada por famílias abastadas, sendo uma rua da cidade identificada com classes altas, cuja memória está cristalizada em diversos palacetes tombados pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Outros entrevistados utilizaram-se do termo “subir” para o fato de ter ido morar nesta avenida, o que pode ser tomado, ainda, como metáfora da ascensão de classe que acompanhou esta mudança.

Clarice - *É. Eu não sei se tu nasceste num lugar e já faz... Porque eu saio no Bom Fim até hoje e cumprimento todas as senhoras, e aqui não acontece isso. Eu acho que é sinal dos tempos, o tipo de vida que se leva. Porque a gente não fica mais na rua, né? Tu não põe a cara, a cadeira na calçada... (...) Mas é uma pena, porque eu vim de um edifício que tu podia entrar em todos os apartamentos, te “dava” com todo o mundo. Tu queria uma xícara de arroz, tu ia num, tu queria um ovo, tu ia no outro. Mas, eu me dou conta: a gente não fica em casa, os horários não combinam. (...) Mas é óbvio que é uma “nostálgica” minha! Porque quando eu vou no Bom Fim - “Bah, que bom!”, mas eu vou uma vez a cada seis meses! (...) Provavelmente meus filhos vão cultivar bem mais isso, de conhecer pessoas do próprio bairro.*

A propriedade e a apropriação espacial podem representar um território social, o que é verificável pela relutância de diversos moradores em mudar para bairros considerados menos “nobres”, mas, paradoxalmente, na medida em que sobe a qualificação aumenta a distância social propiciada pela situação de maior autonomia efetiva. Clarice veio do Bom Fim, bairro tradicional e antigo na cidade de Porto Alegre, e contabiliza rupturas das socialidades quotidianas em função da sua menor disponibilidade efetiva e, também, pelos hábitos de distanciamento de uma classe social mais individualizada. Outros moradores provenientes de bairros próximos, bairros já identificados como localidades de classes sociais mais altas, não fazem menção a esse tipo de perda. A localização espacial, nestes casos, corresponde mais às determinações de classe: *“É um bairro muito privilegiado, de um bom nível. Principalmente por isso: é de bom nível e, ao mesmo tempo, tu és atendido em tudo. Compras, eu vou pro shopping Iguatemi, e as melhores boutiques estão todas aqui no Moínhos (de Vento), que é onde eu gosto de comprar. Então, minha vida fica num raio. Acho ótimo não ter de sair. (...). Se um médico atende no Centro, eu já não vou. Nem sei mais que cara tem o Centro”.*

Ao se tratar das questões de propriedade e apropriação espacial peculiares ao universo, aparece outra recorrência, relativa às possibilidades de expansão que a moradia propicia. Adquirir um imóvel residencial que pode ser mais adequado às necessidades dos indi-

víduos do grupo doméstico representa um progresso em direção à realização das individualidades. Esse imóvel ser próprio significa, ainda, poder ser manipulado de modo a adequar-se com mais exatidão. Ou seja, pode ser um importante fator de expansão das individualidades. Numa casa que é projetada espacialmente para um determinado grupo, com determinadas necessidades, este é um fato que pode ser levado até as últimas consequências no projeto, como expressa Rômulo, que é arquiteto:

Rômulo - Isso era uma coisa que eu queria, independente até da localização da casa: que ela pudesse permitir a expansão das capacidades, das atividades nossas. (...) A limitação do espaço de vida constrange alguns tipos de desenvolvimento. (...) (O projeto foi bem trabalhado) para permitir a cada um ter um espaço (próprio, além do quarto de dormir). A (filha) tem um, o (filho) tem outro, eu tenho para poder pintar, a (mulher) para poder escrever. Tudo dentro de uma “máquina de viver”⁷⁵, de forma que a gente pudesse se desenvolver ali. (...) Ela está toda desenhada para dentro...

A expansão das individualidades num apartamento, porém, é mais limitada, sendo bastante valorizada a possibilidade de intervenção pessoal no espaço, como o fechamento de uma sacada para ampliação da sala. As modificações são viáveis, às vezes, quando o apartamento está em construção. Alguns entrevistados referem-se a esta possibilidade como um privilégio que dotou a moradia de características definitivas ou, pelo menos, suficientes para a satisfação das necessidades do grupo por muito tempo: *“Foi uma grande vantagem, se fez todas as modificações que se queria na própria obra. Quando a gente mudou, já era um apartamento mais definitivo, mais a longo prazo”*. Ocorrem no bairro, também, possibilidades abertas pela própria topografia que provoca a existência de apartamentos localizados no segundo pavimento possuidores de pátios, com certa frequência. Esses pátios podem ter piscinas e permitir a expansão horizontal da área do apartamento, com a construção de salas, banheiros, churrasqueiras, à medida que as necessidades forem sendo criadas. A expansão,

⁷⁵ Rômulo refere-se a um dos postulados do movimento modernista na Arquitetura.

neste caso, é literal, e geralmente realizada após a obtenção da vistoria da obra pela Prefeitura Municipal. Além disso, podem ser ocupadas áreas do condomínio, como os corredores, na criação ou prolongamento de vestíbulos.

Eunice - Como tava no final da construção o (marido) falou com o construtor, e ele fez todo um encanamento para fazer um lavabo aqui, (por) que não tem lavabo no apartamento. (...) Isso é tudo que eu sinto falta, porque, hoje, eu expandi quase tudo. A minha entrada também é um prolongamento. (...) Então, a gente fez um hall de entrada que é parte do edifício. O construtor “mexeu” conosco - “só não peguem o elevador só pra vocês!”. (...) Esta sala aqui (mostra a saleta da TV) fazia parte do pátio, a sala na verdade acabava aqui (mostra). Nós ampliamos para todos os lados que deu! O (marido) diz que a sacada, qualquer hora, vai fazer um concreto e oferecer para os vizinhos pra cobrir a garagem deles! (Ri). E ampliar a churrasqueira, pra dentro do terreno deles! (...) O lavabo é o próximo passo. Não sei se, num outro prédio, eu teria todas as vantagens que eu tive aqui!

A expansão, para Eunice e outros, além das evidentes vantagens espaciais e funcionais também amplia a área de competência doméstica, imprimindo uma marca pessoal ao ambiente contíguo. Alguns, mesmo sem delimitarem a posse através de barreiras físicas como portas e grades, apropriam-se das áreas condominiais, simplesmente ao afixar um quadro, colocar algum móvel ou objeto no corredor do seu pavimento, como é freqüente. O espaço condominial anexo ao apartamento transforma-se num espaço de transição de características mais individualizadas.

A possibilidade de intervenção ou construção do espaço pessoal adquire, muitas vezes, um aspecto lúdico, sendo tematizada e relatada como divertida e emocionante. As descrições dessas intervenções são minuciosas e feitas com evidente prazer. Mais de um entrevistado mostrou-me fotos das diferentes etapas das obras da moradia de lazer, que um deles organizou em um pequeno álbum. Alguns se esforçam por adquirir capital cultural desenvolvendo seu sentido estético em busca de compor ambientes harmônicos e equilibrados, orgulhando-se, por exemplo, de ter se responsabilizado pela disposição das obras de arte e

objetos decorativos pessoalmente. Mas muito poucos entrevistados aventuraram-se a realizar alguma intervenção sem a assistência de um profissional especialista, geralmente arquitetos, que foram utilizados na maioria dos casos. Existe uma grande preocupação em fazer correto, e mais que isto, bonito. Alguns relatam a preocupação com o detalhe, confessando não ter boa noção do conjunto, por isto utilizam os serviços profissionais de arquitetos para o projeto do arranjo, e reservam-se a tarefa de adquirir peças menores e objetos decorativos.

Antônia - Fim-de-semana a gente passa muito em Gramado. O estilo (da casa) é o mesmo, até porque eu levei muita coisa daqui, a decoração da casa quem fez fui eu. Eu tenho um arquiteto que me ajuda em termos de espaço, móveis dentro de casa, que tipo de coisa usar. Porque, quando ele faz um projeto, eu não entendo! Eu pego aquela folha e se ela está do lado certo, eu não sei localizar. (...) Então o (arquiteto) dá risada, mas já sabe, porque está há doze anos comigo. (...) Aí, nós vimos juntos o sofá. Mas a mesinha, e outras coisas que eu tenho ali, (...) eu vou comprando. Essas coisas eu vou comprando sozinha porque eu gosto muito de decoração. Eu só não entendo de espaço, prum sofá, por exemplo. Eu não sou audaciosa para ir comprar um sofá sozinha, por não saber se vai ficar legal. Agora, uma mesinha é mais descomprometida.

Os fatores locacionais valorizados para a aquisição de um imóvel estão ligados às disposições de classe, inicialmente, havendo indícios de que pode ocorrer a alocação de espaços, dentro da cidade, segundo categorias sócio-profissionais. Eugênia, psicóloga, confirma que existem muitos colegas seus morando no bairro e, ainda, que existiriam duas áreas preferenciais para a localização de seus consultórios.

Eugênia - Não sei se é uma coisa da minha área, mas tem muito psicólogo morando aqui. Muitos. (...) O ponto nobre de consultório em Porto Alegre é onde eu estou.

P - Mas tem muita gente com consultório aqui, né?

Eugênia - Na (avenida) Taquara.

P - Tem vários prédios...

Eugênia - *Tem dois núcleos de consultórios centralizados: a (rua) Tobias da Silva (no bairro Moinhos de Vento) e a (avenida) Taquara, aqui em Petrópolis.*

P - *E os psicólogos moram no meio! Por que tu achas que é isto?*

Eugênia - *Ficam no meio! Não sei te dizer o quê é. Alguém deve ter começado. É assim: constrói um prédio, junta alguns colegas... Porque na minha profissão tem muito disso, todo o mundo se conversa. “Quem sabe, compramos nós todos?”. E aí começa a formar um grupo desse tipo de profissionais. Têm alguns no centro, mas, em geral, são profissionais antigos.*

Além disso, as questões funcionais, isto é, as rotinas quotidianas são levadas em conta, principalmente determinando que o local da moradia seja próximo do local de trabalho da mulher, que geralmente se desloca um maior número de vezes em função de responsabilizar-se pelo cumprimento da agenda socializante dos filhos e administração da moradia. O fato de ser um local valorizado socialmente também conta muito, já que o investimento não irá sofrer depreciação monetária. E esta é uma motivação bastante forte para que a individualização dos espaços privados da moradia não seja realizada de formas radicais demais, que esteja conformado dentro de uma média cultural para não tornar o imóvel invendável. O imóvel é a moradia, mas, ainda, um investimento patrimonial que não pode sofrer desvalorizações. Ou seja, que o seu valor de uso não suplante o seu valor de troca, constituindo um capital que pode ser mobilizado a qualquer tempo. A maioria dos melhoramentos leva em conta esta hipótese, mesmo que seja remota. Uma pesquisada chegou a pensar em comprar o apartamento de cima, transformando o seu apartamento num “duplex”, o que satisfaria as necessidades crescentes de sua família, mas avaliando a situação, decidiu por adquirir um outro imóvel. Ela considerou que estaria construindo um superapartamento que, na hora da venda, não pagaria o investimento, uma vez que o prédio era antigo, não oferecendo “grandes coisas” em áreas condominiais nem se conformando ao padrão estético dos demais prédios do bairro.

6.2. Casa & Apartamento: individualismo e coletivização

Quatro dos grupos pesquisados moravam em casas, o que forneceu material para análises comparativas, principalmente considerando que o binômio casa *versus* apartamento suporta representações várias, e é utilizado por diversos entrevistados para estabelecer comparações com situações passadas e/ou futuras. Destes quatro grupos moradores de casas, três não as deixariam, com certeza. Dentre os demais, dois estão aguardando a conclusão da casa para se mudarem. Aliás, mais dois destes grupos já decidiram que vão mudar para casas, estão apenas aguardando a melhor oportunidade. E a decisão de mudar para uma casa está em processo de discussão em mais três grupos. Em todos estes sete casos de mudança de apartamento para casa, mesmo que hipotéticas, com exceção de um, a opção pela mudança para uma casa é da mulher, que aparece na maioria dos casos como a estrategista da moradia. É interessante frisar que todas estas futuras casas estão ou estariam localizadas em condomínios horizontais. Um só dos maridos (que polemiza com a esposa) desejaria mudar-se para o sítio que eles já possuem.

Dentre os apartamentos, cerca de um terço são apartamentos de cobertura ou possuem pátios de bom tamanho, com área livre e, até, piscina. Os apartamentos mais novos são providos, todos, de uma sacada com churrasqueira, mesmo atendo-se a um programa mínimo, se forem um “três quartos compacto”. Assim é chamado pelos construtores o apartamento que não oferece áreas suplementares como gabinete, sala de televisão ou um outro ambiente na sala, ou, ainda, lavabo. Para Ricardo, profissional da construção civil, a sacada com churrasqueira aparece como “um bom argumento de vendas”, e, mais do que isto, ele se surpreende ao ver que as pessoas abrem mão de salas maiores por uma sacada de bom tamanho (assim como suportam quartos mínimos pelo banheiro exclusivo para o casal, mesmo muito pequeno). Mas não se pode pensar construir apartamentos no Bela Vista sem dependência de empregada, e, pelo menos, dois box de garagem. Ele reconhece, também,

que venderá apartamentos de qualquer tamanho ali, mas nas entrelinhas de sua entrevista é possível deduzir a existência de um acordo tácito entre incorporadores, preocupados em manter o alto padrão da clientela, não desvalorizando o bairro precocemente. Por outro lado, considerando objetivamente a questão de custos, pode-se dizer que apartamentos de três e quatro quartos (Bela Vista é dos poucos bairros onde se encontra apartamentos com quatro quartos, novos, para vender) são, proporcionalmente, mais baratos para construir - ou seja, proporcionariam maior retorno aos investimentos.

Há bastante diferença entre os apartamentos dos entrevistados, podendo ser identificados três grandes grupos. O primeiro seria composto pelos apartamentos de dois quartos, que são minoria, em torno de dez por cento do total. O grupo mais numeroso é o dos apartamentos de três quartos, ocorrendo poucos apartamentos de quatro quartos. Mas o número de quartos deve ser uma informação utilizada com cuidado: mesmo grupos domésticos menores optam por apartamentos de três quartos que lhes proporcionarão ambientes extras, que podem ser utilizados como sala de TV, como quarto de hóspedes ou gabinete de estudo ou trabalho. Apartamentos de dois quartos poderão ter áreas generosas como uma sacada relativamente grande, com churrasqueira, e uma sala com dois ambientes. E há muita diferença entre um apartamento de três quartos, ocupado por uma família de quatro indivíduos, o casal e seus filhos, e um apartamento de três quartos, para os mesmos quatro indivíduos, com sanitários próprios, ou seja, três “suítes”, acrescido de áreas de convivência como o “estar íntimo”, gabinete de trabalho, área coberta para churrasqueira, terraço e piscina. A tendência, para o universo estudado, é para a ocorrência de espaços suplementares, relacionados, em primeiro lugar, com o lazer privativo e, em segundo, com a existência de locais de trabalho e estudo, para o casal ou seus filhos.

As ampliações promovidas nas moradias atuais, ou qualidades buscadas na nova moradia, estão relacionadas com o aumento da área chamada “social”, aquela composta pelas peças de recepção, estruturadas ao redor da sala de estar, de um, dois ou três ambientes, que podem incluir, ainda, sala de jantar, vestíbulo e lavabo. A sacada com churrasqueira, quando existe, geralmente está relacionada com esta área “social”. As ampliações, em segundo

lugar, procuram criar áreas de convivência quotidiana, como salas de TV e brinquedos, também chamadas “estar íntimo” ou “quarto da bagunça”, de maneira a preservar, um pouco mais, as áreas de recepção existentes.

Aparecem como características locais a existência de sacadas com churrasqueiras, ligadas a um hábito alimentar regional tradicional que ressurge com vigor entre as populações urbanas, assumindo um importante papel na sociabilidade quotidiana. A presença de espaços abertos como as sacadas atenua, ainda, a dicotomia entre espaço artificial/fechado e espaço natural/aberto, através da criação artificial de “solo”, o pátio elevado horizontalizando a expansão de espaços confinados verticalmente. Alguns entrevistados disseram se sentir “muito fechados” ou “enclausurados” no apartamento, sem a sacada que restabeleceria um equilíbrio. A sacada ou o terraço, assim, representaria a parte “natural” da moradia, ligada a atividades mais relacionadas ao espaço aberto, consideradas impróprias de desenvolver em ambiente fechado. Fazer churrasco, na descrição de Ricardo, significa produzir fumaça, deixar a gordura pingar no chão, reunir gente, o que invoca uma faceta de descontrolo, simbolicamente não compatível como ambiente fechado, doméstico. Simbolicamente, ainda, fazer churrasco é uma atividade predominantemente de competência masculina.

Nas moradias ocorre, como regra, a existência de instalações sanitárias exclusivas para o casal, ligada ao seu quarto de dormir. Uma das aspirações expressas diz respeito à possibilidade de ter um sanitário para cada quarto, constituindo esse, então, um local mais autónomo. O progresso seria medido, portanto, pela possibilidade de privatizar maiores e mais diversificadas porções de espaço dentro da moradia comum⁷⁶.

Gláucia - O que a gente queria priorizar, inclusive, era a área íntima. Como eu tenho duas filhas mulher, queria que cada uma tivesse o seu banheiro. Era importante que os quartos tivessem um tamanho bom, para acomodar um armário bom para menina. Um armário de menino é bem mais reduzido, não tem comprimentos e coisas de roupa. Porque elas iam passar aqui, pelo menos, mais

dez anos, talvez quinze. Elas cresceriam aqui. (...) Quarto com banheiro - todos. Eu acho que isso é um luxo muito interessante (sorri). Passa a ser uma necessidade, à medida que tu aprende a ter isso. (...) A gente tentou pensar, dentro do que podia ser construído no terreno, quais eram as necessidades da gente, os desejos da gente, uma vez que o terreno permitia que a gente tivesse o que quisesse, e mais alguma coisa. (...) E a gente foi “botando” em cima do projeto, assim - “olha, tá sobrando metragem, não tem porque não construir”.⁷⁷ (...) Meu marido queria uma área onde ele pudesse tomar sol, que ele tivesse a piscina dele, de uso da família, independente. Então, isso a gente já sabia que ia ter lá em cima. (...) Quando a gente muda para uma coisa melhor, tu não chega a ter muito claro essas alterações. Depois que eu estava morando aqui uma semana, parecia que eu tinha morado a vida toda, até porque a gente vivenciou muito esta obra. (...) Então, alterou para melhor, sem dúvida nenhuma. Mais conforto, mais individualidade para cada um de nós. E, ao mesmo tempo, mais integração, porque a gente passou a ter uma sala de televisão, um estar íntimo, como eu chamo. Cada um que chega passa ali, a gente conversa e tal, e depois... as gurias vão para o quarto, realmente, na hora de dormir. Elas pouco brincam no quarto. O estar íntimo é a peça mais usada da casa, sem dúvida, peça importante para o funcionamento da gente dentro de casa. E também porque ela é central, né? (...) Outra coisa era um desejo meu de ter uma área aberta para secar roupa. (...) Ela é em duas partes, o tanque é fechado, mas se eu quiser estendo a roupa na rua, no sol.

As áreas de serviço designam as destinadas à transformação dos alimentos em sua forma consumível, à transformação da roupa suja em limpa e à acomodação do empregado doméstico, em grande parte responsável por este trabalho. Historicamente, estas áreas foram localizadas fora do corpo principal das casas, não se encontrando vestígios de cozinhas em muitos exemplares das casas coloniais brasileiras. Num apartamento atual, as áreas “nobres” da moradia e as áreas menos “nobres” dos serviços, ligadas às tradicionais operações femininas e subalternas de transformação da natureza, aparecem intermediadas pelas áreas de serviço, resquício de um pátio oculto dos olhares. Estas áreas, geralmente, ocupam as facha-

⁷⁶ No bairro Moinhos de Vento o Censo do IBGE de 1991 apontou para a existência de 1,08 habitante por banheiro, enquanto que no Bela Vista a proporção é de 1,33. Maiores detalhes, ver o Anexo.

⁷⁷ Gláucia se refere ao fato de terem trocado o terreno por área construída no mesmo local, e esta área ter sido, inicialmente, superior às necessidades projetadas.

das menos valorizadas, sem vista, ou escuras, não sendo muito confortáveis funcionalmente, muitas vezes sendo pequenas demais. Em comparação com seus apartamentos antigos, porém, as atuais áreas de serviço (com exceção dos apartamentos de dois quartos) parecem melhores às mulheres, embora ainda não sejam as ideais como para Gláucia. Preocupadas com a eficiência do serviço doméstico, do qual depende, também, a sua própria autonomia individual, a grande maioria delas preocupa-se em proporcionar melhores condições de trabalho à empregada doméstica, através do arranjo do mobiliário e equipamento e, no caso de ter empregada que mora, com o conforto desta, cujo quarto receberá móveis sob medida, cortinas, ventilador, televisão.

Adélia - A minha empregada está comigo há vinte e dois anos. Lá, o apartamento era muito mais espaçoso, tinha um gabinete grande para o meu marido, duas salas conjugadas que faziam oito metros de comprimento, tinha copa, três quartos muito bons. Mas aquelas coisa de antigamente, um banheiro só, dependência de empregada pequeníssima, cozinha pequena e não tinha garagem. (...) Aqui, eu tenho comodidade. A cozinha é grande, a dependência de empregada é muito boa, é direita. O banheirinho dela é decente. Uma pessoa que mora com a gente há anos, num quartinho exíguo?! Esta parte de serviço melhorou muito.

Um outro problema relatado com relação aos apartamentos diz respeito ao pouco espaço para a acumulação. Muitas vezes ouvi que *“o problema deste apartamento é armário!”* ou *“tenho muito pouco armário aqui!”*. O fato de um prédio poder dispor de espaços para depósito individuais, para guardar objetos tais como bicicletas, malas, móveis, passa a ser encarado como uma grande vantagem. Mas a tendência a acumular objetos para a casa e, principalmente roupas, parece ser mais freqüente entre as mulheres. Uma delas me mostrou que *“invadiu”* os armários dos filhos dizendo: *“eu tenho um pouco de coisa em cada armário, é o excesso de coisas que eu tenho. (...) Eu tenho uma porta de armário aqui, tenho uma porta no quarto do (outro filho), e tenho o meu quarto (ri). Eu quero fazer um armário só para deixar as capas”*, referindo-se aos inúmeros *trench-coats* e impermeáveis que trouxe de suas viagens para os Estados Unidos. Outra confessa que não quer usar o armário do fi-

lho para não se “acostumar mal”: *“No nosso armário falta espaço, por isso, eu tenho medo de começar a usar aqui. A gente se acostuma e, depois, não consegue dividir”*. Em outro caso, a ampliação sobre o pátio criou armários amplos, onde são guardadas as bicicletas, as malas e, até, as cadeiras de praia.

A justificativa para ir para uma casa muitas vezes está ligada à concepção que esta é uma experiência necessária à socialização, devendo ser vivida, ao menos uma vez na vida, a experiência do mundo “natural”, contraposto ao “artificial” do prédio de apartamentos. *“Colocar o pé no chão, a mão na terra”* ou *“eu quero sentar no sol”* podem ser algumas destas justificativas. Poder ter animais domésticos, cão ou gato, e outros, também pode ser uma motivação. Alguns se referem à modificação na tonicidade dos movimentos dos filhos, na sua alegria e no seu interesse quando estão na moradia de lazer, na serra ou na praia. Mas as propostas de ir para uma casa estão todas atreladas à idéia do condomínio horizontal, tido como única alternativa que poderia satisfazer estas aspirações. Viu-se, anteriormente⁷⁸, que está subjacente a este desejo a tentativa de recriação de uma sociabilidade específica, sentida como perdida em face de um sentimento de insegurança associado ao espaço público não controlável. Mas Delma, que já morou em um condomínio horizontal aponta a diferença básica, a experiência da diversidade e da novidade que não pode ser reproduzida por uma situação artificialmente criada:

Delma - O bom da casa onde eu nasci era o quintal enorme, tinha cachorro, tinha piscina lá atrás, tinha churrasqueira. E o que eu sempre gostei muito era de ficar sentada na frente de casa, olhando o movimento. Sempre gostei de sentar na rua. (...) Até, depois, no apartamento da Luciana de Abreu, quando nós nos mudamos, esperando a “camioneta” para ir para a Faculdade, eu sempre descia mais cedo para ficar ali, na frente. (...) Era o que eu achava estranho lá no condomínio. Não tinha sentar na rua, era sentar na porta e olhar os vizinhos.

⁷⁸ Capítulo 4.

Morar em casa é uma idéia que parece estar ligada a situações arquetípicas idealizadas, às lembranças da infância e a um tempo passado mais feliz, no quê foram pródigas as recordações dos entrevistados. Alguns relatos apontam para situações de segurança física e emocional, em primeiro lugar, numa época em que as mães não trabalhavam fora, as empregadas eram totalmente confiáveis e até os mendigos eram afáveis: *“Naquela época era assim, né? Tu saía e deixava a porta da casa aberta, a vizinhança toda se conhecia. Hoje em dia não é assim. Pra tu ter uma casa numa cidade como essa, a primeira coisa é pensar em segurança, depois é que tu vais ver como é que é a casa”*. A porta da casa, sempre aberta, recorda com nostalgia, ainda, um sistema de vizinhança tradicional em que as pessoas podiam confiar umas nas outras e eram disponíveis e solidárias. Não havia roubo, não havia sobressaltos e, de resto, sobrava tempo para as relações de amizade. A casa aparece, ainda, como o primeiro lugar da descoberta do mundo, onde o lúdico muitas vezes dava lugar ao assombroso, mas, principalmente, como um lugar onde a continuidade se estabelece:

Vera - Da casa do vô eu me lembro bem, quase todo o fim-de-semana eu dormia lá. (...) Nesta casa tinha um pátio comprido, lá no fundo tinha um galpão de marcenaria. Então, tu ficava ali no meio brincando, pegando pedacinho de madeira. (...) O meu avô era um artista. (...) Todos os filhos sabiam trabalhar com madeira. (...) Eu fui acostumada assim, de ver as coisas bem acabadas. (...) Naquela casa é tudo esculpido. A porta de entrada foi toda esculpida pelo meu avô. (...) Na casa do vô eu só tinha medo da escada (ri), a escada de madeira de noite estala, né? Gente! Eu sempre achava que alguém estava subindo a escada! (...) Eu me lembro quando o leiteiro chegava, e o jornaleiro. O portãozinho fazia “guiiiii” (ri), que me acordava! Eu me lembro direitinho do barulhinho dele largando a garrafa. E do jornal, que ele abria a porta e atirava. (...) Vontade de comprar esta casa...

Alguns elementos dessas casas idealizadas estão presentes no atual contexto espacial deste universo. Os prédios de formas arrojadas e revestimentos de elementos que salientam ângulos e volumes de composições geométricas, supondo valores de natureza racional, podem ser encimados por “chalés de montanha” ou “casas de campo” a maior parte das vezes.

Estes volumes constituem a parte superior dos apartamentos de cobertura, que geralmente são apartamentos de dois pavimentos ou “duplex”. O pavimento de baixo é igual aos demais apartamentos, chamados “apartamentos-tipo”, possuindo um acréscimo representado pelo pavimento de cima, ao qual se liga por uma escada privativa, à maneira de um sobrado. O pavimento superior é menor e está circundado por um terraço descoberto que faz o papel de um jardim, como uma moradia térrea, que, muitas vezes, assume este aspecto de chalé montanhês, inclusive com telhados bastante inclinados. Estas coberturas aparecem como a evocação de um estilo de vida “natural”, no topo de montanhas artificialmente construídas, em ambientes de “natureza” absolutamente controlada. Outro elemento evocativo é a grande utilização de madeira na estruturação dos telhados e no fechamento de vãos verticais destes volumes de topo, com acabamento natural, sem ser pintada. O desnível do telhado propicia, muitas vezes, a construção de meio-sótãos, chamados *mezaninos*, e a existência de alturas de pé-direito⁷⁹ maiores que as convencionais, à imagem de casas antigas, sugerindo a mesma fartura de espaços. O sótão também é um elemento presente em muitas dessas novas casas de condomínio, aparecendo como um *plus* espacial, possibilitando expansão futura.

Sobre a existência de porão, só se pôde anotar um caso, em uma das casas de lazer de um dos grupos entrevistados, fato que era considerado curioso pela mulher, até mesmo um pouco descabido. Mas alguns poucos prédios podem propiciar áreas para depósitos privados, ao nível do térreo, ou garagens, à maneira de um porão, o que traz novas possibilidades para acumulação de objetos, e parece ser bastante valorizado.

Os processos decisórios que estão em curso, referentes à mudança para uma casa, estão condicionados à ida para uma casa em condomínio, com exceção de um caso, cuja mudança seria para um sítio. O principal motivo alegado para ir para uma casa em condomínio são as questões de segurança física e patrimonial, consideradas muito boas nos prédios de apartamento e péssimas em casas isoladas. O indivíduo que quer ir morar num sítio, per-

⁷⁹ “Pé-direito”, na linguagem tradicional da Arquitetura, significa a distância entre o piso e o teto de determinado (continua na próxima página)...

to de Porto Alegre, alega que as condições de “*qualidade de vida*” seriam melhores, considerando a possibilidade de viver em ambiente mais rarefeito populacionalmente, efetivamente mais próximo à natureza. Esta é uma posição isolada: a maioria dos entrevistados declara-se “*urbano*”, não imagina, sequer, ir morar em áreas de subúrbio. Um outro grupo está se mudando para um sítio, mas dentro de um condomínio de lazer. O que está segurando a decisão de metade dos indivíduos que quer ir morar em condomínio diz respeito à exigüidade dos espaços privativos que são encontrados nessas casas e, quando a casa é considerada boa, geralmente fica fora do poder aquisitivo da maioria. Nenhuma das mulheres aceita, ainda, morar muito longe do bairro atual, rejeitando a oferta mais abundante de condomínios em bairros mais afastados. A ida para um condomínio horizontal diz respeito, ainda, à procura da especial relação que a casa mantém com o espaço urbano, relação esta mediada pela rua e pelo bairro, círculos integrativos considerados desejáveis para a socialização das crianças, recriados ali em um ambiente de controle absoluto.

A opção racional pelo apartamento, seja por questões de custo, seja por questões de segurança, não elimina os conflitos potenciais que a coletivização pode trazer, principalmente porque controlar o meio ambiente físico não garante o controle sobre o meio ambiente social, ou a interação satisfatória entre indivíduos de orientação mais individualista. Alguns entrevistados declaram-se francamente decepcionados com a vizinhança. Na realidade, a interação social em condomínios verticais aparece mais como evitação do que como integração efetiva. Como analisado no Capítulo 4, as relações de distanciamento são adotadas para minimizar estes conflitos potenciais, para proteger a individualidade e controlar a emocionalidade. As situações sentidas como mais satisfatórias dizem respeito à aparente homogeneidade dos moradores, tanto social e econômica, quanto de etapa de vida.

A preocupação com a segurança, essencial à concepção da moradia, é percebida já no acesso a estes edifícios de apartamentos: a grande maioria está cercado por grades altas, de ferro. Muitas destas grades foram colocadas *a posteriori*, principalmente no caso de edi-

fícios mais antigos, sendo regra para os novos. A entrada é controlada por funcionários que são um misto de porteiros e seguranças, de dentro de cabinas protegidas. Estes, por intercomunicadores, identificam os indivíduos que chegam, comunicam a chegada ao respectivo morador que autoriza, ou não, a entrada. Só então o portão é aberto por mecanismos eletrônicos, manejados à distância. Algumas destas situações de chegada são desconfortáveis: quem chega sabe estar sendo observado, mas não consegue visualizar o interlocutor, que está oculto por barreiras visuais diversas. Os prédios menores, que não têm portaria, ficam com o portão e portas chaveados vinte e quatro horas por dia. A cada chegada, o morador, ou a empregada doméstica, é obrigado a descer para abrir a porta e o portão. Alguns dos apartamentos também recebem grades nas janelas, principalmente se forem em andares baixos e não é raro encontrar sacadas que foram totalmente gradeadas. Esta não é uma preocupação que se esgota em espaços urbanos. As residências de lazer, da serra ou praia, também recebem grades, e são submetidas à vigilância de caseiros.

As questões envolvidas na discussão sobre o tipo de moradia, ou seja, as experiências desejáveis em termos de socialização e sociabilidade propiciadas por uma e outra, são resolvidas, na grande maioria dos casos, pela composição apartamento urbano *versus* casa de lazer. Esta composição aparece como uma díade adaptada à realidade produtiva em que o universo está inserido e considerada suficiente às necessidades do desenvolvimento das crianças. Mas marca, decisivamente, o progresso econômico do grupo, a ampliação de seu poder aquisitivo, e a entrada definitiva em um grupo social cujo estilo de vida parece prescrever uma segunda residência de lazer. (Somente dois dos pesquisados não desejavam possuir esta segunda residência - por motivos ideológicos, como revelaram, para não “ficarem presos” a somente uma opção de lazer). Esta solução, por outro lado, aprofunda a dicotomia tempo produtivo *versus* tempo do lazer, embora a solução ideal considerada seja a casa em condomínio horizontal. Nesta última, as projetadas atividades socializatórias dos filhos ficariam mais desatreladas das atividades produtivas dos pais, possibilitando a recriação de uma infância mais “*solta*”, segundo as concepções vigentes do universo em estudo.

6.3. Os espaços especializados: geração, gênero e privatização

A presença de crianças na maioria dos grupos pesquisados faz sentir sua presença no espaço, e, muitas vezes, são decisivas para a opção por uma ou outra moradia. Esta preocupação está ligada à concepção da existência de necessidades espaciais próprias ao desenvolvimento infantil e ao fomento de sua individualidade. Ou seja, devem existir cômodos e espaços de dimensões adequadas para a livre movimentação da criança, quartos de dormir e ambientes para estudo ou jogos separados dos espaços dos adultos, e específicos para as necessidades de cada filho. Outras necessidades sentidas como básicas em termos de socialização dizem respeito às experiências com o mundo “natural” e com o ambiente público, mesmo se estas forem situações simuladas em ambientes controlados. Se o apartamento não pode ter espaços abertos, como um pátio ou um terraço de cobertura, o prédio deve oferecer alternativas de recreação ao nível do solo. Em último caso, essas necessidades são cobertas pelo bairro, nas praças recreativas mais próximas da residência. Quem pode, faz a opção por uma casa em condomínio horizontal. Filhos adolescentes têm suas necessidades espaciais ampliadas, de acordo com as atividades que podem desenvolver. A família vai procurar absorver gradativamente estas necessidades, até como forma de ampliar sua vigilância ao máximo no tempo, garantindo maior influência socializante.

Cleo - Eu já queria há mais tempo morar em lugar que tivesse espaço para as crianças, um pátio. Em função de trabalhar fora, não dá para ficar na rua, brincando, então eu preferi um espaço protegido, dentro de casa. Mas também não queria uma casa em função da segurança. Este apartamento veio a calhar, porque é um apartamento que tem um espaço legal e que tinha um pátio. (...) Em função das crianças serem pequenas, quando nós viemos para cá, eu comprei sofás de couro. Pois eles se atiram, né? Não dá para ficar cuidando, pra ficar controlando o espaço, nem limitando o espaço da criança dentro de casa. (...) Eles jogam futebol, vem cheios de “budum” pra cá, se atiram - não tem problema. (...)

Eu não queria me enfiar num apartamento de 5º andar, de 7º andar. Eu morava no 5º andar... Tinha um pátio, tinha play-ground no edifício, mas era aquela coisa de descer junto, sabe... Eu prefiro ter os amigos aqui, não é por acaso que os amigos vivem aqui, com todo o conforto que quiserem. Ali tem uma cestinha de basquete, tem futebol, tem vôlei, eu “botei” videogame. Eu prefiro ter as coisas aqui e vir cinqüenta mil criancinhas pra cá e ver que eles estão aproveitando, estão vivendo. A gente não fica em cima, porque não somos assim.

Em outra ocasião, mostrando a casa, ela aponta os espaços que foram reservados para as crianças, além das áreas de lazer. Inicialmente idealizaram um dos quartos como dormitório conjunto dos meninos, deixando, assim, o terceiro quarto do apartamento para o quarto de estudos deles, onde colocaram o computador e um sofá-cama para um hóspede eventual. Apesar da pouca diferença de idade (um dos meninos tem nove anos e o outro, sete), os filhos não conciliam interesses, sendo que o maior reivindicou um quarto só para si. Este, então, mudou-se para o quarto do computador. O menor, por enquanto, consolou-se com as pequenas adaptações que foram feitas no quarto que lhe coube, uma das quais promete seu próprio computador, para breve.

A presença de crianças nos apartamentos remete, por outro lado, às inevitáveis superposições de espaços, das quais as interferências nos espaços de recepção podem ser as mais sentidas. Cleo prossegue sua descrição:

Aqui não foi possível (preservar a sala) até porque ela é passagem para o pátio. Como é que eles vão transitar pelo pátio sem passar pela sala? O que eu ensinei desde pequenos é que não tinha que ficar brincando na sala, trazer os bonequinhos, porque arranha, não-sei-quê. Tinha espaço para brincar, sempre tiveram muito brinquedo e nunca fez falta (brincar na sala). Cada um tem uma mesa de botão, fica no quarto de cada um. Agora estão curtindo muito esta peça nova, trazem a mesa de botão lá de dentro, ficam aqui. Daqui jogam videogame, vão lá fora, jogam futebol. Mas a sala é passagem. (...) A gente se adapta.

A moradia aparece como um espaço feminino, sentindo-se a mulher responsável por seu arranjo e, também, pela organização das atividades quotidianas, que inclui o trato com os empregados domésticos. Quando se refere à moradia, é a mulher que dirá “eu fiz” ou “eu ainda não fiz”, ou “quero fazer” os arranjos projetados, embora alguns objetos, principalmente obras de arte e equipamentos eletrônicos, possam ser adquiridos diretamente pelo homem. A decoração, que aparece nos relatos como pertencente à esfera do efêmero, é de domínio quase que exclusivamente feminino, a não ser que o marido seja um especialista, como arquiteto⁸⁰.

Uma das extravagâncias de consumo citada por mulheres, diz respeito, com mais frequência, aos objetos para a decoração e equipamento doméstico, e o seu cuidado vai aparecer na arrumação e limpeza da moradia. A maioria delas também vai destinar mais tempo para se dedicar à habitação e aos filhos, e vai procurar ritualizar algumas das atividades domésticas, principalmente algumas refeições, momentos de totalização do grupo: *“De tarde, eu praticamente fico em casa, eu trabalho de manhã. (...) O (marido) é médico, está preso de manhã, de tarde e de noite! (...) Mas o que a gente conseguiu, eu acho ótimo, porque eu sou assistente social estou sempre puxando para a família, né? Então ele consegue vir em casa almoçar. Então, nem que a gente se veja meia hora, todo o mundo. Porque às vezes ele chega e as crianças estão dormindo”*.

Normalmente, as refeições são preparadas por empregadas domésticas, sob orientação das mulheres. Poucos homens tratam diretamente com as empregadas domésticas, embora façam as suas exigências em termos de organização domésticas às mulheres, mas se comportam de forma diferente em relação aos empregados da casa de lazer, e às rotinas excepcionais. Os homens cozinham em eventos especiais, como os fins-de-semana, ou reunindo amigos e, de preferência, estas refeições são preparadas em ambiente diverso do cotidiano, na churrasqueira, ou em cozinhas especiais, junto ao terraço de cobertura, ou, então,

⁸⁰ Rial (1988), em relação às diversas gerações de casas de pescadores da Lagoa da Conceição, em Florianópolis/SC, demonstra que a decoração da moradia está, igualmente, relacionada ao efêmero, domínio feminino.

nas moradias de lazer. Neste sentido, parece haver a necessidade de delimitar espaços físicos “masculinos” não cotidianos, salientando a excepcionalidade da situação.

Renata - A administração da casa recai sempre nos ombros da mulher. Por isso eu não quero tanto me sobrecarregar de trabalho fora, que acaba sendo uma tortura, se tu for trabalhar igual a um homem. Depois, ele chega em casa, abre o jornal, vê o Jornal Nacional (ri). E aí, tu vai no supermercado, carregar coisa, mesmo com empregada, né? Então, a administração da casa é feita, essencialmente, por mim. O suprimento, a matrícula da filha, o levar e buscar, o decidir se precisa de médico, o levar no médico. Isso ficou, por mais que eu quisesse treinar o (marido). É tão desgastante dar uma tarefa para ele! (Ri). Depois de muita briga, eu faço o possível. De vez em quando eu digo: “Não! Agora, tu vai! Chegou! Levanta já dessa cadeira e vai!” (ri). Mas até porque o sustento da família vem através dele, porque ele sempre esteve mais livre para se dedicar, eu espero isto dele, então eu procuro abrir espaço para ele e arco. (Suspira). E arco. Acabo tendo apoio moral dele... e alguma ajuda. Lá na chácara deixo um pouco mais, assim, cortar grama, decidir, tratar o jardineiro e tal. Tiro mais do lombo.

P - Ele tem mais iniciativa lá?

Renata - Tem. Ele gosta mais de lá. Gosta, dá mais prazer, eu acho. (...) Mas a administração aqui, na pauta da mão-de-obra à execução (é minha)... (Ri). E vinte e um anos de casados!

Maior participação masculina se dá nas residências de lazer, pela maior disponibilidade de tempo, e, ainda, pelo homem aparecer mais diretamente relacionado ao espaço natural e exterior, ou não-doméstico, que a mulher. Aos fins-de-semana, também, tomarão a si o encargo de levar os filhos na pracinha ou no parque. Assim, aparecem algumas representações de gênero. À mulher são associados os itens relacionados com a elaboração do cardápio diário, a arrumação e o arranjo doméstico, o trato com os empregados domésticos, a organização e execução das rotinas quotidianas. Ou seja, o relacionado com o tempo-espaço normal do cotidiano e das esferas domésticas. E, dentro do espaço da moradia, com as áreas de serviço da mesma. Embora o homem possa até tomar café da manhã na cozinha antes de sair para trabalhar, raramente vai ultrapassar a porta em direção à área de lava-

gem de roupa e quarto de empregada. Poderão tratar com os empregados da casa de lazer, se houverem. O homem associa-se com os eventos excepcionais, com o planejamento estratégico dos investimentos econômicos e financeiros, e com os espaços exteriores, com o tempo extraordinário do lazer, mais relacionado ao espaço “natural” e esferas sociais ou públicas, mesmo da habitação. Estas são constatações que coincidem com Da Matta (1985).

Alguns casos, porém, não parecem tratar-se de simples divisão de competências. Pode haver disputas no poder decisório sobre os mais diversos temas, ocorrendo “negociações” difíceis em relação a problemas de maior peso, como a escolha da próxima moradia, até questões menores do dia-a-dia, como o local para a colocação de quadros e objetos de decoração: “O (arranjo da casa) *eu acho complicado, muito complicado! Ainda mais que eu e o (marido) temos que negociar. Assim: se eu vou pôr aquele quadro na parede, nós temos que negociar onde nós colocaremos o prego. E tu não pensa que é uma negociação rápida, pois não é!* (Ri). *Tanto que os quadros estão aí (encostados na parede) porque nós não chegamos a uma conclusão ainda. (...) ‘Baita’⁸¹ negociação!*”. Estas negociações podem ser mais difíceis quando a participação financeira da mulher é, pelo menos, paritária com a do homem, situação de exceção no universo, o que pareceu acontecer em dois dos casos - justamente aqueles que empregaram a palavra “negociação” para se referirem a estas decisões difíceis, que envolvem pontos de vista diferentes. As coisas parecem ir melhor quando estas competências são assumidas e respeitadas por ambos: na casa de Clarice, declaradamente, é o marido que faz o churrasco, é responsável pelo arranjo das obras de arte e pelo planejamento dos investimentos e destinação do orçamento doméstico. Inclusive ele faz as compras no supermercado, aos finais de semana, coisa que vários outros homens do universo fazem, enquanto aproveita para comprar vinhos para sua adega. Ela mantém a casa impecavelmente organizada, com ajuda de uma empregada residente, faz as compras diárias, elabora os cardápios, inclusive os mais sofisticados, quando recebem amigos, e cuida das plantas. Como tem mais tempo livre do que ele, também vai fazer todas as pesquisas preliminares

⁸¹ “Baita” é um regionalismo que pode se traduzir por “grande” ou “enorme”.

necessárias aos investimentos, por exemplo, a compra de um carro ou imóvel. Ambos podem ir juntos para a cozinha preparar uma sobremesa especial para o jantar planejado para o dia seguinte. Haverá reclamação de ausência masculina somente se as expectativas não forem cumpridas, como expressou Dora: *“Usamos a churrasqueira uma ou duas vezes. O (marido) não gosta de fazer. Eu acho o seguinte: isso não é comigo, porque eu não sei fazer, teria de aprender. Eu já cozinho, eu não vou aprender mais isso. Porque vai ser mais isso para eu fazer sempre, né?”*. Maridos que só “passam” em casa na hora do almoço, na cidade, e raramente envolvem-se nos assuntos administrativos domésticos, por outro lado podem se ocupar com bastante empenho dos melhoramentos e administração da casa de lazer.

Os espaços de convivência ou relacionais, principalmente a “sala da bagunça”, ou “sala da TV”, aparecem como espaços intermediários entre as áreas privadas (os quartos e banheiros) e as áreas públicas da moradia, ou os espaços de recepção, reproduzindo a dicotomia do espaço interno/privado com o espaço externo/público, mas tendem a ser uma área mais privativa da família - ver a fala de Gláucia na página 256.

Por outro lado, existem afirmativas recorrentes de quê, na moradia, usa-se “tudo”, ou seja, que não existem peças de reserva para recepção como havia nas casas de “antigamente”. Esta afirmação pode levar a pensar que não existem mais relações formais hoje em dia, ou, ainda, que está relacionada às necessidades de expansão das facetas da individualidade. Mas estas afirmativas aparecem sempre em comparação a uma situação vivida anteriormente, na qual os hoje adultos foram privados, ou alijados, destes espaços das moradias das famílias de origem.

Irma, 35 anos, casada e sem filhos, apartamento com três dormitórios (um usado como escritório), sala de almoço, sacada e dois pátios - *Eu gosto de usar sempre todas as peças da casa. Eu uso tudo. Aquele negócio de ter um pedaço que não se usa, que está trancado, não. Até esta sala que é fria eu uso bastante. Os meus vizinhos não entram jamais na sala. Até porque tem criança pequena, que estraga, aquela coisa. Não estou criticando, cada um é cada um. Mas não usam nunca. Eles até estranham aqui. Quando eu disse que ia pôr lareira - “Ah, mas na*

sala?” Se não é na sala, onde eu ponho? Eles não usam, então não faz falta. (...) Eu uso todos os lugares da casa, todos. A baderna toda ao mesmo tempo. Tinha uma época que a gente não usava muito aquela salinha ali, a salinha de almoço. Mas aquilo a gente usa muito agora no inverno, coloca uma estufinha ali, já esquentada. E, atrás, aquele quarto do meio que não se usa muito, ficou meio guardado para os “nenês” todos. (...) Os (sobrinhos) quando dormem aqui, se acomodam ali.

Muitos entrevistados, ainda, se reconhecem “caseiros”, ou seja, ficam grande parte do seu tempo livre em casa. A sociabilidade em espaços públicos ou exteriores à moradia aparece relacionada com a juventude física, mas a progressiva estabilidade econômico-financeira numa idade mais madura propicia moradias maiores, mais confortáveis, que usufruem mais, proporcionalmente. Ou seja, à medida que se fica “velho”, se fica mais “caseiro”, desenvolvendo uma sociabilidade mais seletiva.

Vera e Ademir são casados, têm dois filhos, moram em um apartamento de três quartos, sendo duas suítes, um quarto usado como sala de TV, sala com lareira, sacada com churrasqueira e, sem trocadilhos, uma bela vista:

Ademir - *Acho que aqui é o meu primeiro apartamento que a gente “curte” mais, de ficar em casa. (...)*

Vera - *Eu não sei também se é porque as crianças já estão maiores. Tem lareira, sabe, tudo fica mais...*

Ademir, interrompendo - *Tem a sacada.*

Vera - *É, tu tem mais opção.*

Ademir - *Tem espaço para reunir os amigos.*

Vera - *É, isso é um ponto importante. Quando a gente estava num apartamento menor, geralmente, a gente ia para a casa dos amigos que moravam em casas maiores. Agora, aqui, não. A gente reúne os amigos, tem espaço, eu acho bom. Não sei, pode ser outra época.*

Ademir - *É, porque na época que a gente morava na (rua) Chile, a gente ia no Parque Saint-Hilaire, no domingo, fazia um churrasco. Também, era outra época, outra idade. Sempre tinha uma programação fora de casa. Agora, até poderia sair mais, mas somos mais caseiros (ri).*

Vera - *É, agora estamos ficando velhos! (Risadas gerais). Acho que isso é velhice!*

Ademir - *Mas isso é uma coisa que eu gosto. Eu gosto da minha casa! E lá na Chile a gente não gostava. A gente não parava em casa, lembra?*

Vera - *É que a casa era muito pequena. Lá, não tinha o que fazer dentro de casa. Era assim: era uma sala, era dois dormitórios, e eu já tinha os gurus. Tudo pequenininho, um banheirinho... Aqui, não. Tu tens mais onde ficar, tem sala da TV, já fica “zanzando” mais pela casa. Aqui tu tens uma vista, lá tu ficava meio enclausurada! (Ri).*

Apesar do exercício da individualidade reclamar por vários tipos de espaços, dentro da moradia, e habilitar-se a usar todos, existe uma demanda clara por salas de estar de características mais privadas, onde os filhos e/ou o casal possam estar mais a vontade. De fato, à medida que as moradias crescem de tamanho, existe a tendência de separar mais estes espaços “sociais” dos espaços “íntimos”, como são chamados, ou seja, voltar a ter espaços especializados para recepção. E reconhecer sutilezas nos espaços “íntimos”: ter uma sala “íntima” significa reconhecer a especificidade da relação entre os pais, entre pais e filhos, além da especificidade da infância, em si.

Janine, trinta e nove anos, casada com três filhos, mora em um apartamento de três quartos com dois pátios e piscina, na época da entrevista fazendo obra em um dos pátios - *Vamos aproveitar para fazer um jardim de inverno aqui, no pátio. A parte da piscina vai continuar, esta parte daqui vai ficar com telhado de vidro. Eu chamo de “quarto da bagunça”, porque eu acho que é o que mais precisa dentro de casa. Porque, dentro de quarto... Eu tenho o outro pátio, que é campo de futebol. Agora está para secar roupa, se não, é campo de futebol deles.* (Ela vai me mostrar o apartamento, no caminho passamos pelos meninos que estão jogando futebol no corredor do apartamento. A menina está vendo TV no quarto da mãe. Após, retornamos à sala). *A minha idéia é botar a NET (televisão à cabo) nesta peça, quando ficar pronta, porque os coitados não tem, né? Porque a casa de praia, que a mãe tem, é pequenininha e tal, mas tem um gramado, a gente fica todo o dia na rua. Não é essa coisa aqui. Mas eles até gostam, estão acostumados. Vão ficar o verão aqui, só vão para a praia em fevereiro. Mas (o calor) está “brabo”, este ano!*

Beatriz, quarenta e dois anos, casada, dois filhos, mora em um apartamento com três quartos, e gabinete de trabalho. - *O (marido) gosta de morar em apartamento, eu também, mas acho que fica faltando alguma coisa. Eu queria um pouco mais de espaço, por eles (os filhos). Por exemplo, falta - eu acho fundamental - ter uma sala de televisão. Cada quarto tem uma televisão, mas daí eu acho que não tem... A rotina é assim: eles tomam banho e, daí, já está na hora da novela que eles gostam, então eles ficam cada um no seu quarto, então eu fico com a (filha) um pouco, até ela dormir. Aí, eu vou trabalhar um pouco, o (filho) também vem conosco, mas geralmente o ponto de encontro é a televisão do meu quarto! Agora, eles estão botando a NET (Televisão a cabo). Onde é que vamos “enfiar” a televisão? (...) A sala que a gente tem é superpequena, no escritório também não comporta, então acaba que fica um caos. Fica faltando a “sala da bagunça”!*

A televisão aparece como um elemento cotidiano, propiciando oportunidades de inter-relação, como no caso de Beatriz, ou recreação, como para Janine, que acaba por refletir na organização espacial da moradia. Mas, em alguns outros, ela pode ser utilizada negativamente como um referencial identitário, não sendo incomum que seja apontada como um veículo de baixa cultura, inadequado aos interesses e gostos de alguns dos entrevistados. A televisão a cabo é diferente, principalmente porque oportuniza assistir a canais em línguas estrangeiras, e a uma programação considerada de mais alto nível. Não deve ser por acaso que a rede de televisão a cabo, em Porto Alegre, começou a ser instalada a partir do bairro Bela Vista, no ano de 1995.

Os espaços de trabalho dos indivíduos da família, representados por salas de estudo de pais ou filhos, bibliotecas, e, mesmo, pequenas oficinas ou ateliês, aparecem com certa frequência. Quando são espaços dos filhos, podem estar localizados nos seus quartos, ou ainda, na área “íntima” da habitação. Quando são espaços dos pais, e existindo essa possibilidade, estarão localizados na área “pública” da habitação, de modo a isolar-se das atividades infantis. Ou seja, estas áreas produtivas referenciam-se às esferas socializatórias a que pertencem. De maneira geral, estes ambientes são arranjados num quarto suplementar, ou podem ser o objeto das ampliações sofridas pela moradia.

6.4. Espaços de representação: interação social sob ótica privada

Os espaços públicos da moradia, segundo conceitos desenvolvidos por Pezeu-Massabuau (1983), podem ser considerados os espaços de representação da mesma, uma vez que aí se dão as inter-relações com indivíduos de outros grupos domésticos. Esse tipo de relação já inclui uma esfera bastante personalizada, ou seja, de identidade referenciada à papéis sociais mais gerais.

A grande maioria das entrevistas foi realizada nestes espaços da moradia, algumas vezes por iniciativa dos indivíduos procurados, outras, porque a abordagem esclarecia que era do interesse da pesquisa conhecer as moradias. Mas uma proporção bastante alta, cerca de um quinto (seis sujeitos) marcaram espontaneamente a entrevista nos lugares de trabalho, ou seja, nos locais de identidades mais públicas, provavelmente onde seu controle sobre a situação seria maior. Destes, um, quando soube das finalidades do trabalho, me remeteu à sua mulher, outros dois concordaram em me receber uma segunda vez em suas casas. Em torno de um terço das entrevistas realizadas no espaço doméstico não ultrapassaram os espaços de recepção da mesma. Um outro tanto incluiu a apresentação parcial dos espaços da moradia, excluindo, por vezes, a área íntima da mesma e, outras, as áreas de serviço e, ainda, parte de ambas. O outro terço divide-se entre moradias não visitadas (uma parte dos indivíduos que me receberam em seu trabalho) e moradias que foram totalmente expostas à minha apreciação, espontaneamente ou em atendimento à solicitação do estudo. Alguns sujeitos deixaram bem marcado seu controle da situação: as portas que servem de ingresso à área “íntima” e/ou a área de “serviço” permaneceram fechadas durante toda a entrevista. Acredito que, com o desenrolar do trabalho de campo, algumas outras moradias acabariam por ser mostradas, mas a tendência geral observada é na utilização destas áreas “sociais” como controladoras do nível de interação, garantia das imagens pessoais produzidas, limite que só é ultrapassado por especial assentimento dos sujeitos.

Um outro motivo para que não me tenha sido franqueada toda a moradia foi revelado, justamente, por aqueles entrevistados que me mostraram tudo: o fato de estas áreas nem sempre estarem preparadas, ao nível dos espaços de recepção, para a exposição pública. Ou seja, nem sempre expressando a mesma preocupação estilística dedicada aos espaços “sociais”. As áreas de serviço, ainda, por serem áreas de transformação, podem estar “desarrumadas” a maior parte do tempo, o mesmo acontecendo com os espaços das crianças. Por outro lado, a decoração da casa exige investimentos financeiros que poderão priorizar as áreas sociais, sendo que as áreas de serviço devem, inicialmente, apenas funcionar a contento. Todas as moradias que me foram totalmente expostas demonstram a preocupação dos sujeitos com a unidade estilística, de alguma forma, mas as áreas de lavagem de roupa e dependência de empregada, principalmente, têm seu arranjo retardado, em relação ao total da moradia. As áreas destinadas para cozinhas, na média dos apartamentos, necessitam certa engenhosidade para comportar o número de equipamentos utilizados atualmente e permitir o pleno desenvolvimento das funções. Como são fundamentais para o funcionamento da moradia, uma vez que um dos principais eixos da sociabilidade doméstica é os rituais de comensalidade, podem ser, ao contrário, uma das primeiras dependências a ser arranjada, antes mesmo que os espaços de recepção, recebendo móveis sob medida e equipamentos mais modernos.

A preocupação com o total arranjo da moradia, e com o traçado de certa unidade estilística entre os seus diferentes ambientes, parece estender os espaços de representação aos espaços mais privativos e áreas de serviço. Toda a moradia pode ser exposta aos olhares públicos, pois há investimentos proporcionais em cada uma das suas dependências. Como parece improvável que a exibição destes espaços, como banheiros e áreas de serviço, seja um fato regular, pode-se considerar a hipótese de que há uma penetração estilística em todos os aspectos da vida quotidiana que leva à ordenação do mundo privado à feição do público. A representação, inicialmente, pode ser tomada como *performance*, ou ser considerada em seus aspectos comunicativos, pelos quais a relação com os outros é tipificada e personalizada. Pode ser considerada, ainda, como um recurso expressivo através do qual há um reco-

nhecimento intersubjetivo das individualidades, há uma comunhão em torno de certos valores, ou afirmação das diferenças. A expansão dos espaços de representação para os espaços privativos da moradia, não havendo outros interlocutores pelo menos de maneira ordinária, pode ser considerada como uma especial afirmação das auto-imagens individuais. Ou seja, todas as esferas de significado parecem estar organizadas, coerentemente, a partir de uma única ótica, a ótica individual, que emana, desde as esferas mais privadas, seus critérios e princípios. Não seria, assim, a esfera pública que acaba por organizar o espaço privado, exclusivamente: a ordem exterior refletiria a ordem referencial interna, ou subjetiva, dos indivíduos, também.

Os espaços de recepção das moradias estudadas são chamados de “*área social*”, constituindo-se, no mínimo, de um espaço preeminente que conjuga “*estar*”, com equipamentos básicos de sentar, e “*jantar*”, com mesa e cadeiras. Este espaço de recepção pode ampliar-se com vestíbulos, outros ambientes de estar, salas de jantar, de sacadas com churrasqueira, ou terraços de cobertura, possuindo, geralmente, sanitários próprios. Normalmente estas dependências são intermediárias entre a área íntima e as dependências de serviço, o que lhe dá uma certa autonomia e, ainda, uma posição da qual o indivíduo pode controlar o ingresso no espaço doméstico, e as circulações internas entre os demais espaços. Esta distribuição prevê, geralmente, uma entrada avançada para a cozinha, de maneira que a circulação para simples abastecimento não se faça pela área social. A empregada, na eventualidade de abrir a porta para alguém que chega, não necessita, assim, ingressar em ambiente “social”. Poucas portas de entrada abrem diretamente para a sala de estar. Quando isto acontece, podem ser usados anteparos para limitar a visualização do interior da moradia desde a porta de entrada.

A área social está, portanto, conformada à interação social em torno da conversação e da comensalidade. Qualquer evento supõe compartilhar bebida e comida, e o “*bar*”, móvel destinado à guarda de bebidas alcoólicas - que muitas vezes ficam à vista - é quase unanimidade em todas as moradias visitadas, tornando explícita esta disposição. A moradia preparada para receber, porém, gradativamente parece estar cedendo espaço à moradia para

relax e privacidade. A comparação entre espaços e sociabilidades de moradias de diversas épocas me foi feita por Roberto, construtor que teve oportunidade de apreciar esta evolução, considerando moradias de classe média alta:

Roberto - *Hoje a minha relação com amigos - não sei como são os outros por aí - a gente combina por telefone, vai para o cinema, depois janta fora, ou vai para uma festa. Hoje, tu jantar na casa de alguém é coisa rara. A não ser quando é um aniversário, do marido ou da mulher. Quando é festa de criança, tu faz no salão de festas do prédio. Os apartamentos, hoje, também, não são tão grandes, o pessoal não faz mais aquelas festas de quarenta, cinquenta pessoas. Eu comparo muito. Meu pai e minha mãe tinham uma vida social muito ativa. Meu pai foi presidente de clube.... Minha mãe fazia festas para trinta, quarenta amigas em casa, o apartamento era grande. (...) Eles tinham uma turma de amigos que se reunia toda a sexta feira, cada vez na casa de um. Era um rodízio. Era um grupo fechado, seis casais, casaram na mesma época, tinham filhos da mesma idade. (...) Eu acho que a maioria das pessoas que eram imigrantes europeus, italianos, alemães, judeus russos como é o nosso caso, tinham uma relação mais como em cidade do interior. As pessoas se visitavam. Hoje não. Tu não bate na casa de alguém - "Oi! Cheguei!", tu avisa, telefona - "Oi! Posso ir aí?". Mudou a relação, Porto Alegre hoje tem dois milhões de habitantes, as coisas estão mais rápidas, a vida está mais cara. (...) As mulheres hoje todas trabalham. Chega fim de semana, não querem se envolver com compromisso, festa e tal. (...) A vida social (em casa) hoje é uma coisa mais íntima, mais para a família, não uma coisa social. Aquela mansões, que se construía, há muito tempo não se vê mais. Às vezes tinha um salão enorme, área de lazer, aquela sala gigantesca, piscina, onde tinha AQUELAS festas. Um projeto desses eu já não faço há anos. (...) A última que eu fiz, foi quando trabalhei com M, há dezoito anos atrás, para o CM. Uma casa cuja garagem dava para oito ou nove carros, três cozinhas: uma para empregados, uma para o diário, uma industrial para festas. Salão para duzentas pessoas. Outro tipo de gente. Ele agora recebe quando vem alguém de fora, e faz, como quando casou a filha, uma festa grande. Uma ocasião especial. Ninguém junta mais muita gente, em casa, mais. Eu acho que é uma soma de austeridade de época e mais um tipo de vida que a sociedade de hoje tem. Um tipo de amizade mais restrito, tudo mais rápido. As relações não são mais tão aprofundadas, tu tem poucos amigos íntimos, e muitos conhecidos. E conhecidos tu não levas para a tua casa. Antigamente os*

círculos de amizade eram maiores. (...) Mudou muita coisa, hoje Porto Alegre tem uma opção muito grande de noite, de lazer, para os pais e os filhos. (...) Os filhos estão com a família por um período muito pequeno. Hoje, com treze, quatorze anos, já está com a turminha, vai pro shopping.

Roberto fala de uma maior separação geracional hoje em dia, devida às mais diversificadas oportunidades de satisfação das demandas individuais por lazer oportunizadas em meio urbano. Por outro lado, sua evocação de um passado de lazer proporcionado pelas famílias mais abastadas levanta a hipótese de que esta predisposição para receber que encontramos no universo poderia ser, então, parte da imagem de um estilo de vida superior (assim como o seria a presença de serviços). Manter uma vida social regular dentro do espaço doméstico é uma aspiração que condiciona o arranjo doméstico - vide o “bar” obrigatório, mas, de fato, foi constatado neste estudo que muito poucos entrevistados recebem com regularidade. A maioria deles parece projetar uma situação que, por um motivo ou outro, não se realiza, ficando reservada aos de melhor poder aquisitivo.

6.4.1. Abundância & Suficiência: acumulação e ciclo de vida

O arranjo das moradias, considerando mobiliário e objetos expostos, demonstra, normalmente, a preocupação estilística dos pesquisados. Somente em duas o arranjo pareceu ter merecido menos atenção, sendo utilizados móveis industrializados de tipo mais sólido e barato, não havendo destaque para nenhum objeto de decoração. Estes dois grupos, por coincidência, são provenientes de famílias de classe média alta e não parecem ter atingido o mesmo padrão de vida das famílias de origem. Um terceiro grupo demonstrou pouca preocupação e, até, certa falta de tempo para preocupar-se com a decoração da casa, o que pode refletir fatores da dinâmica própria do grupo. Todas as demais moradias mostram uma intencionalidade decorativa que pode assumir diversas configurações, podendo distinguir-se alguns valores que organizam as preocupações dos pesquisados.

Poderiam ser consideradas, inicialmente, a díade “abundância” e “suficiência”, conceitos que podem ser utilizados para expressar a primeira impressão que o arranjo e decoração das moradias podem produzir no observador. Sem considerar esses casos de insuficiência relatados acima, que representam cerca de dez por cento sobre o total, os demais se dividem igualmente entre uma e outra impressão.

A impressão “abundância” é transmitida pela grande quantidade de objetos decorativos ou antiguidades, obras de arte originais, por móveis de luxo, ou por soluções decorativas que parecem ter saído das páginas de revistas de decoração atuais. O espaço disponível é totalmente ocupado; as superfícies verticais das paredes e as horizontais, dos tampos de mesas e balcões, estão recobertas por objetos e obras de arte bi e tridimensionais. O olhar precisa se deter em cada recanto para descobrir todos os elementos que o compõe. Temos ainda aqui as moradias com soluções espaciais excepcionais, ou seja, de espaço abundante e devidamente complementado pelos elementos anteriores. O que fica bastante marcado é que essas moradias cuja primeira impressão é de abundância são, justamente, as moradias dos indivíduos cuja posição econômico-financeira é melhor, em relação ao total do universo estudado. A abundância pode ser fruto de uma acumulação progressiva, integrando elementos adquiridos em diversas etapas da vida dentro de uma orientação estilística precocemente definida, como parece ser para um pouco mais da metade destes. Pode incluir alguns objetos de família ou ser, ainda, fruto de uma ascensão suficientemente rápida para que a maioria dos elementos sejam, também, totalmente novos. Neste grupo - da abundância - é onde aparece a maior utilização de profissionais como arquitetos e decoradores.

P - Uma coisa que eu vi é que tu tens muitos quadros, muita pinturas, muitas gravuras.

Cleo - A família gosta disso. Eu gosto mais de escultura, o (marido) é mais para quadro. Então, eu juntei um pouco de cada, né?

P - Mas eu vi, em todas as paredes, aqui no teu saguão, também.

Cleo - Esta aqui está vazia porque a gente pintou a sala e eu não quis colocar nada até que chegasse aquele quadro (mostra), e agora estou pensando em

colocar alguma coisa ali, mas não estou com pressa, porque eu quero alguma coisa que me encha os olhos. (...) Eu coloquei (o quadro) mais para cima porque eu quero um móvel maior (para a louça da sala de jantar). (...) Eu tenho copos aqui, eu tenho copos naquele armário ali. É um tal de ficar espalhado... Eu acho que tenho coisas demais, eu sei disso. (...) Eu curto muito coisa de casa. Eu viajo, quero comprar coisa para casa, vou comprando, vou guardando. (...)

P - *E chega um ponto, assim, que já está todo o espaço ocupado, daí tu tens que mudar, guardar coisas?* (Rio).

Cleo - *Não!*⁸² *Até porque eu tinha peças que não apareciam, porque estava tudo aqui dentro, era muita peça pra pouco espaço. Aquele vaso ali era uma peça que não aparecia. Ficava aqui, no meio, (por) que eu não tinha onde “botar”. Porque eu trago querendo “botar” num lugar, não fica bem ali, não fica bem aqui. Peça grande eu já não posso comprar mais nada.*

Este efeito de abundância, que “enche os olhos”, pode ser buscado por indivíduos de menor poder aquisitivo: pelo menos em um caso, a concentração dos investimentos nas áreas de recepção dotou-a de características de abundância, embora em uma das entrevistas o marido manifestasse preocupações em relação ao limite aquisitivo do casal, tendo em vista as necessidades de trocar de moradia. Neste caso, as áreas privativas bem como as de serviço não foram exibidas em nenhuma das duas ocasiões que lá estive.

Em outros tantos casos, “suficiência” parece ser o valor básico em torno dos quais se organizam as preocupações estilísticas. Neste grupo estão os casais mais jovens e os indivíduos e grupos de menor poder aquisitivo. Também é aí que se utilizam menos profissionais especializados, geralmente amigos ou parentes próximos. Os elementos principais desse tipo de decoração são os móveis confeccionados sob medida, ou móveis de linha de boa qualidade, existindo a predominância de madeira natural. O aspecto geral é de espaços mais vazios. Obras de arte, geralmente pinturas, são poucas e surgem para complementar a decoração, sendo colocadas para preencher os espaços vazios das paredes, havendo preocupação, por exemplo, em harmonizar suas cores com a estampa dos sofás ou cor das cortinas. Algumas

⁸² Este “Não!” inicial exprime uma auto reprimenda, de tom um pouco indulgente.

coincidências chamam a atenção neste grupo. As referências à decoração ou arranjo da casa são, com mais frequência, relacionadas com as faltas, ou seja, aquilo que ainda está por fazer. Existem menos moradias declaradas como “definitivas” ou suficientes por muito tempo, e mais indivíduos envolvidos com investimentos e projetos de suas próximas moradias. E a grande maioria dos indivíduos, apesar de ter realizado a entrevista em sua moradia, não a expôs à minha visita, limitando-se a me receber em espaços “sociais”.

Neste último grupo, o da “suficiência”, é que os profissionais do espaço, arquitetos, decoradores e indivíduos que desempenham atividades artísticas, mesmo que complementares, estão situados, e providenciaram pessoalmente estes arranjos. Nestes casos, são acionados critérios de suficiência estilística que justificam os ambientes despojados, inclusive para maior destaque das obras de arte originais, e é procurado imprimir um traço de originalidade no arranjo.

6.4.1.1. A suficiência do Bom Gosto

Há, então, um pequeno grupo que se destaca dentre aquele que mantém arranjos menos profusos. Estes indivíduos investem em peças de *design* contemporâneo ou obras de arte de impacto, poucas, mas que podem, mesmo assim, “encher os olhos”. Podem, ainda, lançar mão de artifícios como realçar linhas construtivas, cores, texturas, ou destacar, no arranjo, uma ou outra peça de família ou antigüidade. Ou seja, os investimentos são feitos no sentido de maximizar o efeito que poucos elementos podem produzir no ambiente. Este grupo se distinguiria, assim, pelo interesse em demonstrar e adquirir maior capital cultural, sua maior familiaridade com a produção cultural contemporânea e obras da Alta Cultura. A recepção para a entrevista também foi diferenciada neste grupo. Um desses indivíduos recepcionou-me ao som de música clássica. Outro tinha por fundo música de ópera. Um terceiro, ofereceu-me uísque doze anos, com água Perrier, enquanto seu filho providenciava

um acompanhamento sonoro com a música brasileira mais intelectualizada. Outro serviu chá de morangos, que havia trazido de sua última viagem à New York.

O relato de Irma, cuja rede social inclui diversos artistas contemporâneos conhecidos, mostra a convivência de certa economia de recursos com este interesse.

Irma - Eu já tinha comprado outras coisas que não tinham dado certo. Eu acho que a maior dificuldade para quem não tem o treino, nem fez arquitetura, é que não adianta tu ter senso estético se tu não tem a noção do conjunto. (...) Então, depois que eu já estava escaldada (chamou uma marcenaria). (...) A marcenaria tinha uma arquiteta para desenhar os móveis que saíssem da minha imaginação, e, mesmo assim, ela errou em alguma coisa. (...) Eu olhava revistas de decoração, alucinadamente. Eu dormia com aquilo. E eu pensava assim: depois de tudo que nós estamos gastando, se der tudo errado? (...) E eu, falta de experiência... Nós não tínhamos dinheiro para contratar uma arquiteta que pensasse em tudo, e ainda pagar os móveis. Então, nós tínhamos que fazer uma coisa que desse certo de outra forma, né? Então, isso aí são detalhes que nós vamos mandar arrumar por outra pessoa, esses detalhes que ela poderia ter previsto. (...) O (marido) às vezes pensa em comprar uma outra peça (escultura), para “botar” naquele canto, mas eu não acho que vale a pena, vai ficar muito “atopetado” (...).

P - Então, tu achas que as maiores dificuldades - uma, foi adaptar as coisas as espaço que tu tinhas e, outra, foi de fazer o que podia e não o que queria?

Irma - Exatamente. E que ficasse bom, que eu não me arrependesse, e que ficasse para sempre. (...) Eu acho importante quando a gente quer fazer uma coisa, ter o dinheiro para uma outra pessoa pensar para ti. (Ri). E por outro lado, eu queria fazer uma casa que fosse uma concepção nossa. (...) Eu acho que consegui, dentro de um meio termo, ficou agradável. Eu, pelo menos, estou satisfeita. Mas é difícil tu conceber, com antecedência, um “monte” de coisas ao mesmo tempo.

Ela me mostra, em seqüência, os quadros todos que estão afixados nas paredes. Cada um tem uma história, e são de artistas conhecidos, seus amigos e outros que conheceu em viagens. Foi feita uma seleção das obras, para colocar somente as peças mais significativas e que harmonizassem entre si, pois não gosta de ambientes “atopetados”, ou muito cheios de objetos. Algumas das obras de arte estão guardadas, pois, a seu ver, a moradia atual não

comporta todas. Já Israel refere-se à sua moradia com olhar de arquiteto, acreditando já ser hora de dar uma renovada na decoração, que não foi totalmente implementada, pois teria sido projetada acima das suas possibilidades, na época:

Israel - Hoje eu adaptaria algumas coisas. Por exemplo: uma das coisas que eu cansei foi esses forros de concreto aparente, sabe? Eles são muito pesados, escuros, a iluminação fica difícil de trabalhar. (O projeto original de iluminação ainda não foi terminado). Eu já estou estudando aqui para mudar, eu estou querendo um forro de gesso, talvez meio “Calder”, aqui em cima. (Faz um desenho sinuoso com as mãos) ⁸³. Com umas (lâmpadas) dicróicas aqui, para jogar mais luz, clarear um pouco mais. Mas não mudaria o espírito, porque eu acho que está muito boa toda a construção. (...) Esta sala de recreação, eu quero fazer uma decoração “boneca” ⁸⁴, sabe? (...) E outra coisa que está faltando, e que estava no programa, é o ar condicionado central, (...) que eu acho que define um nível de conforto e qualidade de vida, realmente. (...) Acho que nós ‘viajamos’ ⁸⁵ bastante no projeto.

Segundo os eixos considerados, da Abundância e da Suficiência, verifica-se que no universo considerado parece haver uma tendência em direção à acumulação e à aquisição de bens simbólicos na proporção do crescimento do poder aquisitivo. Esta tendência pode ser contrabalançada por outra tendência de base mais ascética, que vai definir poucos e efícazes elementos simbólicos, calcados na diferenciação de base cultural, mesmo que surgido em contexto de menor disponibilidade de recursos. Certamente o apartamento de maior impacto formal que visitei foi o de um indivíduo que concebeu o espaço e confeccionou pessoalmente vários elementos, inclusive capas de estofados e cortinas, atualizando a ambientação com elementos clássicos evocativos, ao gosto “pós-moderno”. Ou seja, a falta de

⁸³ Alexander Calder, morto em 1976, foi um escultor moderno, americano, engenheiro de formação, famoso por seus móveis, onde a perfeita estrutura combinava-se em formas de desenho racionalista.

⁸⁴ “Embonecar” pode significar “enfeitar”, “caprichar na aparência”.

⁸⁵ “Viajar” aqui aparece no sentido da irrealidade ou inacessibilidade de algumas expectativas, como foi o caso do ar condicionado central, de custo bastante elevado para o poder aquisitivo do casal, na época do projeto.

recursos pode ser compensada ou denegada através da adoção de parâmetros de gosto superior, que justifiquem ambientes despojados com a máxima intencionalidade estilística.

Com relação aos apartamentos de arranjo “suficiente”, apontados por outros entrevistados como uma decoração de preocupação mais convencional, pode-se considerar algumas hipóteses. Caso pertençam a casais mais jovens, podem representar o primeiro passo em direção à acumulação progressiva, lançando alguns elementos básicos que, mais tarde, serão recobertos com as aquisições progressivas. O arranjo do apartamento de Mirta parece estar sofrendo este processo: a cada ano, a moradia parece mais “vestida”. A sala de estar, para onde a porta de entrada se abre diretamente, inicialmente era composta por um sofá de dois lugares, uma poltrona, mesa de jantar - móveis de linha de boa qualidade - duas serigrafias que foram recebidas como presente de casamento e alguns vasos com plantas. Os tons foram harmonizados em torno da cor da madeira de mogno, preto, branco e bordô. Um ano depois do casamento, ela mandou fazer um móvel embutido que funciona como bar, em mogno, e providenciou outro sofá de dois lugares. Mandou fazer, ainda, móveis sob medida para a sacada da churrasqueira que fechara com vidro temperado, onde também colocou um sofá. Por ocasião da entrevista, ela já havia feito um outro móvel para a sala, para colocar objetos de decoração, discos, fitas e equipamentos para ouvir música e providenciara um grande tapete e mesinhas laterais para os sofás. Atualmente, ela está redecorando o quarto do filho, colocando papel de parede, novas cortinas, novo carpete. Seu último objetivo é fazer novos móveis para o seu quarto.

Existem, porém, apartamentos de indivíduos de mais idade, cuja lógica de acumulação parece estar direcionada mais no sentido de formação de um patrimônio “discreto”, do que na aquisição de bens de prestígio ou objetos que possam ser exibidos no interior das moradias. Assim é para Heitor, cuja moradia é um retrato da época em que foi montada, dentro de um estilo sóbrio e sólido. Ele tem este apartamento há um pouco mais de vinte anos. Na época, havia um certo movimento de afirmação do *design* nacional para mobiliário, com utilização de materiais como madeiras brasileiras, cerâmicas, dentro de um estilo funcionalista desenvolvido a partir da experiência de Brasília. A decoração, também, busca-

va um efeito de impacto, através da utilização de texturas rugosas e cores fortes e escuras, em contraste com o branco. O apartamento de Heitor parece saído de uma revista de decoração da época, e sofreu muito pouca alteração ao longo destes vinte anos. Ele não mantém objetos de moradias anteriores, pois passou algum tempo trocando muito seguido de cidade, em função de seu trabalho. Mas, nesse meio tempo, os investimentos dos excedentes financeiros foram, preferencialmente, feitos em imóveis: ele é dono de uma casa de veraneio e vários terrenos na mesma praia, e está construindo um novo apartamento, em condomínio, além de continuar dono da primeira casa que construiu, no interior do Estado. Seus projetos incluem a compra de mais um carro, uma sala comercial e um apartamento pequeno, para a única filha do casal.

Pode haver, portanto, uma diferença de base geracional que sugere a hipótese de haver uma tendência na geração mais nova em acumular objetos de prestígio à medida de seu progresso financeiro, enquanto que a geração anterior, a partir do estabelecimento de um patamar de suficiência, tende ao alargamento da base econômica.

6.4.2. O espaço do Indivíduo, o espaço dos Outros

Assim como existe uma diferenciação de base econômica, para a qual pode ser invocada outra, de base cultural, também aparece uma diferenciação propriamente cultural, de acordo com as preocupações básicas da decoração, caso esta seja produzida em função “dos outros” ou em função “de si mesmo”. Haveria uma decoração especialmente preocupada em localizar sincronicamente a posição social do indivíduo perante os demais indivíduos, formulada segundo critérios de senso comum. Esta seria a decoração dos que empreenderam trajetórias de ascensão social, que não teriam suficiente capital cultural ou segurança para definir estilos individuais, nem desenvolvem níveis perceptivos mais aprofundados. Sua antítese seria a decoração dotada de significados individuais, cujos elementos podem construir a história do sujeito ou do grupo e está baseada na afirmação de um gosto individual,

numa especial elaboração da relação do sujeito com o meio ambiente e os objetos que o rodeiam. Mais de um entrevistado referiu-se a isto, incluindo-se, logicamente, no segundo grupo. Lenita explica o processo de iniciar sua vida comum com o atual marido, dificultada pelas diferenças de gosto entre eles:

P - Como é que foi essa junção de dois apartamentos?

Lenita - Foi horrível! (Ri). Tem assim: uma parte da casa que é minha, uma parte da casa que é dele. Uma confusão! Porque o meu gosto não é muito parecido com o gosto dele. (...) Isto daqui eu não gosto, esses quadros assim, tipo pôster, sabe? (Ela aponta serigrafias de casarios coloniais). Então fui tirando. (...) Eu fui colocando aos pouquinhos as minhas coisas, fui tirando algumas coisas que eu não gostava, o quê me “machucava” muito, fazia mal. Fui tirando! (Ri). (...) Ele nunca reclamou. (...) Isto aqui (mostra duas reproduções serigráficas monocromáticas, que combinam com a cor das cortinas da sala), me “incomoda” horrores, eu detesto.

Eu tenho é lembranças, aquelas coisas que ele não tinha. Não é nada, mas tu vê: eu adoro aquele quadrinho lá. É uma série de rostos, foi pintado um em cima do outro. Foi pintado pelo R, um pintor superfamoso na Europa, que me deu de presente. Quando faleceu ele deixou pra mim. Eu fui tirar algumas coisas do apartamento dele junto com a viúva. (...) Eu gosto de olhar para uma coisa e me lembrar, de me relacionar com a coisa. Ele (o marido) não se relaciona com nada. Ele entrou aqui: “Ah, estou precisando para uma parede, a parede tá vazia, vou ‘botar’ ”. E eu não compro as coisas, nada eu comprei. Em primeiro lugar, tem que ter uma relação comigo, né?

Outros pesquisados, mesmo sem querer relembrar etapas passadas da vida, ainda assim, procuram individualizar, ao máximo, o ambiente doméstico, recriando a sua história, com base em elementos selecionados:

P - A montagem deste apartamento, como é que foi?

Fernanda - Fiz tudo sozinha. Eu sempre trabalhei, então peguei o que era meu e fui embora. Nunca quis nada. “Ele” achou muito estranho, aquilo. (...) Da outra casa eu não trouxe nem os móveis. “Peguei” e fui adquirindo coisas bem do

meu gosto. Eu tive arquiteta aqui, mas tudo ficou dentro do meu gosto. Eu sou muito assim, de comprar uma peça, outra, que sejam coisas que me “digam” alguma coisa.

P - Porque significou montar uma casa completa, né?

Fernanda - Eu não tinha cama, quando eu saí. Quando eu fui para a [rua] Carazinho, fui deitar num colchão. Eu estava, na época, com uns quarenta anos. E eu - “Mas, quem diria, eu com quarenta anos, sem cama!”. (Ambas rimos). (...) Então, fui fazendo as coisas e montando a minha casa. Eu gosto disso, cada ano fazer um projeto: “Quê que eu vou fazer este ano?”. Então junto dinheiro. Assim eu vou fazendo, é divertido, é mais “curtido”. (...) Esses quadros foram feitos pelo meu namorado, ele é pintor. (...) Esse é o primeiro quadro que ele fez, eu mandei enquadrar. (...) Esse aqui eu trouxe de Punta (del Este). Eu “fiz” várias vezes a Europa, sempre que viajo trago alguma coisa. (...) Eu gosto de misturar, tu está vendo que é bem misturado. (...) Aqui eu fiz um móvel que tu guarda de tudo, “botei” o som, “botei” o vídeo. Então, está tudo aqui, a gente fica aqui. Porque sala, para mim, não é para mostrar para os outros, sala tem de ser um lugar para ficar. (...) Tudo fofo, para dar a sensação de bem-estar. (...) Eu não gosto de muita coisa empilhada!

Em alguns casos, o ritmo da vida quotidiana parece produzir um arranjo ideal, que é repetido nas novas moradias em seus elementos básicos. Pode ser um móvel especial que abriga todos os equipamentos de som e o acervo de fitas e discos, disposto de determinada forma com relação ao ambiente de estar ou jantar. Pode também referir-se à disposição dos sofás e poltronas em relação ao saguão de entrada, ou à sacada. Mais de um entrevistado referiu-se ao fato do novo apartamento ter um arranjo muito similar ao apartamento anterior, efeito que é aprofundado quando os mesmos elementos são utilizados: *“Aqui, ficou parecido com o outro. É ‘aquilo’, é a ‘cara’ da pessoa. A gente olha: ‘É a sua cara’. A gente vira, mexe, melhora, mas sempre fica bastante parecido”.*

6.4.3. Modernidade & Tradição

Outros eixos podem ser utilizados para dotar de individualidade ao ambiente da moradia, havendo arranjos organizados em torno de objetos artísticos, outros, de peças de mobiliário antigo e antiguidades, que, eventualmente, podem se superpor.

Os valores da modernidade parecem estar presentes mais diretamente naqueles exemplos que tomam a arte contemporânea como *leit motiv* da decoração doméstica. Ser moderno aparece como ser de vanguarda, ter mobilidade, fazer rupturas com os estilos tradicionais de viver, estar sintonizado com o seu tempo, ou seja, ser portador de contemporaneidade. Isto é particularmente expresso no discurso de Venâncio, cuja moradia apresenta espaços pouco convencionais, mostrando que esta pode ser uma configuração concreta nova para valores tradicionais que são mantidos.

Venâncio - *Outro hábito regular (da família): aos sábados nós sempre almoçamos na casa do meu pai. E, de resto, não temos nada muito regular. Tem coisas que a gente “curte” muito, por exemplo, se desenvolver, principalmente eles (os filhos). Assim, nós compramos um computador potente, antes de comprar um toca-discos novo para a casa. Porque isso é uma coisa que vai evoluir. E isso não é uma coisa só pensada, é uma coisa que está nas “veias”, sabe? Tem esta coisa de estar acompanhando a modernidade. A tecnologia, estes “troços” aí. Outra coisa, nós não assistimos televisão, é um hábito da nossa família: nos esquecermos da televisão.*

P - *Nem a NET?*

O filho menor responde - *Em março!*

Venâncio - *Nós pensamos e tomamos uma decisão coletiva de assinar a NET, pra poder ouvir em outra língua. Essa foi a principal motivação, porque, aqui, todo o mundo conhece bem o Inglês. (...) A outra grande vantagem da TV a cabo é que tu passa a comandar o que tu vai ver. Eu acho que o que faz que a gente não veja TV é que tu é comandado por aquela estupidez, né? Eu ouvi um camarada dizer: “olha, nos próximos dez anos tudo o que era por onda vai virar cabo, tudo que era por cabo vai virar onda”. O negócio dos telefones e das televisões. E as televisões vai ficar um negócio de baixa renda. Como é o rádio AM. A TV vai virar AM. (...) E a NET tem muito isso, de acompanhar esta nova tecnologia, de ver o que está acontecendo no mundo. A gente está meio que acompanhando as coisas, né? A gente gosta de arte, também. O (filho maior) está fazendo Ar-*

tes (na Universidade). De vez em quando, num sábado de tarde, sai todo o mundo junto, visitar museu, visitar galeria. Ver o quê tem. Uma vida assim, com uma boa quantidade de atividades culturais boas.

Se televisão pode aparecer relacionada à modernidade de uma forma negativa, e o seu repúdio estar a serviço da definição de um gosto superior, individualizado, com mais frequência a TV a cabo é adotada como uma das formas integrativas que permite a ampliação do universo acessível, através do conhecimento de outras realidades e da possibilidade de assistir a programas de divulgação da Alta Cultura internacional. Se Venâncio, porém, admite que um das posturas da família seja estar sempre a par dos avanços tecnológicos, não prescinde de suas amarras tradicionais, expresso pelo almoço de todos os sábados. E, apesar de sua moradia estar amparada, formalmente, em valores racionalistas, modernos, um elemento de destaque é um antigo móvel que pertenceu ao avô da mulher, que foi restaurado para guardar as bebidas oferecidas às visitas.

Esta contradição no trato das questões relativas ao antigo e ao novo, ou seja, à permanência e à efemeridade, parece reconhecer seu caráter complementar e indissociável, como diferentes aspectos que deveriam ser contemplados. Por exemplo, há uma valorização da mobilidade no arranjo doméstico, que deve receber “atualizações”, embora haja o reconhecimento de que o traço de permanência deva ser preservado. Isabel é que me fala disso. Segundo ela, sendo mais duradoura a construção deve ser concebida em feição “clássica”: *“o clássico nunca sai de moda, nunca se torna velho e feio!”*. O “estilo moderno” de construir, com a utilização de pedras polidas, *“azulejos e lajotinhas”*, *“cansa e choca, porque é para ficar anos e anos”*. A decoração da casa seria o elemento representativo da mudança de gosto que evolui com o tempo, por outro lado *“mudança é tão gostoso! Eu mexo sempre aqui, com os móveis. Eu gosto de fazer, virar as coisas de lugar, para me sentir, um pouco, mudando!”*. Mas, se isto satisfaz certa disposição interna dos indivíduos, não deixaria de haver uma “manipulação” que objetiva captá-la aos interesses do capital:

Isabel - *Eu me lembro, antigamente nunca se renovava, uma casa era para passar de geração em geração. Nós visitamos uns amigos do meu marido na Europa, um apartamento com o pé-direito bem alto. E a casa era a mesma que moraram os pais dele. Os móveis eram todos os mesmos. Só os tecidos que vão envelhecendo ela troca. Que coisa linda aquela casa! É que nós pertencemos a uma sociedade de consumo que, se não consumir, não sobrevive mesmo...*

P - *Será que é por aí?*

Isabel - *É por aí, sem dúvida!*

P - *Mas o gosto não é uma coisa que muda, também?*

Isabel - *Mas ela (a sociedade) é toda manipulada. Muda porque te mostram as mudanças, que “assim não está certo”, que “é assim que tem de fazer”. “Agora estão fazendo tudo novo, tu devia estar fazendo assim”... E na televisão te mostram as coisas novas. E você vai renovando. (...) Se não, ficaria tudo parado, se todo o mundo ficasse igual, não mudasse nada. É aí que eu digo novamente: as mudanças têm que ser feitas, mas tudo dentro de um limite. Não alocado, entende? Mais equilibrado. Eu acho bonito quando surge uma época moderna, em que surgem artistas. Se não, o que seria feito da criatividade se não houvessem mudanças? Criatividade cria mudanças, a pessoa cria alguma coisa que não existia ainda, mas baseado naquilo que existiu. Porque nada é novo, né?*

P - *Parece que a gente é mais suscetível às novidades...*

Isabel - *A sociedade moderna é bastante suscetível ao novo, bastante mesmo. Mas eu penso que isso tudo é manipulação, não é necessidade vital, compreende? Tem outras coisas que as pessoas necessitam, mas essa parte é mais infundada como necessidade. Então a pessoa se satisfaz com as mudanças. E, de repente, se não fossem essas, ela procuraria fazer mudanças diferentes.*

De acordo com estas representações haveria elementos mais perenes, a construção em si, o chamado “imóvel”, que deve ser concebido dentro de padrões de continuidade cultural. A decoração pertenceria ao domínio do efêmero e, como tal, é passível de ser manipulada para manter economias baseadas no consumo de novidades, ou seja, na obsolescência do gosto. A utilização de móveis e objetos antigos poderia ser um recurso de “ancoragem” em meio a uma realidade mutante, pela introdução de um sentido de perenidade àquilo que o próprio nome denuncia como “móvel”.

Em outras palavras, tudo aquilo que é perene deve ser concebido dentro de uma feição tradicional. Seria este o caso das relações de parentesco, das relações familiares que, como vimos, resistem em manter as configurações tradicionais, o que também explicaria a saudade das relações de vizinhança “de antigamente”. O que é perene remete à totalidade, aos englobamentos hierárquicos, a uma ordem específica, a um tempo que se repete. Somente o que é perene, é conhecido, pode fornecer a necessária ancoragem emocional. Aparecem, assim, esforços na construção da história do grupo familiar, mesmo para jovens casais, através do estabelecimento de novas tradições que projetam um futuro de perenidade. É assim que a repetição cíclica e intencional de rotinas pode incorporar-se como “hábitos” de família, ou do casal, que são perenizados através de objetos evocativos: *“Esta foto é da Feira de San Telmo (em Buenos Aires), ‘Imágenes de antaño’, que agora não existe mais. (...) Isto aí, foram anos que a gente foi. A cada ano a gente trazia uma. Essa aí, pensaram que era o Czar Nicolau, com a sua esposa. Aqui, eu estou de puta! (Ri). A cada ano, tiramos (uma foto)”*.

Aqueles que utilizam elementos de estilos de épocas passadas e mobiliário antigo salientam os valores da permanência e da continuidade, mesmo que estes sejam poucos elementos em meio a objetos e obras de arte mais contemporânea. Um dos efeitos produzidos no observador é pensar que estes são objetos de família, representando um passado genealógico de abundância e riqueza. Assim fui induzida ao erro, pelo menos uma vez, pois, ainda que o entrevistado fosse, de fato, proveniente de uma família socialmente antiga e conhecida em Porto Alegre, durante minha relação com ele ficou claro que a maioria destes móveis e objetos foram adquiridos em antiquários locais. Esta ambientação afirmava, assim, a sua identidade como um sujeito pertencente a uma linhagem social mais perene. Em outras circunstâncias, porém, esta identidade pode ser “fabricada”, ancorada em testemunhos de um passado que jamais existiu.

Mesmo aqueles que enfrentaram situações de rupturas significativas nas trajetórias individuais, podem utilizar-se do objeto antigo para traçar uma história que podem reportá-los aos seus ascendentes, ou, ainda, recriar uma história pessoal que dê a impressão de sufi-

ciente solidez histórica. Pelo menos um dos entrevistados enfrentou verdadeiras batalhas para recuperar objetos de família, cujo efeito é aumentado pela aquisição de mobiliário antigo. Neste caso, a história familiar, desde o início do século, aparece como uma história de sucessivas rupturas, cuja reconstrução, da qual a recuperação de objetos é metáfora, foi tarefa que o sujeito tomou a si. Completo, aqui, a fala de Dora (página 97): *“Eu tenho nostalgia do passado que não me pertence, não só a nostalgia do meu passado, mas do outro que eu nunca vi, entende? E esta é a coisa que me liga”*. Ter passado é ter referências, é ter consistência, é ser alguém de percurso reconhecível.

Se o projeto informa a trajetória de vida, e esta trajetória pode ser testemunhada pelos objetos que se tem, o prazer de possuí-los parece redobrado. Júlio, quando me recebeu em seu escritório, assim se expressou a respeito de sua moradia: *“Uma das coisas que nós gostamos muito, é de arte. Tu vais ver, na nossa casa todas peças tem uma obra de arte. Todas as peças, sem exceção. (...) Nossa casa, nesse sentido, é muito... Tu vais gostar, cheia de coisas antigas, detalhes”*. Nesta moradia, todas as peças do mobiliário, as diversas obras de arte, os objetos, as fotografias expostas, em todas as peças da casa, recriam a trajetória do casal, e foram adquiridas gradativamente, ao longo do tempo. Ao me mostrar o arranjo do apartamento, ele ou a mulher podiam lembrar a história de cada um dos elementos, alguns adquiridos quando ainda eram estudantes. Destes, uma escrivaninha, recuperada do mobiliário antigo da Faculdade, recebia destaque especial na decoração. Eles guardavam, ainda, alguns poucos objetos de família, que recordavam, um a um, todos os indivíduos da geração anterior por quem foram afeiçoados.

A aquisição de móveis antigos pode, ainda, ser um bom negócio, uma vez que o seu valor de troca permanece, como me alertou um dos entrevistados, podendo ser maior que o próprio valor de uso. A aquisição de antiguidades pode significar a constituição de um patrimônio, que só irá valorizar com o tempo, ao contrário do mercado de Arte, cuja oscilação entre modas passageiras e famas pré-fabricadas não assegura o valor da obra adquirida. Mas, para Selma, este comércio de coisas antigas não deixa de ter, ainda, um lado emocionante.

Selma - *Uma vez eu comprei uma mesa antiga, retangular... Aliás, ontem eu estava me dando conta: os móveis antigos te dão uma possibilidade que os móveis modernos não dão, que é a possibilidade da troca. Do giro. Tu compra, fica mal, tu consegue vender e comprar outro, antigo também. Tu negocia.*

P - *Não chega a desvalorizar.*

Selma - *Não desvaloriza. Tu vai na loja, negocia, compra outro e paga a diferença. E essa circulação eu acho até que é uma coisa emocionante, gostosa, né? (...) Então, eu tinha comprado uma mesa... (...) Um dia, fui lá no (antiquário), “Tu consegue outra mesa, não-sei-o-quê, aquela mesa que tu me vendeste está dando este problema...”. (...) Essa aí era um pouquinho mais cara, eu dei a diferença. Ele ficou com aquela, não teve problema. Então, eu acho que móveis antigos têm essa possibilidade - tu está sempre negociando.*

A aquisição de um móvel antigo pode, portanto, integrar o indivíduo em uma corrente relacional, não só com daqueles que os comercializam, diretamente, mas com aqueles todos desconhecidos que, um dia, foram seus proprietários. Esta circulação é emocionante, pois acresce valor aos objetos, o prestígio dos antigos usuários que lhes é incorporado. O dono atual toma emprestado estes significados, cerca-se dos indícios de uma trajetória que não é a sua, mas que reafirma o valor da continuidade perante uma realidade fragmentada.

Para os indivíduos em trajetória de ascensão, a aceitação em redes de maior capital cultural pode ser especialmente problemática, uma vez que o reconhecimento intraclasse se dá por intermédio dos padrões de estilo de vida, que inclui a questão do gosto. A variedade do gosto é um jogo de *performance*, que exprime a auto imagem, mas obedece a uma linguagem reconhecível pelo outro, linguagem que é aprendida através das práticas distintivas de determinados segmentos, ou pela utilização de intermediários culturais. Para uma grande maioria, justamente as camadas que tem como diferencial a ascensão baseada em escolarização mais que no “berço”, o aprendizado das regras de bem viver, ou bem morar, podem ser aprendidas pela contratação de especialistas, ou a utilização de referenciais como revistas de decoração e manuais de boas maneiras. Mas, para os novatos, existe sempre o risco de demonstrar um gosto deslocado.

Assim é que, para a distinção de um segmento altamente intelectualizado, a legitimidade do gosto pode estar ligada à autenticidade, raridade ou originalidade das peças, sejam obras de Arte ou antiguidades. A falta de recursos econômicos é compensada pela criatividade e originalidade. Para os que, além de intelectualizados, identificam-se com segmentos da burguesia internacionalizada, a presença de móveis antigos só pode ser legitimado de duas maneiras: ou serem móveis de família, ou serem adquiridos nos melhores antiquários⁸⁶. Os móveis devem ser, ainda, autênticos, cópias e falsificações são inadmissíveis.

Dentre os entrevistados, há aqueles que, de fato, possuem objetos e móveis de família. Outros os adquiriram em feiras e estabelecimentos especializados em Punta del Este, Montevideu ou Buenos Aires. Temos outros, cujas antiguidades procederam das áreas de ocupação mais antiga do Estado, ou do interior colonial. Mas a expansão da classe média e a democratização dos conhecimentos via moderno sistema de comunicações altera a lógica de consumo imposta por uma elite social e intelectual. Apesar de reconhecer a existência da “boa vontade cultural” definida por Bourdieu (1979), e, ainda, reconhecer uma fração, neste segmento estudado, proveniente de famílias já intelectualizadas e pertencentes às classes médias altas, é possível reconhecer uma nova tendência - que soluciona o enquadramento do gosto e prova, ainda, a capacidade destas novas camadas sociais que ascenderam socialmente em impor diferentes hierarquias simbólicas. Esta tendência encontra-se, atualmente, bastante difundida pelas revistas mais populares de decoração, e utiliza móveis e elementos envelhecidos artificialmente, através de pinturas especiais, que se destinam a evocar a antiguidade sem, no entanto, chegarem a ser falsificações. Ao contrário, deve-se perceber que é uma reinterpretação, uma ambientação quase teatral, na qual as pátinas passam a evocar um passado inespecífico, uma moradia ancestral que nunca existiu, uma saudade sem substância, mas que reafirmam, antes de tudo, a beleza de ter lembranças.

⁸⁶ Esta é a conclusão do estudo que analisa, comparativamente, conteúdos de revistas nacionais de decoração, (continua na próxima página)...

CONCLUSÃO

Havendo um só vocábulo a extrair do estudo precedente que pudesse expressar a principal característica do universo pesquisado, este seria “movimento” - movimento que está presente na mobilidade ascensional e, principalmente, nas representações verbalizadas da dinâmica que cerca o ideal de vida perseguido pelos sujeitos pesquisados. O movimento aparece com essencialmente impulsional, a vida sendo vista como um seqüencial de etapas na busca do reconhecimento social e prestígio, de melhores condições de vida, de maior segurança, de conquistas individuais, de sucesso financeiro e econômico. No estabelecimento dos ideais de vida encontra-se muito mais projeção que reflexão e a saudade dos valores perdidos do passado não anulam as alegrias presentes - ambas construídas pela transformação projetada. Na visão êmica, todo o progresso tem seu preço, mas não se pode deixar de progredir - disposição internalizada à feição do *habitus* conceituado por Bourdieu (1980). O projeto aparece como o estilo mais característico de representação e *ethos* do grupo, que vai se constituindo neste movimento mesmo de projetar o seu futuro. Degraus sucessivamente vencidos vão fornecendo o motivo condutor das existências, através do qual os indivíduos se reconhecem pertencentes ao um mundo moderno e progressista - viver, para muitos, significaria apenas progredir constantemente.

O movimento está presente na abertura para a novidade, para o moderno, para o internacional, como se o bairro fosse uma janela para o Mundo, na qual todos os moradores se

debruçam - com sua rede de TV a cabo, suas sofisticadas e dispendiosas alternativas de consumo e lazer, suas viabilidades socializadoras e suas possibilidades de dramatização desta inserção global. O modelo americano, relaborado, pode fornecer alternativas de identificação, face às inevitáveis rupturas trazidas pelos processos de ascensão, pela aquisição de capital cultural, pelas novas alternativas e necessidades do sistema produtivo.

A idealização destes valores, porém, revela a tensão constitucional do sujeito moderno, produzida pela justaposição de valores da Tradição e da Modernidade reinterpretados quotidianamente, revelado na ambigüidade dos projetos de autonomia do casal, refletido nos processos de sociabilidade quotidiana, na mescla de costumes, no arranjo das moradias. Esta justaposição traduz, por outro lado, uma especial forma de ancoragem, que humaniza o bairro e os sujeitos, atenuando os efeitos do ideal individualizante.

Apesar das diferenças entre as trajetórias individuais, uma dinâmica própria ao universo se expressa no estilo narrativo, que evoca, constantemente, contrastes temporais que dão conta das diferenças entre uma situação passada e outra presente. Se, às vezes, esta relação fala da saudade de um passado bom, de relações solidárias e ambientes receptivos e seguros, em outras o contraste é estabelecido para aferir o progresso - que está substancializado no patrimônio, do qual a casa parece ser o elemento mais carregado de significados e que é expresso pelo tipo do consumo, possível pelo refinamento do gosto e acesso a bens privilegiados. O mapeamento em um universo distinto de pertencimento é realizado, ainda, através da avaliação do grau de seletividade das relações, pela excelência das redes da qual se faz parte, pela qualificação do lazer, pelo crescimento do universo acessível através dos graus ampliados de socialização, possível pelo crescimento do poder econômico.

Para este grupo existiria, porém, só uma condição que legitima o sucesso financeiro e patrimonial: que se dê através da aquisição de capital cultural, principal diferencial em relação a segmentos que simplesmente ganham dinheiro. Este diferencial é expresso através da extrema estilização da vida quotidiana, ou seja, na ordenação do Mundo por uma ótica do que é certo ou adequado, do que é bom, do que é belo, do que é desejável - que deve ex-

pressar-se em todos os seus aspectos emblemáticos, seja no bairro, na moradia, na apresentação pessoal, no carro, na escola dos filhos, nos hábitos de lazer.

Se esta estilização da vida quotidiana imprime, indelevelmente, o valor Individualismo, verifica-se que o indivíduo também aparece como um sujeito integrado e comprometido com os processos de produção e reprodução social. Para isto, o valor-trabalho é acionado, dentro de novas orientações acumulativas para o capital. A realização profissional, por outro lado, pode prover lugares sociais mesmo para os indivíduos que efetivam rupturas maiores. Valores como a racionalidade, a objetividade, os compromissos de eficácia modernos, gravam-se na vida quotidiana, penetrando na organização da vida privada e no estabelecimento dos ritmos do grupo.

O estabelecimento de ritmos sociais amparados na divisão entre os diversos tempos - o tempo da produção e o tempo do lazer - também está perpassado por superposições temporais, das representações de passado e presente, de tradição e modernidade. O tempo urbano é vivido economicamente, ou seja, onde o ritmo produtivo comanda o espaço-tempo na procura de sua maior otimização. As moradias desenvolvem-se em espaços mais contraídos, e são localizadas ao alcance, em tempo razoável, dos locais de trabalho/estudo/consumo. Trata-se de obter o melhor rendimento num tempo que requer grande integração tecnológica e cultural e poderá, ainda, comportar somente as relações mais imediatas e contingentes. O tempo do lazer é transcrito em um ambiente “natural”, sugerindo frouxidão dos ritmos cotidianos e dos protocolos relacionais, e uma sociabilidade mais espontânea, mas não menos seletiva - o descontrole controlado. Está ligado a territórios que incluem porções mais generosas de espaço, tanto internos quanto externos, e a proximidade de eventos como matas e corpos hídricos menos transformados por ação do homem, que reportam a uma vida regulada, também, pelos ritmos orgânicos dos indivíduos e dos grupos domésticos. Estes diferentes tempos regem os translados unânimes e cíclicos entre as moradias no espaço prestigiado do bairro Bela Vista e necessárias residências de lazer - que confirmam as posições sociais alcançadas e marcam o estilo de vida deste segmento.

Estas representações temporais parecem contemplar, ainda, a idéia de que os indivíduos são compostos de uma natureza de caráter multifacial, que deve ser diferentemente satisfeita - e cuja satisfação estaria depositada nessas diferentes esferas por onde circulam. A possibilidade de informação e a realização de viagens internacionais oportunizariam a atualização destas identidades, através da incorporação de hábitos, artefatos e estilos de comportamento sintonizados com os movimentos de mudança social global. O espaço circundante é apropriado segundo os requisitos desta natureza múltipla que vai, ainda, ser acionada no desenho do universo acessível, ou território pessoal, cujo conhecimento permite o deslocamento individual e a interação com outros indivíduos.

Na vida quotidiana, a seletividade pode vir a desconsiderar certas possibilidades de relação social, procurando estilizar as rotinas ou, ainda, por não considerá-las compatíveis com o estilo de vida. Ou seja, algumas porções espaciais são suprimidas da experiência normal, sem que isto, no entanto, signifique uma correspondente redução do universo acessível, cuja ampliação constitui o cerne dos projetos motivadores dos pesquisados. Isto é particularmente enfatizado por Leroi-Gourhan (1965) para quem a máxima socialização, ou a integração com outros indivíduos e realidades métrica e socialmente distantes, caminha para a substituição dos deslocamentos físicos pelo desenvolvimento dos meios de comunicação. E, paradoxalmente, para a liberação das necessárias operações sociais que constituem o processo da relação em si. Dentro dos níveis intermediários de desenvolvimento em que as sociedades se encontram, porém, os deslocamentos e espaços de transição ainda são necessários, podendo funcionar como vetores de interação ou serem, ainda, totalmente privatizados, como os deslocamentos feitos em veículos particulares. As operações sociais estariam sofrendo uma redução drástica, através da automação, mas ainda não prescindem, totalmente, de interações entre os sujeitos. Augé (1992) descreve, a este respeito, uma viagem intercontinental na atualidade, onde o viajante precisa de uma mínima e padronizada interação com outros indivíduos para chegar ao seu objetivo. As demais operações podem ser efetuadas por elementos inanimados, como máquinas *self service*, cartões magnéticos e avisos ou ícones luminosos.

No universo estudado, existem indivíduos que mantêm uma idéia mais clara da totalidade espacial e social, porque tiveram a oportunidade e o desejo de experimentar realidades diferentes; outros, nem tanto, pois optaram por reduzir esta experiência; ambas são disposições internalizadas através de processos de socialização. Ou seja, no caso estudado podemos encontrar territorialidades capazes de se reportar a uma totalidade, mas encontramos, também, desenhos de mundo de configuração mais privada, feito por indivíduos que selecionam as “partes” do mundo que desejam viver. Assim sendo, mesmo que estes tenham acesso a diferentes realidades, por exemplo, através de viagens regulares para o exterior, a ponto de alguns poderem circular pelos principais centros da Europa ou América com desenvoltura, a experiência do mundo passa a ser uma experiência fragmentada. O mundo é configurado a partir de uma “constelação” de lugares, cujos hiatos são percorridos em ambientes altamente privatizados, como aviões ou carros particulares, dotados de grande autonomia em relação ao meio social e físico circundante.

A noção de espaço-tempo, assim, sofreria uma redução a partir da modernização, ao mesmo tempo em que provocaria um fenômeno inverso - de distanciamento relativo às antigas formas de sociabilidade e reciprocidade da vizinhança tradicional. À expansão em direção aos espaços globais corresponderia uma compressão dos espaços cotidianos. Esta seria a vida moderna, apropriada de uma maneira particular pelo grupo que, se pode configurar o mundo a partir de óticas individuais, abre-se em relação à cidade e dispõe-se a vivenciar os espaços públicos do bairro e a diversidade característica da vida urbana - sua principal diferença em relação a outros segmentos de estratos superiores. É elite, mas não é gueto - como lembrou uma das entrevistadas. A predisposição moderna não seria, portanto, um imperativo irrecusável, nem à adoção de padrões de comportamento internacionalizados corresponderia uma recusa de vivências, hábitos e tradições locais.

Esta disposição estabelece relações de vizinhança características à população do bairro, fundada em um forte sentimento de localidade, ligado à identificação com um lugar social, mais que numa familiaridade das relações sociais com base na proximidade física. Os valores tradicionais de vizinhança podem ser nostalgicamente recordados pelos entrevista-

dos, comparativamente às relações hoje entabuladas. E poderão ser revividos em situações de hiperrealidade, como no caso das construções de condomínios horizontais, onde a bucólica rua do passado emerge em segurança, com sua vizinhança harmoniosa e solidária. Porém, o distanciamento calculado, como regra de vizinhança, é o que parece viabilizar a coexistência das diferenças e concentração dos investimentos subjetivos na concretização dos projetos individuais. Esta especial identidade é amadurecida pelo tempo transcorrido, encorajada pela sensação de estar entre iguais e construir uma História coletiva - a história do bairro e de seus moradores, garimpada na memória, substancializada pelo estilo de vida que é exteriorizado, pelas tradições reinventadas, rapidamente difundidas e adotadas.

O valor-mudança está, segundo Duarte (1986), subjacente à dinâmica sócio-econômica das sociedades modernas e sustenta a reprodução de uma evolução, de um progresso baseado numa concepção de tempo linear, compatível com as representações progressistas dos pesquisados. E a noção de mudança social estaria ligada à mudança de valor. Mas as representações dos sujeitos estudados sugerem uma continuidade que é representada pelas reapropriações de valores permanentes e estruturais - seja na organização da família nuclear, na natureza das relações com a família de origem, nas gradações hierárquicas das relações “de obrigação”, na identificação com o projeto de classe, na integração ao sistema ocupacional e de relações de classe. Por outro lado, a alta previsibilidade do grupo traz a questão de quais rupturas seriam significativas em termos de valor. Ou seja, que verdadeiras mudanças são empreendidas pelo grupo ou por indivíduos deste grupo?

Para Firth (1974), a mudança se daria, fundamentalmente, nos aspectos organizativos ou estratégicos que reordenam, sistematicamente, as relações sociais pelos atos conscientes e pelas opções individuais. As escolhas são limitadas pelo contexto, mas desdobradas no tempo podem vir a somar-se, introduzindo transformações de alcance social. Estas mudanças estão bem sinalizadas no universo estudado: a profissionalização feminina, a maior participação masculina nos assuntos domésticos e cuidados com os filhos, a criação de novos mercados de bens e serviços simbólicos, a atitude hedonístico-pragmática-elitista na forma de elaborar o valor-trabalho, a identificação com modelos capazes de responder

questões não contempladas pela organização social tradicional. Pode-se, ainda, localizar alguns indivíduos que parecem ter seguido caminhos mais propriamente individuais, ou seja, rompido com a previsibilidade das escolhas e a linearidade das trajetórias. Estes são os que fizeram casamentos fora de sua condição social, os que se separaram e/ou mantêm relações amorosas livres, os que não tiveram filhos por opção. Nestes casos, o valor-trabalho é o que possibilita a definição de sua autonomia e lhes proporciona um lugar social, independente de seus compromissos com a continuidade estrutural.

Temos assim, uma grande diversidade nas representações associadas à estilização do cotidiano, que são acionadas seletivamente em função de movimentos de identificação ou diferenciação. As representações dos entrevistados podem parecer organizadas em posições simples, mesmo recurso de racionalidade moderna que organiza um tempo linear de progresso. O primeiro grupo seria o que associa Presente, Tempo Produtivo, Espaço Urbano-Global, Eficácia, Gregarismo-Controle, Fragmentação, Modernidade-Mudança; o segundo, relacionando Passado, Tempo do Lazer, Espaço Natural-Local, Frouxidão, Nomadismo-Descontrole, Unidade, Tradição-Continuidade. Estas representações, porém, fazem parte de uma complexa superposição temporal que imprime uma dinâmica característica ao universo, tensionada pela inevitabilidade dos processos de modernização e a necessidade de construir a continuidade. Assim sendo, é acionado o “estoque” de padrões tradicionais; estes valores, porém, jamais poderão ser vivenciados senão em situação de reatualização, de ressignificação, de relaboração - pois o valor-mudança está definitivamente incorporado ao *ethos* deste grupo.

O bairro Bela Vista parece obter sua popularidade ao proporcionar um suporte físico adequado para que estas imagens se superponham, em experiências construídas e reeditadas por seus moradores. Poderia ser, segundo estas representações, um oásis que possibilita a vivência das antigas sociabilidades urbanas ligadas às antigas formas “naturais” de vizinhança da Tradição: *“...tem uma coisa gostosa ali, que é as pessoas com uma rotina ‘diferente’, muito parecida com a gente. (...) Pessoas que transitam com cachorros.... (...) Ali na*

rua sempre tem gente passando, caminhando, 'footing', né?'". Coisas de cidade pequena... E ser, ao mesmo tempo, um enclave de Modernidade que realiza um ideal de vida mais qualificada e possibilita práticas de consumo de caráter lúdico, moderno:

E, daí, tu caís dentro da Nilo Peçanha, tem um clima de Rio de Janeiro, até um pouco festivo. (...) Ali começa a ter um equipamento mais moderno de consumo, de acesso. Coisas que o bairro está criando e que para mim são boas surpresas, entende? Como, por exemplo, um posto de gasolina que tem uma lavagem automática. (...) Serviços assim, meio coisa de Primeiro Mundo, (...) aquela maquininha que tu vai e tira a Coca. Uma coisa mais de atendimento moderno, como o [shopping] Iguatemi. (...) O bairro está criando uma rotina, um processo novo, que eu nem saberia te dizer por onde está indo, mas que é gostoso. (...) Tu sente aquele clima de festa...

A imagem do bairro Bela Vista, forjada coletivamente desde várias fontes, e coletivamente incorporada por seus novos moradores, que reúne e atribui poder econômico, distinção social, estilo de vida moderno, um grande grau de autonomia, mobilidade e internacionalização, disposição para o lazer, hábitos de consumo sofisticados, pode ser considerado um exemplo bem sucedido em eficácia simbólica, pela unanimidade alcançada junto à cidade de Porto Alegre.

BIBLIOGRAFIA

ABREU FILHO, Ovídio

1982. "Parentesco e identidade Social" in *Anuário Antropológico 80*. São Paulo, UFC/Tempo Brasileiro.

ALTHABE, G. *et alii*

1985. *Urbanisation e enjeux quotidiens*: terrains ethnologiques dans la France actuelle. Paris, Anthropos.

ARANTES, Antônio A.

1982. "Pais, padrinhos e o Espírito Santo: um reestudo do compadrio" in *Colcha de retalhos*: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo, Brasiliense.

ARIÈS, Philippe

1981. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar.

ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges (org.)

1992. *História da vida privada*, v. 3, 4 e 5. São Paulo, Companhia das Letras.

AUGÉ, Marc

1992. *Non-Lieux*: introduction à une anthropologie de la surmodernité. Évreux, Éditions du Seuil.

BACHELLARD, Gaston

1993. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes

BARBOSA, Livia Neves de Holanda

1984. "Porque hoje é sábado... Um estudo das representações dos dias da semana" in *Boletim do Museu Nacional* n°49. Rio de Janeiro.

BARRIOS, Sonia

1979. *Sobre la construcción social del espacio*. Centro de Estudios del Desarrollo, Universidad Central de Venezuela, mimeo.

BAUDRILLARD, Jean

1973. *O sistema dos objetos*. São Paulo, Perspectiva.

1991. *A sociedade de consumo*. Coleção Arte & Comunicação, s/1, Edições 70.

BELLAING, Louis Moreau de

1988. *La misère blanche*: le mode de vie des exclus. Paris, L'Harmattan.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas

1985. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes.

BERMAN, Marshall

1986. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo, Cia. das Letras.

BERTHELOT, J-M.

1985. "La socialisation" in *Societes*: Revue des Sciences Humaines et Sociales, mars, V1, n°3. Paris, Masson.

BODY-GENDROT, Sophie

1992. "Uma vida privada francesa segundo o modelo americano" in PROST & VINCENT.

História da Vida Privada: da Primeira Guerra aos nossos dias, v 5. São Paulo, Companhia das Letras.

BOLTANSKI, Luc

1984. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro, Graal.

BOSI, Ecléa

1987. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo, EDUSP.

BOTH, Elisabeth

1976. *Família e rede social*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

BOURDIEU, Pierre

1962. *Celibat et condition paysanne*. Etudes rurales 5-6:32-135.

1979a. *La distinction*: critique sociale du jugement. Paris, de Minuit.

- 1979b. *O desencanto do mundo*. São Paulo, Perspectiva (:12-45).
1980. *Le sens pratique*. Paris, Minuit.
1983. “Gostos de classe e estilos de vida” in *Pierre Bourdieu: sociologia*. Renato Ortiz. (org.) São Paulo, Ática.
1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand.
1990. “Um signe des temps” e “Un placement de père de famille” in *Actes de la recherche en sciences sociales 81/82*, mars. Paris, Maison des sciences de l’homme, de Minuit.
1992. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, Col. Estudos V.20.
- CARDOSO, Ruth (org.)
1986. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo, Paz e Terra.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri
1994. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo, EDUSP.
- CHOMBART DE LAUWE, Paul-Henry
1967. “A organização social no meio urbano” in VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- COELHO NETTO, J. Teixeira
1979. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo, coleção Debates, Perspectiva.
- COUTINHO, Anamaria Ribeiro
1985. “Pressupostos da noção de intersubjetividade” in FIGUEIRA, S. . *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- COX, Cristián Fernandez
1995. “A arquitetura da transmodernidade na América Latina” in Revista *PROJETO* 188:32-46, agosto. São Paulo, Arco Editorial Ltda.
- DA MATTA, Roberto
1980. *Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. São Paulo, Brasiliense.
1985. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. SP, Brasiliense.
- DARNTON, Robert
1986. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal.

DESMARAIS, Danielle & GRELL, Paul

1986. *Les récits de vie*: théorie, méthode et trajectoires types. Montreal, Saint-Martin.

DIBIE, Pascal

1988. *O quarto de dormir*: um estudo etnológico. Rio de Janeiro, Globo.

DONZELOT, Jacques

1980. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro, Graal.

DUARTE, Luiz Fernando D.

1986. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Zahar/CNFC.

DUMONT, Louis

1985. *O individualismo*: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro, Rocco.

1992. *Homo hierarchicus*: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo, EDUSP.

DURAND, Gilbert

1964. *L'imagination symbolique*. Paris, Quadrige/PUF (Presses Universitaires de France)

1978. *Les structures anthropologiques d'imaginaire*: introduction à archétypologie générale. France-Poitiers, Bordas.

ECKERT, Cornelia

1991. *Une ville autrefois minière: la Grand-Combe*, étude d'Anthropologie Sociale. Tese de Doutorado em Anthropologie Sociale et Sociologie Comparée. Paris, Université Paris V "Rene Descartes", Sciences Humaines - Sorbone.

ECO, Humberto

1974. *A estrutura ausente*: introdução à pesquisa semiológica. São Paulo, Perspectiva.

ELIAS, Norbert

1990. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar.

EVANS-PRITCHARD, E. E.

1993. *Os nuer*. São Paulo, Perspectiva.

FEATHERSTONE, Mike

1995. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Estúdio Nobel.

FELDMAN-BIANCO, Bela (org.)

1987. *A Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo, Global.

FERRARI, Lucrecia Dalésio

1993. *Olhar periférico*. São Paulo, EDUSP.

FIGUEIRA, Sérvulo A. (org.)

1985. *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.

FIRTH, Raymond

1974. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro. Zahar.

FONSECA, Cláudia & BRITES, Jurema

1990. "Um atalho até Deus: uma prática de catolicismo popular no RS" in *Religião e Sociedade*, 15(2-3):136-161.

FOUCAULT, Michel

1990. *A história da sexualidade: a vontade de saber*, v. 1. Rio de Janeiro, Graal.

FREY, Jean-Pierre

s/d. *La ville industrielle et ses urbanités: la distinction ouvriers-employés, le Creusot 1870-1930*. Liège, Pierre Mardaga, coleção Architecture + Recherches.

FRIDMAN, Fania.

1994. *Riqueza e desterro: cidades brasileiras nos anos 80*. XVIII ANPOCS, GT Estudos Urbanos, mimeo.

FUKUI, Lia

1980. "Estudos e pesquisas sobre família no Brasil" in **BIB 10** - Boletim Bibliográfico Informativo de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

GAY, Peter

1988. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo, Cia. das Letras.

GEERTZ, Clifford

1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan S. A.

GIDDENS, Anthony

1975. *A estrutura de classes das sociedades avançadas*. Rio de Janeiro, Zahar.

GOFFMAN, Erving

1985. *A representação do eu na vida quotidiana*. Petrópolis, Vozes.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.)

1990. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

HEILBORN, Maria Luiza

1984. "Visão de mundo e éthos em camadas médias suburbanas no Rio de Janeiro" in *Ciências Sociais Hoje*, :88-99.

HOGGART, Richard

1973. *As utilizações da cultura*: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências à publicações e divertimentos. Lisboa, Editorial Presença.

HOLSTON, James

1993. *A cidade modernista*: uma crítica de Brasília e sua utopia. Rio de Janeiro, Cia. das Letras.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE.

1991. *Censo demográfico*: Resultados Preliminares.

JARREAU, Philippe

1985. *Du bricolage*: archéologie de la maison. Paris, Centre George Pompidou, col. Alors.

LARAIA, Roque de B & MELLO, Maria Zaira B. de

1980. "Chá-de-panela, análise de um rito social" in *Anuário Antropológico 78*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (:140-155).

LE GOFF, Jacques

1990. *História e memória*. Campinas, Unicamp.

LE WITTA, Beatrix

1988. *Ni vue, ni connue: approche ethnographique de culture bourgeoise*. Paris, Maison des Sciences de l'homme.

LEÃO, Danuza

1992. *Na sala com Danuza*. São Paulo, Siciliano.

LEROI-GOURHAN, André

1965. "Memória e ritmos" in *O gesto e a palavra* tomo 2, Lisboa, Ed. 70.

LINS-DE-BARROS, Myriam M.

1987a. *A representação das mudanças sociais na família por avós de camadas médias urbanas*. Boletim do Museu Nacional 57.

1987b. *Autoridade e afeto*: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro, Zahar.

1989. "Memória e família" in *Estudos Históricos 3*: Memória. Revista do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea/FGV. Rio de Janeiro, Edições Vértice.

LO BIANCO, Anna Carolina

1985. "A psicologização do feto" in FIGUEIRA, S.. *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.

MACHADO, Lia

1982. *Identidade e individualismo*. Série Antropologia nº 33, Brasília, UNB.

MAUSS, Marcel

1979. Diversos artigos in OLIVEIRA, Roberto Cardoso de & FERNANDES, Florestan (org.).

Mauss: Antropologia. São Paulo, Ática, col. Grandes cientistas sociais nº 11.

MAYER, Adrian C.

1960. "The significance of quasi-groups in the study of complex societies" in *The social anthropology of complex societies*. London, Tanistock, :97-122.

McKENZIE, Roderick D.

1979. "Le voisinage: une étude de la vie locale, à Columbus, Ohio" in GRAFMEYER & JOSEPH. *L'École de Chicago*: naissance de l'écologie urbaine. Paris, Aubier.

MICELI, Sérgio

1972. *A noite da madrinha*. São Paulo, Perspectiva.

1992. "Introdução: a força do sentido" in BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, coleção Estudos v. 20.

MILLS, Wright

1985. *Wright Mills*: Sociologia. Coletânea organizada por FERNANDES, Heloísa. São Paulo, Ática, coleção Grandes Cientistas Sociais nº 48..

MUSEU NACIONAL/UFRJ

1990. *Individualismo e juventude*. Revista Comunicação nº18. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

NICOLACCI-DA-COSTA, Ana Maria

1985. "Mal estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos" in FIGUEIRA, Sérvulo. *Cultura da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.

NOSCHIS, Kaj

1984. *Signification affective du quartier*. Paris, Librairie des Meridiens.

OLIVEIRA, N. et alii

1989. *Vazios urbanos em Porto Alegre*: uso capitalista do solo e implicações sociais. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Coordenação e Planejamento.

OLIVEN, Arabela Campos

1990. *A parquialização do ensino superior*: classe média e sistema educacional no Brasil. Petrópolis, Vozes.

OLIVEN, Ruben G.

1980. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

1984. "A fabricação do gaúcho" in *Ciências Sociais Hoje*, Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. São Paulo, Cortez.

1985. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes.

1992. *A parte e o todo*: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis, Vozes.

1993. "A dupla desterritorialização da cultura gaúcha" in FONSECA, Claudia (org.). *Fronteiras da Cultura*: horizontes e territórios da Antropologia na América Latina. Porto Alegre Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORTIZ, Renato

1992. *Reflexões sobre a pós-modernidade*: o exemplo da arquitetura. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 20, ANPOCS.

PANIZZI, Wrana M. & ROVATTI, João F. (orgs)

1993. *Estudos urbanos*: Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre, PMPA/UFRGS.

PERLONGHER, Nestor

1989. *Territórios marginais*. Papéis Avulsos 6, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos - CIEC, Rio de Janeiro.

PETITDEMANGE, Guy

1991. "Avant le monumental, les passages: Walter Benjamin" in BAUDRILLARD, Jean *et alii*. *Citoyennité et urbanité*. Paris, Sprit, :85-103.

PÉTONNET, Colette

1979. *On est tous dans le brouillard*: ethnologie des banlieues. Paris, Ed. Galilée.

1982. *Espaces habités*: ethnologie des banlieues. Paris, Ed. Galilée.

PEZEU-MASSABUAU, J.

1983. *La maison, espace social*. Paris, PUF (Presses Universitaires de France).

PINÇON, M. & PINÇON-CHARLOT, M.

1989. *Dans le beaux quartiers*. Paris, Éditions du Seuil.

PROST, Antoine. 1991. "Fronteiras e espaços do privado" in PROST & VINCENT (orgs). *História da vida privada*: da Primeira Guerra a nossos dias, V 5. São Paulo, Companhia das Letras.

RAYMOND, Henry

1984. *L'architecture, les aventures spatiales de la raison*. Col. Alors, Centre George Pompidou, Paris.

RIAL, Carmen S.

1988. *Mar de Dentro*: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PGAS/UFRGS.

RIBEIRO, Célia

1991. *Etiqueta na prática*: um guia moderno de boas maneiras. Porto Alegre, LPM.

RICOUER, Paul *et alii*

1975. *As culturas e o tempo*. Estudos reunidos pela Unesco. Petrópolis/São Paulo, Vozes/EUSP.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da

1995. "A irracionalidade do belo e estética urbana no Brasil" in MESQUITA & BRANDÃO. *Territórios do cotidiano*: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/Sta. Cruz do Sul, Editora da UFRGS e Editora da UNISC.

ROHDEN, Fabíola

1992. *Vivendo orientações contraditórias*: o tradicional e o moderno em um grupo de camadas médias de Florianópolis. Curso de Ciências Sociais/UFSC, trabalho de conclusão de curso, mimeo.

SAHLINS, Marshall

1977. *Economia de la edad de piedra*. Madrid, Akal Editor.

1979. *Cultura e razão prática*. RJ, Zahar.

SALÉM, Tânia

1980. *O velho e o novo* (um estudo de papéis e conflitos familiares). Petrópolis, Vozes.

1985a. *Família em camadas médias*: uma revisão da literatura recente. Boletim do Museu Nacional, 54.

1985b. “A trajetória do ‘casal grávido’: de sua constituição à revisão de seu projeto” in FIGUEIRA, Sérvulo. *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.

1987. *Sobre o “casal grávido”*: incursão em um universo ético. Rio de Janeiro, tese de doutoramento PPGS/Museu Nacional/UFRJ.

SALVATORI, Elena

1993. *Vila ou jardim?* Os moradores da vila Planetário, seus vizinhos e seus dilemas. Monografia. PGAS/UFRGS, mimeo.

1995. “Revistas de decoração: análise de duas linhas editoriais como propagadoras do estilo de vida das elites” in ECKERT, Cornelia & RIAL, Carmen (Coords). *Caderno de textos*: GT 06 - Antropologia Visual e da Imagem. Tramandaí, V Reunião de Antropologia do (Merco) Sul, PGAS/UFRGS.

SANT’ANNA, Maria Helena

1994. *A categoria pátio e a territorialização de um ethos familiar*. Esboço do Capítulo 4 de sua dissertação de Mestrado, em elaboração. PGAS/UFRGS, mimeo.

SANTOS, Carlos Nelson & VOGUEL, Arno

1981. *Quando a rua vira casa*: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro, IBAM/FINEP.

SCHUTZ, Alfred

1981. *Fenomenologia e relações sociais*: textos escolhidos. Rio de Janeiro, Zahar.

SCHWARTZ, Olivier

1990. *Le monde privé des ouvriers*: hommes et femmes du nord. Paris, PUF.

SCOTT, R. Parry

1993. *A etnografia da família de camadas médias e de pobres urbanos*: trabalho, poder e a inversão do público e do privado. XVII ANPOCS, mimeo.

SEGALEN, Martine

1990. *Nanterriens*: le familles dans la ville: une ethnologie de l'identite. Toulouse, Le Mirail.

SEGAUD, Marion & HAUMONT, Nicole. (orgs)

1987. *Familles, modes de vie et habitat*. Paris, L'Harmattan.

SEGAUD, Marion & PAUL-LEVY, Françoise

1983. *Anthropologie de l'espace*. Paris, Centro George Pompidou.

SENNET, Richard

1980. *La famille contre la ville*: les classes moyennes de Chicago à l'ère industrielle, 1872-1890. Paris, Recherches.

1988. *O declínio do homem público*. SP, Cia. das Letras.

SILVA, Josiane Abrunhosa da

1993. *Bambas da Orgia*: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, IFCH/UFRGS, mimeo.

SIMMEL, Georg

1939. *Estudios sobre las formas de socialización*. Buenos Aires, ESPASA-CALPE.

1973. "A metrópole e a vida mental" in VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

TUAN, Yi-Fu

1980. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. SP, Difusão Editorial S. A..

TURNER, Victor

1987. *The anthropology of performance*. New York, PAJ Publications.

VELHO, Gilberto

1973. *A utopia urbana*: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro, Zahar.

1975. *Nobres e anjos*: um estudo de tóxicos e hierarquia. Tese de doutoramento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, mimeo.

1980. *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro, Campus.

1981. *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar.

1983. *Aliança e casamento na sociedade moderna*: separação e amizade em camadas médias urbanas. Boletim do Museu Nacional 39.

1985. “A busca de coerência: coexistência e contradição entre códigos em camadas médias urbanas” in FIGUEIRA, S.. *Cultura da psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.

VELHO, Otávio Guilherme (org.)

1967. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

VINCENT, Gérard

1992. “O corpo e o enigma sexual” in PROST & VINCENT (orgs). *História da Vida Privada*: da Primeira Guerra a nossos dias. V 5. São Paulo, Companhia das Letras.

WILLIAMS, Raymond

1989. *O campo e a cidade*: na história e na literatura. São Paulo, Companhia das Letras.

WOORTMANN, Klaas A. A. W.

1984. “A família trabalhadora” in *Ciências Sociais Hoje*. ANPOCS, :69-87.

YOUNG, Michael & WILLMOTT, Peter

1983. *Le village dans la ville*. Paris, Centre George Pompidou.

ZONABEND, Françoise

1980. *La memoire longue*: Temps et histoires au village. Paris, PUF.

ANEXO

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BAIROS DE PORTO ALEGRE

Para efeito de uma primeira aproximação com a realidade objetiva do bairro Bela Vista, localizando-o dentro de um panorama sócio-econômico maior, foi realizado um estudo comparativo entre este e outros bairros da cidade de Porto Alegre, cuja eleição obedeceu a alguns critérios. Em primeiro lugar, tomou-se bairros que apareceram citados nas entrevistas com moradores, alguns citados positivamente e, outros, negativamente. Em segundo, bairros que, por suas características, pudessem estabelecer parâmetros contrastivos. Os bairros comparados com o Bela Vista são o Bom Fim, Glória, Moinhos de Vento e Mont'Serrat, que foram citados, e, ainda, o Jardim das Bandeiras. Este último é tomado como um parâmetro *etic*, a fim de localizar uma das situações extremas da realidade sócio-econômica da cidade, por sua pobreza.

Este estudo tratou de esboçar um perfil sociológico de caráter mais geral para cada uma destas porções da cidade, baseado em indicadores sociais já disponíveis, na época, relativos ao Censo Demográfico de 1991, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ou IBGE. A descrição do contexto dos bairros leva em conta, ainda, experiências e vivências atuais e anteriores à elaboração desta dissertação.

Com relação à população e estrutura de faixas etárias encontradas, podemos destacar a posição peculiar do bairro Bela Vista. Este tem 82% de sua população distribuída quase regularmente até os 49 anos de idade. Apenas 3% do total tem mais de 70 anos. Ele aparece, assim, como um bairro recente, de população jovem com uma boa expectativa de vida, uma vez que fica comprovada a conservação física ao longo dos anos. O crescimento populacional no último período considerado (o intervalo de onze anos entre os censos de 1980 e 1991) pode ser considerado altíssimo: a taxa de incremento anual foi de 4,137%, enquanto que a média para Porto Alegre ficou em 1,055%. A alta taxa de parêlas conjugais (existem

cônjuges em 70,27% dos domicílios) e o número médio de filhos por domicílio (1,22) faz supor que a população do bairro seja estruturada por casais jovens, em fase de procriação.

O bairro Bom Fim, bairro antigo e vizinho ao centro da cidade, apresenta regularidade na distribuição da população entre 0 e 64 anos de idade, mas existe uma concentração nas faixas dos 20 aos 39 anos (38,96% do total). Este dado condiz com uma população de adultos jovens, solteiros (apresenta o menor número de parselhas conjugais, 45,49%, entre os bairros estudados, e o menor número médio de filhos, 0,67), que provavelmente utiliza o bairro como patamar intermediário de vida. Acima dos 70 anos estão 8,50% da população total, dado que chama a atenção face ao fato de que a população total está diminuindo drasticamente. A taxa de incremento anual no mesmo período considerado foi de 2,169% negativos, por motivos que podemos cogitar como mudança de função das edificações. Ou seja, construções residenciais estariam dando lugar ao comércio e prédios residenciais estariam sendo substituídos por construções de caráter comercial. Aparentemente, os velhos moradores, remanescentes da colônia judia que se estabeleceu naquele local, estão resistindo a esta mudança.

No bairro Glória, que fica em área de subúrbio limítrofe com a área rural de Porto Alegre, apresenta 69,69% da população total distribuída regularmente até os 44 anos. Acerca de 6,95% tem mais de 70 anos, acusando o mesmo problema de evasão populacional que ocorre no Mont'Serrat, examinado mais adiante, para faixas de idade intermediárias. A taxa de incremento anual de população, para este bairro, ficou em -0,526%.

O bairro Jardim das Bandeiras é um loteamento pertencente ao bairro Jardim do Carvalho, em área periférica, localizando-se numa elevação situada no final da avenida Ipiranga, já quase na divisa com o município de Viamão. Um terço dos domicílios deste bairro forma um chamado "aglomerado subnormal", classificação do IBGE para congregação de edificações implantadas em terrenos alheios, dispostos de forma desordenada e carentes de serviços públicos. Este bairro desenha uma pirâmide de faixa etária de perfil clássico: as perdas populacionais são regulares desde a base (as crianças) até o cimo (os velhos), significando uma expectativa de vida menor. Ficam definidos três grandes porções populacionais: a maior parte da população tem menos de 34 anos, em torno de 67%; as faixas de 35 a 64 anos congregam 27,29%. Só 4,75 % tem mais de 65 anos. A taxa anual de incremento de população, considerando o total do bairro Jardim do Carvalho, foi de 3,393%. Ou seja, parece haver um processo de periferização acentuada da população de menor renda, evidenciando situação de migração interna.

Moinhos de Vento, que tem um perfil sociológico bastante parecido com o bairro Bela Vista e é quase seu vizinho, distribui sua população também com regularidade, entre os 5 e os 69 anos. A presença de moradores com idades mais avançadas dá conta de ser um bairro mais antigo, sendo que a população com mais de 70 anos perfaz 9,72% da total. A taxa

de incremento populacional ficou em -1,649% ao ano, indicando uma progressiva mudança de função, provavelmente pelo incremento das atividades comerciais. A população de idade, da mesma forma que no Bom Fim, resiste à mudança e permanece no local. Um dos fatores que contribui para isto, da mesma forma, é que possui uma estrutura de abastecimento, de equipamentos e serviços bem consolidada.

O perfil populacional do bairro Mont'Serrat, que é vizinho ao Bela Vista, mostra que 66% da população total está nas faixas de 5 a 44 anos, e 4,70% tem mais de 70 anos. Pode ser considerada que há uma certa evasão das pessoas que atingem uma melhor situação econômica, em etapas mais avançadas da vida. O menor número de velhos, porém, faz pensar que este seria um bairro em transformação, do qual os antigos moradores parecem estar se mudando. Os dados de crescimento populacional comprova isto: no último período considerado este crescimento foi negativo, isto é, o bairro perdeu população em números absolutos. A taxa de crescimento populacional foi calculada em -0,197% ao ano.

O Censo Demográfico do IBGE constatou as diferentes densidades na trama urbana destes bairros que estamos comparando. O bairro Bom Fim é o que tem a maior proporção de apartamentos (95,73% dos domicílios), seguido pelo Moinhos de Vento (90,04%). No Bela Vista existem, aproximadamente, quatro apartamentos por casa. Em torno de 78,82% dos domicílios são constituídos de apartamentos. Considerando que os prédios de apartamentos, geralmente, tem mais de quatro domicílios, é compreensível que o aspecto de espaço aberto do bairro (citado por vários entrevistados) deva-se a isto, pois mais da metade, talvez $\frac{3}{4}$ da área de lotes disponíveis é ocupada por casas. A maior proporção de casas, porém, está no bairro Jardim das Bandeiras, sendo que um terço destas são moradias localizadas em aglomerados subnormais. Neste último, só existe um apartamento.

Considerando o número total de domicílios particulares permanentes conforme levantados pelo IBGE em 1991, o bairro Bela Vista apresenta, comparativamente, a maior porcentagem de domicílios próprios (74,22%). Normalmente a situação de domicílio próprio descreve uma situação que conjuga a propriedade da construção e da porção/fração de terra que lhe corresponde. No caso do Jardim das Bandeiras, porém, o número de imóveis, cuja propriedade é só da construção, é quase equivalente (44,59%) ao das propriedades normais (43,18%). Entre estes extremos estão, por ordem decrescente de porcentagem de domicílios próprios, os bairros Moinhos de Vento (71,51%), Mont'Serrat (68,16%), Glória (62,22%) e Bom Fim (57,23%).

Considerar o número médio de cômodos por domicílio faz Moinhos de Vento assumir a liderança, apresentando as moradias maiores (com 9,73 cômodos), seguido do Bela Vista (9,01). Num patamar intermediário estão Mont'Serrat (7,91), Bom Fim (6,38), ficando o Jardim das Bandeiras em último lugar (4,67 cômodos por domicílio). O critério utilizado pelo IBGE para definir estes cômodos não considera áreas de circulação e outras não resi-

denciais, como garagens e depósitos. O número de pessoas por domicílio, ou seja, o tamanho do grupo doméstico, coloca Jardim das Bandeiras em primeiro lugar, com 3,97 moradores. Este bairro fica, porém, no mesmo patamar que o Bela Vista e Glória, que tem 3,47 e 3,42 moradores por domicílio, respectivamente. Um pouco mais abaixo está Mont'Serrat (3,03), Moinhos de Vento (2,98) e, por último, Bom Fim (2,54).

Alguns indicadores podem ser relacionados para que possamos definir, com mais clareza, de que natureza é esta semelhança estatística entre o Bela Vista e o Jardim das Bandeiras, através da comparação entre o nível de conforto destas moradias. Se verificarmos, por exemplo, o número de cômodos disponível por morador, Moinhos de Vento é o que congrega as moradias mais espaçosas, guardando a relação de 3,26 cômodos por morador. Em seguida, Bom Fim (2,68) que tem, em média, o menor grupo doméstico dos bairros estudados (e a menor proporção de casais e o menor número de filhos por domicílio). Mont'Serrat e Bela Vista vêm em terceiro lugar, com 2,60 e 2,59 cômodos por morador, respectivamente. Bem mais abaixo está o Glória (1,89) e, por último, Jardim das Bandeiras (1,17), que tem o maior grupo doméstico dos bairros estudados (e, também, o maior número de filhos por domicílio). A mesma classificação aparece se considerarmos o número de moradores por dormitórios, o que marca uma divisória conceitual em termos de privacidade e espaço individual - e em poder econômico. Moinhos de Vento apresenta o menor número de pessoas por dormitório, acerca de 1,44. Bom Fim (1,47) e Mont'Serrat (1,55) estão em segundo lugar, com valores menores que o Bela Vista (1,58 moradores por dormitório), ficando Glória (1,75) não muito longe. Jardim das Bandeiras tem o maior número de moradores por dormitório, acerca de 2,17.

O número de pessoas que compartilham o mesmo banheiro é, ainda mais, elucidativo. Moinhos de Vento guarda larga vantagem: existe, praticamente, um banheiro por morador (1,08 pessoas compartilham cada banheiro existente). No Bela Vista, o banheiro é partilhado por 1,33 pessoas, no Mont'Serrat por 1,38 e no Bom Fim, por 1,42. Existe um grande intervalo para o próximo patamar, que estabelece 2,43 pessoas por banheiro no Glória, e um maior ainda para o Jardim das Bandeiras, que tem 5,29 moradores para cada banheiro do bairro.

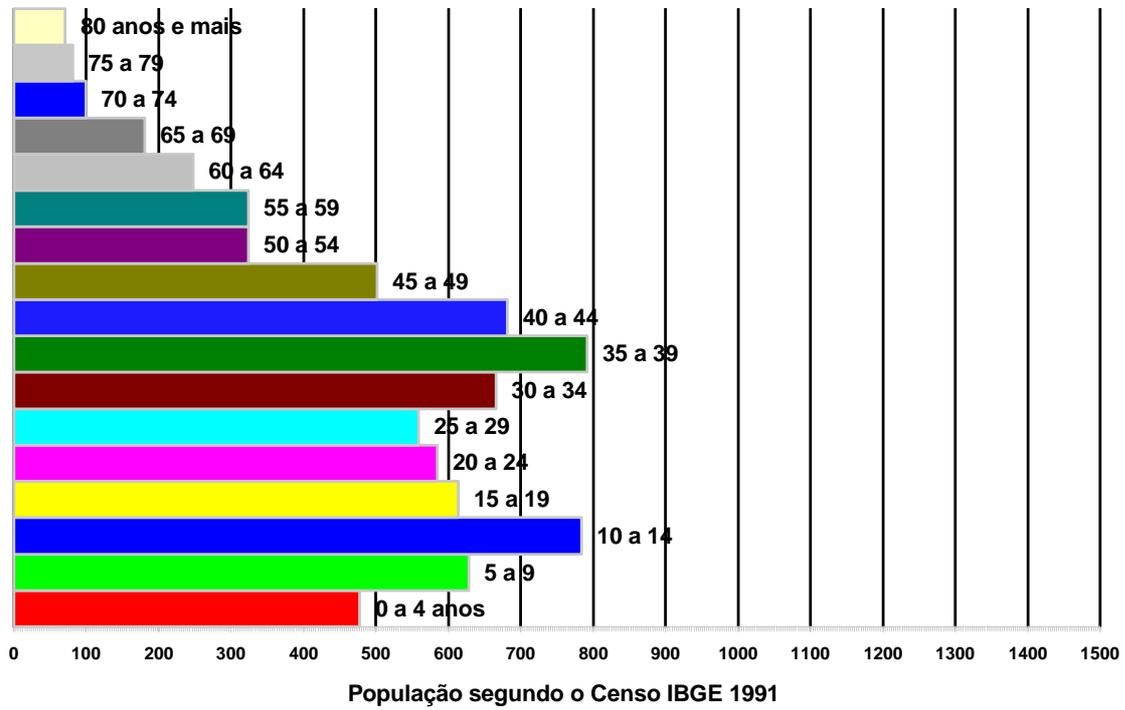
Ou seja, a razão entre o maior e o menor número de pessoas que compartilham um dormitório é de 1,5, mas esta relação cresce para 4,9 no caso dos banheiros. Isto pode ser justificado pela constatação de que as instalações hidrossanitárias de uma moradia sempre são a parte mais cara de uma edificação. No caso do Jardim das Bandeiras, porém, a média é apenas estatística, uma vez que apenas 12% dos banheiros são, de fato, compartilhados por mais de uma família. Existem, isto sim, diversas moradias (221, acerca de 30% do total) sem canalização interna de água e outras (20%), cujas instalações sanitárias se resumem a uma fossa rudimentar.

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE BAIROS DE PORTO ALEGRE - QUADROS RESUMO (1 a 8)

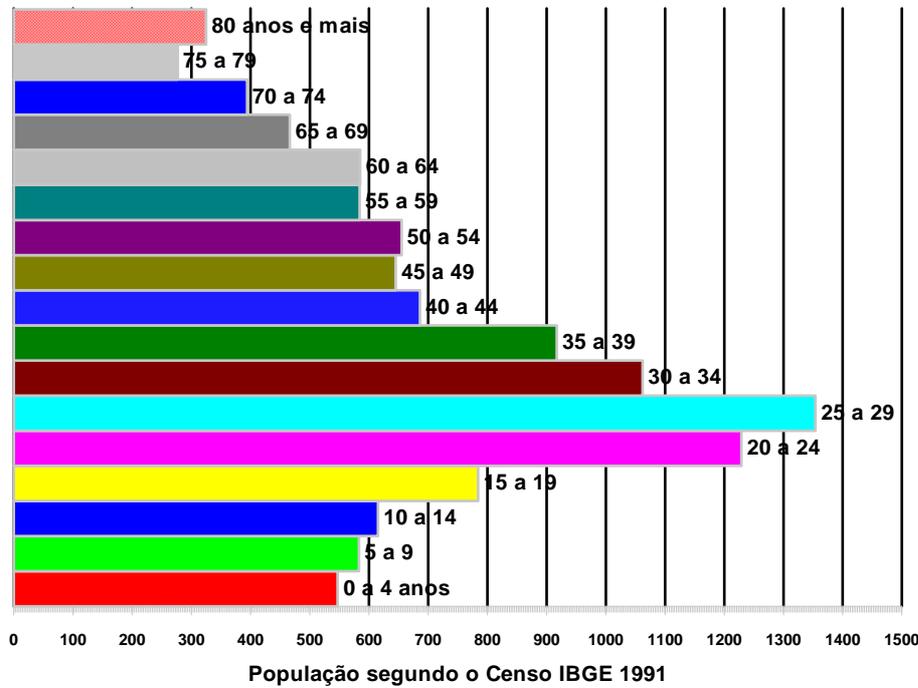
1. População por faixas etárias, proporção sobre a população total do bairro

faixa	Bela Vista		Bom Fim		Glória		J. das Bandeiras		Moinhos de Ven- to		Mont'Serrat	
0 a 4	477		547		615		336		288		618	
5 a 9	628		583		738		347		459		751	
10 a 14	784		615		774		306		556		823	
15 a 19	614		784		727		227	68%	627		721	
20 a 24	585		1229		659	69,7%	235		595		703	
25 a 29	559	82%	1354	38 46,5 % %	726		293		592		860	
30 a 34	666		1062		783		243		573		982	
35 a 39	792		917		728		175		530	86,8%	940	
40 a 44	681		686		600		156		591		813	
45 a 49	502		645		489		126	27,3%	555		605	
50 a 54	324		655		436		136		532		539	
55 a 59	324		584		428	23,3%	111		482		427	
60 a 64	247	15%	585		409		94		529		430	
65 a 69	181		466		365		63		435		276	
70 a 74	100		394		261		42	4,7%	339		186	
75 a 79	81	3%	277	8,5%	205	7%	19		237	9,7%	138	
80 e +	71		325		168		15		215		144	
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Popul. total	7616	100%	11709	100%	9111	100%	2924	100%	8135	100%	9956	

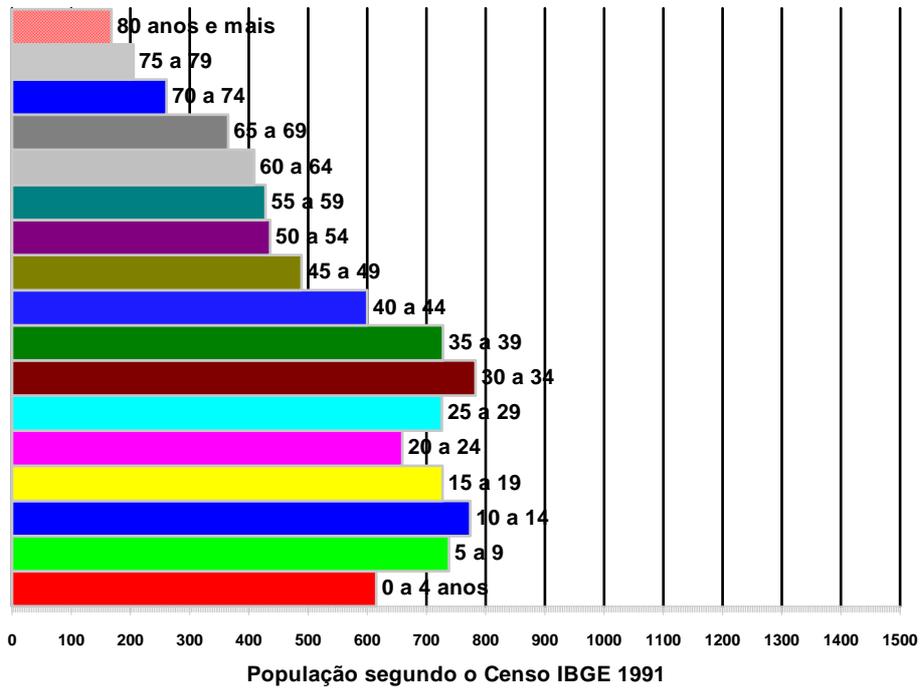
1.1. Pirâmide de faixas etárias - bairro Bela Vista



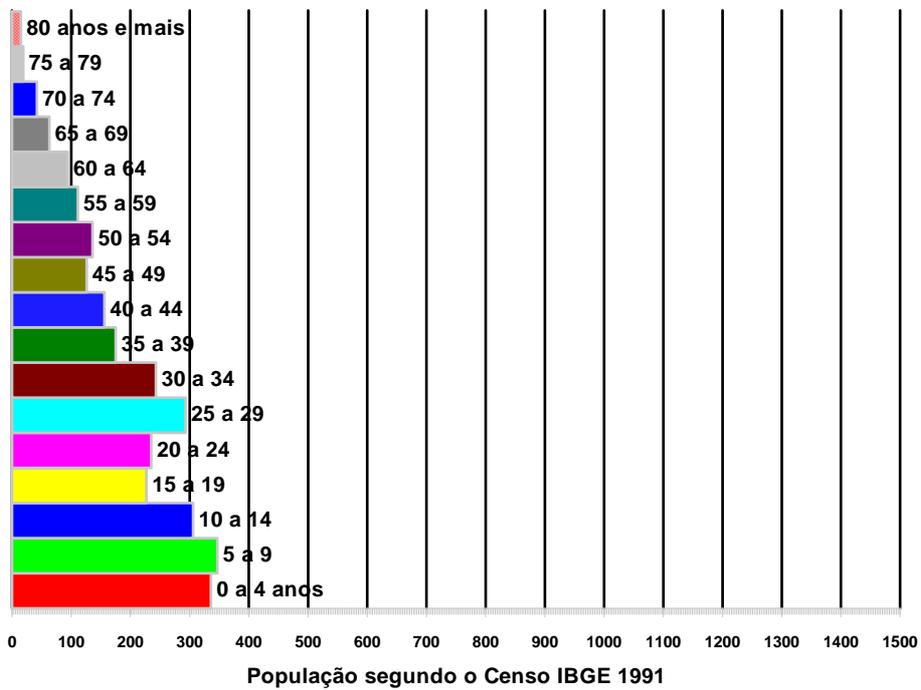
1.2. Pirâmide de faixas etárias - bairro Bom Fim



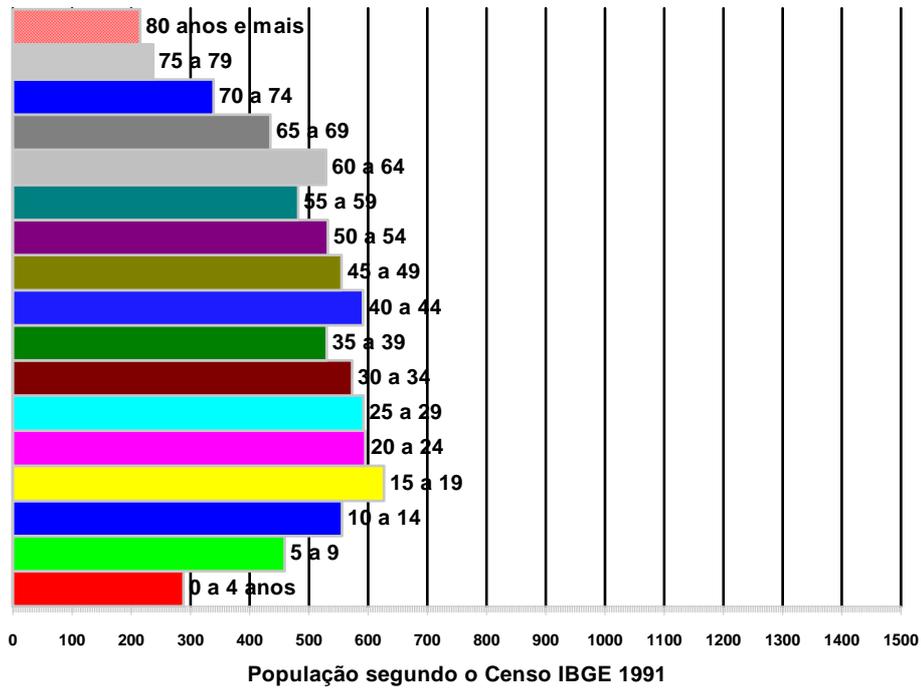
1.3. Pirâmide de faixas etárias - bairro Glória



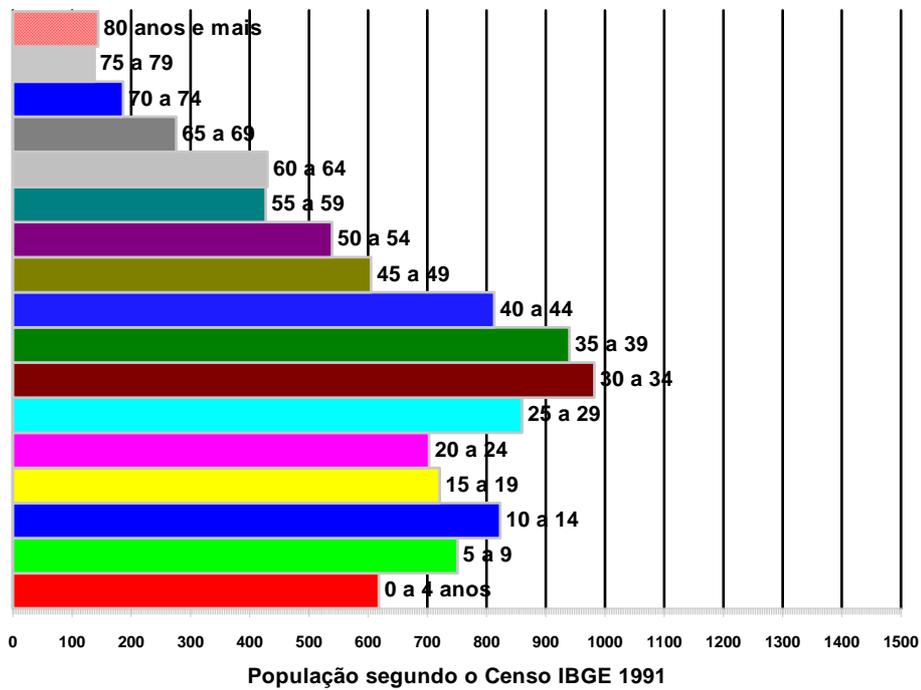
1.4. Pirâmide de faixas etárias - bairro Jardim das Bandeiras



1.5. Pirâmide de faixas etárias - bairro Moinhos de Vento



1.6. Pirâmide de faixas etárias - bairro Mont'Serrat



2. Situação do domicílio - tipo e condição de ocupação

Bairros	Bela Vista		Bom Fim		Glória		Jardim das Ban- deiras		Moinhos de Ven- to		Mont'Serrat	
	número	taxa	número	taxa	número	taxa	número	taxa	número	taxa	número	taxa
Domicílios particulares permanentes	2308	100	4644	100	2650	100	734	100	2721	100	3308	100
casa isolada	489	21,18	59	1,27	1744	65,81	510	69,48	271	9,96	1031	31,16
cj. residencial popular	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-
aglomerado subnormal	-	-	-	-	1	-	222	30,24	-	-	4	-
apartamento	1819	78,82	4446	95,73	895	33,77	1	-	2450	90,04	2439	73,73
apto. em conj. popular	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
cômodo	-	-	18	0,38	9	0,33	-	-	-	-	12	0,36

Obs.: taxas calculadas sobre o total de domicílios particulares permanentes.

* particulares improvisados	17	0,72	9	0,19	19	0,68	11	1,37	4	0,14	13	0,36
* domicílios coletivos	30	1,27	72	1,52	86	3,12	55	6,87	67	2,39	31	0,93
Total domicílios	2365	100	4725	100	2755	100	800	100	2792	100	3353	100

Obs.: * taxas calculadas sobre o total de domicílios.

próprio o	1713	74,22	2658	57,23	1649	62,22	317	43,18	1946	71,51	2255	68,16
próprio só a construção	1	0,04	4	0,08	42	1,58	327	44,55	2	0,7	11	0,33
alugado	383	16,59	1621	34,90	729	27,51	62	8,44	532	19,55	771	23,30
cedido por empregador	111	4,81	126	2,71	39	1,47	1	0,13	127	4,66	103	3,11
cedido por particular	96	4,15	240	5,16	183	6,90	26	3,54	114	4,19	158	4,77
outra	4	0,17	5	0,10	8	0,30	1	0,13	-	-	10	0,30

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 1991; taxas calculadas.

3. Situação do domicílio - espaço doméstico

bairro	Bela Vista	Bom Fim	Glória	Jardim das. Ban- deiras	Moinhos de Vento	Mont' Serrat
número de cômodos	9,01	6,83	6,49	4,67	9,73	7,91
número de dormitórios	2,21	1,73	1,97	1,85	2,07	1,95
número de banheiros	2,60	1,79	1,43	0,75	2,77	2,21
pessoas por domicílio	3,47	2,54	3,42	3,97	2,98	3,03

4. População moradora - por bairro, por sexo

Total	7616	100%	11709	100%	9111	100%	2924	100%	8135	100%	9956	100%
homens	3428	45,0%	4999	42,7%	4113	45,1%	1427	48,8%	3358	41,3%	4419	44,4%
mulheres	4188	55,0%	6710	57,3%	4998	54,9%	1497	51,2%	4777	58,7%	5537	55,6%

5. População moradora - por tipo de domicílio

Moradores em domicí- lios permanentes	7523		11587		8960		2839		8030		9898	
Moradores em domicí- lios improvisados	49		19		61		30		12		27	
Moradores em domicí- lios coletivos	44		103		90		55		93		31	

6. Proporção de espaço doméstico - por morador

cômodos por morador	2,59	2,68	1,89	1,17	3,26	2,60
morador por dormitório	1,57	1,47	1,75	2,17	1,44	1,55
morador por banheiro	1,33	1,42	2,43	5,29	1,08	1,38

Proporções calculadas.

7. Condição no domicílio - população em domicílios particulares permanentes e improvisados

condição	total	taxa										
chefe de domicílio	2326	100%	4673	100%	2672	100%	745	100%	2739	100%	3322	100%
cônjuge	1634	70,27%	2117	45,49%	1750	65,56%	516	69,26%	1704	62,53%	2075	62,43%
filhos	2845	* 1,22	3126	* 0,67	3303	* 1,24	1188	* 1,59	2617	* 0,96	3561	* 1,07
agregado	37	0,48%	106	0,90%	113	1,24%	11	1,47%	64	0,78%	65	0,65%
outros parentes	369	4,84%	1063	9,47%	1092	11,98%	405	13,85%	407	5,0%	617	6,19%
pensionista	8	0,34%	248	2,11%	15	0,16%	-	-	9	0,11%	21	0,21%
empregado doméstico	334	* 0,14	291	* 0,06	64	* 0,02	2	-	498	* 0,18	38	* 0,01
parente do empregado	21	-	25	-	19	-	2	-	44	-	23	-

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 1991; presença no domicílio por condição segundo taxas calculadas;* número por domicílio particular permanente.

Alguns indicadores mais detalhados foram levantados pelo Censo IBGE 91 relativos aos chefes dos domicílios particulares permanentes (os dados dos questionários relativos à totalidade do grupo doméstico, obtidos por amostragem, ainda não estavam disponíveis no momento). O Bela Vista assume a posição de ter o maior número de chefes do sexo masculino, presentes em 77% dos domicílios. No outro extremo e na situação diametralmente inversa está Jardim das Bandeiras, onde 74% dos chefes são mulheres. Entre eles estão Glória (72%), Mont'Serrat (71%), Moinhos de Vento (68%) e Bom Fim (58%), em ordem decrescente de proporção de chefes de domicílio do sexo masculino.

Em relação à escolaridade do chefe do domicílio, o IBGE aponta, igualmente, para a liderança anterior. Bela Vista tem a maior parte de seus chefes (81%) situados no grupo onde a escolaridade é maior que o 2º Grau, sendo que, destes, 71% completaram o 3º Grau. No Jardim das Bandeiras 85% não chegou ao 2º Grau e, destes, 77% não terminou, sequer, o 1º Grau. Entre eles, por ordem decrescente do grau de escolaridade do chefe, temos Moinhos de Vento, Bom Fim, Mont'Serrat e Glória.

Outro dado diz respeito à renda média mensal do chefe de domicílio. A mais alta fica para o bairro Moinhos de Vento, com a média de 19,74 salários mínimos por mês, seguido bem de perto pelo Bela Vista, com 18,35 SM/mês. Mont'Serrat fica um pouco mais abaixo (14,46 SM/mês), seguido por Bom Fim (10,37 SM/mês) e Glória (6,55 SM/mês). Por último vem Jardim das Bandeiras com 2,90 salários mínimos como renda média mensal dos chefes de domicílio. Para uma melhor avaliação, deve-se levar em conta que Moinhos de Vento tem situados seus chefes, na maior parte (45%), nas faixas de 5 até 20 salários mínimos como média mensal, sendo que 35% ganham mais de 20 SM/mês. O Bela Vista tem 43% nas mesmas faixas de 5 a 20 SM/mês, e 33% estão acima dos 20 SM/mês. No bairro Mont'Serrat, as faixas de 5 a 20 SM/mês congregam 44% do total, e 22% tem renda maior que 20 SM/mês. O maior número de chefes de domicílio do Bom Fim está entre 3 e 15 SM/mês, em torno de 59% do total. Os que ganham mais de 20 SM/mês perfazem 11%. A faixa de 3 a 10 SM/mês congrega 43% dos chefes do Glória, e 4% do total são favorecidos com mais de 20 SM/mês. No Jardim das Bandeiras, que aparece com a menor renda média mensal dos bairros estudados, a grande maioria dos chefes se posiciona nas faixas de ½ a 5 SM/mês, em torno de 74%. Apenas 0,7% do total ganha acima dos 20 SM/mês.

A estrutura do grupo doméstico que reside em domicílios particulares também pode informar, preliminarmente, sobre algumas das características da população dos bairros estudados. O número de parselhas conjugais, por exemplo, apresenta-se mais ou menos estável em todos os bairros considerados, com exceção do Bom Fim, mas a maior proporção aparece no bairro Bela Vista, com cônjuges presentes em 70,27% dos domicílios. A relação é quase igual no Jardim das Bandeiras, 69,26%. (É bom lembrar que estes domicílios são chefiados por uma maioria masculina, no caso do Bela Vista, e por uma maioria feminina, no Jardim

das Bandeiras). As semelhanças aparentes não param aí: o número médio de filhos por domicílio do Bela Vista (1,22) só é menor que o Jardim das Bandeiras (1,59) e Glória (1,24), justamente os bairros de menor renda.

Com relação aos empregados domésticos que moram junto com os patrões (praticamente inexistentes no Jardim das Bandeiras), Bela Vista só fica abaixo do bairro Moinhos de Vento, mas a tolerância para a permanência de parentes do empregado doméstico no mesmo domicílio é a menor de todas. O bairro Bela Vista, ainda, é o que tem a menor proporção de agregados e outros parentes sob o mesmo teto que a família nuclear, considerada aquela formada por pais e filhos. Parentes e agregados aparecem compondo 5% da população total, enquanto que o Jardim das Bandeiras comporta três vezes mais, 15%, colocando-se, mais uma vez, na diametral oposição ao bairro Bela Vista.

Em resumo aos índices e dados do IBGE, pode-se dizer que a população do bairro Bela Vista tem uma boa expectativa de vida, isto é, pode esperar uma vida longa e saudável, é estruturada por casais jovens, constituindo famílias nucleares em fase de procriação e encabeçadas por homens de excelente escolaridade e alta renda. De perfil sociológico semelhante aos do Moinhos de Vento, estes grupos vivem em moradias de qualidade, mas em espaços não tão fartos (e, mesmo, piores que Bom Fim e Mont'Serrat) em função de abrigar famílias momentaneamente maiores. A compra da moradia (lembramos que o bairro Bela Vista apresenta o maior número de domicílios próprios dentre os bairros estudados) revela não só o poder aquisitivo desta população, mas sua intenção de fixação, representando, se não o estabelecimento da moradia definitiva, que o estágio no bairro será, pelo menos, duradouro.

8. Chefes de família - sexo, escolaridade, renda

bairro	Bela Vista		Bom Fim		Glória		J. das Bandeiras		Moinhos de Vento		Mont' Serrat	
total de domicílios	2365		4725		2755		800		2792		3353	
chefes em dom part perm	2308		4644		2650		734		2721		3308	
chefes em outros dom	18		29		22		11		18		14	
homens	1792	77%	2712	58%	1908	72%	194	26%	1855	68%	2347	71%
mulheres	534	23%	1961	42%	746	28%	551	74%	884	32%	980	29%

Classe de estudo do chefe de domicílio particular permanente

Sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	25		29		73		98		11		54	
de 1 a 3 anos de estudo	49	19%	122	25%	168	43%	97	65%	45	23%	106	30%
de 4 a 7 anos	204		560		647		288		254		389	
de 8 a 10 anos	157		463		516		140		293		288	
de 11 a 14 anos	535		1372		722		89		694		853	
15 anos ou mais	1337	81%	2098	75%	524	47%	22	15%	1424	77%	1491	70%

Classe de rendimento do chefe de domicílio particular permanente, em salários-mínimos

sem rendimento	18		50		53		48		51		60	
até ½ SM	9		40		67		16		12		29	
mais de ½ a 1 SM	57		154		199	33%	130		47		116	
mais de 1 a 2 SM	119		354		332		175	74%	108		245	
mais de 2 a 3 SM	106		355		296		130		99		205	
mais de 3 a 5 SM	182		663		478	43%	115		181		320	
mais de 5 a 10 SM	392		1387	59%	677		97		448		650	
mais de 10 a 15 SM	367	43%	715		313		13		493	45%	511	44%
mais de 15 a 20 SM	256		378		106		5		308		296	
mais de 20 SM	768	33%	538	11%	110	4%	5	0,7%	959	35%	736	22%
Renda média mensal do chefe em SM	18,35		10,37		6,55		2,90		19,74		14,46	

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 1991. Taxas calculadas.